

PAPBLARIA DA  
CASA VALLELE  
R. Carmo, 45 e 55  
RIO DE JANEIRO



Le ne fay rien  
sans  
**Gayeté**

*(Montaigne, Des livres)*

Ex Libris  
José Mindlin







CLASSICOS E ROMANTICOS.

---

**EXERCICIOS POETICOS**

DE

*Francisco Moniz Barretto,*

Natural da Bahia.

---

**VOLUME PRIMEIRO.**

---

**BAHIA**

TYP. DE CAMILLO DE LELLIS MASSON & C.

Largo de Santa Barbara n. 2.

**1855**





**A seus filhos, a seus irmãos, a seus parentes  
e a seus amigos—**

O. D. E C.

**Este primeiro volume de suas trovas**

*© auctor.*



Seria muito para estimar que algum pedagogo em litteratura dissesse aos auctores, como aqui dizia aos pretendentes o honrado General Andréa, hoje Barão de Caçapava:—*Nada de preâmbulos que são escusados.*—

Esse pedagogo teria pelo menos, como tinha S. Exa., o mérito da sinceridade; porque, realmente, o mesmo que succede com os exórdios dos pretendentes, que raro é o Ministro d'Estado, ou Presidente de Provincia, que attende, succede com as prefacções dos auctores, que—inclusive os proprios criticos—poucos se dão ao trabalho de ler.

O costume, porém, de collocar em frente das obras impressas *essa especie de arautos* vae geralmente prevalecendo; e, pois, não ha remedio senão conformar-me com elle.

Confesso que tenho n isto a mesma repugnancia, que sinto em ir á minha Repartição em dias que ja foram sanctos ou feriados, e assignar-me ali em um Livro, que me faz lembrar

com saudades da *lista de chamada do meu sargento de companhia*, onde ao menos não tinha eu a obrigação de escrever o meu nome duas vezes por dia, e—PARALLELAMENTE—que ainda é peor.

E o que é de ordinario um prefacio? Nem mais, nem menos, que uma conversação com o leitor em estylo facéto ou serio, cortezão ou familiar; conversação perdida, como ja disse, para com muitos, e ainda mais perdida para com uns que não assignam nem compram a obra, a que o vulgo aqui chama *gaudérios*, e que, commumente, são os menos charidosos com o pobre *official de letras*, que nas unhas lhes cáe.

Pois bem—ja que assim é uso—conversarei com os leitores, sem excepção d'esses mesmos que devoram quantos livros por ali ha—*á gagosa*—; e darei com tudo graças a Deus; que muito peor do que isso, é pela bocca dos canhões e dos arcabuzes conversar ou discutir com os Senhores Russos la na Criméa—embora haja quasi certéza de triumpharem ali os *auctores* (os alliados) com os *seus syllogismos de ferro*, e eu tenha pouca esperança de ver coroado de feliz successo o meu litterario commettimento, attento o resultado de outros de melhor condição.

Más—como quer que seja—vá de prefacio.

Versos, e não pocsias; versos improvisados, ou quasi sempre feitos mentalmente e d'estalo, e muitos passados ao papel só para serem agora dados á luz, eis o que contém este livro, e conterão os demais.

Inspiraram-m'os a patria e as bellas; inspiraram-m'os a gratidão e a amizade; inspiraram-m'os algumas vezes a jovialidade e a critica.

Não os fiz, nem hoje os publico (ja o disse nos respectivos

annuncios) com a mira n um futuro de gloria—não; pois bem conheço que tanto não é para mim.

Dei-lhes ser, por me persuadir que com elles grangearia alguma estima e popularidade na minha terra, e sobre tudo cabimento e afago nas companhias, onde, tão desfavorecido da natureza no physico, quanto da fortuna nas posses, outro predicado não tinha para agradar, como com razão desejam todos os moços.

Ou fosse pelo favor da epocha, cujos quatro poetas, (\*) ou estavam inteiramente fóra da scena, como os Snrs. Tito Alexandre Cardoso de Mello, e Guilherme Balduino Embirosstú Camacáan, ou pouco appareciam n ella como os Snrs. José Estanisláu Vicira, e João Gualberto Ferreira Santos Reis—ou

(\*) O tambem contemporâneo Snr. José Francisco Cardoso de Moraes era quasi exclusivamente poeta latino. Os Snrs. Manuel Pessôa, e Gualberto de Passos, que fóram os primeiros a acompanhar-me, esses vieram depois. O illustrado Sr. Xavier Pinheiro pouco se deu ao cultivo das Musas. Hoje felizmente, além dos provecos Srs. Balduino, Passos, e Pessôa, que não carecem d'elogio meu para suas numerosas composições, conta esta minha terra varios poetas, uns ja distinctos, outros da maior esperanza.

O drama—*Mathilde*—do Snr. Dr. Agrario, os—*Primeros Arpêjos* do Snr. Rodrigues da Costa (não fallo nas bellas—*Trovas*—do melancólico e philosophico Sr. Laurindo, por não ser elle da Bahia) as—*Inspirações do Claustro*—do Snr. Junqueira Freire, e as poesias avulsas dos Snrs. Dr. Ayres Freitas, Dr. Luis Alvares, Dr. Domingos Rodrigues de Seixas, Mendonça, e outros cujas cançõesahi correm impressas, são preciosos esmáltes, ricos peñhores da nossa litteraria gloria futura. Bem disse o elegante Snr. Mendes Leal—*que o Brasil é terra fadada para poetas*.—Um voto de gratidão, por mim e por todos os meus patrios e Collegas, ao insigne Litterato e Poeta da patria dos rivaes de Homero, de Boileau &c., que assim tão obsequioso exprimiu-se a respeito da nossa. Tornando aos yates bahianos, permita-me um dos melhores d'elles, o ja citado Snr. Dr. Rodrigues de Seixas, que em nome da poesia e litteratura nacional lhe dirija d'aqui um reparo, que todos fazem, de não querer S. S. conciliar, como pode, o serviço das Musas com o da Sciencia que professou, e duplicadamente honrar o nosso paiz.—Queira-o, e volte á palestra dos cantos, que saudável o deseja, ao menos para consolar-nos da perda do nosso digno e bñoso collega, e seu duas vezes, o Dr. Americo Brasilio de Sousa, que tão prematuramente acabou de roubar-nos a morte.—Assim espera-mo-lo.

fosse pela muita benevolencia dos que frequentemente me ouviam e animavam—o certo é que me não enganei, e vim a conseguir essa estima, essa popularidade, esse cabimento e afago, que bastaram para bem contentar-me, e com os quaes—mereê de Deus—ainda a minha patria me honra.

Pelo presente, e só pelo presente fiz versos. A posteridade—essa, si alguma vez me sorriu, foi só nos meus sonhos d'enthusiasmo, que não nos meus pensamentos de realidade; e assim, pouco me importa que ella reforme, si o entender, a sentença dos que me julgaram poeta.

O meu consólo é—que n essa reforma, hão de ter a mesma sorte da minha muitas outras *reputaçõs pânicãs*, devidas ao tempo, que ahi passam ainda em julgado entre nós.

Dei-os ao prélo (os meus versos) pelo que ja tambem declarei no respectivo programma; isto é—por satisfazer às reiteradas instancias dos amigos, que até m'o intimavam como um dever, exprobrando-me de priguiçoso e inerte—e mais ainda pela esperança do lucro que prognosticavam-me todos, e do qual na verdade tanto careço para remendar minha vida, que ja mal se sostêm, de muito esfarrapada que está. (\*)

Um meu illustre amigo, cujo voto muito respeito, disse-me que entendia haver-me eu desaprimorado com semelhante razão de pecuniario interesse, sem se lembrar que Francisco Manuel do Nascimento (o meu bom Filinto) com ser o Horacio Lusitano, e o immortal restaurador da lingua do eterno Cantor dos Lusíadas, ja tinha dito, publicando suas poesias de mestre—

(\*) Na segunda nota sobre o seu bello drama—*O Auto de Gil-Vicente*—diz o immortal Visconde de Almeida Garrett—« que é falsa e vã e fiosa vergonha em um homem de letras, o não querer tirar proveito d'ellas. E' assim, é mau exemplo (continúa elle) dá ares de uma especie de fidalguico tóla, &c. »

*Eu não armo ao louvor, armo ao dinheiro.*

A mesma sinceridade com que se exprimiu o exímio poeta exilado, exprimi-me eu, enteado como elle da cega fortuna.

Ora, si o rival de Horacio e de Pindaro, si o maior poeta do seu seculo, como o considerou o referido Visconde de Almeida Garrett, de perenne e saudosa memoria, no seu erudito *Bosquéjo da historia da poesia e lingua portugueza*, si o homem, que, segundo ahi diz o mesmo Escriptor, *só per si valeu uma academia e fêz mais que ella*, não armava ao louvor, sem duvida pela experiencia que tinha da sua inconstancia, como armaria eu a elle—eu que, tambem conhecedor das louvaminhas do mundo, tenho, de mais, consciencia da mediocridade que sou?

Armei, pois, tambem ao dinheiro, e declarei-o muito ingenuamente, até para não incorrer na bem-merecida apupada de—*fôra, impostor!*—si acaso inculcasse que, só por obedecer aos amigos, me atirava á empreza de tanto trabalho e risco, como é uma publicação litteraria em o nosso Brasil, cujo Governo—salvo um ou outro exemplo de affeição, ou particular interesse—tem nutrido tanta vontade de proteger e animar os homens de letras, quanta é de suppor que tenha a Austria de auxiliar de veras os adversarios do Imperador Nicolau. (\*)

(\*) Estava ja a entrar para o prélo este prologo, quando aqui brotou e vulgarisou-se a noticia da morte de S. I. M. Senti-a como pae e christão; senti-a, porque desejava que elle vivesse para ver o que os idólatras da sua pessoa talvez hoje attribuam á sua falta, bem que será isso *razão de cabo d'esquadra*, ou *desculpa de papa-terra*, como diz o nosso bom povo. Deus se compadêça da alma do que ja não é Rei e Senhór, e illumine melhor ao novo autócrata, e á todos que apoiavam e panegyrisavam seu pae, acerca dos negocios do Oriente e da causa da humanidade em geral!

As instancias e exhortações dos amigos referi-as eu, e traço-as de novo para aqui, como circumstancia attenuante de culpa, no caso de haver quem me accuse de sahir á lume com a collecção das minha trovas de versejador, depois das excellentes publicações de tantos distinctos poetas contemporâneos, estranhos e nossos, e quando com anciedade se esperam as epopéias, ja promettidas, dos Snrs. Porto-Alegre, e Dr. Magalhães, que hão de por certo corresponder á grande capacidade poetica e illustração de seus abalisados auctores.

Accitarei a accusação, si vier; e até protesto não appellar do julgamento, que me condemne apezar da allegação que faço em minha defêsa, e do tempo que hesitei em publicar essas trovas.

Más advirtam desde ja os que me julgarem—que a mão que lavar a minha condemnação 'n este ponto, lavrará, logicamente, a de todos que tem dado á estampa versos depois de Camões, ao qual ninguém ainda chegou.

E advirtam mais—que, sendo sempre em o nosso mercado de letras muito maior a concurrencia do que é ordinario, que a do que é superfino, não deve rejeitar-se, antes será conveniente favorecer-se a qualidade intermédia. Digo isto, não tanto por mim, quanto pelos novos talentos que ahí se levantam, e que podem dar muito mais do que eu, os quaes releva serem bem animados.

Tres são os volumes das minhas obrinhas, como todos ja sabem. Baptisei-os de *Classicos e Romanticos*, dando ao 1. o cognome de—*Exercicios poeticos*—, ao 2. o de—*Lyra do patriota*—, e ao 3. o de familia—*Improvisos*.—

Acêrcá do nome de baptismo, puz esse nome aos meus pobres livrêtes, porque assim o pedia a dupla origem, d'onde procedem, e que muito me honra.



Não sou d'esses, que, captivados de corpo e alma aos encantos e aos preceitos das mulheres com quem se esposaram, esquecem inteiramente as bondades e os dictames das mães.

Menos sou como alguns, que, matriculados em uma nova academia, tem por menos bom, si não por pedantêsco e perdido tudo que aprenderam em outra.

Casado com a Eschóla Romantica, ou 'n ella matriculado (escolham os leitores o *simile*) amo-a, sigó com enthusiasmo algumas de suas lições, &c.; mãs, bom filho, e discipulo agradecido da Classica, venero ainda e adopto o que tinha minha mãe d'excellente, o que tinha a minha velha academia de util.

Escrevo um prologo, e não uma comparação das duas eschólas; e pois, basta dizer o meu systema a respeito de ambas, sem demonstrar o porque. Por aqui ja se vê que respeito ainda—

*O quando, o como, e onde as cousas cabem—*

do Principe dos veteranos cantôres; auctoridade que ha de ser sempre para mim de mais pêso, que a de muitos da eschóla predominante de hoje.

Nem entrára eu 'n essa comparação ou anályse, ainda havendo aqui logar para isso; porque, felizmente, não padeço do *typho moral* para no seu accesso e delirio atirár-me a escrever, e d'entuviada, sobre materias, que requerem, senão a litteratura magistral dos Snrs. Alexandre Herculano, Garrett, e Antonio Castilho, pelo menos a erudição e a critica dos Snrs. Lopes de Mendonça, Mendes Leal, Rebéllo da Silva, &c.

Sei muito pouco, e não me fio muito 'n esse pouco que sei.

Appellidei de—*Exercicios posticos*—o meu primeiro volume sem intenção.

Acostumado nos meus sette annos de milicia a fallar e ouvir sempre fallar em—exercicios de artilharia, exercicios d'infanteria, exercicios de caçadores, exercicios de cavallaria, exercicios d'espada, de peça, de fogo, &c.,—e nos meus quasi dezesette annos de alfandega pronunciando, ouvindo, e escrevendo sempre exercicios financeiros, exercicios presentes, exercicios futuros, exercicios passados, e exercicios findos *de que Deus Nosso SENHÔR livre a todos*—na occasião de intitular o livrinho, por força de habito escrevi involuntariamente—*Exercicios poeticos*. Achei tal não-sei-que de conceituoso, de typico, de curial em fim 'n esse titulo, que não cuidei mais em outro, e ahi lh'o impuz. Alguns acha-lo-ão, ao contrario, muito vulgar, muito anti-romantico—paciencia: si assim é, diz perfeitamente *a lettra com a carêta*, que é tambem uma condição do bom gosto.

O appellido do meu segundo volume—*Lyra do patriota*—, por ser de canções pelo patriotismo dictadas, esse tem mais affinidade com os estylos modernos: valha-me isso, que ja não é pequena compensação.

Alumno da eschóla antiga, improvisei, ou compuz nas suas diversas metrificações, fazendo odes (poucas) sonetos, decimas, colchéias, e até acrósticos —Pobres acrósticos! Ainda aquelles que compõem charadas, que gostam apaixonadamente de charadas, fazem-lhes beijo, e revitam-lhes o nariz! Até os desprezam como *tetéias* os proprios, que de outras *tetéias* se namoram a ponto de lhes sacrificarem a honra! E entretanto não ha duvida que a desprezada *galanteria* dos acrósticos, quando boa, tem o mesmo merecimento, que é inegavel que tem, quando bem feita, a *travessura* das mimosas charadas.

Seja como fór, ahi vão os meus. Agradem elles ás Senhóras, que ficarei satisfeito. Por comprazimento para com ellas os fiz:

por deferencia para com ellas dou-os á luz. De algumas sei eu, que se dizem bem-lidas, que preferem um bom acróstico ao *Adamastor de Camões*. São góstos—e a respeito de góstos peor é contradizê-las, que contentá-las.

Quanto aos sonetos, que, apezar do desprêzo de uns, e do odio e tédio de outros, ainda são o encanto de muitos, sentiria o maior prazer de os haver improvisado ou composto, si porventura os houvesse descompennhado melhor.

Ha bem pouco tempo (o anno passado) la fêz em Portugal e publicou um excellent soneto o meu illustradissimo amigo, o Sr. Mendes Leal, um dos maiores ornamentos da eschóla moderna—Abençoado elle seja!

Sirva isto de resposta a'quelles, para quem é o soneto o seu —*noli-me-tangere*—, talvez porque lhes falte, queda para tal genero; e, si não bastar o exemplo, ainda lhes revidarei com a publicação, que de alguns sonetos seus fêz em 1853, junctamente com as suas *Folhas cahidas*, o ja citado Visconde de Almeida Garrett, dizendo sobre elles na respectiva introduccão o seguinte. . . — « Confesso que hoje tenho remorso da reacção que promovi contra o soneto. *Tinha ao menos res-tricções e difficuldades, que não tem a sôlta liberdade das canções descabelladas e plusquam romanticas*, pelas quaes « foi substituído, &c. »

Compuz tambem e publico uma *metamorphóse* e um *dithyrambo*. É um serviço promettido, uma promettida homenagem á eschóla, onde primeiro aprendi. Assim não estivessem essas composições tão abaixo dos modêlos, que ella nos deixou n'esses generos!

Matriculado na Eschola Romantica, versejei em varias das rimas de que usa; umas tomadas dá Eschola Classica, como é sabido, e confirmou o Sr. Antonio Castilho na sua primoro-

sa e utilissima *Arte de Metrifcação*; outras da mesma forja, refundidas e aperfeiçoadas por ella; outras finalmente (poucas) da sua propria lavra e invenção.

Aqui, ja que vem tão a pélllo, concedam-me venia para simplesmente dizer—que a differença das duas escolhas, ainda no estylo e na fórma, em summa no que é artistico, é—a meu ver—bem pequena, e não como a suppõem alguns freneticos entusiastas da nova, que, receiosos do contagio da velha (pobre velhice!) nem querem que na sua proximidade lhes fallem.

Praticando essa variedade de rimas, não sei se fui 'n ellas feliz, como tem sido outros, como desejava sê-lo. Di-lo-ão os que com imparcialidade me lêrem. A affirmativa ser-me-á muito grata: a negativa, que porventura será a mais certa, produzirá em mim descontentamento, enfado—nunca.

Previno désde ja ao leitor que as minhas trovas, na composta conformidade rimadas, não vão todas bem aferidas pelo novo padrão. Falta-lhes a symmetria recommendada como melhor na construcção das estrophes; isto é—sendo sempre o ultimo verso de cadaúm de seus ramos longo, e breves todos os mais. É esta uma regra, que só com muito vagar, ou habito se pode guardar. Habito não fiz eu por adquiri-lo—e, pois, não o tenho: vagar ja não me permite o costume de fazer versos, como ahi disse, quasi sempre de romantia, e pelo methodo de —saia o que sahir,— que nas poesias lyricas me parece o melhor. Isto posto, não serei eu que emende nunca, e menos que enjeite uma estrophe, que ja vier inteirinha para a bócca, ou para o papel, só porque traga a innocente menos symmetria na fórma, ou menos egualdade nós sous.

Más—pergunto—d'essa symmetria ou egualdade continuadas, mormente em um cânto mais longo, não poderá resultar monotonia, que menos convem?

Perdõem-me, sobre todos o illustre Auctor da *Arte de Metrificacão* ja citada, esta pergunta ou reflexão que aventuro, fiado em que, ainda aos peiores discipulos, sempre deram para isso licença os bons mestres.

A linguagem nas minhas trovas não asseguro que seja sempre de boa lei e d'aquella puréza que tanto eu desejava que fosse: pertence aquilatá-la aos peritos.

A respeito de orthographia, segui, ora a etymologia, ora o uso, como o quiz a penna, que é commumente o que fazem quantos escrevem em um idiôma, que não tem ainda uma regra fixa de uniformidade orthographica.

Devo, emfim, declarar que dou publicidade a algumas trovas d'este volume, mais por obsequio ás pessôas a quem dediquei-as, que pelo merecimento das *pobresinhas* que não o tcem; tanto assim que, para defendê-las de peor tracto que porventura tivessem pela sua pobreza, si desunidas das mais abastadas sahisses, colloquei-as entre estas, sem me importar com a ordem chronologica das epochas de seus nascimentos; ordem que para mim, digam-me o que me disserem, não é objecto de disciplina em taes collecções, e pode algumas vezes prejudicar a conveniencia da variedade que todos na leitura desejam. Ha quem aconselhe a observancia da dita ordem chronologica, como boa para se conhecer o progresso que tenha feito o auctor: pela minha parte dispenso o trabalho d'essa confrontação, e quanta gloria d'ahi me podesse provir.

Julgo haver, de accôrdo com a natureza da obra, tocado—bem que mal—em todos os registros de um prólogo, e satisfeito ao seu fim.

Aos que com benevolencia me lêrem peço desculpa, si não corresponder ao que talvez esperassem de mim.

Aos mais—só tenho que recórdar a doutrina do recém-fundado Litterato e Poeta portuguez no seu referido *Bosquêjo*:—  
« A boa e honrada critica, falla em geral, louva o bom, nota  
« o mau, porém não faz tymbre em achar defeitos e erros na  
« menor falta para se regozijar da censura. » (\*)

DEUS abençõe os meus versos, que é quanto me basta.  
E basta tambem de prefacio.

Bahia 27 de Março de 1855.

---

(\*) Parece-me estar ja ouvindo a alguns dos nossos eruditos de pólpá dizerem—« Que introdução tão pobre de litteratura ! Não se vê  
« 'n ella senão poetas portuguezes, Garrett e mais Garrett ! » Que me importa? Ja ahí confessei bem francamente o pouco que sei—e não sou d'esses que inculcam carradas d'erudição, citando ás vezes auctores, só porque lhes ouviram os nomes e as obras, sem terem conhecimento d'estas, e nem sequer do romance em que se escreveram. Poderia citar algum poeta latino, ou francêz que tenho lido, e cujas linguas são somente as que mal conheço, o que sinto; mas não quiz, e referi-me só aos de casa, que me pareceram sufficientes, até porque, citando o abalisado Visconde de Almeida Garrett, cito, não só um litterato, senão uma litteratura, como ja lhe chamou quem era competente para assim o avaliar. Ostente luxos d'erudição quem tiver esse gôsto, ou mania. Eu não sou de luxos, nem sou erudito—e, de mais, sempre que ache no meu idioma boas auctoridades para citar, preferi-las-ei ás d'estranho. Nutro 'n isto meu espirito de *nacionalismo de lingua*, de que não me desdoiro, tanto mais, quanto é certo que quasi todos os estrangeiros o tem. Si, com tudo, alguém de *pieguice* o tachar—*Sanctas pascoas*.

**NATALICIOS.**





# A MULHER.

---

Canção dedicado e offerecido à Exma. Sra. D. \* \* \*, no dia de seus  
annos em 1849. (a)

A ti qu'as Musas favonêam tanto,  
O qu'é das Musas offereço humilde.  
*Ribeiro Diniz.*

Na clave em qu'á mulher canção divina  
Outr'ora modulára  
Da feliz Paulicéa o Cysne eterno, (\*)  
Ousa ferir, e solfejar louvores  
O da Bahia morredouro cysne.  
Sim, afinando pelas cordas d'alma  
Da minha lyra as cordas, quero o hymno

(a) Pedo a delicadeza que eu omitta' o nome d'esta Senhóra, visto não se me haver proporcionado occasião de habilitar-me, para o declarar, com o necessario consentimento.

(\*) O archi-patriota, e sabio José Bonifacio de Andrada e Silva, de gloriosa memoria, na sua bellissima poésia—*A Creação da Mulher*—, inserta no *Parnaso Lusitano*.

Entoar, qu'inspirou-me o natalicio  
Da bahiana deidade;  
E, por tributo humilde,  
Respeitoso depô-lo ás plantas suas:  
Hoje meu canto é da mulher—é d'ella.

---

A mulher!.. A mulher!.. Este só nome  
Te responde o qu'é DEUS, e o que lhe debes  
Tu, misero mortal, (\*) qu'embevecido  
Amas a obra, e o seu Auctor desdenhas !  
Ingrato! que do fructo do deserto  
Nutres a vida, e a arvore golpêas,  
D'onde colhendo o vaes, co'o impio ferro !  
Que maléfico atiras  
Pedras ao rio, que te mata a sêde  
Co'a lympha doce e pura !  
Mas que! Tu amas? Não;—quem ama e sente,  
Na mulher, sobre tudo, um DEUS adora.

A mulher!.. Que phenómenos, qu'encantos  
Esta do Creador feitura encerra !  
E qual outra li'eguala?  
Estréllas, que bordaes o véu da noite,

(\*) Alludo ao impio.

O que sois, que valeis ante seus olhos?  
 Purpureas rosas, que lhe ornaes as tranças,  
 Ou que do seio contrastaes-lhe a neve,  
 O que é vosso abrir ante o seu riso ?  
 Ante a côr sua, quando a aviva o pêjo,  
 O que é vossa côr? P'ra quem lhe ouve  
 A meiga falla, o susurrar qu'importa  
 Em tarde estiva de Favonio brando ?

Da Venus das florestas,  
 Da esbelta Buriú (\*) o qu'é o talhe  
 Ante o seu talhe gracioso e nobre ?

Da Creação o timbre  
 Quem não vê na mulher donosa e bella,  
 Não vê no sol o sceptro dos planétas.

E as prendas divinaes? E os dotes d'alma,  
 Coloridos da physica belleza,  
 Que realce lhe dão do corpo ás graças?!  
 Si alguma vêz os mortos se reanimam,  
 Para sentir saudades d'este mundo,  
 É quando da mulher o lédo canto,  
 Sobre as azas dos ventos que domina,  
 Se eleva magestoso á Eternidade,  
 E vae as harpas despertar dos Anjos :  
 Ou quando a voz maviosa

(\*) Especie de palmeira nossa, uma das arvores mais bellas e elegantes do Brazil.

Da que soffre e se queixa, rompe os ares,  
E accorda os hymnos nos celestes chóros.

Mulher! tu es a fonte da poesia;  
Cabalinas, Castalias,  
Hypocrénes são fabulas dos homens,  
Apóllo e Musas phantasias d'elles.  
O estro não é mais, qu' o sentimento  
Apurado 'n aquelle que bem ama.  
Pelos affectos d'alma, que estremece  
O doce objecto amado, se regulam  
As notas d'essa musica sublime,  
Que falla e pinta, e qu' ensinára Horacio.  
A Musa de Camões foi Catharina :  
Foi Leonor, qu'a láurea  
De vate deu no Capitolio a Tasso.

Mulher! nos teus carinhos e meiguices,  
Bebe o triste o antidoto a seus males,  
E da dencia o extracto o venturoso.  
Repousando em teu seio,  
Das forças que exauríra,  
Melhor refaz-se o lavrador cançado.  
Do grande labyrintho das sciencias  
Si o sabio algumas horas  
Comtigo se distrahe, nova Ariadne,  
A's vezes lhe ministras  
O desejado fio, com qu'acerta

Co'a sahida feliz qu'em vão buscára.  
 Vezes ha qu'o tiranno nos teus braços  
 Morrendo de prazer, revive homem—  
 E após mil maldições, bençãos grangêa  
 Do povo, que o admira, e que te adora.  
 No fogo, que devolves de teus labios,  
 Inflamma-se a coragem do soldado,  
 Que 'n ancia de agradar-te, e merecer-te,  
 Aguia se arroja ao campo das batalhas,  
 Louros empolga, e se remonta á gloria.  
 Tu mesma, quando a patria e amor te chamam  
     Aos marciaes combates ,  
 Milagres de valor e d'heroismo  
     Intrépida praticas,  
     E a ficção realisas  
 Da Deusa que tambem preside ás guerras.

Mulher! tu es a alchymia que transforma  
 Nossa férrea existencia em dias de oiro,  
 Em amena virtude o vicio rude.  
 Por ti vivemos; por ti somos tudo :  
     A verdadeira origem  
 No mundo só tu és de bens, de males.  
     Ai de nós no Universo,  
 Si não o ornasses tu, si tu faltasses,  
     Ó mãe, irmã, esposa,  
 Filha, amiga do homem !    Quem supprira

Teu vasio, anjo meu? Quaesquer que fossem  
 As venturas, porém, que deparar-nos  
 Quizesse em teu logar o Ceu piedoso.  
 Incompletas seriam, fallecendo  
 A dita de ser pae—dita ineffavel,  
 Que dá qu'o homem vezes mil renasça  
                   Do seu sangue, e na terra  
 Perpetuo viva pelos seus lembrado.

Mulher! que nome t'hei de eu dar, que abranja  
 O que es, o que vales nas bonanças,  
 Nas tempestades d'este mar incerto  
 E naufragoso, á que chamamos vida?  
 Estrélla d'alva?.. Es mais—Santómo?.. É pouco—  
 Que nome t'hei de eu dar?.. Como mereces  
 Chamem-te sabios, vates, e philosophos ;  
 A mim só cabe—trovador mesquinho—  
 Na lyra, qu'afinaste, hymnos tecer-te,  
 Adorar-te, servir-te, e bem dizer-te.

---

A ti, bahiano esmalte de belleza;  
 A ti, Senhóra, que reunes quanto  
 Ha na mulher d'encantador, de nobre;  
                   A ti minha patricia,  
 De amigos, que bem prézo, esposa, e filha,

O meu canto primeiro  
Em honra do teu sexo, ei-lo consagro.  
Foi do meu hymno origem o teu dia—  
Oh! possam no meu hymno  
Teu dia e nome perdurar, eternos—  
E meus votos ao Ceu fazer que sejam  
Progressivas, perennes  
As venturas dos teus, tuas venturas!

---

Ao meu muito prezado e respeitavel Amigo, o Illm. Sr. Major Firmiano  
Joaquim de Souza Velho, no dia dos seus annos.

## ODE.

---

Saiba o meu Velho 'n este dom escasso  
Descobrir a vontade agradecida  
De quem lhe deve muito, e muito ancêa  
Pagar-lhe em dôbro a divida.  
*Filinto Elysis.*

Não é na crua guerra  
A espada meneando,  
Tincto do sangue alheio o illeso corpo,  
Ali afugentando, aqui vencendo  
Com poucos valorosos  
Innumeras cohortes inimigas;

Nem praças alluindo,  
E conquistando povos,  
Porque depois os rêja, ou por qu'anhele  
As graças merecer do Rei que serve;  
Que com purêza o homem  
Vôa seguro ao templo da Memoria.



É o varão constante  
 Na trilha da justiça,  
 A quem só honram da virtude os louros;  
 Qu'escudado da sã philosophia,  
 Despe illusões, e fita  
 No bem-fazer somente a ingenua vista;

É elle só quem pode  
 No puro manto envôlto  
 Do verdadeiro lúcido heroismo,  
 Subir da Gloria ao templo endeosado,  
 E—sou homem!—clamando,  
 Seu nome nivelar co'a Eternidade.

A elle apenas deve  
 O não-prostituido  
 Vate, qu'as Musas honra, dar em premio  
 Louyores que um e outro immortalisem;  
 Nas aras da Verdade  
 Queimar-lhe incenso a gente agradecida.

« Ahi tens Firmiano, e 'n elle  
 (Sinto bradar-me Jove)  
 « O homem que traçaste: esses encomios  
 « Bem-merecidos rende-lhe, que hoje  
 « Annos cumpre ditosos,  
 « Uteis a seus eguaes, uteis á patria! »

Annuncio venerando,  
Em extase eu te escuto !  
Na lyra obediente ei-los já sóam  
Hymnos qu'a Firmiano ordena Jove ;  
Hymnos que dentro 'n alma  
A sancta gratidão me está dictando.

Bahia, ó patria, exulta !  
No homem qu'ora canto  
Hoje um heróe ganhaste; hoje de filhos,  
De amigos, e de paes, em honra tua,  
Da Dextra Omnipotente  
Um perfeito exemplar desceu ao mundo.

Quam ditosos que fôram  
Os humanos, si 'n elle  
Os homens espelhados o imitassem !  
O pobre, o innocente, o fraco, o amigo,  
Fome, injuria, violencia,  
Injustiça, traição não lamentára.

Nos vicios e nos crimes,  
Da prematura morte  
Ao golpe não cahira a humanidade :  
A' sombra da egualdade e da concordia  
No terreo espaço aos homens  
Melhor brotára a arvore da vida.

Hóroscopo sublime !  
Quem mais qu'ó teu sorriso  
Ao canto e á devoção tem jus do vate?  
P'ra quem 'n alma os favores guarda impressos,  
E o merito ama ingenuo,  
Qu'incentivo maior qu'a aurora tua?

Não menos preciosos  
Tres de ti derivaram,  
Charos ás Musas, memoraveis dias :  
Do eximio Firmiano a digna Prole  
Na patria avulta aceita,  
As bebidas virtudes derramando.

O' bem fazejo, o' justo  
Varão afortunado,  
Quanto me ufano d'amizade tua !  
Nos teus dias os meus quanto interessam !  
Estes puros louvores  
Que doirado porvir não me affiançam !

A's muitas, que te devo ,  
Finezas e bondades,  
Ajunta a de acolher meu canto agora,  
Da estreme gratidão singelo effeito —  
E possa do teu nome  
A' sombra o meu tambem viver eterno !

A' Exma. Sra. D. Candida Isabel de Aragão Gesteira, filha do Ilm. Sr. Dr.  
Francisco Marcellino Gesteira, no dia anniversario de seu feliz natalicio.

---

Da lyra desaccorde os sons cadentes,  
Qu' o teu dia requer, Candida bella,  
    Como hei de desferir?  
E tantos predicados excellentes,  
Que possues, de que modo alçarei 'n ella,  
    Qu' aos evos possam ir?  
  
Só te dera eu dignamente  
Louvores e parabens,  
Si as vozes da minha lyra  
Fossem como a voz que tens—

Ou como a voz dos anjos que retratas;  
Quer nas graças do magico semblante  
    Com que tudo avassallas;  
Quer nos divinos olhos com que matas  
Isenções, e no estylo insinuante  
    Do canto e meigas fallas.

Más seja, Patricia minha,  
O desempenho qual fôr,  
Ha de um hymno hoje tecer-te  
O bahiano trovador.

Ei-lo—não lindo como é teu dia,  
Não, como o teu cantar, suave e doce,  
Nem bello qual teu fado—;  
Mas puro qual das virgens a alegria,  
Singelo qual tu'alma, onde esmerou-se  
De Natura o cuidado.

Meu hymno, Bahiana illustre,  
Não deves, pois, desdenhar;  
Que, com ser fraco, bem pode  
O teu nome eternisar.

Acolhe-o, tu das Musas Delegada,  
Tu distincta amadora da poesia,  
E honra o teu cantor,  
Que co'a mente em teu sol hoje abrasada  
Pede ao Ceu para ti, para o teu dia  
Toda graça e favor.

E ha de ser (do Ceu o espero)  
Teu dia sempre gentil—  
E tu has de ser estrella  
Sempre do nosso Brasil.

---

A' Exma. Sra. D. Candida de Gouvêa e Silva, no dia 15 de dezembro,  
aniversario do seu feliz natalicio.

---

Filha de Nictheroy ! quando o teu dia  
Risonho surge no meu patrio sólo,  
E os meritos contemplo  
Com que sobrehumanou-te a Natureza,  
Pelos do Pae e Esposo accrescentados ,  
Da gratidão nas aras  
Sempre de puro incenso um grão te queimo,  
E ao Céu em teu favor meus rogos mando.

Doze vezes a pallida doença  
Do festim natalicio teu privou-me,  
E supprimiu-me acinte  
Para cantar-te as ensaiadas vozes,  
Qu'abafar não podiam  
Teimosos infortunios  
No vate sobranceiro  
Ao fado, ao tempo, aos homens.

Quem firme soffre, e espera,  
Vê—tarde ou cedo—a hora da ventura  
Radiosa assomar-lhe  
No mudado horisonte da existencia.

A minha ei-la chegou : aqui meus hymnos  
Vim, Senhora, tecer-te n este dia,  
    Por mim sempre lembrado.  
Volva elle feliz, até qu'adultos  
    Os netos de teus netos,  
Ao derredór de ti, de teu Consorte,  
Em brios e virtudes se assignalem,  
E do nosso Brasil sejam luzeiros !

---

A' Exma. Sra. D. Joaquina Auta de Menezes Castro e Araujo,  
no dia dos seus annos.

---

### SONETO.

A estrélla que saudei, quando brilhante  
De luz a terra em seu zenith enchia,  
Si ao seu occaso declinando eu via,  
Saudá-la sempre costumei constante.

A rosa qu'affaguei no lédo instante  
Em que viçosa e festival se ria,  
O mesmo affago no seguinte dia  
Nunca deixei de tributar amante.

Assim cõtigo praticando agora,  
Dou-te, Senhora, aos dotes soberanos  
Louvor e culto que te dera outr'ora.

Tu foste estrélla e rosa dos bahianos :  
Cantei no teu zenith a tu'aurora—  
No teu occaso cantarei teus annos.

---



Ao meu especial e prezado amigo, o Illm. Sr. Dr. Joaquim de Souza  
 Velho, no dia dos seus annos.

---

A minha gratidão te dá meus versos,  
 Meus versos da lisonja não tocados.

*Bocage.*

E cuidavas, meu Velho, que nas sombras  
 Do teu systema, ou rígida modestia,  
 Ainda d'esta vez raiasse occulto,  
 Qual nos mais annos, para mim teu dia?  
 Cuidavas que tão lerdo e cego eu fosse,  
 Qu'ô não desencantasse, e não viesse  
 D'improviso, quando elle resurgisse,  
 Dar sobre ti com hymnos e louvores?

O conterrâneo meu, que com virtudes,  
 Com proficuo saber, com bons exemplos  
 Tanto beneficia o patrio ninho,  
 Não seria uma vèz por mim cantado.  
 Nô seu dia natal? O filho charo  
 Dô amigo meu prestante, do conspícuo  
 Varão, do nosso berço esmalte e gloria,  
 Não ouviria em seu encomio accentos  
 Da grata lyra qu'a seu pae cantára?

O Medico humanissimo, qu'a propria

Saude expondo em temerosa noite,  
Presto acudiu á salvação da minha,  
E não-pago desvelo generoso  
A meu lado empregou, té expellir-me  
Do peito o susto, e mitigar-me as dores  
Co'a providente cura e douto elóquio,  
No dia tão festivo de seus annos  
Sonoroso tributo não teria  
Do vate devedor, qu'o deleitasse?

Si aconteçêra assim, si a aurora de hoje,  
Não sentida por mim, passasse—quando  
A sabê-lo viesse, irado e triste,  
As cordas estalando á lyra ignára,  
Pendurada a teria até que novo  
Anniversario teu sorrisse ao mundo.

Tudo attinge, porém, tu conseguê  
O vate—e mais si o génio lhe afervoram  
As chammas d'amizade agradecida.  
Patente o teu horóscopo brilhante  
Aos meus olhos se fêz, aos meus desejos—  
E, como o projectára, em teus penates  
Eis-me, não-esperado, desferindo  
Alegre em teu applauso eternos carmes.

Esta, meu Velho, a unica que podê

Recompensa votar-te um desditoso  
Enteado da lúbrica fortuna.  
Pouco valêra ella ante quem préza  
Somente o oirò vil por que se esgana :  
Màs no amphitheatro de tu'alma,  
Quê nobres regêm sentimentos puros,  
Esta de gratidão prova qu'off' reço,  
Ha de o grau a qu'aspiro, conferir-me  
Na tua opinião, na estima tua.

Salve, patricio meu ! tres vèzes salve !  
O mais qu'è permittido ao ser humano,  
As Parças do teu ser o fio estendam !  
Doirem-no sempre verdadeiras gloria's,  
Reaes prazeres, sólidas venturas !  
Espelhados em ti, teus filhos te honrem,  
Qual, de teu pae transumpto, o t. honrado—  
E felizes em lúcida carreira,  
Enchendo o seu dever, contentes vivam !  
Taes meus desejos são, taes são meus votos;  
Tal seja o premio das virtudes tuas !

1. de janeiro de 1847.

---

A' Exma. Sara. D. Maria Amalia de Soosa, filha do dito meu amigo  
o Sr. Dr. Velho, no dia dos seus annos.

---

Marilia, o teu nascimento  
Quer minha musa cantar;  
É por certo ousado intento  
Difficil' de consummar;  
Qu'onde chega o pensamento,  
Não póde o canto chegar.

Tu, pois, Marilia, perdôa,  
Si 'n'este assumpto não for,  
Como a vontade, tão boa  
A lyra do trovador,  
Cantando a pessoa,  
Os teus dotes, teu primor:

Já não tens visto a bonina,  
Que pura, é mimosa, e bella  
Nasce, esmaltando a campina?  
Como do prado essa estrellá  
Nasceste, e foste em menina  
O vivo retrato d'ella.

Da rosa, cujo botão

Se abriu, qu'avulta formosa,  
Não tens visto a perfeição?  
Tu, Marília, es como a rosa;  
Dos annos na progressão  
Es sempre bella e mimosa.

Olha os liquidos crystaes,  
Suaves manando além—  
Teus dias, ao d'hoje eguaes,  
Manarão assim tambem,  
Por entre ditas reaes  
Que só d'alma nos provêm.

Que mais nos meus versos rudes,  
Marília, t'hei de dizer?  
Que das Tias (\*) sempre estudes,  
E sigas o proceder;—  
Qu'embalsamado em virtudes,  
Teu nome eterno ha de ser.

---

(\*) As Exmas. Sras. D. Luiza Victe de Sousa Ribeiro , e D. Anna Joaquina de Sousa Ribeiro Tupinambá.

A' Exma. Sra. Baroneza de S. Francisco, no dia 30 de Janeiro de 1850,  
 anniversario do seu feliz natalicio, e recitado à mēsa  
 no seu engenho do Acutinga.

---

À phénix das brasíleas Titulares,  
 À gentil Baroneza,  
 Protótypo de mães, norma d'esposas,  
 Exemplar de candura e de piedade,  
 No anniversario seu, mimo das Musas,  
 O hymno promettido eu vim sagrar-lhe.  
 Graças ao Ceu, que satisfiz meu voto,  
 E a tempo revivi para cantá-la!

Tão alquebrado ainda  
 Da furia enorme da commum doença, (\*)  
 Que coração e corpo 'n só dia  
 Feriu-me despiedosa;  
 Ainda gotejando  
 Sangue o golpe cruel qu'abriu-me 'n alma  
 O espinho acérbo e agudo  
 Da indelevel paternal saudade;  
 Só tu podias, *trinta de Janeiro*,  
 Tirar-me dos meus lares melancolicos,  
 E aqui trazer-me a partilhar teus risos!

(\*) A *febre amarella* de que fui assaltado, duas horas depois de succumbir do mesmo mal una minha innocente filha.

Graças ao Ceu, que satisfiz meu voto,  
E a tempo revivi para cantar-te!

A lyra, qu'em silencio, ainda ha pouco,  
Só murmurava endêças que lá iam

Saúdosas quebrar-se

Sobre o tumulosinho da innocencia

Em vão—porque não podem

Do sepulchro remir maguadas queixas

D'alma o pedaço que nos elle encerra—

A minha triste lyra (oh maravilha!)

No festim amigavel sonorosa,

Em honra da virtude e da belleza,

Alegre já desfere

Das cordas d'oiro os arrojados cantos!

Oh Amizade! Oh fonte de prodigios!

Que poder não tens tu no humano peito!

Graças ao Ceu, que satisfiz meu voto,

E a tempo revivi para cantar-te!

Muito havia qu'os dotes sobrehumanos .

D'uma formosa Titular, que era

O remate das obras de Natura,

A geral tradicção me annunciava.

De *São Francisco á Baroneza* a Fama

A primazia dava entre as mais bellas

E gabadas patricias do seu tempo;

Co' a singular vantagem de nas graças  
 Jamais prejudicá-la a mão da idade,  
 E a procreada numerosa Prole.  
 Seu nome em formosura e attractivos  
 Igualava ao do Sôgro venerando (\*)  
 Nas sublimes acções, no amor da patria;  
 E a sorte do Esposo digno d'ella,  
 Do Pae transumpto, bemdiziam todos.  
 Ardia em mim o natural desejo  
 De ver e admirar a conterrânea  
 Peregrina belleza, a quem prezava  
 Por sobre os raros meritos sabidos,  
 Pela grata razão da afinidade  
 Qu'ínestimavel honra me depara.  
 Almejava ainda mais alçá-la um dia  
 Nos vôos de meus cantos respeitosos  
 Ao sempiterno alcaçar da Memoria,  
 Para ahi collocá-la entre as Deidades,  
*Si a tanto me ajudasse ingenho e arte.*  
 O anno que passou, em cuja fronte  
 O stygma imprimi-de opprobrio eterno;  
 O anno que só males trouxe ao mundo,  
 Por excepção benevola co' a dita,  
 Qu'eu tanto appetecia, enfim prendou-me.  
 Vi, e tractei a Titular divina;

(\*) O 1. Barão de S. Francisco, patriarcha da nossa Independencia nesta provincia.



E 'n ella comprehendido  
 Achando, e no seu Par, na Estirpe sua,  
 E na Mãe qu'ídolatra,  
 Muito mais do qu'a. Faíma me contava,  
 Voluntaria e perpetua  
 Hypotheca lhes fiz de quanto valho,  
 E no meu coração lhes dei morada :  
 Bem pobre fêudo p'ra tão alta Dona,  
 P'ra tão grande Varão, para tal gente.  
 O que era um desejo ardente e nobre,  
 A gratidão bem cêdo  
 'N um dever graduou Augusto e sáncto :  
 A eximia Baronêza  
 Sobre a lyra até hoje não-manchada,  
 Promessa ousei de celebrar seu dia,  
 Gloria da patria, da amizade encanto,  
 Lustre e brazão do século que corre.  
 Graças ao Ceu, que satisfiz meu voto,  
 E a tempo revivi para cantá-lo !

Tua Esposa, Barão, d'um throno é digna;  
 Tua Mãe, Balthasar, (\*) merece altares.

Oh ! si eu pudesse com meu canto erguer-lhe  
 Ao menos um padrão na Eternidade,

(\*) O Illm. Sr. dr. Balthazar de Araujo Aragão Bulcão,

Por consummada havendo  
 Minha missão de trovador no mundo,  
 Não invejára a *Lamartine* a gloria!

Vão ensopar-me a lyra  
 Nas aguas d'esse rio afortunado; (\*)  
 Manancial perenne  
 Que lava e fertilisa  
 Este prédio feliz, a que deu nome.  
 Ha tempos uma voz fallou-me ao ouvido  
 Qu'eu tinha em minha terra o meu *Permesso*;  
 Que 'n elle havia de beber um dia,  
 E eterna então cingir de vate a c'róa.

Ei-lo verificado

O grato aviso—meu *Permesso* é este:  
 A voz era do Ceu—e o Ceu não mente.  
 Sancto *Acutinga*! tuas aguas sejam  
 O licôr em que hoje m'embriague;  
 Quero 'n ellas fartar-me, e ser poeta.  
 Qu'enthusiasmo eléctrico nas veias.  
 Rápido cala-me! Esse fogo ethéreo  
 Que na mente se accende, estro divino,  
 Como me desce em turbilhões aos labios!  
 Sou todo o *trinta de Janeiro*! As aguas  
 Que mais farão lá das correntes sacras,

(\*) O *Acutinga*.

Onde as gêmeas Irmãs castas se banham? . .  
 Sancto *Acutinga!* as mais pungentes máguas  
 Na tua vèia mergulhadas dormem;  
 Com teu almo licôr eu sou ja outro;  
 De vate a c'roa ja me cinge a fronte:  
 Da voz qu'outr'ora ouvi, cumpriu-se o annuncio:  
 A voz era do Ceu—e o Ceu não mento.

Tua Esposa, Barão, d'um throno é digna;  
 Tua Mãe, Balthasar, merece altares.

Desalinhado e sólto

O cabêllo gentil negro é lustroso. . .  
 Desmaiado o fulgôr dos lindos olhos...  
 Pállida a rósea côr das faces bellas. .  
 Fechada ao riso a graciosa boca. . . .  
 O magestoso andar descompassado.

Em trajos de tristeza

Envólto dia e noite o corpo esbelto.  
 Todas, enfim, as graças maceradas  
 Do jejum successivo e afan penoso. . . .

Eu a vi incessante

Velar, carpindo, ao derredór do leito  
 Perigoso do filho (\*) que roubar-lhe  
 Tentava a morte, e cuja vida salva

(\*) O seu Gonçalinho, atacado da referida *febre amarella*.

(Condição do festêjo d'esta aurora)

Foi mais um louro que te ornou, meu *Souto*; (\*)

Novo abono eloquente

Do quanto pode a Médica Sciencia,

Do Divino Querer não-contrastada.

Oh exemplo de mãe estremecida!

Quanto relêvo para mim não deste

A' gentileza, ao mérito preclaro

Da Baroneza illustre! Em seus louvores

Quanto não vale recordar-te agora!

Tua Esposa, Barão, d'um throno é digna;

De nobre origem bem-fadada Prole,

Vossa extremosa Mãe merece altares.

Eu vou, eu vou dos immortaes no gremio

O *trinta de Janeiro* em branca pedra

Com aureos caractéres

Gravar, que sempre refulgentes vivam.

Ali, regosijado, o heróe habiano,

Na inscripção attentando, affectuoso

(Qual foi na vida co'a prezada Nora)

Ha de um beijo imprimir-lhe, e abençoá-la,

(\*) O meu illustre e prezado amigo, o Sr. Dr. Salustiano Ferrreira Souto, distincto Medico d'esta cidade.

Por qu'assim mais querida  
Do lúcido Congresso eterna brilhe.

Rosa, qu'os annos desbotar não podem,  
Nunca vejamos desfolhar-te a morte!  
Sempre lédas manhãs, risonhas tardes,  
Placidas noites *Jehovah* te mande.  
Teu chão mimoso, suas fontes claras,  
Os arvorêdos que lhe derem sombra,  
Tudo, em tórno de ti, festivo ria,  
Do teu sol natalício  
Vivificado pelos raios d'oiro.

Rosa, qu'os annos desbotar não podem,  
Nunca vejamos desfolhar-te a morte!  
E quando no futuro  
—Bem tardío e remoto—outros o vejam,  
Nas azas meigos *Zéphyros* tomando  
Saudosos tuas pétalas, com ellas  
Fragrancia eterna pelo orbe espalhem.

Rosa celeste, transplantada hoje  
Pelo Supremo Horticultór ao mundo,  
Salve tres vezes, sensitiva rosa!  
Nas aras á amizade agradecida

Sobre a lyra jurei, quando volvesse  
A vèz primeira, sublimar teu dia :  
Graças ao Céu, que satisfiz meu voto,  
E a tempo revivi para cantá-lo!

---

A' mesma Excellentíssima Senhora no dia de seus annos em 1851.

---

Da minha lyra, Senhora,  
Que resolvi pendurar;  
Lyra infeliz que não pode  
A' sua meta chegar;  
De novo apalpei as cordas  
Para o teu dia cantar.

De afrouxadas que já eram,  
Por mais que subí-las quiz,  
Ao tom não pude ajustá-las,  
Em que teus dotes gentis,  
Ouviu-me cantar o Iguape  
'N outra quadra mais feliz:—

Esse Iguape, um dos mais bellos  
Logares que ainda vi;  
Que para ser venturoso  
Basta habitares ahi;  
Esse Iguape que mais nome  
Tem grangeado por tí.

Vaes, pois, ouvir, Baroneza,  
Um canto sem harmonia,

Bem diverso do passado,  
Bem somenos do teu dia;  
Um canto que mais parece  
De queixa, que de alegria.

Mas sempre é canto de vate;  
Canto que se eleva a Deus,  
E que mais propiciá-lo  
Pode a bem dos annos teus;  
Canto que diz—amizade—,  
Que mostra os desejos meus.

O qu' é o sol para o dia;  
O qu' é para a noite a lua;  
O qu' é a flôr para o prado,  
Matiz da verdura sua;  
É para a vida, Senhora,  
Tu'alma, a belleza tua.

Si a formosura tivesse  
A sua aristocracia,  
Teu natalicio por certo  
De gala e festa seria,  
Si não para o Brasil todo,  
Ao menos para a Bahia:—

Nossa terra tão fôrmosa,



De tão lindo ceu de anil;  
A terra de mais poesia,  
E mais mimos do Brasil,  
Quando foi do Edêm imagem  
No seu estado infantil;

Más que hoje descontente,  
E fria d'inspirações,  
Murchas vê suas delicias,  
Esquecidos seus brazões,  
E seus filhos desunidos  
Por mesquinhas ambições!

Não sejas tu, como a pátria,  
Baronéza preciosa;  
Nunca murchem teus prazeres;  
Sê mãe sempre venturosa,  
E a lyra qu'ora te canta,  
Sempre te cante ditosa.

Longa vida afortunada  
Goza apar do teu Barão;  
Na tua próle renasça  
O d'elle, o teu coração;  
Teus filhos, e netos honrem  
Sempre o nome de Bulcão.

Possa, vendo-te feliz,  
Ser menos desventuroso  
O vate, á quem so é dado  
Tecer—mal-cadencioso—  
Hoje ao TRINTA DE JANEIRO  
De longe um hymno saudoso.

---

A' mesma Excellentíssima Senhora no dia de seus annos em 1853.

---

## I.

Do anno o primeiro mêz  
Tem um dia tão gentil  
    No seu fim,  
Que no brilho e placidéz  
Poucos dias no Brasil  
    São assim.

No Ceu, na terra, no mar  
Tudo assi'nala a belleza  
    De tal dia;  
O seu mimoso assomar  
Enche toda a natureza  
    De poesia.

Dias mais deliciosos  
De certo que não se viram  
    No Edém,  
Quando lá tinham ditosos  
Nossos paes, que delinquiram,  
    Todo bem.

A tradição popular  
Nos seus palácios de fadas  
    Não nos diz—  
Qu'um dia vissem raiar  
Princezas desencantadas  
    Mais feliz.

Do mundo a primeira luz  
Lembra o sol, quando dispara  
    Seu clarão  
'N esse dia, que da Cruz  
De ser divino alcançara  
    O condão.

Ri-se o rio; ri-se a fonte;  
Ri-se o bosque; ri-se o prado;  
    Ri-se a flor;  
Ri-se a relva; ri-se o monte;  
Ri-se, e canta o bando alado;  
    Ri-se Amor.

Do anno o primeiro mêz  
Tem um dia tão gentil  
    No seu fim,  
Que no brilho e placidez  
Poucos dias no Brasil  
    São assim.

## II.

É, Baroneza, este dia  
O teu— TRINTA DE JANEIRO—  
Festival,  
Que deu, raiando, á Bahia  
De formosura um luzeiro  
Divinal.

O qu'ê elle em gentileza  
Dirá quem fôr eloquente  
E feliz;  
Mas o qu'es tu, Baronêza . . .  
Isso só se julga, ou sente,  
Não se diz.

Em mim, Senhora, o intento  
De teus dons, de teus primores  
Referir  
É culto, e não pensamento  
De qu'o possam meus honrosos  
Attingir.

Pode a aurora, o sol, a lua  
As estréllas, pode tudo  
Se pintar;

Porém a beleza tua  
Não pode o maior estudo  
Desenhar.

A lindeza do teu rosto,  
Do teu corpo a perfeição,  
A tu'alma,  
Formam, Senhora, um composto,  
A que nenhuma canção  
Tece a palma.

Os melhores predicados,  
Qu'a ti, mulher sobrehumana,  
O Ceu deu,  
Digam teus filhos amados,  
E o teu Barão, que se ufana  
De ser teu.

Fallem da dôr desabrida,  
Qu'os traspassou, quando viram  
Padecer  
A vida da sua vida;  
D'este dia, em que deliram  
De prazer.

Dizer, Baroneza, tanto  
Não podem d'outra linguagem

Sons profanos;  
A mais não sobe o meu canto,  
Qu'a render pobre homenagem  
Aos teus annos.

Cale-se, pois, minha lyra;  
E baste-lhe o immortal  
Galardão—  
De ser por quem tanto a inspira,  
Acceita sua annual  
Devoção.

---

A' mesma Excellentíssima Senhora no dia de seus annos em 1849, para ser  
offerecido pelo meu estimavel amigo, o Illm. Sr. Dr.  
Gustavo Anacleto de Souza.

---

**SONETO.**

De Janeiro o penultimo a ventura,  
Volvendo, lembra, que nos deu tão chara;  
E su'obra, que tanto a namorára,  
Perfeita ainda, contemplou Natura.

Qual estrélla, qu'assoma em noite escura,  
Aqui no seu natal brilha, preclara,  
De São Francisco a Baroneza rara,  
Modélo de virtude e formosura.

Feliz a terra que tal Filha goza! —  
A terra dos Bulhões, sobre que véla  
No Ceu aquelle, qu'a tornou famosa!

Gloria á da patria Titular mais bella!  
Venerada dos seus, sempre ditosa,  
Esposo e Filhos se revejam 'n ella!

---



A' Excellentissima Senhora D. Maria Joaquina Bulcão Moniz, no dia 21  
de Julho, anniversario do seu feliz natalicio.

---

**SONETO.**

O mêz que de Bulcão os altos feitos  
Coroou, gloria e paz dando á Bahia,  
Quiz o Ceu que fechasse o fausto dia  
Da neta, a quem render venho meus preitos.

Nasceu Marilia—e nos paternos peitos  
Transbordaram enchentes de alegria . . .  
Ja sua linda face á jerarchia  
Das bellezas lhe dava amplos direitos.

Similhante em virtude á gentileza  
Cresceu—e mal tres lustros completava,  
A espôso de seu voto (\*) exultou prêsa.

Quem então, como hoje, a contemplava,  
Dizia, admirando a Natureza—  
*Que de tal mãe tal filha se esperava.*

---

(\*) O Illm. Sr. Dr. Pedro Moniz Barretto de Aragão.

AO MEU PRECADO PRIMO E AMIGO, O ILLM. SR. DR. PEDRO MONTE BARRETTA  
de Aragão.—no dia de seus annos.

---

Tu, que, votado ás lettras e á sciencia,  
Sabes, mancebo, apreciar os vates;  
Tu, que de paes illustres descendente,  
Não fazes consistir tua valia  
So na nobreza extrinseca do sangue,  
E nos dons da fortuna variavel;  
Tu, no teu dia natalicio, um canto  
Bem-mereces de mim—que t'o não déra,  
Si laços cordiaes nos não prendessem;  
Porque, de vate na missão divina,  
Só feudatario sou das acções nobres,  
Da virtude, e belleza, e d'amizade.

D'indole bella e de talento ornado,  
Os olhos hoje descerraste ao mundo,  
E sorriu para ti propícia estrélla.  
As esperanças paternaes cumprindo,  
Cresceste—e, fervoroso,  
Da melhor *califórnia* dos humanos,  
Dominio eterno da fecunda Pallas,  
Extrahiste o thesouro, que guardado  
Na mente avulta, e te enriquece o nome.

Com esse cabedal, moço distincto;  
Com esse cabedal, si o ampliastes,  
    Si da patria, e dos homens,  
Liberal, em favor o dispenderes;  
Com esse cabedal, unido aos dotes  
De tu'alma benéfica e singela,  
É qu'has de honrar teus paes, teu patrio ninho,  
E ganhar para ti perenne gloria.

Oxalá que tenhamos  
Sempre razões de bem-dizer teu dia!  
    Qu' o prazer que lá sentem  
D'elle os auctores na saudosa herdade,  
E aqui de todos o semblante exprime;  
Qu'esse prazer, que me desprende as vozes  
No meio das deidades que te honram,  
Dos anjos que, cantando, t'encosam,  
Se renove, Moniz, sempre que vólva  
O grato albôr de teus festivos annos.

Mancebo! fita as vistas  
Nos quadros do futuro, e d'além-vida :  
    —Sê patriota e sabio,  
Sê virtuoso—si te apraz ser grande.

---

A' Exma. Sra. D. Clara da Silva Maia, filha do meu amigo, o Ilm. Sr.  
Marcollino da Silva Maia, no dia 24 de Dezembro, anniversario do  
seu feliz natalicio.

---

Virgem! qual venturosa hoje te riste  
Nas faxas infantís,  
Rirás sempre do mundo e dos seus damnos,  
Serás sempre feliz.

Teu dia natalicio a vêz primeira  
Eu venho celebrar;  
Tua belleza, e graças, e virtudes  
Aos évos publicar.

Anjo d'esta mansão, virgem formosa,  
Te acclamam vozes mil:  
Tua aurora natal é das mais bellas  
Auroras do Brasil—

E uma das melhores do Universo  
P'ra nós, virgem christã,  
Como vesp'ra do dia sacro-santo,  
Festivo d'amanhã.

Hoje mais luminoso o disco ostenta,  
Mais radiante o sol;

A brisa é mais suave, é mais mimoso  
Da tarde o arreból.

Hoje nova esmeralda veste o prado,  
Novo matiz a flor;  
Mais perfumada a terra e mais viçosa,  
Adora a seu SENHOR.

Nas orchestras dos bosques, nos concêrtos  
Dos plácidos vergéis,  
É mais sonoro e variado o canto  
Dos plúmeos menestréis.

Rompendo do seu leito em murmurio  
Mais doce e festival,  
Hoje melhor aljôfram a verdura  
As serpes de crysta!

Em tudo, linda *Clara*, a natureza  
Hoje se alegra e apura,  
E da tu'alma, e do teu corpo airoso  
Condiz çó'a formosura.

Condiz co'a tua gentileza externa  
Dos astros o fulgór;  
Do arreból o aspecto co'a beldade  
Do teu interior.

Condiz co'a tua falla amena e alegre  
Da ave o gorgear;  
Co'a brandura e ledice de teus modos  
Do rio o deslisar.

Condiz co'a neve, qu'em teu collo alvéja,  
Da açucena a côr;  
A rosa em seu abrir co'as tuas faces  
No viço, no rubór.

Que mais queres, ó virgem, possuindo  
Taes dons celestiaes?—  
Sendo querida, como és, de todos,  
E mimo de teus paes?

Elles estremecidos desadóraram  
Por ti, gentil donzella;  
Doudêjam de prazer, hoje applaudindo  
Sua ditosa estrella.

Tens de teu pae os brios, tens os dotes  
Da mãe 'n alma gravados;  
Como elles, ao pobre, ao triste, ao enférmo  
Consagras teus cuidados.

A gratidão aqui férvida préce  
Ao Ceu faz verdadeira —

Porque tua familia os annos conte .  
Da sua *pitangueira*. (\*)

Anjo d'esta mansão, virgem formosa,  
Te acclamam vozes mil :  
Feliz contigo de Moêma a terra!  
Feliz todo o Brasil !

---

(\*) A pitangueira classica da Bahia por sua duração nestorral.

Ao meu especial e prezado amigo, o Illm. Sr. Commendador Joaquim  
Torquato Carneiro de Campos—no dia de seus annos.

---

Si nos antigos venturosos tempos  
Vivêras, meu Torquato, reunindo  
As virtudes de filho, e pae, e espôso,  
Parente e amigo, e cidadão prestante,—  
Ao teu character nobre, ao desint'resse,  
E rígida honradéz, com que, despido  
De fausto e de ambições, teus dias passas,  
—Quando tantos no luxo, e nos deleites  
Se embebem com desár da propria fama—  
Do natalicio teu no anniversario  
Um publico tributo offerecêra.  
A patria agradecida—e por mãos d'ella  
Uma corôa civica te ornára.

'N esta idade, porém, em que só medram  
Mesquinhas propensões, servis lisonjas,  
Em qu'á materia só se queima incenso,  
Teu capitolio é tua consciencia,  
Teu galardão affagos d'amizade,  
Tua láurea—a que tece humilde vate,  
Qu'oxalá possa um dia em melhor canto  
Na grata lyra eternisar teu nome!

---



Ao meu prezado primo, cunhado, e amigo, o Desembargador André  
Corsino Pinto Chichorro da Gama—no dia 4 de Fevereiro,  
anniversario do seu feliz natalicio.

---

**SONETO.**

De Thémis vi festivo o templo augusto.  
Abrir-se hoje aos Deuses Soberanos,  
E acostumado a devassar arcanos,  
Da festa a causa penetrei sem custo.

D'um alumno da Deusa integro e justo,  
Ornamento moderno dos Bahianos,  
Lá collocado entr'outros dos humanos  
Diviso ufano o conhecido busto.

D'esse alcáçar excelso orgão primeiro,  
A magestosa Astréa emfim proclama  
Entre os applausos do Congresso inteiro

« Ame este dia, quem meus foros ama ;  
« Eterno o quarto sol de Fevereiro.  
« Em honra brilhe do distincto Gama ! »

---

Aos felizes annos da bella e innocente Filha do meu prezado amigo,  
o Illm. Snr. João Vaz de Carvalho.

---

Para o vate qu' é pae, o natalicio  
Do filho d'um amigo é incentivo,  
Que jamais deixa de accordar-lhe o estro.  
    Da patria no horisonte  
Eu vi raiar o teu, bella menina—  
    E logo aviso aos labios  
Mandou meu coração para cantá-lo.

E o que não póde o coração do vate,  
Quando sente, e s'inflamma, e se embriaga  
Co'a vista, ou co'a imagem do qu' é bello,  
Do qu' entender e amar só elle sabe?  
Em seus arroubos, árbitro dos hymnos,  
Qu'a mente lhe povóam, d'improviso  
Arroja-os pela bôcca escandecida,  
Ou da penna os despede afogueada,  
E vae com elles conquistar a fama.

Tu, innocencia, tu que um dos primeiros  
Encantos foste sempre dos poetas,  
Tu hoje... aqui... agora... es meu encanto.  
O concurso brilhante que te cerca,

Que te affaga e bemdiz, mais me afervóra  
     O peito, que, brioso,  
 Fugindo de sorver as influencias  
 D'estes gelados tempos, (\*) nutre ainda  
 Das sublimes paixões o santo fogo.  
 Belleza, graças, attractivos, prendas  
 Brillam nas donas, nas donzellas brillam  
 Do teu festim natal; em honra tua,  
 Léda innocencia, se aprimoram todás:  
 Tua distincta mãe, donosa, e affavel,  
 Teu virtuoso pae, bemquisto, e ameno,  
 Teus illustres parentes, teus amigos,  
 Todos, feliz menina, o anniversario  
 Gratos celebram de teus verdes annos.

    Ao vate que te préza,  
 Em quanto, mais altívolo, o teu dia  
 Outro não tome para erguê-lo aos astros,  
 Compete ver, si eternisá-lo alcança.  
 Este o meu nobre empenho; esta a moeda  
     Em que pagar só posse  
 A letra da amizade hoje vencida;  
 Moeda qu'ê de lei, qu'ê de oiro fino  
 Para todos aquelles, cujos olhos

(\*) Metaphora allusiva aos sorvêtes de gêlo que então abundavam n'esta a muitos respeitos ja friissima capital.

Não se deslumbram com o falso brilho  
Dos morredouros ouropéis do mundo.

De Julho o *vinte e sete*, alegre e puro,  
Traslado é lá do Ceu, como teu rosto  
Estampa é da candura de tu'alma.  
Si tu do Ceu seguires os dictames,  
Jucundo e venturoso ha de,este dia  
Sempre vir para nós, sempre exaltar-te.

Oh! cresce—e possa eu ver-te  
Robusta florear, planta mimosa!—  
E, cumpridas de todo as esperanças  
De teus sabios cultôres qu'esmerados  
Se desvitem por ti, d'harpa festiva  
Sons mandar pelo orbe, menos rudes,  
Qu'eternisem tambem tuas virtudes!

Ao meu respeitavel e prezado parente e amigo, o Excellentissimo Senhor  
Visconde da Pedra-branca—no dia 10 de Dezembro de 1952,  
anniversario do seu feliz natalicio.

---

A Liberdade um carcere me aponta,  
E diz-me: « applaude o meu fiel sectario »  
Um livro d'ouro mostra-me a Belleza,  
E depois um congresso de douts povos,  
E diz-me: « ao meu cantor, ao advogado  
« Dos meus direitos tece digna palma »  
O Saber e o Civismo uma assembléa  
De anciãos compatricios me recorda,  
E dizem-me: « um laurél para o projecto  
« Lidador immortal dos meus certames. »  
As Musas, todas juntas, me assi'nalam  
Paginas philosophicas, sublimes,  
De poetica luz resplandecentes,  
E, revendo-se 'n'ellas,  
Dizem-me: « uma corôa  
« Para o teu velho irmão, para o teu mestre. »

E quem é esse antigo  
Martyr da sacro-santa Liberdade,  
Para quem ella exige applauso e incensos?  
Quem é esse cantor, esse patrono

Singular da Belleza, em cuja fronte  
 Ella quer ver a palma dos meus hymnos?  
     Quem esse veterano  
 Das lides do Saber, do Patriotismo,  
     Para quem elles pedem  
 A singela grinalda do meu canto?  
 Quem esse benemerito das Musas,  
     E meu Mentor, que deve  
 Hoje a corôa ter dos meus louvores?

Teu Pae, divina Eliza! (\*) a flôr dos Borges;  
     Teu Pae, que tanto honrâra  
 A chrisma cortezã, trocando 'n ella  
     De—Borges—o appellido  
 Pelo que hoje tem de—*Pedra-branca*.

Foi elle, foi teu Pae, qu'em férreos tempos  
 'N uma masmôrra, sobranceiro, ao mundo  
 Deu documento de não ser escravo,  
 E saber corajoso pelos fóros  
 Da Liberdade arcar, e pela patria.

Foi elle, foi teu Pae, qu'a Lusitania  
     Viu na tribuna erguer-se  
 Para o teu sexo revestir dos nobres

(\*) A Exma. Sra. Viscondessa de Barral, sua muito digna filha.

Políticos direitos; sancto empenho  
 Do mais devoto paladim das bellas,  
 Que co'a lyra, (\*) ou co'a penna lhes tem dado  
 D'estremecido amor sobejas provas.

Foi elle, foi teu Pae, qu'ou na cadeira  
 Do brásilo Senado, recebida  
 Do suffragio espontáneo d'este povo,  
 Ou na de diplomatico Ministro  
 Da voluntaria escólha do Monarcha,  
     De patriota e sabio,  
 Ilustre conquistou titulo eterno.

É elle, é teu bom Pae, que, veneravel  
 Dos poetas irmãos, de mim, de muitos  
 Co'a palavra tem sido, e co'a escriptura  
 Norma e guia nos métricos lavôres.

E como—vate humilde—hei de eu agora  
 Hymnos tecer a meritos tão altos,  
 Um natalicio coroar tão grande?  
     As afinadas cordas  
 Da minh'harpa tentéio—e de nenhuma  
 Harmonisa sequer o som vibrado

(\*) Alludo ao seu volume de bellissimas poesias offerecidas ás Senhoras Brasileiras.

Co'a genial canção, que de Dezembro  
Reclama o Dia Dez. Adélia! (\*) Adélia!

A ti só cabe celebrar os annos  
Do Visconde sem-par: subí-lo aos astros,  
Onde pozeste de Angelina os olhos,  
Onde d'aurora apriomeraste os risos  
Para dá-la ao Brasil mais linda e bella.  
Vozes do Ceu o qu' é do Ceu decantem:

A minha um voto apenas  
Pode elevar a Deus pelo parente,  
Amigo, e preceptor no anniversario  
Do seu brilhante horóscopo ditoso.

Astro de poesia, e de virtudes,  
Nunca o recesso teu vejam meus olhos! —

Nem meio-eclipsada

Co'a tua ausencia a estrella,

Que de ti recebeu fulgor e vida,  
Haja de lamentar, quem a teu lado  
Hoje a vê tão gentil no ceu domes! —  
Vive, charo Visconde—e vida inteira  
Tenham na tua os filhos que te amam;  
Plena alegria amigos que te prézam!  
O que és como pae, digam os ternos

(\*) A Exma. Sra. D. Adelia de Castro Rebello Fonsêca, primeira poetiza do Brasil, que se achava presente.



Maviosos gemidos da saudade  
No poéma benefico (\*) dos *Tumulos*:  
Diga-o a tua Eliza,  
O teu anjo na terra—que ha de hoje,  
Como em taes dias, de supremo gôzo  
Encher-te com seus dons, co'as harmonias  
Tiradas do piano, que nos lembra  
A lyra, com qu'ê fama qu'aventára  
No inferno a compaixão Orphêu divino.

Tua gloria d'heróe da humanidade  
Pode melhor dizê-la o desvalido,  
O pobre—e ainda melhor dizê-la o escravo,  
Qu'acha em ti—não senhor—um rei mais justo,  
Mais piedoso e affavel, do que muitos,  
Que por nossa desgraça regem povos.

Astro de poesia e de virtudes,  
Nunca o recesso teu vejam meus olhos!  
O sol, que refulgente mais pompêa  
No teu dia natal, contigo em luzes  
Não compete—e a razão convence a todos—  
O sol, quando se ausenta, deixa em trevas

(\*) Pela offerta que do producto liquido da sua publicação fizera a beneficio das veneraveis Irmãs de Charidade o mesmo Sr. Visconde, seu digno auctor.

A terra—o homem virtuoso e sabio,  
Quando d'este escabéllo  
Dos pés de DEUS á sua origem torna,  
Co'as suas boas obras, co'o seu nome  
Deixa p'ra sempre esclarecido o mundo.

Assim deixa-lo—ás tu, Visconde exímio :  
Essa a tua missão—esse o teu fado.

---

A' Exma. Sra. Viscondessa de Barral—no dia 13 de Abril de 1853,  
anniversario do seu feliz natalicio.

---

O que vou dizer de bello,  
De precioso e singelo,  
    Não pareça—  
Lisonja, que fica mal  
A' Senhora de Barral  
    Viscondessa.

Ditoso o seu natalicio  
Quer o Ceu, sempre propicio,  
    Que floreja,  
Dando cadavéz mais lustre  
E gloria á terra da illustre  
    Viscondessa.

A natureza anciosa  
Mais léda espera, e viçosa  
    Qu'amanheça  
O dia sempre gentil  
Da, que honra ao seu Brasil,  
    Viscondessa.

Não ha, quem vendo este dia,  
Todo cheio de poesia,  
    Não se esqueça,  
D'um modo que não se exprime,  
Nos altos dons da sublime  
    Viscondessa.

No tempo que breve passa,  
Quer o sol risonho nasça,  
    Quer feneca,  
Tudo eloquente nos diz —  
Que faz annos a feliz  
    Viscondessa.

Na conjugal eleição,  
Feita por seu coração,  
    Reconheça  
O mundo, quanto é prorecta  
Em escolher a discreta  
    Viscondessa.

Do nobre, elegante Esposo  
Ao lado, em completo gôzo,  
    Resplandeça  
A instruida e prendada,  
Bella e de todos amada  
    Viscondessa.

Por mais que um pae desvelado  
Fino pincel amestrado  
Encareça,  
Não o traça, como pinta  
O seu *Pá-pá* (\*) a distincta  
Viscondessa.

Na vida mais dilatada  
A dita, a paz desejada  
Não falleça  
Um só dia á virtuosa,  
Do Ceu valida e mimosa,  
Viscondessa.

O que digo aqui d'Eliza,  
A quem mal sempre ajuiza,  
Não pareça—  
Qu'é pela sua riqueza,  
E titulo de franceza  
Viscondessa.

A dotes que não são d'alma,  
Queira DEUS qu'eu nunca palma  
Jamais teça!  
Si canto a Eliza, é por ver

(\*) Como sempre lhe chama.

Que não faz caso de ser  
Viscondessa.

Cesse, porém, o louvor;  
Recolhido o trovador,  
Emmudeça; —  
Que só póde voz divina  
Celebrar tão peregrina  
Viscondessa.

---

A' Exma. Sra. D. Anna Joaquina Vieira, muito digna esposa do meu particular amigo o Sr. Major Antonio de Souza Vieira, no dia de seus annos

---

**SONETO.**

No teu dia natal, qu'ao mundo exprime  
Quanto de bello a Natureza cria,  
O silencio, Senhora, em mim seria  
Deleixo, ingratição—talvez um crime.

Tu'alma patriotica e sublime  
Honra faz ao teu sexo, honra á Bahia;  
Ella exulta da patria na alegria;  
Chora quando um mau fado a patria opprime.

'N ess'alma nobre, varonil e pura,  
Acham sempre o consorte e a prole affectos,  
Encontra sempre o infeliz ternura.

Vive, digna Bahiana—e dos objectos  
Do teu amor cercada, ampla ventura  
Goza nos filhos, vê luzir nos netos!

---

Ao dito meu prezado Amigo, o Illm. Sr. Major Antonio de Souza  
Vieira—no dia dos seus annos.

---

Honrado, bemfazêjo, intelligente,  
Como poucos o são, Vieira illustre,  
Na patria, e fóra d'ella  
Sympathias geraes tens conquistado.

D'homem e cidadão modêlo sempre,  
No seio da familia, e dos amigos,  
Nô exercicio do cargo que preenches  
Polido e serviçal, todos te amam,  
E, hoje que nasceste,  
Ao Ceu mandam por ti férvidos votos.

Nas aras proferidos  
Da sancta grãtidão, os meus recebe—  
E possam elles, de verdade cheios,  
Bem—acceitos por DEUS, e pela fama,  
De palmas immortaes c'roar teus annos !

Em 29 de Março de 1854.

---



Ao meu especial e muito prezado amigo, o Illm. Sr. Dr. Vicente Ferreira de Magalhães—no dia 5 de Abril de 1854, anniversario do seu feliz natalicio.

---

Um dos dias mais gratos á minh'alma,  
 Que mais desejo encommendar á Fama,  
 É o teu dia, Magalhães preclaro:

De *Abril o cinco*, em pagina de oiro  
 Si inserido por mim, e respeitado  
 Do tempo eu visse nos annaes da historia,  
 Como contente desceria á campa,  
     Deixando bem-cumprida  
 Contigo a lei da gratidão sagrada!

Resgatados por ti das mãos da morte,  
     O sangue do meu sangue,  
 As minhas ternas afeições mais charas,  
 Em letras immortaes ali diriam :—  
 « Gloria ao Medico illustre, que benéfico  
 « Da amizade qu'ó chama, espanca as dôres,  
 « Sem outro galardão qu'ó vê-la salva ! »

Ali por minha voz diria o pobre :—  
 « Gloria ao Medico humano e generoso,

« Que, so por bem-fazer, acode prompto  
 « Ao triste enfêrmo desvalido, e tracta-o  
     « Caridoso, incessante,  
 « Até que da doença os louros colhe,  
 « Ou cede a Medicina á Lei do Eterno ! »

Ali nos meus accentos  
 A Sciencia diria:—« Gloria ao Alumno  
     « Consummado e provecto,  
 « Que na minha cultura assim se estrêma ! »

Ali, emfim, a Naturêza e a Patria,  
 Invocadas por mim, diriam :—« Glória  
 « Ao filho, ao cidadão, ao pae, ao espôso,  
 « Ao irmão, ao amigo, que constante  
 « Nossos fóros mantêm, amplia, e ensina,  
 « E com suas acções, com seus exemplos  
 « Tanto serve ao seu DEUS, á sociedade ! »

E— « gloria ao sabio, ao nobre,  
 « Ao virtuoso Magalhães ! »—iria  
 Sempre a Memoria repetindo aos évos.

Um dos mais fervorosos  
 Anhélos de minh'alma é esse, Amigo :

Aqui hoje o consagro : o Ceu o escute,  
E outorgando-te o premio que mereces,  
Do almejado successò  
Corôe a musa que te canta, e faça  
Eterno, ao menos no Brasil, teu nome !

---

Ao meu prezado companheiro e Amigo, o Ilm. Sr. Tenente Coronel Antonio José de Lima, muito digno Thesoureiro d'Alfandega, no dia 13 de Junho de 1854, anniversario de seu feliz natalicio.

---

**SONETO.**

Character mais sisudo, alma mais pura  
Ninguem tem do que tu, prezado Lima ;  
De muitos com razão ganhas a estima;  
Injusto é sempre quem de ti murmura.

A'quelle que favores teus procura,  
Teu modo urbano é gasalhoso anima:  
De amigo, esposo, e pae mais te sublima  
O grau distincto que te deu Natura.

Este de gratidão e d'amisade  
Tributo a minha musa hoje t'envia,  
Nos accentos da candida verdade.

Honra sempre, meu Lima, honra a Bahia—  
E praza ao Ceu que suba á Eternidade,  
Celebrado por mim, teu fausto dia !

---

A' Exma. Filha do meu particular e prezado amigo, o Illm. Sr. João Vaz de Carvalho, no dia 27 de Julho de 1854, anniversario do seu feliz natalicio.

---

**SONETO.**

Chagado o coração, confusa a menté,  
E o corpo declinando á sepultura,  
O qu'è hoje alegria, o qu'è ventura—  
Não sabe o váte ja dizer, nem sente.

A luz, que lhe nutríra o estro, ardente  
'N alma apagou-lhe a sorte, a formosura :  
Na fraca rouca voz hoje murmura  
Hymnos á patria, á gratidão somente.

Os que te devo por teus paes sinceros,  
Recebe em teu natal, virgem mimosa,  
Em quem ja brilham da virtude esméros !

Queres viver feliz? Sé virtuosa; —  
Qu'assim, zombando de destinos ferros,  
Eterna palma cingirás ditosa.

---

Ao meu prezado amigo, o Illm. Sr. Dr. Francisco Antonio de Araujo, no dia  
6 de Novembro de 1854, anniversario do seu feliz natalicio.

---

Triumpho! D'esta vêz armada a sorte  
Da pallida doença  
Recouo ante mim, ante este dia.  
Soffri; mäs vigorou-me o Ceu as forças,  
A mente me aqueceu, quando ja proxima  
Sorria de Novembro a sexta aurora.

Triumpho! Posso émfim o meu tributo  
Hoje pagar ao inclyto Araujo,  
Unindo a minha musa á d'harmonia,  
Qu'applaude grata seus festivos annos.

Na sciencia qu'exerce um'aguia, um genio  
Na arte musical, um ornamento  
Da patria no character, nas virtudes,  
Nos brios, no amor da liberdade,  
É o varão que canto  
Na lyrã eterna pela vêz primeira.

Consummado philósopho—despreza  
Essas terrénas, morredouras glorias,  
Cuja sêde e ambição csgana a tantos.

Homem raro—os perigos conhecendo  
 Da corrupta, nutante sociedade,  
 Fêz do seio domestico o seu mundo,  
 Da Musa predilecta o seu recreio.

Novo astro—a fulgir em ceu mais amplo  
 Preferiu scintillar, de poucos visto,  
 Em ceu mais bonançoso, em ceu mais puro—  
 D'onde luzes derrama, qu'esclarecem  
 Os seus, que vivificam os amigos,  
 Qu'alentam a pobreza, a humanidade.

Oh que um homem modelo é este homem!—  
 Modelo como filho, como espôso,  
 Como pae, como amigo, e patriota,  
     Que no que pode sempre  
 À causa popular modesto serve,  
 Sem nada pretender jamais do povo!

Em seu festim natal receba o grande  
 Insuperconsulto, o Musico sublime,  
 O bahiano Mecenas dos artistas,  
 O hymno que lhe rende agradecido  
     O conterrâneo vate —  
 Pae de artista novel que no progresso  
 Que demanda alem-mar, para guiá-lo,  
 Proveitoso Mentor tem 'n elle achado—

E, cumprido o meu voto, o de meu filho,  
O voto de nós todos, chovam bênçãos  
Do Ceu, que de Araujo os annos façam  
Cadavéz mais tranquilllos e felizes,  
Diuturnos volvendo, porque possa,  
Co'a pratica mais longa das virtudes,  
Melhor su'alma reluzir no Empyreo,  
Melhor na terra fulgurar seu nome.

---



Ao meu especial e prezado amigo, o Illm. Sr. Joaquim Pereira Pestana,  
honrado negociante portuguez 'n esta Praça—no dia 20 de Novembro  
de 1853, anniversario do seu feliz natalicio.

---

Salve, filho da Figueira,  
Lusa Villa abençoada,  
Por esse rio banhada,  
Que d'Ignez recorda o amor!  
No teu dia natalicio  
Acceita, Portuguez nobre,  
O canto da lyra pobre  
Do bahiano trovador!

É um tributo devido  
Ao teu character honrado;  
Pela candura votado  
De tu'alma á candidéz;  
Acceita-o, qu'o bem-mereces;  
Nem eu te déra o meu hymno,  
Si d'elle não fôras di'no,  
Circumspecto Portuguez.

No sacerdocio sublime  
Da familia, d'amizade,  
No tracto da sociedade,

Na vida commercial,  
 Teus distinctos predicados  
 Ca na plaga brasileira  
 Dão gloria á tua Figueira,  
 Honram o teu Portugal.

Ca e la o destalido,  
 O triste enfermo indigente,  
 Um genio beneficente  
 Tem em ti p'ra os soccorrer:  
 E assim foi que tua Mãe  
 Tua grande charidade  
 Da cadeira da verdade  
 Um dia ouviu bemdizer. (\*)

Filho de maior ternura,  
 De maior obediencia,  
 Do que tu foste (e'n ausencia!)  
 Aqui não se viu jamais:  
 Do que traziam as vèlas  
 Qu'augmentavam o teu oiro, (\*\*)  
 Eram teu melhor thesoiro  
 Boas novas de teus Paes.

(\*) Em um sermão pregado na Igreja da Casa da Misericordia da Figueira, de cujo hospital tinha sido aqui o Sr. Pestana um dos mais dedicados e fervorosos protectores.

(\*\*) A barca *Figueirense*, e o brigue *Mondégo*, navios de sua propriedade.

Da minha terra nas luctas  
Mais vivas do pensamento  
Teu neutral procedimento  
Geral estima te dá:  
E, justo, contigo approvas  
Que não queiramos aqui  
Aquillo que para si  
Não querem Lusos por la.

Salve, filho da Figueira,  
Lusa Villa abençoada,  
Por esse rio banhada,  
Que d'*Ignéz* recorda o amor!  
No teu dia natalicio  
Acceita, Portuguez nobre,  
O canto da lyra pobre  
Do bahiano trovador.

Corram plácidos teus dias,  
Como corre o teu Mondégo,  
Em domestico socego,  
E independéncia feliz!  
E a ti e teus descendentes  
Dê o Ceu quanto desejam  
Amigos que te festejam,  
A musa que te bemdiz!

---

A' esperançosa Primogenita do mesmo meu amigo, o Sr. Joaquim  
Pereira Pestana, no dia 15 de Outubro de 1854,  
anniversario do seu feliz nascimento.

---

## I.

Foi um dia—uma menina,  
Linda como uma bonina  
De primavera louçã,  
Nasceu de Mãe virtuosa,  
Como o botão de uma rosa  
Que abre pela manhã.

Um sol de Outubro formoso  
Allumiou seu ditoso  
Nascimento festejado:  
Na tenra face divina  
Era do Ceu menina,  
Um resumido traslado.

No seu primeiro sorriso  
Deu logo DEUS grato aviso  
Do qu'ella viria a ser;  
Da candura de su'alma,  
E virtude, cuja palma  
Anjos lhe haviam tecer,

Nunca foi mais bem-pensada,  
Mais querida, mais beijada,  
Uma filha por seus paes;  
Nem mais se rigosijaram  
Aquelles de quem brotaram  
Doces fructos conjugaes.

Quer o Pae e a Mãe que tome  
Da Santa do dia o nome  
A creancinha gentil—  
E com elle baptisada  
Vê-se logo a bem-fadada  
Nova estrélla do Brasil.

## II.

Ja por aqui se adivinha,  
*Therezinha,*  
Qu'o dia de hoje é teu;  
Que tu es essa menina,  
*Que—divina—*  
Deu assumpto ao conto meu.

O lisongeiro porvir,  
Qu'em teu rir

D'infancia tu prometias,  
Ja se vae realisando,  
E chamando  
Sobre ti mil sympathias.

No teu viçoso crescer  
O prazer  
Dos teus progredindo vae:  
Encher tu'alma afiança  
A esperança  
De tua Mãe, de teu Pae.

Do muito qu'em ti se esmeram  
Breve esperam  
Elles ter o galardão—  
Na vida illustre e ditosa  
Da mimosa  
Filha do seu coração.

E a nova estrêlla gentil  
Do Brasil,  
Cheia de brilho immortal,  
Dará da terra da Cruz  
Tambem luz  
À Figueira, a Portugal.

## III.

Cresce, crêsce, *Therezinha*;  
Torne-se a bella florinha  
Plena flôr—  
E pague, formosa e pura,  
Tão desvelada cultura,  
Tanto amor.

Faze que volva este dia  
Sempre farto de alegria  
Para nós,  
Honrando os que te hão creado,  
Como tem elles honrado  
Teus avós.

La em Lysia uma oração  
Por ti hoje teu irmão  
Manda aos Ceus :  
Ao d'elle o meu voto unido  
'N este canto agradecido  
Sobe a DEUS.

Por todos recommendada  
Ao SENHOR—e abençoada  
Por teus Paes—

Isenta d'agras tristuras,  
Has de gozar mil venturas  
Perennaes.

Folga, folga, *Therezinha*,  
Co'o porvir que te adivinha  
—Tão gentil—  
O vate que nova estrélla  
Vê em tã lúcida e bella,  
Do Brasil.

## IV.

Flór, ou estrélla,  
Virgem bahiana,  
Mostra qu'es prole  
Do meu Pestana.

Da Mãe aprende,  
Dócil menina,  
Lições que ella  
Meiga te ensina.

Flór sempre pura,  
Com teus espinhos  
Do mundo arréda  
Falsos carinhos.



Estrélla casta,  
D'astros traidores  
Não te namorem  
Nunca os fulgores.

Flôr, ou estrélla,  
Virgem bahiana,  
Mostra qu'es prole  
Do meu Pestana.

---

Ao dito meu prezado amigo, o Illm. Sr. Joaquim Pereira Pestana, no dia 20  
de Novembro de 1854, anniversario do seu feliz nascimento.

---

Filho da sympathia, a véz primeira,  
'N este bello festim soou meu canto :  
Filho da gratidão mais amplo agora  
'N este bello festim meu canto sôa.

O Vinte de Novembro, o natalicio  
De um dos melhores naturaes da terra  
Do Gama e do Camões vai ser de novo  
O digno assumpto de meus pobres carmes.

Si eu fosse o que já fui; si extincto quasi,  
A força de gemer continuamente,  
Não sentisse em meu peito o enthusiasmo;

E—ainda mais—si a musa  
Tivesse de algum d'esses, cujas obras,  
Estampadas em livros preciosos,  
Deu-me para imitar (baldado empenho)  
O generoso amigo, a quem saudâmos;  
Por meus hymnos tecida, eterna palma  
Havia hoje coroar-lhe a fronte,

E fazê-la invejada  
Luzir em Portugal, luzir no mundo.

Cantando um portuguez, que sabe as crenças,  
 Quaesquer que sejam, respeitar do povo,  
 Em cujo seio vive; que nos passos  
 D'elle so intervem para ajudá-lo,  
 Quando das leis na órbita se move;  
 Qu'os direitos lhe acata reverente;  
 Qu'o ama; que deseja a sua gloria;  
 Qu'á voz do sangue e da razão compraz-se  
 De vê-lo livre florescer, quam livre  
 Estima que florêsça a terra sua;  
 Cantando um portuguez, cujo caracter,  
 Acrysolado ja, não ha de nunca  
         Dar azo a que me cusпам  
 O labéu da lisonja á face altiva;  
 Feliz me julgaria, si podesse,  
 Por mim, por minha patria, agradecido  
 Em lyra eterna sublimar seu nome.

Más nem o estro que tive,  
 Nem a musa qu'outros tem,  
 Hoje em meu auxilio vem  
 Altear-me esta canção:  
 Não sou Garret, nem Bocage,  
 Nem Alexandre Herculano, (\*)  
 Nem o vate americano,

(\*) Insignes auctores das obras, que, como acima refiro, offertou-me meu generoso amigo, rica e primorosamente encadernadas.

Estrélla do Maranhão: (\*)  
E, pois, ficará meu canto  
Aquém da minha vontade,  
Aquém da minha amizade  
E da minha gratidão.

Não importa: do sol que la se ausenta,  
Prazer bebi nos raios e coragem;  
A brisa d'este dia recordou-me  
Sempre um pouco das Musas a linguagem.

Alçarei minha voz singela e clara  
Ante as aras festivas d'Amizade,  
Si não harmoniosa, ao menos forte  
Nos accentos da candida verdade.

Basta qu'ô meu Pestana reconheça  
Da minh'alma o desejo ardente e puro,  
E que seja o meu hymno avaliado  
Como de gratidão penhor seguro.

Gratidão! quem mais jus aos teus incensos  
Tem para mim, qu'ô homem que no peito

(\*) O meu illustre amigo, o Sr. Dr. Antonio Gonçalves Dias, natural da provincia do Maranhão, ja immortalizado pela bellêza e originalidade de seus cantos, em tres volumes dados á luz.

Improviso accendeu-me  
Teu sacro-santo fogo em que me abraso?...

Elle o futuro de meu charo filho,  
Que se me antolhia próspero e brilhante,  
Prometteu espontâneo e bem-fazêjo

Ajudar, mal que vira  
Seu genio esperançoso para as artes,  
E soube que das artes a carreira  
Iria completar na culta Europá:—  
Promessa qu'em seus labios corresponde

A letra bem-firmada  
Que no seu vencimento é paga á risca.  
A elle pois, si pela Mão do ETERNO  
Os meus intentos consummados fôrem,  
Ha de um dia caber em parte a gloria  
D'um artista, d'um pae, d'uma familia,  
E—si o presinto bem—talvêz d'um pôvo.

Elle... más não—silencio!—em suas faces  
O rubôr da modestia ja me ordena  
Que cale—a meu pezar—o mais que tinha,  
Para aqui publicar, impresso 'n alma.  
Julgae-o vós, que conheceis-lhe o animo  
Propenso a franquear o bem qu'opera;  
Vós, que sabeis que... tive  
Prompta sempre em abrir seu cofre honesto

É do amigo a precisão, julgae-o;  
E dizei si é possível 'n estes tempos  
D'egoismo e ambição achar um homem,  
Que para os seus eguaes mais homem seja.

Oh bem-aventurada  
Em produzir tal filho  
A terra, cujas margens borda o rio  
Qu'os suspiros ouviu d'Ignêz formosa!  
Ditoso o Par, de quem nasceu tal fructo!  
Ditosa a Espôsa que possui tal Conjuge!  
Feliz a Prole qu'a tal Pae venera!  
Felizes nós que tal Amigo temos!

Levae a Portugal, auras da tarde,  
Os echos do meu canto! Estes louvores,  
Estes brindes ferventes la resôem  
Do pae, do filho nos saudosos lares,  
E a fama suavise a dôr d'ausencia!

Pago está meu tributo. Agora um voto,  
Leaes amigos, pelo dia de hoje,  
E pelos donos d'este tecto honrado,  
Que tão afavel nos acolhe a todos,  
E a cujo liminar jamais existe,  
Jamais, de balde, o desvalido chega.

Vólva sempre feliz de Novembro  
O vigesimo dia gentil !  
Honre sempre o seu sol a Figueira,  
Resplendendo no ceu do Brasil !

Longos annos, bem longos depare  
Sempre em paz e ventura o SENHOR  
A quem é dos amigos escudo,  
Da pobreza ao melhor bemfeitor !

Sempre avulte e prospere um commercio  
Exercido com tanta honradéz !  
Como irmão amem sempre os nascidos  
No Brasil a tão bom portuguez !

Sua estirpe, imitando-lhe a vida,  
Que tão bellos exemplos encerra,  
Cólha flôres no Ceu, das virtudes  
Cultivadas por elle na terra !

Vólva sempre feliz de Novembro  
O vigesimo dia gentil !  
Honre sempre o seu sol a Figueira,  
Resplendendo no ceu do Brasil !

Este o meu voto: para gloria minha  
Basta, acceito por DEUS, vê-lo cumprido,

E que dos livros que vou dar ao mundo, (\*)

Sob a epigraphe sancta

—*Honra á virtude: gratidão ao amigo*—

Uma pagina máis diga—Pestana.



(\*) Este e os outros das minhas troyas, ja então annunciados.



A' Exma. Sra. D. Antonia Thereza de Sã Pitã, muito digna filha do Exm. Sr. Visconde de Passé, no dia 16 de Janeiro do corrente anno, anniversario do seu feliz natalicio—para ser offerecido pelo meu amigo, o Illm. Sr. Jeronymo Sodré Pereira.

---

Bella virgem! no teu dia  
Perdôa á minha ousadia  
Dedicar-te esta canção :  
É offerenda acanhada  
D'um'alma a teu Pae ligada  
Por laços da gratidão.

Não tem do canto a belleza ;  
Más na sua singeleza,  
Como teu peito, ella é:  
Honre-a o teu animo nobre,  
Como teu Pae honra ao pobre,  
Bella virgem de Passé !

Hoje nasceste, donzella,  
Hoje nasceste d'aquella  
Que foi de mães exemplar :  
Feliz tu, que tens sabido  
D'esse thesouro perdido  
As virtudes imitar !

EXERCÍCIOS POÉTICOS.

Feliz tu, que da grandeza  
Do teu nome, e da riqueza  
Não fazes so cabedal;  
Qu' enfeitas a tua palma  
Do oiro extrahido d'alma,  
Da fidalguia moral !

Esses os dons que da sorte  
Das edades, e da morte  
Ganham perenne trophéu;  
Essa a fonte da ventura  
De tua Mãe que fulgura  
Coroadá la no Ceu.

Vê como a todos attráe  
De teu Irmão, de teu Pae  
A bizzarria gentil;  
Como tua Avó—querida—  
É no occaso da vida,  
Uma estrélla do Brasil.

Vê como vives louçã,  
Cumprindo de filha e irmã  
A sagrada obrigação;  
Como aqui todos te amam,  
E no teu dia te acclamam  
O anjo d'esta mansão,

Si a fragrancia lhe fallece,  
Quando a flôr langue, emmurchece,  
Perde todo o seu valor;  
Mås quando aromas exhala,  
Sempre os sentidos regala,  
É sempre estimada a flôr.

Sê tu, virgem, como a rosa,  
Qu'encanta, ou sêcca, ou viciosa,  
A gente polida e rude;  
Quando te murche a beldade,  
Deixa afeições e saudade  
Nos perfumes da virtude.

Quem possui o Pae que tens,  
Nãõ precisa de outros bens  
Para eterna florescer :  
Basta ser religiosa,  
Compassiva, e virtuosa  
Espõsa e mãe basta ser.

Bella virgem ! no teu dia  
Perdõa á minha ousadia  
Dedicar-te esta canção :  
É offerenda acanhada .  
D'um alma a teu Pae ligada  
Por laços da gratidãõ.

Devido á tua nobreza ,  
Devido á tua riqueza—  
Não, este culto não é :  
Só almas puras e boas  
Recebem estas corôas,  
Bella virgem de Passé.

---

Ao nascimento e baptismo do Ilustre Primogenito dos Exms. Srs.  
Visconde e Viscondessa de Barraal, recitado e offerecido a seus  
Paes e Avô, o Exm. Sr. Visconde da Pedra-branca.

## I.

Ao menino, nas aguas renascido  
Do Jordão sacro-sancto, o meu tributo  
De parente e de amigo aqui deponho :  
É pequeno, mäs nobre, mäs solemne  
Como o altar qu'ha pouco esteve em festa,  
Recebendo o neóphyto do Christo.  
Não é o filho e-neto de Viscondes  
Qu'eu venho hoje cantar; é o renôvo  
De parentes que prézo, e que se mostram  
Contentes de o ser meus, e que me afagam,  
O innocente objecto do meu canto.

## II.

A prole é o engaste que segura  
A união conjugal, o *consummatum*  
Do consorcio, o anheio mais vehemente  
Do verdadeiro amor—que apenas quando  
Productivo florêja, esteio e base

É da Religião, da sociedade.  
 A prole os limitados horizontes  
 Do futuro dilata, a nós sorrindo,  
 E 'n elles faz luzir perenne gloria.

A prole o correctivo  
 É muita vez de vícios e de crimes :  
 O epithema mais dôce,  
 O melhor sedativo da noss'alma,  
 Quando desmaia ou pena, são seus risos,  
 E graças e carinhos innocentes,  
 As esperanças que nos dá, crescendo,  
 E medrando em talento, e brio e luzes.

Diante do evangelho,  
 Diante da moral, da humanidade,  
 A prole é bem supremo, a prole é tudo.

Só completa a missão de anjo na terra  
 A mulher, quando é mãe, e sabe sê-lo :  
 Só preenche no mundo o grau de homem  
 O que chega a ser pae, e desempenha  
 Esse encargo—que so acha pesado  
 Mulher que de mulher desmente às formas,  
 Homem que d'homem ao character erra.

Perguntae a esses mesmos egoistas,  
 A esses refractarios que repugnam  
 Pagar aos filhos quanto aos paes devêram,

Perguntae—quantos d'elles, no primeiro  
 Abrir d'olhos e labios d'um filhinho,  
 Não sentem outro o coração bater-lhes  
 Co'as ternas commoções d'estranho gôzo?

É que ha uma corda mysteriosa  
 Em nossos corações, qu'apenas sôa  
 Ao primeiro vagido da innocencia  
 Procreada por nós—e triste aquelle,  
 Em quem, ao menos uma vêz, não vibra

Essa corda, e desperta

Delicia que lhe abranja o todo d'alma;  
 Que na sua velhice a mão paterna  
 Não alça para abençoar um filho  
 Que lhe serve de amparo, ou dá-lhe nome;  
 Qu'esteril desce ás regiões da morte,

Sem deixar uma vida

Qu'a sua represente e perpetúe!

### III.

Essa corda sublime,  
 Inerte e muda esteve por tres lustros  
 Nos corações do Par que festejamos.

Lamentava commigo

Que de tal dona e cavalheiro—ambos  
 Tão cheios d'excellencias e virtudes—

A lumè não viesse, para gloria  
Da França e do Brasil, um filho ao menos !

Vi-o meu *Pedra-branca*

Proximo quasi a unir-se

La na patria celeste á esposa amada,

Um unico transumpto

Deixando ao mundo dos primores d'ella.

Que dôr para o christão, para o poeta—

De não sobreviver em ampla estirpe,

Qu'a saudosa lembrança

Lhe propague na terra longamente,

E diuturna ao Cèu por elle rogue !

O anjo dos sepulchros,

Qu'alguns dias pairou sobre estes lares,

Despejou-os em fim á voz do ETERNO.

Às supplicas da filha esmorecida,

Que devia ser mãe e dar um neto

Ao seu charo *pa-pá*, compadecido,

Adiando o SENHOR o cumprimento

Da sentença fatal, quiz qu'a saúde

Volvesse a reerguer o velho sabio

Para ver e beijar o novo herdeiro

Dos dotes de Luiza (\*), e deixar 'n elle

Á desvelada filha, a quem chamava

(\*) A virtuosa esposa do Visconde poeta.



Na doença o seu anjo, o mesmo apoio  
 Da vida para o occaso, o mesmo anjo,  
 Que terno lhe velasse o leito enfermo,  
 E, compartindo-as, lhe ameigasse as dôres.

## IV.

A vontade de Deus, ei-la cumprida;  
 Ei-lo ja salvo o pae, ja mãe a filha;  
 No liquôr do baptismo o nascimento  
 Do bem-vindo menino ei-lo completo.

Parabens! Parabens! 'N esta palavra,  
 Que dirijo ao avô e paes ditosos,  
 E sobre tudo á Viscondêssa exímia,  
 Que tanto de ser mãe o bem anciava,  
 E hoje como nunca exulta e sente  
 Na posse d'esse bem; 'n esta palavra

Resumido, do peito,

Quanto vae 'n elle, pelos labios salta.  
 Nem eu—humilde trovador—ousára  
 Descrever o que só pensá-lo pode  
 E senti-lo, quem dita igual ja teve,  
 Quem ja exp'rimentou delicias tantas.

Parabens! Parabens! Esta palavra,  
 Que d'aqui respeitoso envio ao Sena,

Aos illustres avós que la suspiram  
Pelo seu *Barralzinho*, o seu mimoso,  
Não-esperado ja; esta palavra  
    Comprehende o futuro  
Da creança feliz, qu'ora prevêjo.  
    Decifrae-o—e transborde  
O regózijo do festim brilhante.

Tu, Visconde, que 'n elle es patriarcha;  
Tu que de *chanfre* me emprestaste o nome  
Para te dar prognósticos de vate;  
Tu poeta e philósopho provector,  
O vaticinio meu confirma agora;  
Nas azas do teu genio ao Ceu remonta,  
E de la descendendo illuminado,  
Vem dizer-nos melhor o qu'è tua filha,  
O qu'è teu genro, o que será teu neto.

---

Ao meu illustre e prezado primo e amigo, o Dr. Agrario de Souza  
Menezes, no dia dos seus annos.

---

Poeta ! a ja velha lyra  
Teu natalicio afinou;  
De novo, por ti, se inspira  
A musa que t'inspirou.  
Si não nas minhas lições, (\*)  
Bebeste em minhas canções  
O gosto da poesia;  
Essa inflexível vontade,  
Que te vota á Liberdade,  
Que te oppõe á tyrannia.

Eu me honro, troyador,  
De vêr ca na minha grêi  
Tão cheio de pundoñôr  
O menino qu'eu cantei; (\*\*)  
De vêr um parente meu  
Tão liberal como eu,  
Mais poeta do qu'eu sou—  
Genio, do Ceu favorito,

(\*) Das quaes nunca precisou—por seu extraordinario talento e gôsto instinctivo para a poesia dêsde os primeiros annos.

(\*\*) No seu baptisado em 1834.—Veja-se a nota no fim.

A teus Paes (\*) eu felicito,  
Os parabens eu te dou!

Nossa patria—que tão brava,  
Tão orgulhosa eu ja vi—  
Nossa patria—agora ignava—  
Carece muito de ti.  
De *Mathilde* (\*\*) o nobre auctor  
Reanimar-lhe o valor  
Pode, erguendo-se por nós:  
Dos livres nas estacadas  
Vingue elle as deshonradas  
Cinzas de nossos Avós.

Vê como por ti ainda,  
Bahiano môço brioso,  
Suspira saudosa Olinda,  
Geme o Recife saudoso!  
Ali bençãos não terias,  
Nem saudades deixarias,  
Si fosses o qu'outros são;  
Só rendem esses affectos.

(\*) O meu prezado primo, compadre, e particular amigo, o Sr. Manuel Ignacio de Souza Menezes, e sua digna esposa, minha respeitavel comadre, a Exma. Sra. D. Anna Rosa Vicentina de Menezes.

(\*\*) O seu primeiro drama d'este nome, que por ali corre impresso, e nos promette no seu auctor um grande poeta dramatico, si elle continuar, como deve, em composições d'este genero.

A quem os merecê, os netos  
Altivos de *Camarão*.

Entre aquelle povo oppresso  
Traços deixaste de luz,  
Tu, poeta do progresso,  
Da liberdade—da CRUZ.  
Fiel á nossa bandeira,  
Prosegue em tua carreira,  
Vem este povo illustrar :  
Si Pernambuco te ama,  
A terra que—seu—te chama,  
Mais razão tem de te amar.

Que regozijo não sente  
Meu coração ao te ver  
Sobranceiro, indifferente  
Aos favores do Poder !  
Eia—a vante! Não desmintas  
O estoicismo que nos pintas  
Nos cantos formosos teus;  
Essa virtude divina,  
Que somente a fronte inclina  
A' Magestade de Deus.

O que valem pergaminhos  
—De nobreza ou de sciencia—

'N esses animos mesquinhos,  
Curvados á dependencia ?  
No teu, sim, eu tenho fé,  
Que, como outros, não é  
D'escravidão carta vil;  
No teu, sim, qu' é d'um athléta  
Da Liberdade, e poeta  
Dos primeiros do Brasil.

Eu me glório, cantor,  
De vêr teu dia luzir;  
Dia qu' eterno fulgôr  
Ha de na patria espargir;  
De vêr um parente meu  
Tão liberal como eu,  
Mais poeta do qu' eu sou—  
Genio, do Ceu favorito.  
A teus Paes eu felicito,  
Os parabens eu te dou !

25 de Fevereiro de 1855.

---

**EPITHALAMICOS.**





A' digna Consorte do meu illustre amigo, o Sr. Francisco de Paula Britto, natural do Rio de Janeiro, dias antes dos seus desposorios com este —

## ODE,

DEDICADA E OFFERECIDA A AMBOS.

---

Adornado o altar  
 Já vejo, qu'ha de, ó nympha, receber-te  
 Com o meigo Britto honrado;  
 Sequioso de ti, de teus encantos,  
 Qual de conquistas tímido guerreiroq:

Graciosos Cupidinhos  
 As c'roas ali tecem, qu'hão de ornar-vos  
 As exaltadas fronte;  
 E, amigas do Esposo, as brandas Musas, (\*)  
 D'elle e dignas, de ti, canções preparam.

De balde a tyrannia \*  
 Trocar em ferreo jugo tem querido (\*\*)

(\*) Por quem fôra embalado, e de quem ha sido um zeloso e habil cultivador.

(\*\*) Alludo á perseguição que soffreu o meu brioso amigo, por sua dedicação á Liberdade, em 1832.

Os laços que vos prendem;  
 Ao jugo só de amor Britto obedece;  
 Grilhões, que não são teus, prompto espedaça.

Os suspiros d'ausencia,  
 Os prantos da saudade em vossos peitos  
 Tem ateado a chamma;  
 Qu'os sustos e pezares mais arreigam  
 No nobre coração de amor a planta.

Com que jubilo um dia  
 Após soffridos males no regaço  
 Folgareis d'Hymenêu !  
 Não sabe o que é prazer, quem não padece :  
 Na taça d'afflicção refina o gôsto.

Sobre as azas do tempo  
 Lédo ja vem o dia suspirado  
 Da conjugal ventura :  
 No campo do futuro ja diviso  
 Flôres de flôres rebentar mimosas.

Que mais, ó nympha, queres?  
 Britto jura ser teu: seu juramento—  
 É livre—não quebranta :  
 Digna de Britto em graças e virtudes  
 Tu es—e ambos vivireis ditosos.

Salve, ó noiva gentil!  
Honrada Fluminense, salve! Acolhe  
Com animo benigno  
Tributos de respeito que te rende  
Ingênuo vate, do Esposo amigo.

---

Ao feliz desposorio do Illm. Sr. Dr. Luis Antonio Barbosa de Almeida ,  
com a Exma. Sra. D. Constança Alves Branco, em 1848.

Ainda retremiam  
C'os desferidos sons as aureas cordas,  
De que vibrar costuma  
Soberba minha Musa os epinicios  
Da Patria em honra no seu dia eterno, (\*)  
Quando grata missiva, (\*\*)  
Para mim confirmando a voz da Fama,  
A novo assumpto me convida o canto.

« Depõe esse alaúde; a lyra toma,  
« Qu'eu mesma te afinei (diz-me, pousando  
Ao lado, a sancta Deusa d'Amizade)—  
« Praz-me 'n ella te ouvir alçar os nomes  
« De Barbosa e Constança, cujas vidas  
« 'N uma só refundiu de Amor a frágoa,  
« Qu'as téas d'Hymenêu purificaram;  
« Constança, filha de varão preclaro, (\*\*\*)  
« Luzeiro das sciências, e das Musas,

(\*) O immortal DOUS DE JULHO.

(\*\*) A carta que me fez o favor de dirigir o Sr. Dr. Luis Antonio, comunicando-me o seu casamento.

(\*\*\*) O Exm. Sr. Senador Manuel Alves Branco, hoje Visconde de Carayellas.

« Da Diva, que cantou, (\*) guarda zeloso ;  
 « Barbosa, um dos modernos ornamentos  
 « Da Brásila tribuna; esclarecido  
 « E brioso mancebo, a quem te ligam  
 « Minhas leis, e os accordes sentimentos  
 « A prol da Liberdade, a bem da Patria.  
 « Entôa as ditas, que fruir veremos  
 « Esse mimoso Par, qu'embevecido,  
 « Termo em fim pôz ás ancias namoradas,  
 « E recebeu de Prónuba as corôas.  
 « Com fatídica dêxtra o véu levanta,  
 « Que lh'encobre o futuro, e patentêa-lhe  
 « O quadro d'esperanças bem-cumpridas,  
 « De cheios gôzos, de perennes glorias.  
 « A palma, que teus hymnos lhe tecerem,  
 « Tua tambem será. » Fallou—e, quando  
 Responder-lhe traçava, nuvem d'oiro  
 Só vi, que do Emyreio ia em demanda.

Eu te obedêço, ó Deusa sacro-sancta,  
 Primeira do meu culto ! eu te obedêço.  
 Por ti vivi em tempos de penuria, (\*\*)  
 E zombei do tyranno, — altivo e nobre—.  
 Cançados rogos, cortezãs repulsas

(\*) Na sua magnifica Ode á Liberdade, feita em Coimbra.

(\*\*) Os da minha dêmissão—por doença!—do emprego d'alfandega, ao qual fui restituido pela amizade e justiça, como adiante declaro, sendo Ministro da Fazenda o mesmo Sr. Visconde de Caravellas.

Tu me poupaste, e voluntaria e grande,  
 La d'onde me expellira a mão do injusto,  
 Nova me déste triumphante entrada.  
 Aqui me tens: a lyra qu'afinaste,  
 Divinal Amizade, eu vou tocá-la:  
 Teu sectario fiel, co'o mago plectro,  
                   A Barbosa e Constança  
 O portico abrirei da Eternidade. •

La os diviso nos honestos lares  
 Do Estadista feliz, trajando alegres  
 As galas do noivado—Em tórno d'elles  
 Apinha-se a festiva companhia;—  
 Gyram os votos, cruzam-se os proflaças;  
 Chuva de flores nupciaes alaga  
 Da sala o pavimento, e o ar perfuma.  
 Dos recolhidos olhos da Donzella  
                   Uma lagrima entorna,  
 Proxima a despedir-se, a virgindade....  
 A virtuosa Mãe, enternecida,  
                   Estreitando-a comsigo,  
 Responde a essa lagrima com outras,  
                   Que fallam do passado,  
 Do presente e porvir—o qu'ellas dizem,  
                   Ainda lingua d'homem  
 Bem não soube explicar—Reina o modesto  
 Festim da grata bôda... Eu sinto, eu sinto

A elle transportar-me.... Eis-me diante  
 Dos illústres queridos esposados.  
 Parabens, Par ditoso!—A revezada  
 Sympathia, os purissimos ardores,  
 O casto afago, os juramentos d'alma,  
 Que, registrados 'n ella, aos labios vinham,  
 Os sonhos de prazer ja consummado,  
 O despertar seguro na esperança  
 De ver c'roado esse prazer um dia;  
 Tudo mais que passastes, que sentistes,  
 Com que gôsto ineffavel recôrdando  
 Não estareis agora!... Que preludios  
 Para o concêrto do gozar primeiro!..

Vós ides estrear ventura immensa;  
 Mas para conservá-la amor não basta.  
 Amizade, fundada na exp'riencia  
 Um do outro, nos gôstos ajustados,  
 No mutuo confiar, no prompto e dócil  
 Condescender de ambos, 'n harmonia  
 Dos repartidos conjugaes encargos;  
 Essa amizade sim, noivos que prézo;  
 Essa amizade sim, é que dar póde  
 A's vossas ditas duração longéva.  
 O Ceu vo-la promette; eu a prevêo—  
 Sempre unidos, felices, sempre amantes,  
 Contentes bêm direis o dia de hoje;

E na prole, em virtudes doutrinada,  
Rica de brios, de talentos rica,  
Firmado vosso amor, vosso consorcio,  
O remate haveis da gloria vossa.

---



Ao Illm. Sur. Dr. Ignacio Firmo Xavier, por occasião do seu desposorio  
com a Exma. Sara. D. Flora Umbelina de Araujo e Almeida  
no mesmo dia da sua formatura em Medicina.

---

Sêde sempre festivos, sempre amantes  
Em virtuoso laço  
Esposos que amo; e prosperos nos filhos,  
D'ingenho e brio ornados,  
Virtuosos heroes, que a patria illustrem.  
(*Filinto Elysio*).

Tal foi meu voto, quando  
Da bocca ouvi do novo amigo illustre  
O grato aviso, para mim honroso,  
De que proximo o dia  
Era de unir-se a uma das mais bellas,  
E mais distinctas conterrâneas minhas;  
Tal o voto de todos,  
Qu'a Firmo e Flora os corações tem prêsos  
Pelos vinculos sanctos d'amizade;  
O voto, em fim, que venho  
Hoje ante os noivos repetir—felices  
Co'a dita d'Hymenêu ja consummada.

E cumprido este voto  
Verei—e vê-lo-ão os meus vindouros;  
Que no amor purissimo, nos genios,

Nas virtudes gentis do Par mimoso  
Baseados estão seus bens perennes.

Duplicados profaças  
De affecto e gratidão devo ao mancebo,  
Que dos seus escolhidos  
Na lista (\*) obsequiosa honrou meu nome.  
A Sciencia, e o Amor 'n um mesmo dia  
As corôas lhe deram suspiradas,  
Que soube grangear tão dignamente:  
'N um mesmo dia— Medico e esposo—  
Grau conspicuo assumiu na sociedade,  
Onde tem d'elevar-se  
Util á patria, prestadio aos homens,  
A' gloria qu'atingira  
O immortal Araujo, (\*\*) astro bahiano,  
Que de vê-lo esposado  
Co'a filha, na mansão dos justos folga,  
E a benção paternal lhes manda ao thálamo.

Oh que feliz seria, se vivesse,  
Com tal genro tal pae! Quantas delicias  
Não gozariam ambos na perfeita  
Semilhança de indoles, d'idéas

(\*) Na dedicatoria da sua these.

(\*\*) O Illm. Sr. Dr. Francisco de Paula Araujo e Almeida, de saudosa memoria.

Bem-fazéjas e nobres! Que ventura  
 Para os dous, vendo em fim reproduzi-los  
 Sua Flora, o seu anjo, os seus amores,  
     Em preciosos fructos,  
 Transumptos d'ella no semblante, 'n alma,  
 Dignos da terna Avó, (\*) condignos d'elles!

Esse gôzo ineffavel  
     Só bem julgá-lo podem  
 Do desposado môço os Paes honrados,  
 Quando com elle, e co'a prezada Nora  
 As bençãos, os abraços repartindo,  
 E sua dita conjugal sellando,  
 Nos lares, qu'os aguardam anciosos,  
 Junctos lograrem prazenteiros dias.

Meus parabens, meu voto,  
 Esta minha homenagem, pura e livre  
 Como foi seu amor, acceite e afague,  
 Contente d'inspirá-la, o Par ditoso—  
 E, minhas predicções verificando,  
     No cabal exercicio  
 Dos conjugaes deveres, na florída  
     Prole, em que d'um e d'outro  
     Revivam os talentos,

(\*) A Exma. Sra. D. Maria Dorothea de Araujo e Almeida.

A honra, os brios, a belleza, e as graças,

Assumpto Firmo e Flora

Sejam amplo e sublime

Do canto eterno de melhores lyras,

Qu'esperanças no Brasil resóam.



Ao feliz consorcio da Exma. Sra. D. Elisabeth Julia de Barros, com o  
Illm. Sr. Domingos Joaquim da Fonséca, digno Official da Armada.

**SONETO,**

OFFERECIDO E DEDICADO A AMBOS.

---

Bem cêdo coroados os anhélos  
De vossos corações, Par venturoso,  
Vos promette Hymenêu perenne gôzo  
De cheios dias, plácidos e bellos.

Amor sempre leal, ternos desvelos  
Ha de Elisa encontrar no digno Esposo :  
Fonséca d'um amor puro, extremoso  
Colher sempre em Elisa os dons singelos.

Das doces efusões d'alma ternura  
Verão elles nascer prole excellente,  
Que firme, que complete essa ventura.

E eu, qu'os felicito hoje contente,  
Terei a gloria em epocha futura  
De havê-lo dito á geração presente.

---

**A um casamento—****SONETO.**

---

Nas frágoas do amor mais terno e puro  
Dous corações ardendo, se ligaram;  
Entr'elles juramentos se trocaram;  
O que um jurou, o outro disse—juro.

Mil votos pelas ditas do futuro  
De labios virginaes ao Ceu voaram;  
Votos que hoje as aras coroaram  
De bens perennes, de porvir seguro.

Ei-lo o par, cuja mutua sympathia,  
Dous peitos resumindo 'n um só peito,  
As flores colhe d'este bello dia!

Praza a DEUS, por Quem foi seu voto acceito,  
Que jamais o perturbe a sorte impia  
De Amor nos braços, d'Hymenêu no leito! (\*)

---

(\*) Verso do Sr. Manuel Vieira Rodrigues de Carvalho.

Ao meu prezado Amigo, o Illm. Sr. Desembargador José Forreira  
Souto, por occasião do seu feliz desposorio com a Exma. Sra.  
D. Carolina Jolia d'Accioll Souto em 1849.

A ti, illustre Souto, e á de tu'alma  
Deusa, que soube captivá-la ao jugo  
Do conjugal amor perpetuo e sancto,  
Fiel amigo teu, de gáudio cheio,  
Venho hoje render os meus profaças.

Coroaram-se, em fim, vossos anhelos;  
Do retardado gôzo as ancias tristes  
Trocaram-se em suspiros deliciosos  
De fruida ternissima ventura.  
Contentes um do outro, o doce instante  
Bem-dizeis, em que meigos vos olhastes,  
E amorosa impressão igual sentistes;  
A fé inalteravel, a constancia,  
Com que cumpristes d'hymenêu o voto—  
Sellado pela Mão de um DEUS eterno.

Que presente e porvir não affiançam  
De Carolina os dotes, as virtudes,  
Junctas ao nome, ao social conceito,  
Ao character, aos brios do consorte !

D'elles que lustre não esperá a patria !  
Parabens! Parabens! Ó Ceu qu'o laço,  
Propicio, abençoou, qu'assim vos prende,  
O vaticinio meu realizando,  
Felices vos conceda annos bem longos—  
E na prole abastada de talentos,  
De saber e virtudes, revivendo  
Carolinas e Soutos, se complete  
A gloria que desejo ao Par que amo! (\*)

---

(\*) Esta congratulação, ou como melhor se deva chamar, foi quasi d'improviso feita na casa do meu estimavel amigo no dia em que fui felicita-lo e á sua Senhora pelo seu casamento.



Ao feliz desposorio da Exma. Sra. D. Adélla Josephina de Castro Rebello,  
insigne Poetza Bahiana, com seu primo o Ilm. Sr. Ignacio Joaquim  
da Fonsêca, digno Official da Armada—

**CANTO,**

OFFERECIDO A AMBOS, E RECITADO NO FESTIM DO NOIVADO.

---

**I.**

Nunca fronte de noiva mais mimosa  
    Cingiu alva capella;  
Nunca ouviu a Egréja um—sim—mais doce  
    De labios de donzella.

Nunca aromas mais gratos rescendêram  
    Em ara nupcial ;  
Nunca prazer sentiu-se mais completo  
    Em festa conjugal.

Nunca scena melhor vi, nem pintou-me  
    A minha phantasia ;  
Nunca assim suspirou da guerra o genio  
    Ao lado da poesia.

Nunca flores mais bellas alastraram  
De noivos o solar;  
Nunca fôram ao Ceu votos mais férvidos  
A bem de um terno par.

## II.

E essa noiva, essa capella,  
Esse—sim—, esses perfumes,  
Esse prazer de uma festa  
Qu'a muitas causa ciúmes—

Esse suspirar do genio  
Da guerra juncto á poesia,  
Essas flores qu'espargira  
Dos amigos a alegria—

Esse rogar fervoroso,  
Que sobe aos pes do SENHÔR,  
Pelas venturas de um par,  
Modêlo de casto amor—

Tudo isso aqui vejo, aqui se passa,  
Encantando este lar,  
Onde cordas de lyra, digna d'elle,  
Bem sinto não vibrar.

Sõe porém meu canto—e satisfeito  
 Fique o meu coração  
 De haver cumprido, ao menos, o sagrado  
 Dever de amigo e irmão.

## III.

« *É para amar-te que desejo a vida* » (\*)  
 Assim 'n um mote o proferiu Adélia—  
 E d'esse pensamento em ti, Fonsêca,  
 Bem víram todos o feliz objecto.

Sim feliz; pois quando o homem  
 De tal modo a sympathia  
 E o sancto affecto grangêa  
 D'um'alma toda poesia,  
 Possue na terra o thesouro,  
 O-bem da maior valia.

A vida desejada para amar-te  
 Hoje á tua se prende em laço eterno,  
 Que com essa união vigorizando-os,  
 'N um só o ser de Adélia e o teu converte.

(\*) Mote a mim dado pela illustre noiva dous mezes antes do seu casamento.

Na candura de tu'alma,  
 No sentir brioso teu;  
 Adélia sua esperança  
 Cifrou, o desejo seu:  
 Assim o julgou um vate—  
 E esse vate fui eu.

Minha irmã (dar-lhe esse nome  
 Tu me has de permitir)  
 Minha irmã não ha de nunca  
 Deixar-me—ingrata—mentir,  
 Desdoirando a sua fama,  
 Azedando o teu porvir.

Que tambem tu d'ella sejas—  
 D'ella só—afiançar  
 Vou, Fonsêca, e não receio  
 Na minha fiança errar;  
 Tu—ingrato—o meu abono.  
 Tambem não has de infamar.

## IV.

Como de hontem o luar foi lindo ! (\*)  
 Aqui sempre é assim—Que bella vesperã !

(\*) E tão lindo, que inspirou-me esta versalhada, a qual, ainda assim, sahio, como se vê, fria e chôcha á similhaça de todas as mais.

Que noite de noivado tão maviosa !  
 Como de hontem o luar foi lindo!...  
 Aqui sempre é assim—Toda embebida  
 Minh'alma no fulgôr meigo da lua,  
 Dqs encantos da terra quaes seriam  
 Os que primeiro comparei aos d'ella ?  
 Da tua Adélia o coração, Fonsêca,  
 Da tua Adélia os gestos, as maneiras,  
 O brando olhar modesto, o brando afago,  
 O suave fallar, o rir suave.

O astro qu'Adélia disse  
 Na sua eterna canção—(\*)  
*Que no Brasil mais sabia*  
*Responder ao coração;—*

Esse astro, que só bem comprehendem  
 O trovador e o triste em seus arroubos;  
 Esse astro que amo como nunca,  
 Depois que li de minha irmã os versos,  
 Toda representou-me a imagem sua.

Oh! quem uma espôsa tão meiga e tão bella,  
 De tanto talento, tão pura e discreta,  
 Do Ceu mereceu—

(\*) A sua bellissima poesia ja impressa, dedicada ao Illm. Sr. João de Lemos Castello Branco, immortal eantor da *Lua de Londres*, etc.

Adore-a, co'os mesmos extremos qu'os d'ella,  
 Adore-a, qual ama su' harpa o poeta,  
 Qu'assim manda o Ceu.

Adélia, Fonsêca, o anjo  
 É hoje da tua vida;  
 Como Adélia estremeçada  
 Te ama— a debes amar;  
 Amâ-la como a teus paes,  
 Como a patria, como a fama;  
 Amâ-la em fim, como ama  
 Teu brio á gloria do mar.

## V.

Malditos os que ímpios desconhecem  
 Da mulher o primor!  
 Malditos os que negam qu'ella seja  
 O esmero do CREADOR!

Abençoados nós qu'o bem sentimos  
 Que da mulher nos vae!—  
 Que prezamos a dita de ser filho,  
 A dita de ser pae!

Essa dita eu vos desejo,  
 Vos agoiro, Par fecundo;

Dita qu' é base do mundo,  
Qu' é base consorcial :  
O peior dos egoistas,  
Mais detestavel, é quem,  
Nos paes tendo achado um bem,  
Acha nos filhos um mal.

É uma prole bizarra,  
Virtuosa, esclarecida,  
O complemento da vida,  
O tudo do coração :  
À sua estirpe tirando,  
Assim a vossa ha de ser,  
Pár virtuoso, e fazer  
Vosso primeiro brasão.

Que vo'la dê, e vos tenha  
Sempre em paz, sempre contentes,  
Nas minhas preces ferventes  
Regarei sempre ao SENHOR—  
E suppra essa devoção,  
Esse melhor culto d'alma,  
As falhas da tósca palma  
Que vos tece o trovador.





**ESCRITOS EM ALBUNS.**



**A POETIZA BAHIANA.**

No album da Exma. Sra. D. Adélia Josephina de Castro Rebello  
Fonseca.

Quando eu a vi pequenina  
Devolver na voz divina  
Improvisadas canções,  
Logo affirmei que seria  
Adélia na poesia  
Hoje um dos nossos brasões.

Cheio o prognóstico meu,  
Sem rival (\*) o nome seu  
Brilha no canto que li, (\*\*)  
Como a festa sumptuosa  
Da capella milagrosa (\*\*\*)  
Brilhava, quando eu a vi.

Em lyra mais afinada  
Ninguem canta a madrugada

(\*) No seu sexo e no Brasil incontestavelmente assim é.

(\*\*) A *Aurora do Brasil*, á que ja me referi no epithalamio ao seu casamento.

(\*\*\*) A do SENHOR do Bomfim, onde ouvi com enthusiasmo a dita Sra. improvisar quadras, tendo ella 6 para 7 annos de idade.

Da sua terra gentil;  
Tem seus versos a expressão,  
Que tem para o coração  
A lua do seu Brasil.

Nosso ceu, nossos amores,  
Nossos campos, nossas flores,  
Nossas aves a trinar,  
Nossos bosques, nossos montes,  
Nossos rios, nossas fontes  
Cabe a ella eternisar.

É na harpa da belleza  
Que melhor a Natureza  
Exprime os encantos seus;  
E a da bahiana donzella  
É doce, é mystica, é bella  
Como a dos Anjos de Deus.

---

No album da Exma. Sra. D. Angelina Amalia de Macedo e Bornguer.

Não foi muito que do Vate  
Da sua terra brasão, (\*)  
Não foi muito que da Musa  
Sublime do Maranhão, (\*\*)  
Tivesse a bella Angelina,  
Por divina,  
O cânto e o coração.

Quem não mereceu de vê-la  
Do Ceu ainda o favor,  
Só de ouvir o que tem ella  
De attractivo e seductor,  
Faz mais, rendendo a Angelina,  
Por divina,  
Afeição, culto, e louvor.

Aqui luzir nos meus versos  
Seu nome não se ha de ver ;  
Qu'os dous astros de poesia  
Os podem escurecer;

(\*) O Exm. Sr. Visconde da Pedra-branca.

(\*\*) O Illm. Sr. Dr. Antonio Gonçalves Dias.

Más se verá qu'Angelina,  
Por divina,  
Teve em mim maior poder.

Amam a flôr que já viram,  
Os poetas qu'a cantaram;  
Eu amo a flôr, cujo viço,  
Cujó aroma me gabaram;  
É, pois, consagro a Angelina,  
Por divina,  
Mais do qu'elles consagraram.

---

No album da Exma. Sra. D. Maria Adelaide Sodré Montz.

---

É o teu *album*, Marilia,  
Um livro d'inspiração :  
Deve prezá-lo o poeta,  
Qual préza a Biblia o christão.

'N elle um tributo cad'anno,  
Senhóra, t'hei de render;  
Uma trova ha de ter minha  
Cad'anno, emquanto eu viver.

Invejado dos mais livros  
Co'a minha musa o faria,  
Si o que tu és na belleza,  
Eu fosse na poesia.

De teu Esposo, e teus Filhos,  
Todos tão dignos de ti,  
A excellencia, os predicados—  
Eternos—gravára aqui.

Entre as donzellas da patria,  
Meus anjos, delicias minhas,

Aqui o logar primeiro  
Déra á tua *Mariquinhas*.

Mas—vate humilde—não posso  
A tanta gloria aspirar :  
Teu nome e dos teus pertence  
A genios eternisar.

Oxalá te dure a vida,  
Sempre alegre, sempre bem,  
Tantos lustros, quantas folhas  
Este livro amado tem !

Tinctos das côres d'algumas  
Teus dias nunca se vejam;  
Só de paz, só d'esperança,  
Só do Ceu teus dias sejam.

É o teu *album*, Marilia,  
Meu livro de devoção :  
Como a elle, amarei outro;  
Mais do qu'a elle, outro—não.

---



---

Os vidros verdênêgros, (\*) que t'encobrem  
Os olhos matadores,  
Viu contente, e com ares de vingada,  
A Deusa dos amores.

« Também vendado eu sou (lhe diz o filho)  
« E tudo a mim' captivo :  
« Em Marília o que julgas ser defeito,  
« É mais um attractivo.

« Sim, ó Deusa, esses antólhos  
« Dobram o merito seu—  
« Tem o teu rosto, o teu corpo,  
« Tem os olhos como eu. »

---

(\*) Os oculos d'essa côr, de que usa a dita Senhora (em consequen-  
cia de uma enfermidade que soffrêra de olhos) os quaes na realidade  
dizem-lhe sammamente bem.

No album da Exma. Sra. D. Brasília Junqueira Nabuco.

---

Saixar á terra Cupido  
 Resolveu com settas mil :  
 Vrmas p'ra que? (diz-lhe Venus)  
 Si tu la tens o Brasil?!  
 Inutil (responde o Nume)  
 Levá-las julgára eu,  
 Igualando as nymphas todas  
 V que Nabuco rendeu.

---

E razão achou, Brasília,  
 No filho Accidália bella;  
 Si como tu fossem todas,  
 Eram todas, qual foi ella.

São teus olhos gentis côr da noite,  
 É d'estréllas fulgir teu olhar;  
 É teu seio oceano, onde numes  
 Folgariam de vir naufragar.

É de cravo um botão tua bôcca,  
 Quando prende teus labios o siso;

Tua bôcca é um cravo que abre,  
Si descerra teus labios o riso.

Oh que falla ! que gestos ! que modos !  
Oh que corpo ! qu'encantos os teus !  
Contemplá-los só pode minh'alma,  
Não os podem cantar versos meus.

Uma verdade, Brasília,  
Foi pois o que disse Amor:  
Uma verdade o qu'escreve  
No teu livro o trovador.

---

No album da Exma. Sra. D. Anna Cândida de Albuquerque Vieira,  
hoje digna esposa do meu brioso amigo, o Illm. Sr. Capitão  
Affonso de Almeida e Albuquerque.

---

### ○ SEU TEMPO.

Nas téias da infancia teu riso primeiro  
Foi riso do ceu;  
Foi riso d'aurora depois de aguaceiro  
Que faz qu'a procella recólha o seu veu.

Na tua puericia tu foste gentil,  
Qual rosa em botão :  
Em ti a idade raiou juvenil,  
Qual dia sereno de alegre verão.

Foi ja 'n'essa idade qu'um dia te vi—  
Feliz para mim,  
Por ver que virtudes e graças em ti  
Medravam, quaes flôres no patrio jardim.

Si o meu vaticinio não falha, não mente,  
Será teu porvir  
Tão bello, tão puro, como é teu presente,  
Como é—na Bahia—da lua o fulgir.

---

**O SEU NOME.**

De parte do teu nome o seu derivã,

*Angélica divina :*

A outra parte preenche, e faz que viva

O teu, linda *bonina*.

---

No album da Exma. Sra. D. Gracia Amzaleh.

---

Carboso talhe, divinal semblante,  
Eiso qu'á aurora, quando assoma, egualá,  
VIma, de dotes mil cofre brilhante,  
Celeste modo e olhar, celeste falla,  
Immortalisam de Trieste a filha,  
Vquella cujo nome á margem brilha.

---

Um dia qu'a Natureza  
Mais disposta se julgou,  
Ideando um'obra prima,  
A gentil *Gracia* formou.

Virtude, que 'n esse empenho  
De Natura reparou,  
O germen seu, mais fecundo,  
'N alma de *Gracia* plantou.

Logo Minerva qu'as duas  
No seu esméro invejou,

Quiz imitá-las—e dotes  
Tambem a *Gracia* doou.

Feliz a terra que *Gracia*  
Com seu nascimento honrou!  
Feliz tres vezes o homem  
Qu'o Ceu a *Gracia* ligou!

---

No album da Exma. Sra. D. Maria da Conceição Peçanha  
Martins — em 1852.

---

Das cordas da minha lyra  
Uma sôa — Liberdade;  
Outra — virtude e belleza;  
Outra — amor; outra — amizade.

Na segunda, consagrada  
A's filhas do meu Brasil,  
Uma das mais primorosas  
Não cantar fôra bem vil.

Não tem Marilia no corpo,  
Nem no peito um só labeu;  
Anjo é do Ceu na figura,  
É 'n alma um anjo do Ceu.

Eu sei amar o qu' é bello,  
Sei venerar o qu' é santo ;  
Cumpro um dever de poeta,  
Dando a Marilia o meu canto.

---



## ACROSTICO.

Mais um mimo a Natureza  
 Vo Brasil querendo dar,  
 Revolvendo seus thesouros  
 Ineffaveis, 'n essa empresa  
 Vndou um dia a scismar.

Pedi á terra mil flores,  
 E das mais lindas nas côres  
 Como (\*) abundante extractou:  
 Vs tintas mais delicadas,  
 Negras, brancas, encarnadas,  
 Habilmente preparadas,  
 Vltta belleza pintou.

Mostrando o desenho aos Ceus,  
 V copia animada a DEUS  
 Rogou, dizendo ao SENHÔR:—  
 Merna mãe se veja 'n ella,  
 Inclyta esposa—e singela  
 Zalma, qual no corpo é bella,  
 veja da patria esplendor.

(\*) Como—por—sumo— Pequena infracção orthographica bem admissivel, ou pelo menos desculpavel, attenta a necessidade do acrostico, e a subsistencia da idéa.

*Depois de te haver creado,  
A Natureza pasmou. (\*)*

---

Dó universo embellezado,  
Mulher, nos encantos teus,  
Mais oblações teve DEUS,  
« Depois de te haver creado.  
O homem, triste—a seu lado  
Vendo-te, meigo exultou—  
Ao primeiro ai que soltou  
De amor, quando a ti se uniu,  
Terra, mar, tudo sentiu,  
« A Natureza pasmou.

Viu DEUS em ti coroado,  
Mulher, seu poder fecundo,  
Ao dotar contigo o mundo,  
« Depois de te haver creado.  
Amor, baixando a teu lado,  
O orbe aformoseou;  
Riste—o prado florejou;  
Fallaste—as aves trinaram :

(\*) Versos de Bocage, que se achavam glozados no mesmo *album*.

Das scenas que te cercaram,  
« *A Natureza pasmou.*

---

É a mulher, si a virtude  
'N ella á belleza se allia,  
O talisman da existencia,  
O anjo da poesia.

Sem liberdade,  
Sem a mulher,  
Quem é poeta,  
Vida não quer.

---

No album da Exma. Sra. D. Maria Joaquina Bulcão Mouz—e abaixo de um "amor perfeito", natural, grudado em uma das paginas por seu espôso, que lh'o offerecêra quando a pretendia em casamento.

---

Quem te deu, quando eras virgem,  
Esta flôr, Marília bella,  
Tinha 'n alma o sentimento  
De que veio o nome a ella.

D'esse sentir nobre e puro  
Tambem tu participavas,  
Quando a flôr no casto seio  
Terna, accitando-a, guardavas.

Hoje é teu livro o jardim  
Da melhor das tuas flores;  
Symb'lo da tua constancia,  
Emblêma dos teus amores.

Morta na sua folhagem,  
Vivá na sua expressão,  
Aqui monumento é ella  
De sancta e doce união.

Venturoso *amor perfeito*,  
Que para ti converteu

A grinalda, qu'o cingia, (\*)  
Em corôa d'hymenêu!

Sempre, Marilia, em teu album  
Dure essa prenda feliz!  
De ti, do teu Pedro 'n alma  
Dure sempre o qu'ella diz!

Tu, que da Mãe es transumpto  
Na belleza corporal,  
Sê copia d'ella, Senhóra,  
Na virtude conjugal!—

E possa eu ver destruido  
Do vulgo o mau preconceito, (\*\*)  
Durando no Par que amo,  
Perennal—*amor perfeito!*

---

(\*) Uma grinalda de pequeninos *amores perfeitos*, que rodeava essa flôr, uma das maiores e mais bellas que tenho visto.

(\*\*) No dicto bem geral—*Amor perfeito não dura.*—

No album da Exma. Sra. D. Amella Pinto Leite.

---

### RECORDAÇÕES MATERNAES

FEITAS EM NOME DE SUA MÃE, QUE A ELLA OFFERECERA O MEU  
ALBUM NO DIA ANNIVERSARIO DO SEU NATALICIO.

'N este dia venturoso  
Nasceste como viçoso  
Botão de purpúrea flôr—  
Tu, minha filha adoradã,  
Tu primicia desejada  
Do meu conjugal amor !

O prazer qu'então senti,  
Não posso dizer-te aqui,  
Nem pode dizê-lo alguém;  
Só sabe-o aquella qu'o sente;—  
Sabê-lo-ás tu, somente  
Quando mãe fôres também.

No teu lindo sol de Agosto  
Tem p'ra mim sempre o teu rosto,  
Teu porte ja senhoril,  
Aquella mesma influencia

Do teu olhar d'innocencia,  
Do teu sorriso infantil.

É que, por nossa ventura,  
Tu'alma castida e pura,  
Minha Amélia, sempre é;  
É que no bom desempenho  
Do teu dever sempre tenho  
A mesma esperança e fé.

Filha do meu coração,  
Repara 'n esta effusão  
De prazer qu'ora aqui vae!  
Olha, como te queremos!  
Quaes são por ti meus extremos,  
Os extremos de teu pae!

Pague-os a tua virtude—  
E mão sapiente ou rude,  
Que 'n este livro escrever,  
Teus progressos virtuosos  
'N elle assigne—e paes ditosos  
Possamos nós sempre ser!

Guarda-o tu, filha adorada,  
Tu primicia desejada  
Do meu conjugal amor!

Guarda o livro que te offerto,  
Tu, da vida no deserto  
A minha primeira flôr !

---

**SAUDAÇÃO E CONSELHOS DO AUCTOR.**

Virgem ! recebe o livro precioso  
Que tua mãe te dá :  
O conciso evangelho d'uma filha  
Escripto 'n elle está.

Louvores para encher-lhe as brancas folhas  
Fornêça o teu porvir;  
Do teu dia de Agosto o sol renasça  
Formoso e sempre a rir.

Da mãe que te idolátra, os votos cumpre,  
A esperança, a fé ;  
Primicia do seu terno amor d'espôsa,  
Sê 'n alma o qu'ella é.

Paga os extremos seus, paga os desvelos  
De teu honrado pae,  
A lagrima de gosto que dos olhos  
Por ti hoje lhe cae.



Seja a virtude a guarda de teus dias  
Do mundo contra os damnos;  
O diadema que te adorne a fronte  
Na festa dos teus annos.

Virgem ! recebe a saudação do vate,  
Qu'ingenuo te bendiz,  
E, do Ceu inspirado, um nome eterno  
Agoira-te, feliz.

---

**A PENINAMBUCANA.**

---

**CHRONICA INÉDITA,**

*Escrita no album da Exma. Sra. D. Amalia Danfas, natural de Pernambuco.*

**I.**

Quando o sévo hollandéz, de mão armada,  
Invadiu temerario o bello seio  
Da brásila Venéza—e, d'enojado,  
*Capiberibe* suspenden seu curso,  
Até qu'o grito—« Resistencia e morte  
« Ao inimigo audaz ! »—rompendo os ares,  
As suas margens estrugiu sonóro;  
Quando os classicos brios, a bravura  
Da Roma ca d'America ostentaram-se  
'N essa lucta immortal; entre as Bellezas  
Da tua terra, AMALIA, assignalou-se  
Uma, a quem nome nunca deu a historia,  
Màs que, segundo ouvi, tinha o teu nome;  
Irmã tua cabal 'n alma, no spirito,

E até no corpo de donaires cheio.  
 Espôsa e mãe ja era a linda Amalia,  
 E como tu perfeita, quando a guerra  
 Nos seus lares soou. Bebêra ella,  
 De consaguêneos seus, exemplos nobres  
 De puro amor da patria; e vendo aberto  
 O ensêjo de mostrar que d'elles vinha,  
 Toda abrasou-se 'n essa idéa sancta.

Ao marido, que Affonso se chamava,  
 Intrépido mancebo, e patriota,  
 A quem detinha o amor d'ella e dos filhos  
 De partilhar na lide ja travada,  
 E adornar-se das palmas da victoria,  
 Assim fallou Amalia:— « Affonso ! Affonso !  
 « Que vacillar é esse ? ! Não deshonrés  
 « As cinzas de teus paes, de meus maiores;  
 « Vôa á peléja, encanto da minha alma !  
 « Sei que não te fallece hardido esfôrço  
 « Para as armas brandir em qu'es professo;  
 « Sei que d'um coração pernambucano  
 « Dotado, não te esquivas ao combate,  
 « Que te pode c'roar d'eterna fama,  
 « Nem insensivel es da patria aos males;  
 « Sei tudo isso, Affonso: e, pois, qu'esperás?  
 « Que te demora aqui? Nossos filhinhos?!...  
 « Nosso thálamo, espôso?!... Oh! ante a patria,

« Affrontada, opprimida, outros deveres,  
 « Que não de esposo e pae, chamam-te ás armas;  
 « Mais sacrosancto amor te pede o sangue.  
 « Nem tu digno de mim fôras, si acaso  
 « Te deixasses ficar; nem de teus filhos,  
 « A quem podês no campo das batalhas,  
 « Salvando a mãe commum, melhor herança,  
 « Melhor nome deixar, melhor thesouro.  
 « Vôa á peleja, encanto da minh'alma!  
 « Nem esperes de mim prantos agora:  
 « Eu só terei, para banhar-te o seio,  
 « Lagrimas de prazer, quando voltares. »  
 Emmudecendo a heróina, um beijo  
 Ao consorte feliz na face imprime  
 Ja corada de accêso enthusiasmo;  
 E, abraçada c'os filhos, 'n esse amplexo  
 Quiz ao saudoso pae mostrar que tinham  
 Um anjo, em seu partir, para guardá-los.

## II.

Ja relincha um ginête brioso,  
 E um mancebo o cavalga elegante;  
 Ja se fêchã um portão, que ditoso  
 Ha de abrir-se a um heróe triumphante.

D'esse heróe vae só 'n alma o anhélo  
De colher da victoria o laurél :  
Ninguem viu um guerreiro mais bello,  
Ninguem viu mais bonito corsél !

D'uma espôsa a saudade ja toma  
O mais terno e leal coração;  
Ja da gloria o sorrír grato assoma  
Entre os fumos do marcio canhão.

Ja no campo entra Affonso, e pelêja  
Com valor que não tem qu'invejar;  
Com valor qu'estender mais desêja,  
Pela voz qu'o mandou pelejar.

Entretanto que reina a porfia,  
Jaz cerrada uma herdade distante,  
Que só ha de se abrir para um dia  
Receber um heróe triumphante.

## III.

'N essa herdade recolhida  
Co'os mimosos filhos seus,  
Só pensava a linda Amalia  
Na patria, em Affonso, em Deus.

« Affonso! (exclamava a miudo)  
« Porque mãe o Ceu me fêz,  
« Primeiro qu'á nossa terra  
« Viesse o féro hollandéz!

« Oh! si o não fôra, verias  
« Em uma Pernambucana  
« Reproduzido o heroismo  
« Inteiro d'uma Romana.

« A teu lado combatendo  
« Por nossa patria, por nós,  
« Do Ceu a mim desceriam  
« Mais benções de meus avós!

« Mäs estes innocentinhos,  
« Estas prisões da noss'alma.  
« Não querem qu'á tua ajunte,  
« Por mim colhida, outra palma.

« Espôso da minha vida,  
« Vence, e volta aos braços meus!...»  
E assim, só pensava Amalia,  
Na patria, em Affonso, em DEUS.

## IV.

La vem correndo  
Pagem ligeiro,  
Como quem novas,  
Boas, alegres,  
Traz d'um guerreiro,  
E quer o premio  
De alvicareiro.

Oh qu'alvorôço  
Na casa vae!  
Quanta alegria  
Nestas palavras  
Dos peitos sae :—  
« Affonso!.. Affonso!..  
« Pa-pae!.. Pa-pae!»

Ordena Amalia aos seus servos  
Qu'entre o pagem  
Co'as novas qu'Affonso envia;  
E logo recompensá-lo  
Da mensagem  
Promette, com bizzarria.

Era a primeira noticia,  
Que do espôso

Tinha depois da partida;  
D'aquelle espôso que era,  
De amoroso,  
A vida da sua vida.

Ja lê Amalia uma carta,  
Que contente  
O mensageiro lhe dá :  
O seu guerreiro querido  
Tão somente  
De saudades morto está.

De pranto então orvalhaste,  
Natureza,  
Aquella face gentil;  
Pranto que não desmentia.  
A firmeza  
D'um coração varonil.

As armas pernambucanas  
Ja venciam :  
E mais disse o mensageiro—  
Que de Affonso os grandes feitos  
Pareciam.  
De um ja provecto guerreiro,  
Amplio gasalhado teve  
O bom pagem



'N aquelle feliz casal ;  
E co'a resposta, e co'o premio  
Da mensagem  
Vôa ao béllico arraial.

## V.

Saudade! no mais íntimo d'um peito,  
Illéso na pelêja,  
Abriste uma ferida de que sangue  
A miudo gotêja !

Do combate da vespera um mancebo  
Descansando la jaz...  
Saudade! não lhe assanhes a ferida  
Qu'aberta 'n alma traz !

Deixa qu'a esperança qu'ora o embala,  
Adoce-lhe a vehemencia  
Da dôr de um coração, em tres pedaços  
Partido pela ausencia;—

Aquelle coração, qu'em fim respira  
Co'a idéa do prazer  
Das noticias e lettras suspiradas,  
Ditosas que vae ter.

Não mentiste, esperança! Do guerreiro  
 Entra no pavilhão  
 Co'a resposta de Amalia, que trazia,  
 Alegre o postilhão.

Rapido ergue-se Affonso, e se apodera  
 D'esse bem precioso,  
 D'esse bem, o maior qu'o Ceu dar pode  
 'N ausencia a um terno espôso.

« Esposo! (com qu'angelica doçura  
 Dizia Amalia) DEUS,  
 « Que nos defende aqui, defenda a patria,  
 « Defenda os dias teus!

« Affonso! tua espôsa e teus dous filhos  
 « Precisam bem de ti;  
 « Mês de teu braço Pernambuco hoje  
 « Precisa mais ahí.

« Salvá-lo é tudo, meu querido amigo;  
 Salva-o—e vem co'a victoria  
 « Gozar tranquillo no teu lar, sem mancha,  
 « D'espôso e pae a gloria.»

Assim, até findar-se a lucta honrosa,  
 O mesmo postilhão

Allivios dava ao coração de Amalia,  
De Affonso ao coração.

## VI.

Do Tejo o rival formoso  
Que parára d'enojado,  
Lá pára d'extasiado,  
Vendo dos seus o valor.  
Enroladas as bandeiras,  
Na bainha—ja vencida—  
Mette a Hollanda espavorida  
O gladio conquistador.

Eterna lição á Europa,  
Que povos quer ver captivos,  
Ja nos lenhos fugitivos  
Leva o batido hollandéz.  
Ja da sua herdade Affonso  
Entra o aberto portão,  
E ao partido coração  
Reune os pedaços tres.

Na su'harpa a linda Amalia—  
'N ess'harpa sonora e doce,

Que só sentia que fosse  
Invento d'um européu—  
Ja toca regozijada,  
Ora um hymno de victoria,  
Ora uma canção de gloria  
Ao bravo qu'ó Ceu lhe deu.

Via-lhe então o consorte  
Dos bellos olhos correr  
Esse pranto de prazer  
Que promettêra lhe dar—  
Quando voltasse a seus braços,  
Depois de melhor seus filhos  
Herdar das armas co'os brillos,  
Depois d'a patria salvar.

## VII.

Da tua conterrânea, AMALIA, a historia,  
Qu'os annaes do Brasil não publicaram,  
Porque, modesto Affonso e independente,  
Só teve por brazão ver livre a patria;  
Essa historia qu'ouvi, e que ficou-me  
Na mente impressa, no teu livro de oiro

—Imperfeita talvez—agora escrevo  
Por cumprir a missão com que me honraste.  
Cumpre a tua, Senhora; tu qu'os dotes  
Todos d'essa heroína em ti reunes;  
Tu que d'heróes que prézo, (\*) es consanguínea,  
Como foi ella, quando a patria o exija,  
Dá co'as tuas acções equal assumpto  
A melhor canto de futuros vates.  
Nova espôsa de Affonso em ti se veja—  
E no campo da guerra, ou na tribuna,  
No teu Dantas illustre, por teus brios  
Exhortado tambem, por teus consêlhos,  
Um novo Affonso commemore a fama.

(\*) Os Illms. Srs. Cypriano José Barata de Almeida, e Dr. Jeronymo Vilella de Castro Tavares, meu nobre e prezado Amigo, ambos patriotas notaveis, e martyres da Liberdade e da Patria.



**ELEGIACOS.**





Ao passamento de S. M. F. a Sra: D. Maria II, Rainha de Portugal.

---

## POESIA

OFFERECIDA AOS POETAS PORTUGUEZES, E COM ESPECIALIDADE E MUITO  
RECONHECIMENTO AO ILLM. SR. JOSÉ DA SILVA MENDES LEAL JÚNIOR.

### I.

Reúna a dôr, Brasil, hoje dous povos  
    'N uma só grei christã!  
La chora Portugal sua Rainha:  
    Choremos nossa Irmã!

Choremo-la; que dupla piedade  
    'N esse tributo vae:  
Pranto nos pede a terra de seu berço,  
    Remida por seu Pae.

Choremo-la; que mais um dever sancto  
    Nos manda hoje chorar:  
Quando a morte o Monarcha ao povo eguala,  
    Deve-os a dôr juntar.

Do Rei Orphão, do Rei Viuvo em tórno  
Prantêa Portugal:  
Do Rei Irmão ao lado pranteêmos  
A perda fraternal.

Reúna a dôr, Brasil, hoje dous povos  
'N uma so grei christã!  
La chora Portugal sua Rainha:  
Choremos nossa Irmã!

## II.

O qu'ella era, dizê-lo  
Não precisa o canto meu;  
La disse-o a *pomba*, qu'o seu  
Funeral acompanhou;  
A *pomba*, que sobre o côche  
Magestatico, onde ia  
O symb'lo da Monarchia,  
Quietamente pousou;  
E quasi ao chegar á egreja  
A funerea procissão,  
Com geral admiração  
Outra vez p'ra o Ceu voou!

Oh! que não foi isso acaso  
Em que se não deva crer;  
A *pomba* veio trazer  
Avisos a Portugal;  
Aviso da candidez  
D'alma que chamara DEUS,  
E que dera sempre aos seus  
Na terra amor paternal;  
Aviso, em fim, de que 'n elle  
Jamais nunca mãos ferinas  
Hão de manchar suas Quinas,  
Sua Corôa Real.

## III.

Assim seja, meu DEUS! Respeitem homêns  
A tua lei:  
Em prol da terra de meus paes inspira  
Seu novo Rei.

Imite elle nas acções preclaras  
Seu grande Avô,  
Que mais Corôas do que deu na terra,  
No Céu ganhou.

Prudente e justo, circumspecto e affavel,  
Como é seu Pae, (\*)  
Mostre no throno, para gloria de ambos,  
Que bem lhe sae.

De sua Mãe, de sua Avó materna  
Tenha a lhaneza,  
E o mesmo acolhimento e mão aberta  
Para a pobreza.

Não diga nunca o Lusitano Povo  
Que desmentiu  
'N elle a Corôa á *pomba*, que pousada  
'N ella se viu.

Assim seja, meu DEUS! Respeitem homens  
A tua Lei:  
Em prol da terra de meus paes inspira  
Seu novo Rei.

## IV.

Os Reis mais que ninguem,  
De lagrimas precisam,

(\*) Assim o affirmam todos que o tem visto e tratado.

D'essas que por mil faces,  
Sinceras se deslisam.

Que val, que significa  
A côrte, que se enluta,  
Si a gente que regéram,  
Vê-se de pranto enxuta?

É mais do que mil crepes.  
Qu'os seus validos tomem,  
A lagrima vertida  
Do povo pelo homem.

D'ella, que só exprime  
A verdadeira dôr,  
Carece o Rei na campa,  
Como d'orvalho a flôr.

Triste do Rei qu'ao tumulo  
Só entre pompas desce,  
E ao Ceu não vae, do povo  
Na voluntaria prece!

Nem da memoria ao templo  
Sobe modestamente

Nos sons d'harpa saudosa  
Do bardo independente!

Os Reis mais que ninguém,  
De lagrimas precisam,  
D'essas que por mil faces,  
Sinceras se deslisam.

## V.

Os Reis necessitam mais olhos que saibam  
Na morte os chorar,  
Que labios que possam com mais eloquencia  
Na vida os louvar.

Mais honra lhes fazem nos seus sahimentos  
Os párias, os pobres,  
Qu'em roda, nos templos, dos seus catafalcos  
Os ricos, os nobres.

Dos Reis os amigos so bem se conhecem  
Nas horas funestas,  
Que não, quando vivos, nos lédos cortêjos,  
Nos bailes, nas festas.

P'ra suas virtudes de seculo a seculo  
 Aos povos lembrar,  
 São mais eloquentes, qu'os labios, os olhos  
 Qu'os sabem chorar.

## VI.

Feliz, feliz a SEGUNDA  
 MARIA de Portugal!  
 Cuj'alma pura mostrou-se  
 Na *pomba do funeral!*

Foi-lhe o sudario bandeira, (\*)  
 Em tórno da qual unidos—  
*Choremos!*—disseram todos  
 Os politicos partidos.

Chorada foi por seu povo  
 Com prantos do coração;  
 Hymnos teve d'harpas livres;  
 Teve espontanea oração.

Cantemos tambem, cantemos  
 Su'alma candida e sã!

(\*) Allusão a um sublime pensamento da bellissima poesia do Sr.  
 João de Lemos ao mesmo assumpto.

Oremos pela Rainha!  
Oremos por nossa Irmã!

Feliz, feliz a SEGUNDA  
MARIA de Portugal,  
De quem veio a prophacia  
Da *pomba do funeral!*

---



## SONETO,

Feito no acto das pomposas exequias da mesma Augusta Senhora, e offerecido aos Illustres Membros da benevolenta Commissão dos Negociantes Portuguezes d'esta praça, encarregada das mesmas exequias.

---

Quando o nome da ínclita MARIA,  
 SEGUNDA em Portugal, se ler na historia—  
 Nome que 'n esta funebre memória  
 Celebra o luso amor á Monarchia;

Quando a grandeza de su'alma pia  
 No painel reluzir da sua gloria—  
 E o qu'ella foi na vida transitoria  
 Lembrar-se, e a *pomba* que la viu-se um dia;

Quando, enfim, das saudades no transporte  
 Chorá-la a gente, que gemendo escrava,  
 Com ella recobrou de livre a sorte;

Ainda quem na vida a não amava,  
 Dirá commigo que cantei-lhe a morte:—  
*Que de tal Pae tal Filha se esperava.* (\*)

---

(\*) Verso de Camões.

**INSCRIÇÕES,**

Compostas para o mausoléu das referidas exequias, indicando as quatro epochas mais notáveis da vida da mesma virtuosa Senhora.

---

## O SEU NASCIMENTO.

Foi, do Ceu favorecido,  
Seu natalicio real-  
Para o Brasil uma gloria,  
Um bem para Portugal.

---

A ABDICAÇÃO QUE 'N ELLA FEZ DA CORÔA DE PORTUGAL.  
SEU AUGUSTO PAE.

A ella a corôa herdada  
(Lance bem raro e gentil!)  
Transferiu o Quarto Pedro,  
Primeiro então no Brasil.

---

## A SUA MAIORIDADE.

Ei-la, maior declarada,  
Regendo o povo remido,

Fiel á Carta jurada  
É a voz do Pae, fallecido.

---

## O SEU PASSAMENTO.

Chamada á Patria Celeste,  
La lhe remunera DEUS  
O pranto qu'os seus derramam,  
O bem que fizera aos seus.

---

PARA O CENOTAPHIO DO OFFICIO CELEBRADO PELA REFERIDA  
COMISSÃO NO ANNIVERSARIO DO FALLECIMENTO  
DA MESMA VIRTUOSA RAINHA.

Será pelo luso povo  
Sempre a Rainha chorada,  
Que conservou co'as virtudes  
Quanto o Pae ganhou co'a espada.

---

A' S. M. I., o Sr. D. Pedro I, no luctuoso dia anniversario de seu  
passamento.

---

**SONETO.**

Por quem, nuncio de dôr, triste, e pausado,  
No mar aquelle bronze está gemendo?...  
Por Pedro, que dous povos defendendo,  
D'elles, ja livres, feneceu chorado.

Philósopho na paz, na guerra ousado  
Liberal campeão tudo vencendo,  
Da gloria de seu nome o mundo enchendo,  
Foi, para a de su'alma, ao Ceu chamado.

Lagrimas de saudade inda gotêjam  
D'olhos qu'o viram, semi-deus ãa terra,  
Voar da Fama nos clarins qu'adêjam.

Onde seu corpo, e coração se encerra,  
Oh! queira o Ceu, qu'as lagrimas qu'alvêjam,  
O fogo apaguem da intestina guerra!

1846.

---

A' tragica e deploravel morte do conspico e benemerito Patriota Portuguez, Agostinho José Freire de Carvalho, atrozmente assassinado por patricios seus na revolta de 1837 em Portugal.

---

**SONETO.**

Pallido o rosto, o sangue gotejando,  
 Freire ao Elysio languido caminha:  
 Pedro (\*) o conhece, e a elle se avizinha,  
 D'este accidente a causa perguntando.

Ao Principe immortal triste saudando,  
 Assim lhe diz: « Fiel á patria minha,  
 « Amigo vosso, amigo da Rainha,  
 « Victima fui do crime o mais nefando !... »

—E a Carta? (o interrompe o heróe) Que feito  
 É d'ella?—« Baqueou... e, desunida,  
 « Lysia ao ferro do algôz franquea o peito !

Por todo o Elysio a nova foi carpida—  
 E, o que da morte soube rir no leito,  
 Tendo-a ouvido, chorou perder a vida.

---

(\*) O Sr. D. Pedro 1., de gloriosa e perpetua memoria.

Ao passamento do meu venerando Amigo, de saudosa memoria, o Sabio  
Patriarcha da Independencia, e distincto litterato e poeta, José  
Bonifacio de Andrada Silva—

## EPICEDIO,

AGORA OFFERECIDO A SEU DIGNO NETO, O ILLM. SR. DR. MARTIM  
FRANCISCO RIBEIRO DE ANDRADA.

Andrada, viverás na terra eterno;  
Resoará teu nome d'era em era  
Sancto, puro, e grande.  
*Ledo.*

A' Mão que só temia,  
A'quelle, ante Quem só, virtuoso e justo,  
Curvado se humilhava,  
Rendeu o sabio Andrada  
Esse dom immortal que d'Elle houvera.

Do universal respeito,  
Do nosso amor o sobrehumano objecto,  
Do Brasil o primeiro  
Esteio, inabalavel aos assaltos  
Da louca humanidade,  
—Por lei de quem poder so tinha 'n elle—  
Cahiul... E onde lagrimas que bastem

Para chorar-lhe a queda? Onde palavras  
 Maviosas, ternissimas que possam  
 A magua de perdê-lo  
 Contar a esta e ás gerações vindouras ?

Incalculavel como a sua gloria,  
 A perda nossa foi co'a morte sua :  
 De Washington na campa  
 Não viu transida a patria  
 Embargado p'ra sempre equal thesouro.

E te aprouve, meu Deus, qu'a tantos golpes  
 Qu'as entrânhas nos rasgam, recrescesse  
 Este golpe terrivel?... Dôr violenta  
 Que d'elle nos provêm, como soffrê-la,  
 Sem que dos olhos lhe rebente o allivio?  
 E offende-te este pranto? Ah ! dá qu'o vêrtam,  
 Dá qu'o vêrtam saudosos nossos peitos,  
 Esta consolação releva ao homem,  
 Porque, como lhe cumpre,  
 Possa depois cruzar-se aos teus decretos !

Andrada ! revocado ao ser eterno,  
 Essa tu não sentiste  
 Dôr da mortalidade : co'a lembrança  
 Doce e consoladora de teus feitos  
 Suavemente adórmntado, o premio

Passaste a receber d'Esse—que unico  
Remunera a virtude.

Como vaso de aromas que se quebra,  
Um suave perfume embalsamado  
Deixa—deixaste ao mundo  
Deliciosa e amada  
Memoria que terá so fim com elle.

Andrada ! em vão na terra  
Nome haverá que te pleitêe glorias;—  
A mesma gloria foste,  
Foste a mesma virtude. Ao teu só leva  
A primazia no respeito um nome—  
O d'esse que no assento  
Da vida perennal só te precede,  
Porque de ser teu pae lhe coube a dita.

De remorso aos ingratos,  
De culto e de saudade aos que te amaram,  
O monumento augusto onde repousas,  
Continua emanação será na pátria :  
E até a ultima era,  
Sempre que queiram as polidas gentes  
Do cidadão, do homem  
O archétypo dizer, dirão—ANDRADA.



A' Inmortal morte do Illm. Sr. José Francisco Cardoso de Moraes,  
benemerito cidadão, e extímio poeta latíao—

### EPICEDIO, (\*)

OFFERECIDO, DEDICADO E CONSAGRADO A SEU ESPECIAL E SAUDOSO  
AMIGO, O ILLM. E EXM. SR. VEADOR PAULO JOSÉ DE MELLO AZEVEDO  
E BRITTO—E A SEUS-EXTREMOSOS E SENTIDÍSSIMOS FILHÓS OS ILLMS.  
SRS. DESEMBARGADOR TITO ALEXANDRE CARDOSO DE MELLO, E  
CYRO CARDOSO DE MENEZES.

Será já tarde? . . Não;—do bem perdido,  
Quam mais remota é, tanto mais vale  
A sentida lembrança—  
O pranto, que se verte sobre a pedra  
Do tumulo recente, menos preço  
Tem, qu'a saudosa lagrima qu'a molha,  
Quando a planta do tempo a vae gastando.

Não, não é tarde—vamos  
Na lyra que negrêja pendurada,  
O nome suspirar do meu Cardoso;  
Dizer-lhe o ultimo *vale*,  
Mandar-lhe á sepultura o hymno extremo.

(\*) Em razão de doença minha, houve alguma demora na composição d'este epicedio, como do seu principio se vê.

Homem sensível! — tu, que só conheces  
 Os efeitos da dôr, quando é profunda;  
     Tu, que conservas 'n alma  
 Do objecto, que perdeste, em quanto vives,  
 Maguádas, feis reminiscencias;  
     Tu meu silencio julga,  
 E minha triste endêcha óra avalia.

    Esta é a lyra, que elle,  
     O meu Cardoso amavel,  
 De cordas reforçou com seus louvores:  
 Devia-lhe um tributo, hoje lh'o paga—  
 E aos mortos um tributo é mais valioso.

    Na clave da saudade  
 Abemolando os sons, Musa, cantemos  
 Do nosso velho Bardo a vida illustre,  
 Qu' improvisa ceifára ávida morte.

Que perda para a patria, para os homens!  
     Que perda para os vates!  
     Lusitania! — uma lágrima; —  
 De Trípoli o cantor já não existe!  
     Brasil! — o teu Virgilio,  
 O filho, que te honrou, jaze na campa:  
     De lá requer teus cultos,  
 Opprobrio fôra para ti nega-los.

Soterópolis, ó terra minha amada !  
 Maxima gloria te pertence;—ufana  
 Deste-lhe o berço, e guardarás seus ossos:  
 Mór, pois, é tua divida com elle—  
     Mór gratidão te cumpre.  
     Ah!—que de ti queixoso  
 Morrer devia o mal-prezado filho,  
     Que tão util servíra,  
 Qu'amára tão fiel seus patrios lares.  
     Na longa vida airosa  
 Olvidáste-lo ingrata!—Uma só d'essas  
 Dedicacões ao merito não coube  
     Ao lente de teus lentes—  
 Ao velho esclarecido e venerando,  
 Rico d'experiencia e probidade! (\*)  
     Tão prodiga com outros,  
 Com elle injusta mãe, lhe escasseaste  
     Dons, que, si os possuíra,  
 De mais prol, e renome a ti valêram !  
 Oh ! duas vezes pezarosa chora;  
 Dobrado pio amor tributa ás cinzas  
 Do egrégio filho—e, para gloria d'elle,  
 Para estímulo teu no apreço a quantos  
 Premio, e favores requestar não sabem,

(\*) Nunca partilhou em uma eleição, nem para deputado á assembléa provincial!—Desconhecida patria!—Mas a perda, e a vergonha foi sua.

Em seu gemer perenne

Dirá o orphão bahiano vate:

« Na patria, que illustrára, o meu Cardoso  
Viveu mal-esquecido, e sempre honrado ! »

Açsignalado—como

Foram seus dias—tu, meu DEUS, quizeste,  
Que d'elles fosse o decretado termo.

Este ar ameno, á tua voz, revolve  
Horrivel furacão, (\*) quando da vida  
O relogio bateu su'hora extrema—  
Assim ás vezes, ao espirar da lua,  
Copioso aguaceiro a terra ensopa.

Mas porque, meu SENHOR, porque ha de a parca  
Do homem aferrar, quando mais doce  
A existencia lhe é?—quando elle o fio  
Mais almêja estender da incerta idade? —

Porque do amigo ausente (\*\*)

Ha de vir no abraço envólta a morte,\*

Do que lédo o recebe

Nas pálpebras soprar-lhe eterno somno,

E, acintosa, de ambos

(\*) Alludo ao grande pé de vento, que houve 'n essa tristissima occasião.

(\*\*) Alludo ao Illm. e Exm. Sr. Veador Paulo José de Mello Azevedo e Britto, cuja boa vinda alegrára sobremaneira o seu amigo, fallecido logo depois.

Sorver 'n um trago os preparados gostos?—

Porque dás que succêda

A tão curto prazer tão longa pena?..

« Homem, que queres?—Basta :

Contempla-me, e consola-te. » Que forte

Echôa-me esta voz no íntimo d'alma!—

É d'elle—é do meu DEUS.—Que assim me cumpre.

Senhor, eu bem o sei—Interrogar-te

No devanear da dôr ousei—perdôa...

Ah! lembre-te que sou feitura tua.

De desfôgo ainda

Necessita meu peito, assoberbado

D'essa, que o inundou, perda tão grande :

Meu piedoso pranto,

Meu lugubre cantar i Agência;

Officio derradeiro

De saudosa, gratissima amizade.

So depois que lhe foge,

Bem aquilata o homem

—Misero! —a dita que gozar não soube...

E ai!... quam menos lograda ella nos vôa,

Tanto mais sente o coração perdê-la.

O' noite do Bomfim (\*), divina noite !

(\* ) A do anniversario do natalicio do fallecido, uma das mais bellas e felizes noites da minha vida, e a unica, que com elle passei, como adiante se verá.

Nunca te esquecerei—nunca: da lyra,  
 Que gemebunda sôa, immorredouros  
 Incentivos serão os que lhe dêste,  
 Doulos applausos de sinceras vozes—  
 Penhorei de Cardoso o sabio ouvido,  
 E fui por elle graduado Elmano ! (\*)

O' noite do Bomfim, divina noite !  
 Quam me exacerba a dôr tua lembrança !  
 Quanto vens redobrar minha saudade !  
 Porque tão tristes para mim os dias—  
 Tão aziágos—após ti volvéram ? !  
 Porque—tão crús—os fados me não deram  
 Repetidas fruir delicias tuas ?  
 Ah! qu'ô sentia extremo—e porventura  
 Nódoa d'ingrato enxovalhou meu nome;  
 Qu'estranhos a Cardoso eram meus males !  
                     Razão ! delir não podes  
 Com teu aconselhar magua tão funda :  
 —Mau grado á tua voz—será perpetua.

Nunca se chora assás, si um pae se perde :  
                     Do acrysolado amigo  
 Na morte todas lagrimas são poucas.

(\*) Bocage—; favor, que sempre tive, e terei por immerecido.

Ainda inconsolavel  
 La se amesquinha, e carpe-se  
 Do finado Varão a prole unida;—  
 D'aureas virtudes abastada herdeira,  
 Nobre exemplar de filial piedade.

Quem esse, qu'a preside,  
 De Thémis, e de Apollo digno alumno,  
 Teu sublime cantor, sancta Amizade? (\*)  
 O mavioso Tito,  
 D'aquelle honrado pae o filho honrado.

E o qu'apar d'elle vejo,  
 De longo dó vestido,  
 Venerando ancião, o transe amargo  
 Compartindo, quem é?—Que novo Pylades  
 Assim lamenta o seu Orestes charo?—  
 O amenissimo Britto, o homem singelo  
 E gasaloso, exímio na virtude;  
 O teu insigne Vate,  
 Uma das tuas litterarias glorias,  
 Teu primaz Cidadão (\*\*), feliz Bahia.  
 Quasi juntos—dous golpes o confrangem;  
 Que saúdoso e terno

(\*) Na sua bellissima Ode, dedicada ao seu amigo, o Illm. Sr. Eustaquio Adolfo de Mello Mattos.

(\*\*) Como Presidente, que então era, d'esta Provincia.

Da bem-amada, virtuosa esposa,  
Recente ainda, o transitio chorava:  
Ora prantêa o seu constante amigo,  
    De cuja prole ao lado,  
Varão pacientissimo, engolindo  
O seu, lh' enxuga o successivo pranto—  
E da saudavel, doutrinosa bôcca  
Derrama-lhe no peito o grato allivio.

Cardoso! ... Alma gentil! ... Quem mais na patria  
Venerado existiu, morreu carpido?—  
Quem mais saudosa nos deixou memoria?

    Espirito ditoso!

Si, qual o creio, la do Empyreo escutas  
O canto dos mortaes, meu canto acceita:  
Não é digno de ti;—porêm tão puro,  
    Como ess'aura que bebes,  
Como essa luz, na eternal morada.  
Dos meus escuros, infelices dias  
    —Até que la te veja—  
Um só não passará, sem que teu nome  
Triste repita, sem de ti lembrar-me.

Estiae, minhas lagrimas; é tempo—  
Infausta lyra, não prosigas; basta:



A' sentidíssima morte da Exma. Sra. D. Anna Rita Zeferina de Almetta  
Torres e Couto.

---

## NÊNIA,

OFFERECIDA A-SEU CUNHADO O EXM. VEADOR PAULO JOSÉ DE MELLO  
AZEVEDO E BRITTO, E A SEUS FILHOS, COM ESPECIALIDADE OS ILLMS.  
SRS. TENENTE CORONEL MANUEL JOSÉ DE ALMEIDA COUTO, E DR.  
JOÃO JOSÉ DE ALMEIDA COUTO.

Ja não vive!... Dos filhos lastimosos  
Parte dos corações la foi com ella  
Para sempre jazer na sepultura!

Sumiu-se a nossos olhos  
Essa qu'eu vira, ha pouco,  
Ao filial banquête (\*) presidindo  
—Soberana ditosa—  
Prazeres repartir, colher prazeres!  
Oh que beijos de amor e de respeito  
'N aquella mão de benção não soavam!  
Quantos ao Ceu partiam  
Mudos férvidos rogos  
Por sua vida—d'almas da su'alma!

(\*) Um jantar dado por seu filho, o Illm. Sr. Tenente Coronel e Comendador Manuel José de Almeida Couto, no dia anniversario do nascimento de sua Exma. Esposa, ao qual assistira sua illustre Mãe, que logo dous dias depois fallecêra inesperadamente.

Ja porém deferidos...

Ai! não podiam ser; ja quasi cheio

Era o vital improrogavel prazo.

De seus formosos dias

Só lhe restavam dous— seu termo chegado

Mensageiro do Ceu, o Anjo da morte,

Desce aos de ANNA descuidados lares,

E nas candidas azas refulgentes

Seu extrahido espirito tomando,

Vôa com elle á perennal morada.

De lagrimas inuteis

Banha o despojo amado

Dolorosa amizade, áfflicta prole.

Do eterno apartamento

No acerbissimo lance, d'esses filhos

Qual não fôra contigo

Encerrar-se na campa, ó mãe sublime,

Si a voz de DEUS lhe não dissesse—para—?

De seus olhos qu'a luz dos teus perdêram,

Perpetuo manará saudoso pranto.

Tu'alma varonil, tuas virtudes,

Teus desvêlos de mãe serão lembrados

Com gratidão por elles,

Por elles com saudade, enquanto vivam;

Exemplares serão das filhas tuas,  
 E de quantas amarem  
 No conjugal estado a tua gloria.

Do Supremo Juiz, que, recto e justo,  
 As do character teu premia—e pune  
 A mãe desnaturada, a espôsa infida,  
 Recebe, alma gentil, recebe a c'róa  
 Da infinita lúcida ventura,  
 A' que te revocou, que te ha guardado.

D'ella ornada no meio  
 Dos dous esposos que fiel amaste,  
 Com elles, com es teús que la fulguram,  
 Venturosa comparte a vida eterna.

Más o que ouço?! Accentos  
 De accórdada 'dulcissima harmonia;  
 Ledos entóam na celeste Patria:  
 « Consolação ao mundo—ANNA é connosco! »  
 —Consolação aos d'ella—ANNA é ja tudo;  
 « Vive com seu SENHOR!—responda o vate,  
 Qu'uma so vêz a viu, más que sentido,  
 Grato amigo dos seus, chorá-la soube.

Ao meu estimavel amigo o Illm. Sr. Capitão Domingos Mondim Pestana, por  
ocasião da morte de seu innocente filho Elpidio—

---

### EPISTOLA.

..... Ai... que esta vida  
Não leva outro teor; compõe-se toda  
De curtas alegrias, longas maguas!  
*Filinto Elysio.*

Não quizeram, Delmiro, os tristes fados  
Que me a vida attenúam, que teu filho  
Visse a ultima vêz, levasse ao tumulo,  
E com meu pranto lhe orvalhasse as flores;  
Que, pae e amigo, na soidão da magua  
Ajudar-te a chorar fosse por elle.  
Más de longe—inda agora—esse tributo,  
Doce tributo á Natureza charo,  
Paga meu coração, pagam meus olhos;  
'N esta lugubre pagina estampadas  
(Culto mais valioso) da amizade  
Ternissima no seio, vão, Delmiro,  
Co'as tuas minhas lagrimas juntar-se.

« Não vive Elpidio ja !... Parte da vida  
Dos paes co'a d'elle se afundi na campa.  
Mallogrados desvélos, esperanças,  
Tudo a terra absorveu—Assim a morte  
A próle nos cercêa, a mór das ditas,  
Que conhece no mundo o homem qu'ê homem,  
O mór bem, que lhe os Ceus próvidos deram.

Não vive Elpidio ja !... Tua lembrança,  
Meu DEUS, tua lembrança é so que pode  
Ao consternado pae, á mãe carpida,  
Meiga consolação, virtuoso esfôrço,  
Proficuos derramar no íntimo d'alma. »

Estes, Delmiro, funeraes lamentos  
Abri do peito, maviosos, quando  
Soou d'Elpidio a morte em meus ouvidos :  
Si a magua te aggravarem, tambem d'elles  
Pode o allivio brotar á magua tua.

---

A' muito sentida morte do meu prezado primo e amigo, de saudosa  
 memoria, o Desembargador Joaquim Anselmo Alves Branco  
 Moniz Barretto.

DEDICADO E OFFERECIDO A SEUS FILHOS E GENROS.

Aquelle, que da vida longo estádio  
 Caminhou, apagada a luz dos olhos,  
 Só ouvindo, e sentindo o qu'era o mundo,  
 Na barreira da morte inevitavel  
 Ei-lo em fim esbarrou — e la sumiu-se  
 Ao mundo para sempre! Mais chorado  
 Amigo nunca foi por seus amigos;  
 Nem foi de pae por filhos mais sentida  
 A perda sem reparo.

Si lagrimas podessem  
 Reanimar o morto, hoje contára  
 Nova existencia o meu prezado Anselmo.  
 Quem de Themis o viu honrando o alcáçar,  
 E illustrado e leal servindo á patria;  
 Quem 'n aurea quadra o conheceu philósopho,  
 E philósopho sempre  
 No infortunio o achou, verteu por'elle  
 O pranto da affeição e da saudade.

Oh! bem-aventurado  
O homem, que dos homens  
Querido vive, e pranteado morre!  
Oh! bem-aventurado  
Aquelle, a quem dos seus grata memoria  
A magua adoça de os haver perdido!

---

A' prematura e sentida morte do Illm. Sr. João Carneiro de Campos.

---

**SONETO,**

DEDICADO E OFFERECIDO A SEU SAUDOSÍSSIMO PAE, E MEU PREZADO  
AMIGO, O ILLM. SR. COMMENDADOR JOAQUIM TORQUATO  
CARNEIRO DE CAMPOS.

Teus desvélos baldando iníqua e dura,  
A Parca cerceou-te a prole chara;  
Perdeste o filho de indole tão rara,  
De proceder tão casto, alma tão pura.

Teu grande coração 'n esta amargura  
Os golpes, como sóe, constante apara;  
E a Deus a mente, qu'a razão te aclara,  
Sobe, ao descer teu filho á sepultura.

Lendo, Torquato, o caso doloroso,  
Que, fiel, me narrou tua amisade,  
A magua tua comparti choroso.

Más abriu-se ante mim a Eternidade—  
E ali, co'a feliz Mãe, João ditoso  
Minha dôr consolou, minha saudade.

---



Ao meu estimavel amigo, o Illm. Sr. José Lopes Pereira de Carvalho,  
honrado negociante d'esta cidade, por occasião do fallecimento de  
seu prezado Pae do mesmo nome.

---

**SONETO.**

De teu querido Pae a triste morte  
Chorei dentro em meu lar com dôr profunda;  
Dôr, que meu rosto agora mesmo inunda  
Co'a lembrança fatal d'esse agro côrte.

Bem quiz da pena na estação mais forte,  
Quando amizade os seus fiel circunda,  
A teu lado, Carvalho, ir menos funda  
Fazer-te a chaga, amaciar-te a sorte.

Férreo, tyranno, inexorável fado  
Qu'os dias me perturba, esse de amigo  
Passo vedou-me—mâs se viu frustrado:

Meu estro cala no eternal jazigo,  
E á luz sahindo com teu Pae honrado,  
Dever mais alto satisfaz contigo.

---

Ao fallecimento de minha muito amada e venerada Mãe, a Sra. D. Maria  
Francisca Pires de Albuquerque Moniz.

---

### ENDECHA.

Eu perdi minha Mãe!... De mim distante  
O tumulo a sumiu, sem qu'eu podesse  
Sua dextra beijar, qu'a vèz postrêma,  
Alçada para mim, me abençoasse.

Eu perdi minha Mãe... Chora-la-ei sempre  
Emquanto a morte me não cerre os olhos—  
Este pranto aggravar ao Ceu não pôde :  
Aggravo fôra a Deus não derramá-lo.  
Qu'amemos nossos paes Elle nos manda :  
Effeitos d'esse amor, lagrimas nossas  
Não ha de condemnar, quando os perdemos.

Eu perdi minha Mãe!... Tu, que meus males  
A's vezes tão propheta me annuncias,  
Porque, meu coração, não presentiste,  
Por que não me avisaste um mal tão grande?  
Oh! praguêja commigo as esperanças  
Mentidas, desleaes, que te enganaram.

Que mofo que sou!... Quem sabe... ai triste!...

Quem sabe si das vistas moribundas  
No vago percorrer não procurou-me  
Minha Mãe que p'ra os seus era tão boa;  
Que tanto me queria, e em mim pensava!—  
Si me não vendo, a eterna despedida  
Dos seus, peñosa, lhe não foi mais dura!...

Que mofo que sou!... Eu que devêra,  
Aos pes de minha Mãe ajoelhado,  
Co'os meus acompanhar seus ais extremos...  
Contemplá-la em su'hora derradeira...  
Uma e cem vêzes abraça-la morta...  
Com mão piedosa as palpebras fechar-lhe...  
Ah!... nem esse dever cumpri-lo pude,  
Nem tive—malfadado!—esse consôlo!

Porque, meu coração, não presentiste,  
Porque não me avisaste um mal tão grande?  
Temeste acaso fenecer de angustia  
Ante a Mãe a expirar?... Oh! 'n esse transe  
Uma pór uma as cordas que te movem,  
Estalarem de pena um bem seria.

Eu perdi minha Mãe!... O que foi ella  
Só podem ao SENHOR dizê-lo os Anjos;  
Eloquencias da terra o não exprimem.

Seus filhos com razão a estremeciam;  
Elles e seu consorte eram seu mundo,  
Seu pensamento só, seu prazer todo.  
No logar qu'habitou, qu'ha de a fragrancia  
Perfumar sempre das virtudes suas,  
Ninguem a conheceu, qu'a não amasse,  
Qu'o seu nome, si o ouviu, não bem-dissesse!  
Amor sincero e lagrimas d'escravos, —  
P'ra quem da humanidade as leis bem préze —  
Vós tambem honrareis sua memoria !

Eu perdi minha Mãe!... Chora-la-ei sempre,  
Em quanto a morte me não cerre os olhos —  
Este pranto aggravar ao Ceu não póde :  
Aggravo fôra á DEUS não derramá-lo.

---

Ao fallecimento de meu muito amado e venerado Pae, o Sr. Luiz Antonio  
Montz Barretto da Siveira.

---

**NENIA.**

Assim me vae descendo  
Em pedaços a vida á sepultura.

O restante do tronco  
D'arvore de que fui ramo bem triste,  
D'ha muito vacillante,  
La em fim derribou a Mão do Eterno.

O mal-cicatrizado  
Golpe, que 'n alma me fizera a Parca,  
Da vida á minha mãe cortando o estâme,  
Ei-lo de novo aberto  
Co'a perda de meu Pae, vertendo a frouxo  
Sangue, em que se me vão prazer e alentos,  
Ja gastos na existencia amargurada.

Meu Pae, qu'era o orgulho de seus filhos;  
Que serviu sua patria, (\*) emquanto poudé,

(\*) Como capitão do regimento de milicias da villa de Jaguaripe—  
antes, e na occasião da independencia do imperio, e depois como te-  
nente coronel commandante do batalhão da mesma linha d'aquella  
villa, &c., &c.

Sem ambição de premios, que não teve,

Porque nunca a pedi-los

A grandes se humilhou que viu pequenos;

Meu Pae, que tão brioso, honesto, e honrado,

Nunca em acção ruim manchou seu nome;

Qu'a sombra de feliz independencia,

Em aurea mediania,

Contente viveu sempre no seu campo,

Sem cubica, ou remorso,

Qu'as horas do socêgo lhe turbasse;

Meu Pae, meu charo Pae—tão bom p'ra todos,

De todos tão querido onde habitava—

Para eu nunca mais vê-lo 'n este mundo,

La comsigo o levou o Anjo da morte.

Assim me vae descendo

Em pedaços a vida á sepultura.

E que fôra de mim, si não tivesse

Estas lagrimas doces que derramo!..

Meu-DEUS! é o chorar um dos maiores

Beneficios que deste á humanidade.

Si dissolvida a angustia pelos olhos

Não vasasse aos mortaes, que peito houvera,

Que pudesse, da dôr no apêrto inteiro,

Abriu-se, meu SENHOR, aos teus dictames?

Com elles me conformo, porque choro—

A's vezes a razão nasce do pranto;  
Astro é que brilha ás vezes,  
Só depois que de nuvens  
Grossa chuva de lagrimas  
Limpa e clarêa os horizontes d'alma.  
O pranto qu'inda estilla,  
Meu DEUS e meu SENHOR, minha saudade,  
Na escuridão da magua de perdê-lo  
Foi que me deu qu'eu visse  
Os risos de meu Pae na Gloria tua.

Feliz, quem chorar sabe os paes que perde,  
Emquanto ca na terra ora por elles !

---

A' morte de minha innocente filha, Constança Perpetua Moniz.

### ENDÉCIA.

Outro fio da téa da existencia (\*)  
 Quebrou-me, repentina, á mão da morte...  
 Realisou-se o meu presentimento—  
 Minha filha morreu!... Todas as vezes,  
 Que me revia 'n ella, em suas graças,  
 Na sua candidez, nos seus amores,  
 Preságo o coração me annunciava—  
 Qu'era do Ceu, qu'a perderia em breve.

Nunca vi, nem sonhei olhos tão pretos,  
 Tão meigos e tão lindos, como eram  
 De minha filha os olhos; nunca uns labios  
     De mimosa innocencia,  
 Que fallassem e rissem, como os d'ella;  
 Nem tão aguda discrição, tão grave  
 Meditar—'n uma idade de dous annos  
 E tres mezes—qual era a sua idade!...  
     Seráphicos mysterios

(\*) Alludo á perda de meus Paes, e de quatro filhinhos, etc.



Eram seus olhos, seu fallar, seu riso—  
 E só meu coração os compr'hendia,  
 Quando após o prazer de contempla-los,  
 Triste me repetia—has de perdê-la.—  
 E perdi-a!... E não sei si as duas fontes  
 De minh'alma terão para tal pêrda,  
 Para tão grande amor prantós que bastem!...

Meu Deus! si te agradava qu'esses olhos  
 Fossem tão cêdo accrescentar os brilhos  
 De teu Sólido eternal; si assim devia  
 Essa falla ir tão cêdo as harmonias  
 Augmentar do teu Ceu, si d'esse riso  
 Para ser mais alegres precisavam  
 Os córos de teus Anjos; porqu'a filha,  
 Que me deste, SENHOR, com taes encantos,  
 Não me levaste logo, antes que todo  
 Inteiro o meu amor 'n ella empregasse?...

Cala-te, coração; não interrogues  
 Mais o teu Creador: das tuas penas  
     Praz-lhe ver distilladas  
 Para nossa ventura as glorias d'alma.  
 Mais um fio da têa da existencia  
 Rompeu-te, prematura, a mão da morte...  
 Mais uma corda t'estalou p'ra sempre  
 Das tuas vibrações deliciosas...

Acerba é tua dôr... eu bem o sinto...

Acerba, como nunca

Nas tuas aberturas padeceste-a...

Más a corda estalada, o rôto fio

La os archivou DEUS, para com outros

Pedaços do teu ser, qu'ao Céu voaram,

Um dia restaurar-te, e conceder-te

Vida inteira e feliz na Eternidade.

---

Por occasião da sentidíssima morte do Illm. Sr. Joaquim José  
de Magalhães—

---

**SONETO,**

DEDICADO E OFFERECIDO A SEU EXTREMOSO FILHO, E MEU PARTICULAR  
AMIGO, O ILLM. SR. DR. VICENTE FERREIRA DE MAGALHÃES.

Cahi em fim teu Pae aq' duro cóрте  
Da soberana indómitta homicída !  
Como terno şoubeste amar-lhe a vida,  
Assim te vimos prantear-lhe a morte.

Santa philosophia, eia, conforto  
Tu'alma, á pena tão cruel rendida !  
Além do justo—não quer DEUS carpida  
A dos homens commum, funérea sorte.

La vejo, Magalhães, colhendo o fruto  
Do cabedal qu'a terra não consome,  
O charo objecto do teu pranto e luto.

Inteiro a Parca vedarei qu'o tome—  
Pagando a ti, a elle este tributo,  
Do negro olvído salvarei seu nome.

---

Ap. passamento da Exma. Sra. D. Maria Joaquina Carneiro.

## EPICÉDIO,

DEDICADO E OFFERECIDO A SEUS DIGNOS FILHOS, OS ILLMS. SRs. JOAQUIM  
TORQUATO CARNEIRO DE CAMPOS, VASCO CARNEIRO DE CAMPOS,  
BENJAMIM CARNEIRO DE CAMPOS, E JOSÉ TIBÚRCIO  
CARNEIRO DE CAMPOS.

Na morte está da vida o complemento:

O remate da gloria para o justo

Está na transição á Eternidade.

Para aquelles que vivem

No amor do seu DEUS, no do seu proximo,

O morrer não é mais que longa, ou breve

Ausencia, que precede ao gozo eterno,

A' perenne união dos que cá deixam,

E sabem nas virtudes imitá-los.

Filhos, que vossa Mãe amaveis tanto,

Cessai de a prantear, saudosos filhos!—

Foi a sorte do justo a sorte della.

A que de vós partiu, alma tão pura,

De qu'era espelho tão gentil semblante,

Nas azas de divinos mensageiros

O vôo ergueu ao Ceu para completa  
Sua vida tornar, a gloria sua.

Era tempo de unir-se  
Esse angelico espirito ao que d'elle  
Desligado pousava além tres lustros  
Na Mansão do SENHOR (\*)—era ja tempo  
D'ir a viuva reviver espôsa;

E a Mãe que só podia  
Pelos filhos orar, ir para os filhos  
Melhor as graças conseguir do Throno,  
—Unico verdadeiro,  
Em que só deve crer a humanidade.

Prole, que vossa Mãe amaveis tanto,  
Cessai de a prantear, condigna prole!—  
Foi a sorte do justo a sorte d'ella.  
A cinza venerar-lhe, honrar seu nome  
Na terra pelos vossos illustrada  
O vosso filial tributo seja.

---

(\*) Allusão ao Illm. Sr. Joaquim Carneiro de Campos, distincto bahiano, marido da fallecida.

A' prematura e muito sentida morte do excellente joven Vicente Ferreira de Magalhães—

---

### NÊNIA,

CONSAGRADA E OFFERECIDA, A SEU TERNO E SAÚDOSO PAE, E MEU PREZADO AMIGO, O ILLM. SR. DR. VICENTE FERREIRA DE MAGALHÃES.

Porqu'a morte, em pequenino,  
Mancebo, te não levou?.....  
Porque seu golpe ferino  
Para mais tarde guardou...  
E o saber, desvélo e tino  
De teu pae, tudo baldou?

Na quadra da juventude,  
Que começava a florir,  
Quando tu'alma á virtude  
Ja folgava de se abrir,  
Mergulhada no ataúde  
Foi-se a gloria do porvir!..

Raros descem ao jazigo,  
Como tu, em annos taes,  
Sem saber o qu'ê castigo  
De seus mestres, de seus Paes!

Bem empregados contigo  
Os extremos paternaes!

Egualar-te na prudencia,  
No honesto proceder,  
No amor, na obediencia  
A quem os devemos ter,  
Pode a boa adolescencia,  
Porém nunca t'exceder.

Traspassados de saudade  
As irmãs, os irmãosinhos,  
Choram a tua bondade,  
Teus conselhos, teus carinhos...  
Como os paes, na anciedade  
Gemem elles—coitadinhos!..

Filho amado, irmão querido,  
Porqu'a Parca te levou?..  
E, para ser mais sentido,  
Tanto o golpe demorou...  
E do pae esmorecido  
O saber, tudo baldou?

Eras o seu companheiro  
Nos passeios, nas funcções;  
Via de gloria um luzeiro

Nas tuas inclinações,  
E no seu filho primeiro  
Fructos das suas lições.

Tua Mãe estremecia  
Por ti, como poucas mães;  
Nos discursos que te ouvia,  
Nos teus modos e ademães,  
Contente o retrato via  
Do seu charo Magalhães.

A patria, qu'a geração  
Crescente estudando vae,  
Para um dia o seu braço  
Restaurar, qu'ora decae,  
Via em ti um cidadão  
Brioso como teu Pae.

Oh que perda não soffrêram  
Os teus, a humanidade! . . .  
Qu'esperanças não morrêram  
Para o povo e à Liberdade  
Nos dotes que devolvêram  
Contigo à Eternidade! . . .

Vive, mancebo ditoso,  
La 'n essa Estancia immortal,



Onde só do virtuoso  
Prevalece o cabedal;  
Onde é permanente o gozo  
Da só ventura real !

E cesse a voz lastimosa  
Dos funéreos cantos meus—  
E busque para a saudosa  
Magua, em que penam os teus,  
A crença religiosa  
Dôce allivio aos pes de DEUS.

---

A' prematura e sentida morte do Illm. Sr. Antonio de Araújo Aragão Bulcão, primeiro-annista da Eschoa de Medicina desta Provincia.

---

**SONETO,**

DEDICADO E OFFERECIDO A SEUS DIGNOS TIOS E PRIMOS.

La com roupas de dó e de saudade  
Academicos novos se apresentam; (\*)  
E a perda do collega seu lamentam,  
Nos talentos distincto, e na bondade.

Preconceitos crueis da sociedade  
Do morto os consanguíneos não sustentam;  
Qual sempre p'ra com elle só attentam  
Na voz da natureza e d'amizade.

Ah! quando o ia despiciar da sorte  
Um nome por si mesmo grangeado,  
Ceifou-lhe os dias prematura morte !

Era ja de seu pae fiel traslado:  
De quantos viram seu brioso porte  
O moço illustre feneceu chorado.

---

(\*) Referencia ao lucto que por oito dias deltamam pelo finado os seus nobres e piedosos condiscipulos.

Ao muito sentido fallecimento do illustre e distincto Commendador  
Antônio Joaquim Alvares do Amaral—

---

**SONETO,**

DEDICADO E OFFERECIDO A SEU DIGNO FILHO E MEU PREZADO AMIGO,  
O ILLM. SR. JOSÉ ALVARES DO AMARAL.

O filho que perdeu, prestante e honrado,  
Prantêa com razão a patria minha;  
Com razão triste espôsa se amesquinha  
Pelo consorte que lhe foi roubado;

A falta, com razão, do pae amado,  
Em quem a joia de mór preço tinha,  
Lamenta a prole, qu'em seu seio aninha  
Virtudes que lhe houvera elle ensinado.

Cesse porém das dôres o transporte;  
Ao conspicuo Amaral na despedida  
Do mundo corouo do justo a sorte—

Desceu sem mancha á funebre jazida:  
Foi *uma bella tarde a sua morte* (\*)  
Na terra—e la no Ceu manhã de vida.

(\*) Allusão ás ultimas philosophicas palavras do illustre finado dirigidas aos amigos que o assistiam.

Ao prematuro e deplorável fallecimento do meu prezado primo e amigo,  
o Dr. José de Assis Alves Branco Moniz Barretto.

---

## NENIA,

DEDICADA E OFFERECIDA A SEUS IRMÃOS, OS ILLMS. SRS. DR. JOAQUIM  
FRANCISCO ALVES BRANCO MONIZ BARRETTO, DR. LUIZ MARIA ALVES  
FALCÃO MONIZ BARRETTO, JOAQUIM ANSELMO ALVES  
BRANCO MONIZ BARRETTO, &c., &c.

Ei-lo cahido em flôr! . . . Mil esperanças  
Dos seus e da nação ei-las perdidas!

Ei-lo cahido em flôr! . . . A sepultura  
No cadaver d'um moço encerra o vulto  
D'um gigante de epochas vindouras!

A aguia, que refeitas  
Não tendo ainda as pennas para os surtos  
Elevar magestosos, ja nos vôos  
Arrojados pasmava as varias turbas,  
Ei-la chorada jaz—pasto de vermes! . . .

Não lhe valeu no patrio ninho amado,  
'N aura mais pura que bebeu primeiro,  
Vir saude buscar—era chegado

O termo improrogavel de seus dias—  
 Morreu . . e só lucrou menos acerba  
 Ser-lhe da morte a dôr, tendo os sorrisos  
 Visto ainda uma vêz do ceu da patria.

'N esses dias ditosos abracei-o  
 No lar da sua infancia—e recordamos  
 Outros dias mais bellos que passaram...  
     Quando, em menino, o guia  
 Era do pae ja cego, e companheiro  
 D'estudo, e seu interprete nas lettras.

O que d'elle esperava, admirando-o  
 'N essa quadra gentil, cumpriu-se em breve;  
 Em breve o homem foi, qu'eu predizia;  
 Litterato e orador; e todo enchêra  
 Meu yaficínio um dia, si vivesse  
 Meio seculo ao menos—curto estádio  
 D'existencia commum para a materia;  
 De vida para o esp'rito estádio grande—  
 Quando se vive bem, vive-se muito.

Lgrimas de prazer verti suaves,  
     Quando o vi ja coberto  
 De tanta gloria, regressar á terra  
 Que se ufanava d'elle ser seu filho—  
 Abracei-o . . e o abraço, qu'era pouco

Para matar saudades de tres lustros,  
Devia ser o abraço derradeiro  
Para o só repetir na Eternidade!...  
E as lagrimas de jubilo - vertidas,  
Em lagrimas de dó ei-las trocadas,  
Que tristes se derramam  
Sem banhar-lhe sequer a campá historica!...

Para morrer ao lado da consorte  
E da filha, por quem desadorava,  
Morreu longe d'irmãos, longe da patria.

Na prematura viuvéz lá geme  
Mais uma illustre joven!... Na orphandade  
Prematura mais uma creancinha!...

Ei-lo cahido em flôr!... Mil esperanças  
Dos seus e da nação ei-las perdidas!...

Metéoro brilhante  
Luziu, desapareceu no ceu da imprensa,  
Da tribuna, no ceu da liberdade :  
Mas no ceu da memoria  
Ha de a luz reflectir, qu'espargiu rápido,  
Eterna—e sempre alumiar seu nome.

Assis!... dirá saudosa  
A geração presente; em quanto lidos  
Forem escriptos seus, e seus discursos :  
Assis!... dirão as gerações futuras,  
Cheias de gratidão e orgulho, emquanto  
Conserve a tradição lembranças d'elle.

Não mais—eis-me ante a Cruz... por prece humilde  
Na harpa do christão meu hymno acabe :—  
SENHOR! consolação!... SENHOR piedade!...  
Su'alma abençoe; salvae as nossas !

---

A' sentida morte do benemerito cidadão e honrado proprietario, o coronel  
Manuel Ignacio de Lima, meu illustre e prezado amigo—

---

**SONETO.**

Perdeu co'a sua morte a Liberdade  
Prestimoso sectario independente;  
Um cultor efficaz, nobre, excellente  
Perdeu p'ra sempre a candida Amizade.

A seus amigos perennal saudade,  
E aos aliados seus, deixou, pungente :  
O pobre, o rico sua falta sente;  
Sente—a toda a bahiana sociedade.

Morreu sem vêr o que almejava tanto...  
Regenerada sua patria um dia...  
Esse de todos seù maior encanto!

Ah! então, si eu vivêr, triste Bahia!  
No regozijo nosso ha de o meu pranto  
Do teu Lima lembrar-te a cinza fria.

---



A' prematura e muito sentida morte do distincto patriota, Dr. Francisco  
Moreira Sampaio, meu estimavel amigo—

---

**ELEGIA,**

DEDICADA E OFFERECIDA ÁS SUAS EXMAS. ESPOSA, MÃE, E SOGRA,  
E A SEUS ILLMS. SOGRO, E IRMÃOS.

Perdêmo-lo !... e tão môço !... é tão viçoso,  
De talento, e de civico denôdo  
Na sacra defensão dos patrios fóros !...

Perdêmo-lo !... e agora... quando a patria  
Afflicta mais carece,  
Para regenerar-se, de seus filhos !...  
Quando a trémula mão, para qu'a salvem,  
Estende supplicante a Liberdade  
Aos seus bravos, queridos Brasileiros !...

Perdêmo-lo !... e—segundo o diz a fama—  
Foi do zêlo e fervor, com que servia  
A' nossa causa, que lhe veio a morte.

Emmudeceu p'ra sempre  
A voz, que corajosa  
E facil no dizer, como são poucas,

Soava a bem do pobre e do opprimido  
Aqui, ali no Tribunal do Povo,  
Qu'impíos projectam annullar tyrannos !  
A falta d'essa voz independente,  
Efficaz, generosa, hão de senti-la  
Em todo tempo as victimas dos despotas.

E nem só d'essa perda a dôr profunda  
Nos fere os corações, e inunda os olhos—  
Mais chora, qu'o civismo, a humanidade.

Em vesp'ras de ser mãe, uma consorte  
A viuvéz mais triste ei-la gemendo,  
Abrigada outra vez no lar paterno!...  
Antes de vir à luz, orphão um filho,  
Quando, vingando, a balbutir comece,  
Não articulará de—pae—o nome...  
E si um dia o dissèr, 'n essa palavra  
Não ha de enunciar-se a natureza!...

E quem sabe, si esse filho,  
Orphão antes de nascer;  
Si a pobre espôsa viuva  
La consternada a gemer;  
Não é obra do mesquinho  
Ferreo arbitrio do poder?...

Sim—quem sabe, si téttricos cuidados  
 De marido e de pae, no leito enfermo,  
 Do brioso mancebo  
 Reduplicando o mal, não o mataram?...

Talvez... e esse—talvez—novos anáthemmas  
 D'uma familia numerosa e unida,  
 D'um povo quasi inteiro  
 Desfêcha contra ti, raça maldita  
 De tyrannos, d'America vergonha!

Talvez... más a viuva que se carpe,  
 Ha de Deus consolá-la e protegê-la;  
 E seu filho—vencida a santa causa  
 Que seu pae pleitea—ha de, crescendo  
 A' sombra de uma patria florescente,  
 Respeitada e benéfica, dos fructos  
 Com ella partilhar da Liberdade.  
 Do meu charo Sampaio hão de lembrar-se  
 Os seus concidadãos, os seus amigos,  
 Até que la no Ceu se unam com elle—

E esse filho, ora infeliz,  
 Essa espôsa ora a gemer,  
 Essa familia, este povo  
 Ora oppresso a padecer,

230.

EXERCÍCIOS POÉTICOS.

Hão de zombar do mesquinho  
Ferreiro arbitrio do poder.

A Justiça de DEUS assim o afirma :  
Para consolação é quanto basta.

---

A' prematura e sentida morte do distincto poeta Babiano, o Dr. em  
Medicina, Americo Brasillo de Sousa—

---

**SONETO.**

Calou-se para sempre a voz que forte  
Soava nos festins da liberdade,  
E despedia audaz, com gravidade,  
Em cada accento aos despotas um corte!

Um de teus orgãos, liberal cohorte,  
P'ra sempre emmudecen (cruel verdade!)  
Mas quem o fez calar no ardôr da edade?  
Os homens? não; quem só podia—a morte:

Povo, qu'ainda ha pouco (\*) o ouviste altivo  
Reivindicar na lyra a tua gloria,  
Povo, no coração conserva-o vivo!

Do moço trovador honra a memoria;  
De—pio para os teus—o distinctivo  
Une ao de—livre—na brasilia historia!

(\*) No dia 2 de Julho do anno passado, que, segundo declarou a alguns de seus amigos, tinha elle presentimento de ser o ultimo que havia gozar.—Que notavel presagio!

A lamentavel morte do mesmo distincto poeta, para ser recitado  
diante do seu tumulo—

---

### SONETO

Aqui, onde do grande aniquilado  
O brilho se traduz em vã chimera,  
Do genio o diadema reverbera  
Pelos tempos que passam, respeitado.

Aqui, onde no pó jaz deslembrado  
Do povo—o Rei que só na vida impera,  
Sentido um povo inteiro hoje venera  
Um moço illustre, um cidadão honrado.

Americo!—exclamar sempre a Bahia  
Ha de cheia de gloria e de saudade,  
O silencio quebrando á lousa fria.

'N este brado qu'anima á mocidade—  
'N este incenso qu'ao Ceu a creença envia—  
Conta mais um triumpho a Liberdade.

---

A' sentida morte do insigne actor João da Graça, patriarcha da  
scena bahiana.

---

**SONETO.**

Depois de hâveres na bahiana scena  
A patria esclarecido, actor famoso,  
Quer no carácter de *Faiel* zeloso,  
Quer no de *Affonso*, quando a *Ignêz* condemna—(\*)

Da epocha, em acções grandes pequena,  
Tambem provaste o calix amargoso,  
Da varia sorte rindo-te ditoso  
Co'a tua consciencia em paz serena.

O premio veio, enfim, trazer-te a morte;  
Ao teu nome, na vida, mal-prezado,  
Veio lustre hoje dar da vida o corte.

Foste genio—e de genio foi teu fado—  
Eram arte e virtude só teu norte,  
Morreste pobre—mâs morreste honrado.

---

(\*) E nos mais papeis, assim do alto, como do baixo comico, que sempre desempenhava optimamente.

A' sentidissima morte do honrado Negociante brasileiro José  
Affonso de Carvalho.

---

**SONETO,**

CONSAGRADO E OFFERECIDO A SEU GENRO, E FILHOS, E COM ESPECIALIDADE AO PRIMEIRO, O ILLM. SR. DR. FRANCISCO JOSÉ DA ROCHA, MEU ESTIMAVEL AMIGO.

Morreu o que da nossa Independencia  
Na lucta gloriosa eu vi prestante;  
O grave mercador qu'um só instante  
Não trahi u a verdade, a consciencia !

Morreu quem conservou sempre a excellencia  
D'esposo e pae ternissimo e constante—  
E ahi deixou-nos pagina brilhante  
Na historia da lhanêza e da prudencia !

Bahianos ! uma lagrima saudosa  
Ao nosso extincto conterrâneo amado,  
Cuj'alma la no Ceu pousou ditosa !

De Affonso o nome deve ser lembrado :  
Na morte o premio á sua vida honrosa,  
A patria dê-lhe, que negou-lhe o fado. (\*)

(\*) Alludo á pouca fortuna que deixou o illustre finado, e que podia ser muito maior, si elle fosse mais feliz, ou mais homem da epocha,



A' prematura e muito sentida morte de D. Leonor Augusta Pires, natural de Santo Amaro, neta do Illm. Sr. Ignacio Pires de Carvalho e Albuquerque, e distincta alumna do collegio—Conceição—dirigido pelo Illm. Sr. Joaquim José de Passos e sua digna esposa, a Exma. Sra. D. Maria Rosa de Passos—

---

## ENDECHA,

COMPOSTA Á PEDIDO DA MESMA ILLUSTRE DIRECTORA.

### I.

Jaz no sepulchro a donzella,  
Que tão bella,  
Merecia tanto amor!  
Da morte ao sópro cahida,  
E sem vida  
Não se viu mais linda flôr.

Ai!... quem jamais pensaria  
Que veria  
Tão cedo essa flôr morrer!...  
Flôr que crescia viçosa,  
Quam formosa  
Encantára em seu nascer!

De quem viu seus attractivos,  
Sempre vivos  
Na lembrança elles serão :  
Oh que beldade de rosto !  
Que composto  
D'espírito e coração !

Estas vozes de piedade  
A saudade  
Não cessa de murmurar :—  
« Era um anjo Leonor;  
Ao SENHOR  
« Cêdo devia tornar. »

## II.

E ei-la no Ceu acolhida,  
Como foi sempre querida  
Ca dos seus :  
Deixando a terra saudosa,  
Renasce a fragrante rosa  
Para DEUS.

Talvez um abysmo aberto  
Tivesse, n este deserto  
Contra si :

Quiz o Ceu, compadecendo-a,  
Pô-la a salvó, removendo-a  
Para ali. —

Para ali, onde segura  
Goza um'alma casta e pura  
    Todo bem;  
Onde ha uma só vontade,  
Que não se dobra á maldade  
    De ninguem.

E ei-la qu'eterna palma  
Ja la cinge a feliz alma  
    De Leonor;  
E, cheia d'immortal vida,  
Completa-se a renascida  
    Linda flôr.

## III.

Grande foi, Santo Amaro, a tua perda  
    No anjo que voou  
Ao Ceu, e sepultado em magua intensa  
    Tão breve te deixou!

Prantêa; que perdeu muito a Bahia,  
Perdeu muito a amizade,  
Muito perdêram pae e mãe, e muito  
Perdeu a sociedade.

As letras e às artes, as virtudes,  
A patria, a Religião,  
Tinham em Leonor futuro exemplo  
Da sua devoção.

Mestres e condiscipulas, prezavam-na  
Como a filha e irmã;  
E todos se reviam na candura  
De su'alma louçã.

Grande foi, Santo Amaro, a tua perda.  
No anjo que voou  
Ao Ceu, e sepultado em magua intensa  
Tão breve te deixou.

## IV.

Jaz no sepulchro a donzella,  
Que tão bella  
Merecia tanto amor !...

Da morte ao sôpro cahida,  
E sem vida,  
Não se viu mais linda flôr.

Cessai, porém, de chorá-la;  
Que levá-la  
Do mundo o Eterno quiz,  
Para dos anjos co'a palma  
Vêr su'alma  
Perfeitamente feliz.

## V.

E ei-la no Ceu acolhida,  
Como foi sempre querida  
Ca dos seus :  
Deixando a terra saudosa,  
Renasce a fragrante rosa  
Para DEUS.

---

Ao passamento da Exma. Sra. D. Rosentina Emilia de Albuquerque  
Pitta—

---

**SONETO,**

OFFERECIDO A SEU SAUDOSÍSSIMO ESPOSO, O ILLM. SR. DR. MARCELLIN  
ANTONIO DE MELLO ALBUQUERQUE PITTA, MEU ESTIMÁVEL AMIGO.

De amor e de constancia exemplo santo  
Legou á patria Rosentina bella;  
Viuvo—com razão verte por ella  
Fic' espôso da saudade o pranto.

Do corpo unia ao magestoso encanto  
Um'alma varonil, no Ceu e siugela;  
Seu extremo de mãe bem o revela  
A certa origem do vital quebranto.

Em flôr cortou-a prematura morte...  
A, que orphã deixou, filha innocente  
Redobra a magua do infeliz consorte.

Prantêe o mundo mais um anjo ausente...  
O que foi Rosentina, e qual seu norte,  
No Ceu procure-o do christão a mente.

---

Ao feliz passamento de D. Maria Joaquina Dorothea de Seixas—  
MARILIA DE DIRCEU.

---

## CANTO

CONSAGRADO À GLORIOSA MEMORIA DO SEU DESVENTURADO E SÚBLIME  
CANTOR, O DR. THOMAZ ANTONIO GONZAGA.

### I.

La se uniu finalmente ao Cysne amado  
A musa de Dirceu :  
A alma que no mundo era partida  
Inteira é ja no Ceu.

Só faltava Marilia para o quadro  
No Emygreo completar  
Das amantes dos vates que Morrêram  
Por ellas a penar.

Ja não inveja no eterno assento  
De Marilia o Cantor  
Os que martyres fôram, como elle,  
Da liberdade e amor.

Tasso, Camões, Petrarcha, e mais alumnos  
Da sancta Poesia  
Nos braços a Dirceu tomam, banhados  
De lúcida alegria.

Eleonóra, Catharina, e Laura  
Na radiante face  
Beijam, cheias de jubilo, a formosa  
Irmã qu'ali renasce.

Que dita ineffavel na patria do sp'rito  
Marilia foi ter! . . .  
Quanto é para amantes leaes, virtuosos  
Feliz o morrer !

## II.

Tu, Marilia, não precisas  
Na terra do canto meu—  
E até audacia é tecê-lo  
Um vate, como sou eu,  
A quem immortal ca vive  
Ja nas lyras de Dirceu.

São porêm, Marilia, as sombras  
Que dão realce ao painel;



É de palmas primorosas  
 Realce o tosco laurel;  
 Realce é de voz divina,  
 Voz de rude menestrel.

Deixa, pois, lá de cima que t'eu cante  
 Na pobre lyra minha :  
 Quando é sincera a offerta, não se deve  
 Rejeitar por mesquinha.

## III.

Das tuas lagrimas tristes,  
 Qu'Amor com zêlo aparava  
 Em vaso d'oiro, e guardava  
 Como um thesouro do Ceu,  
 Crystallisadas por elle,  
 Formou-se uma pedra rara,  
 Que na Bagagem se achára,  
 Que mão ditosa colheu; (\*)  
 Phenomenal diamante,  
 Qu'ô Nume em delirio um dia,

(\*) Alludo ao estupendo diamante, achado em Minas 'n esse logar, no mesmo tempo do transito para a Eternidade, da minha illustre celebrada.

Quando por ti se carpia,  
'N aquelle sitio perdeu.

Isso prova, Marilia, o que na terra  
Mereceste de Amor,  
Cujo nome na lyra tanto honrara  
Teu vate, teu pastor. (\*)

Eu tambem penso, Marilia,  
Nos altos juizos meus,  
Que da pedra preciosa  
Aproveu o achado a Deus  
Para amostra do diadema,  
De que te ornou la nos Ceus;—

Diadema, que dardêja  
De si mais raios de luz,  
Que todas as pedras junctas  
Da terra da Sancta Cruz;

Diadema, que só goza,  
Quem, como tu, padecen  
Tantos annos resignada,  
E quasi sancta morreu.

(\*) Assim em algumas de suas inimitaveis lyras dizia-se d'ella Dirceu.

## IV.

E morreu quasi sancta—e la repousa  
Para não mais penar :  
Depois, no mundo, de Dirceu—só anjos  
Podem-na bem cantar.

---

Ao chorado fallecimento do meu venerando amigo, o virtuoso e sabio  
Patriota Martim Francisco Ribeiro de Andrada, um dos maiores pro-  
pugadores da Independencia e Liberdade do Brasil.

---

### EPICÉDIO, (\*)

CONSAGRADO E OFFERECIDO AOS ILLMS. SRS. DR. MARTIM FRANCISCO  
RIBEIRO DE ANDRADA, E MAIS DIGNOS FILHOS, E SOBRINHOS  
DO FALLECIDO.

Na estreitêza de um tumulo encerrado  
La jaz um corpo de homem, que conteve  
Um dos braços maiores d'esta era.

'N um tão pequeno invólucro de carne  
Como pode caber tão grande espirito,  
Tamanha intelligencia, alma tão grande?!  
Immenso é o SENBÔR! Mês porqu'eternos  
No mundo pelo bem da humanidade  
Nãõ ha de Elêe fazer homens tão raros?...

A lei commum, porém, não se revoga :  
Todos devem pagar seu censo á terra :

(\*) Por longa enfermidade minha não foi, quando o fiz, publicado este epicéδιο.

Dom de DEUS, qu'Elle quer qu'a si devólva,\*  
A alma só—lá no Ceu—perenne vive.

Da trindade sem-par d'irmãos preclaros  
No amor da patria, no saber, nos brios,  
Nas civicas, domesticas virtudes,  
Resta somente um!... De dous Andradas  
Ja orphão, o Brasil prantêa e geme—  
E mais que todos nós, de dó vestida,  
Tu—herdeira d'elles—Paulicêa, choras!  
É justo esse teu pranto; ingrata fôras  
—Ingrata e impia—si tão dignos filhos,  
Si herões que tanto te illustraram—vivos,  
Lagrimas tuas não tivessem—mortos.

N esse qu'ora as requer, no teu sublime,  
Mavioso Martim, ufana a patria,  
Respectuosa a Europa, reunidos

Viam quatro ornamentos  
Da prisca idade—Para gloria vossa  
Um só, Roma, bastou—um só, Athenas!

Na eloquencia Demósthênes, na sancta  
Philosophia Socrates divino,  
Aristides na honra e na justiça,

Catão no patriotismo e na virtude  
 Era o terceiro dos varões modélos,  
     Por quem talvez disputem,  
     Quando regeneradas  
 La no porvir as brásilas provincias,  
 Um dia a gloria de seus filhos serem;—  
 Ventura que somente a Homéro coube.

A nossa Independencia, o nosso Erario,  
 O nosso Parlamento, tres coróas  
 Para elle ao Brasil estão pedindo.  
 Não lh'as darão por certo os homens de hoje;  
 Mas hão de dar-lhe as gerações futuras,  
 Quando a historia referir seu nome.

*Có'a chave d'ouro, com que fêcham outros  
 A porta á honra—a ultima do templo  
 Abriu-se elle, onde immortal fulgura. (\*)*

Martim! a lyra qu'animaste outr'ora,  
 Qu'honoraram teus irmãos; não tem accentos  
 Para dizer ao mundo o que tu foste,

(\*) Alludo ao seu memoravel officio, dirigido ao Ministro do Imperio em 21 de Setembro de 1842, accusando—a *desauctoração das honras de gentil-homem da Camara de S. M. I.* Que contraste de destituição com o destituido!!!

Para a magua exprimir que por ti sinto.  
Só tu, qu'es ja do Ceu, julgá-lo podes,  
O premio vendo que de Deus recebes,  
Lendo em meu coração minha saudade.

---

Ao deploravel fallecimento do meu venerando amigo, o exímio e sabio Patriota, o Senador Antonio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva, um dos mais strênuos lidadores da Independencia e Liberdade do Brasil.

## EPICÉDIO,

DEDICADO E OFFERECIDO A SEUS DIGNOS SOBRINHOS, O CONSELHEIRO JOSÉ RICARDO DA COSTA AGUIAR, DE SAUDOSA MEMORIA, E BENTO FRANCISCO DA COSTA AGUIAR DE ANDRADA, E A SEU CONSTANTE AMIGO, O COMMENDADOR ANTONIO PEREIRA REBOUÇAS.

E porque não reteve, ó Morte crua,  
 O ferro em tua mão, quando o ensaiavas  
 Para romper-lhe a vida, o Ceu piedoso?—  
 O ferro que tu mesma, de respeito,  
     Ante varão tão grande  
 Talvez no braço te pesar sentisses?  
     \* Porque mais algum tempo  
 Defêso não te foi roubá-lo á patria—  
     A patria que mal-soube  
 Carpi-lo morto, apreciá-lo vivo?!

Na Camara anciã, tão môço ainda, (\*)  
 A cadeira, vaidosa de sustê-lo,  
 Deixou vasia e triste na incerteza  
 De recóbrar tão cêdo o bem perdido!

(\*) No pouco tempo que tinha de assento 'n ella.



Tu lh'o doaste, Inclyto Monarcha,  
 Docil ouvindo o nobre  
 Parecer de Ministros não-mentido. (\*)  
 A' terra de Caneca  
 A gloria pertenceu, ás mais vedada,  
 A ti a gloria qu'a teu Pae não coube.  
 Oh ! que para nós fôra opprobrio eterno—  
 Que um só dos tres ANDRADAS não tivesse  
 Assento no Senado—  
 Onde era jus que todos,  
 Em honra e prol do povo agradecido,  
 Soltassem venerandos  
 A briosa, doctissima palavra !

Musa ! socega um pouco  
 A magua que te avivam as lembranças  
 D'esquecimento vil; d'ingrato premio;  
 Euxuga o pranto estéril,  
 E, percorrendo o novo  
 E velho mundo, o Brasileiro egrégio,  
 De Paulicéa o sabio,  
 O patriota-heróe aos évos demos.

Tu o viste, Bahía,  
 Martyr da Liberdade mal-punida

(\*) Si todos os pareceres fossem assim, bem felizes estaríamos nós,

De Camarão no bérço,  
 A's tuas aportar captivas praias,  
 Da tyrannia rindo;  
 Com magestoso passo.  
 Subir, entrar o carcere do crime,  
*Segrêdos* arrostar, ouvir sem susto  
 Dos ferros o tinido, as ameaças  
 Do negro cadafalso; —  
 De valor e constancia exemplos raros,  
 Revérberos divinos  
 De casta e bem-segura consciencia.

Su'alma de romano  
 Nas trevas da masmorra ondas de luzes  
 Dos consortes nos animos lançava—  
 Com que lh'os aquecia, confortando-os  
 Do pão da philosophica floctrina.  
 E quando aconselhado  
 Qu'ao Rei, que lh'o daria,  
 Perdão pedisse—respondeu romano :—  
*Justiça, e não perdão, ao Rei só peço;—*  
 Resposta que si ouvira  
 D'elle o Séxto João, talvez nos braços,  
 A Cesar invejando, o recebesse.

Tu, Ulysséa, o viste  
 No lusitano-brásilo Congresso

Co'os teus mais sabios, mais distinctos filhos  
 Provando em nosso bém armas e fôrças,  
 Sahir victorioso dos renhidos  
 Litterarios, políticos combates ;  
     E, novo Gama, arando,  
 Os mares da prophética eloquencia,  
 Tirar das mãos cerradas do futuro  
     Os pendões inda prêsos  
 Da sancta, esperançosa Independencia—  
     Que logo desferiram,  
 Ajudadas por elle, as plagas suas.  
     Da pendente assembléa  
     Parte enfiou, troando  
 No abalado recinto o vaticinio  
     Do bem-previsto Membro—  
     E parte, embevecida  
     No arrôjo e na facundia  
 Do paulistano Mirabeau, contente  
 A si, a elle os parabens ja dava.

Dize tu, Nictheroy, agora dize—  
     Quanta vêz no teu seio  
 O nosso Andrada, o patriota strénuo,  
     A clara voz pujante  
 Vibrando accêso da tribuna augusta,  
 Era estrélla polar que dirigia  
     Os animos briosos

Dos qu'amavam com elle a Liberdade;  
Comêta, que sinistro annunciava  
A ruina dos pallidos tyrannos.

Perdêmo-lo!... Más, rico de virtudes,  
La está ditoso na Celeste Côrte,  
Unido aos dous Irmãos, de DEUS ao Throno  
Orando com proveito  
Por sua patria amada—elles que tanto  
(Fructos colhendo ingratos!)  
Por deixá-la feliz—de balde aos homens,  
Ao throno ca da terra em vão oraram.

---

AO SENTIDÍSSIMO FALLECIMENTO DO EXÍMIO LITTERATO E POETA, O SENADOR PAULO JOSÉ DE MELLO AZEVEDO E BRITO, MEU MUITO PREZADO E BENÉFICO AMIGO.

## EPICÉDIO,

DEDICADO E OFFERECIDO A SEUS DIGNOS E ILLUSTRES PARENTES, COM ESPECIALIDADE AO MEU COLLEGA E AMIGO, O SR. ANTONIO JOAQUIM RÓDRIGUES DA COSTA, 5.º ANNISTA DA ESCOLA DE MEDICINA D'ESTA CIDADE.

Saudade perennal, geme e avalia  
Thesouro de qu'è cofre a sepultura!  
*Bocage.*

### I.

Sim—um thesouro em letras e virtudes  
A patria la perdeu!—  
A patria, de quem filho tão distincto  
Tão pouco mereceu! (\*)

Eu perdi ainda mais; perdi o amigo,  
Que tanto me afagou,  
E com seu douto applauso tantas vezes  
Engrandeceu-me e honrou!

(\*) A ponto de ser Senador por outra provincia!!!

Para alongar-lhe os dias preciosos  
Reduziria os meus,  
Si a vida repartir com quem amámos,  
Nos concedesse DEUS.

Da sua o élo ultimo, ja gasto,  
Devia-se quebrar—  
Perdi-o... e só me resta a grande perda  
Saudozo prantear !

## II.

Meu amigo, que te foste  
Para o Ceu, sem mais te eu ver!...  
Meu mestre, que me deixaste  
Sem lições para aprender!...  
Quando em tua voz um dia—  
Bocage—'n esta Bahia  
Eu acclamado me vi—  
Si sabia que tão cedo,  
Tão triste, 'n este degrêdo  
Havia ficar sem ti!...

Tu na côrte me valeste,  
E com benéfica mão

O decreto me mandaste  
Qu'outra vèz me dava o pão. (\*)  
Sempre qu'esse pão me vinha,  
Com meus filhos me entretinha  
A fallar no teu favor;  
E esta falla concluida,  
Com elles por tua vida  
Rogava sempre ao SENHÓR.

Más fôram vãos os meus rogos;  
Ao Ceu tu'alma voou—  
E na minha, onde vivias,  
Parte da luz se apagou.  
D'esta orphã pobre lyra,  
Que triste por ti suspira,  
Vi uma corda estalar—  
Mal de mim, si não tivesse  
A Cruz, e DEUS me não desse  
Este allivio de chorar !...

Si não visse, quando tracta  
Da lucta co'o portuguez,  
Nossa patria arrendida  
Da injustiça que te fêz.  
Do muito qu'estremeceste

(\*) Veja-se a nota no fim.

Por ella, um tempo soffreste  
 Odio d'uns, d'outros desdem;  
 Mäs ao clarão da verdade  
 Que luziu—da Liberdade  
 Tu eras martyr tambem. (\*)

## III.

E, martyr, la no Ceu hoje a corôa  
 Tem, do martyrio seu,  
 Convertida de flôres n'uma palma  
 Que um Archanjo lhe deu.

Pelas suas virtudes um diadêma  
 Do mais puro rubim—  
 A' benção do SENHÔR—la collocou-lhe  
 Na fronte um Seraphim.

Folga de haver sabido ca na terra  
 Offensas perdoar,  
 E pelo bem de todos, pela patria  
 Exôra sem cessar.

(\*) Por querê-la como devia ser, e na occasião mais opportuna de se levar a effeito.



## IV

Meu amigo, que na eterna  
 Côte pedes pelos teus,  
 Como ca por mim pediste,  
 Pede la também a DEUS !  
 Recebe da lyra em lucto  
 Este mesquinho tributo;  
 Que dar-te não posso eu al;  
 Pois essa musa não tenho,  
 Qu'o Cirio (\*) em feliz desenho  
 Fêz eterno em Portugal.

## V.

Silencio! A' oração, meus filhos, vinde—  
 Roguemos ao SENHÔR  
 Porque na sua Gloria exulte sempre  
 O nosso bemfeitor.

---

(\*) Festa de romagem em Lisboa — por elle descripta na sua bellissima epistola inserta no tomo 3. do Parnaso Lusitano.

Ao deploravel fallecimento do exímio e sabio Patriota, o Senador Francisco de Paula Sousa e Mello, um dos mais distinctos propugnadores da Independencia e Liberdade do Brazil,

## EPICEDIO,

DEDICADO E OFFERECIDO AOS BRASILEIROS LIVRES.

Aquelle, que—por bem da patria sua—  
Devia não morrer,  
Cumprida a lei commum do qu'è vivente,  
Finou-se a padecer !

La na celeste Patria, onde não entram  
*Acintes e vingança,*  
Radiante da gloria de seus feitos  
Su'alma, emfim, descansa.

Qual foi seu coração, singelo falle  
O triste canto meu;  
E pague-lhe um tributo a minha lyra  
Que, vivo, lh'o não deu.

Nos rígidos principiós, nas virtudes  
Foi de Catão rival;

Orador como Cícero; philósopho  
Qual Séneca immortal.

Coherente em seu voto a brasileira  
Tribuna sempre o viu;  
Sincero com o Rei, leal ao Povo,  
Nunca a nenhum trahiú.

Nunca em seu peito o amor da liberdade  
Arrefeceu sequer—  
Maldição ao Paulista, ao Brasileiro,  
Que prantos lhe não dêr !

O que bem exprimir não pode a lingua,  
Melhor é não dizer :  
Pelas suas acções julgue-se a nossa  
Desdita de o perder.

Quando um dia o Brasil seus nobres filhos  
Souber galardoar,  
Uma corôa civica em seu tumulo  
Irá depositar.

« Aqui (dirão as Musas, apontando  
Para a modesta lousa)  
« Renasce o patriota verdadeiro,  
O sabio PAULA SOUSA. »

---

Ao pranteado fallecimento do illustre patriota e exímio litterato e poeta,  
Visconde da Pedra-branca.

---

**NENIA,**

DEDICADA E OFFERECIDA Á SUA DIGNA E SAUDOSA FILHA, A EXMA.  
SRA. VISCONDÉSSA DE BARRAL.

A vida dos sentidos dura um dia ;  
As illusões no féretro se apagam,  
E da imaginação as vans mentiras  
Ao clarão da verdade se esvaecem.

*Os Tumultos—V. DA P.-BRANCA.*

Morreu enfim!... Do astro do mên canto  
O recésso que nunca  
Triste eu quizera vêr—viram meus olhos! (\*)

E viram-no—depois que longo tempo  
Penei sem me aquecer, sem inspirar-me  
Co'a luz que, bem que frouxo, derramava,  
Vivifica e brilhante, em seu occaso—  
E quando, ainda enfêrmo, nem ao menos

(\*) Veja se a prova aos annos do finado Visconde a pag. 38 d'este volume.

Pode ir beber-lhe os últimos fulgores,  
E de perto o adeus dizer-lhe eterno!

Morreu enfim! ... A mesma dôr que teve  
Portugal com a pèrda de seu genio, (\*)  
Sente o Brasil co'a falta de seu filho:

Eram ambos poetas,

Ambos illustres, que era mais—que nobres.  
Eu sinto-a inda maior; era o meu sangue,  
Era o meu velho irmão, era o meu mestre. (\*\*)

Primeiro que sejaes nobres e grandes,  
Homens, 'n elle aprendei a ennobrecer-vos!

—Na pósthuma lembrança

Só vale o que valem os por nós mesmos.—

Vêde—onde estão as cortezãs insignias,  
O titulo, a cadeira do Senado,  
A riqueza, onde estão? 'N um só pedaço  
De terra que se abriu, sumiu-se tudo;  
Tudo ante a campa transmittiu-se a outros.  
Da morte apenas triumphou seu nome;  
Só com esse não entram as édades—  
Qu'o saber e a virtude eternos vivem.

(\*) O Visconde de Almeida Garrett, de gloriosa memoria.

(\*\*) Assim lhe chamei na dita minha trova aos seus annos a pag. 53.

Morreu emfim!... As supplicas da filha  
 Qu'o amava extremosa, emfim não pôde  
 Mais deferi-las DEUS; (\*) qu'os incessantes  
 Rogos, da espôsa e filho que la eram,  
 Lh'o pediam tambem para o seu lado.

Cruza-te á lei do Ceu, filha carpida,  
 De tua mãe e irmão respeita os votos!  
 Era ja tempo de teu pae ser d'elles.  
 A parte do teu ser, qu'encerra o tumulto,  
 Suppra a qu'o berço te apresenta em risos;  
 No filho adoça a paternal saudade.  
 Humilhada ante a Cruz enxuga o pranto;  
                   Sobre os mais que te ha feito,  
 Agradece ao SENHOR um beneficio—  
 O de fazer-te mãe primeiro que orphã. (\*\*)

Morreu emfim!... Mâs astro, cujas luzes  
 Excedem ás do sol, co'a sua gloria  
 D'homem e cidadão, deixou p'ra sempre  
 Esclarecida a patria (\*\*\*)—que saudosa,  
 Emquanto ouvir seu nome, ha de prezâ-lo

(\*) Veja-se o que disse no meu canto ao nascimento e baptismo do primogênito da mesma Sra. Viscondessa a pag. 98.

(\*\*) Alludo ao que tambem disse no dito meu canto, de pag. 98 a 99.

(\*\*\*) Referencia ao final da dita minha trova aos seus annos, de pag. 59 a 60.

A meu prezadíssimo Primo, compadre e benéfico amigo, o Conselheiro  
Antonio Pinto Chichorro da Gama, por occasião da prematura e muito  
sentida morte de seu unico filho do mesmo nome.

---

## I.

O filho dos teus amores,  
Unico para nas dôres,  
No prazer te acompanhar—  
Chora, pae desventurado !  
Chora—que tão negro fado  
De certo é para chorar !

A vida da nossa vida—  
Ja em flôr, vê-la cahida  
É o requinte do dó !  
Só essa magua avalia  
Quem 'n um só filho vivia,  
E perde esse filho só.

Carpe-te, pae desditoso !—  
Sim; que golpe tão penoso

É para muito carpir!..  
Ah! que, teu amigo certo,  
Não possa hoje de perto  
No pranto ajudar-te eu ir!...

Feliz, quem 'n um filho amado  
Do seu amor e cuidado  
Completo fructos colheu—  
E para elle apontando,  
Pode dizer, expirando :  
« Deixo em meu filho outro eu ! »

Essa ineffavel ventura ,  
Quando sobre a lage escura  
Dá do sepulchro, e se esváe—  
Do filho para o jazigo  
Metade leva consigo  
Da vida de um triste pae.

O filho dos teus amores,  
Unico para nas dôres,  
No prazer te acompanhar—  
Chora, pae desventurado!  
Chora—que tão negro fado.  
De certo é para chorar !



## II.

Accorde com a voz da natureza  
 Meu canto se expressou;  
 Accorde com a voz da Divindade  
 Erguê-lo agora vou.

Philosopho e christão o pae que pena,  
 Ha de escutá-lo emfim,  
 E 'n alma entrar-lhe a flamma, que descida  
 Do Ceu, ja cala em mim.

Essa flamma qu'as lagrimas seccou-me  
 As d'elle ha de seccar;  
 A saudade—essa sim, do peito a morte  
 So pode lhe-apagar.

Erra quem pensa qu'ao SENHÔR agrava  
 A' dôr dar expansão :  
 Não—na fme goa da dôr melhor se accende  
 O facho da razão.

Eu ja desafoguei em pranto a minha;  
 E, pois, nos hymnos meus  
 Posso ja discorrer sobre os mysterios  
 Benéficos de DEUS.

## III.

Quem sabe, pae consternado,  
Si de ti o filho amado  
Não viria a desdizer?...  
E si magua mais profunda,  
Qu'essa qu'as faces te inunda,  
Não terias que gemer ?...

Quem sabe o que soffreria  
Dos maus teu filho algum dia,  
Si ca ficasse sem ti?...  
E si DEUS, para livrá-lo,  
Quiz, antes do pae, chamá-lo,  
Compassivo, para Si ?

Eu tambem chorei perdê-lo—  
E muito—sem nunca vê-lo,  
Como aprouve á sorte hostile ;  
Chorei que um teu descendente  
No porvir não represente  
O que tu es no Brasil. (\*)

(\*) Como homem e cidadão, e sobretudo como magistrado e patriota.

Más quando me lastimava  
Do golpe que retalhava  
O teu, o meu coração—  
O meu pranto, os meus gemidos  
Cessaram, desvanecidos  
De luz celeste ao clarão.

Tuas queixas, tuas dôres  
'Nesses divinos fulgôres  
Bebam allivios eguaes—  
Filho da Cruz! considera  
No que somos—e venêra  
A crença de nossos paes.

---



# **METAMORPHOSE.**



# METAMORPHOSE

Dos rios Acutinga, Acú, e Sucupêma no Iguape. termo da Cidade da Cachoeira na Provincia da Bahia—

C. D. e O.

AOS EXMS. SNRS. BARÃO DE S. FRANCISCO, E SEU PRIMEIRO FILHO,  
O DR. BALTHASAR DE ARAÚJO ARAGÃO BULÇÃO:

No vale d'alta serra guarnecido,  
Assento hoje de dezoito *engenhos*,  
Que pelo tracto dos que 'n elle habitam,  
Poſido e festival, e o luxo e esmêro,  
Qu'em trajo, e mesa, e usos os distinguem, (\*)  
É por quem o conhece appellidado  
A côrte do Reconcavo Bahiano,  
Do ditoso Brasil nos primos tempos  
De liberdade e paz, vivia o velho  
Iguape, de quem houve o sitio o nome;  
De fazenda abastado, e de virtudes,  
Circumspecção, e tino, e experiencia.

(\*) Isto não quer dizer que os proprietarios e lavradores d'engenhos de outras partes do nosso Reconcavo não sejam tambem muito polidos e galanhos no seu tratar, atilados no seu vestir, etc., e cavalheiros nas suas acções e costumes, como eu mesmo ja tenho experimentado a respeito de alguns.

Da gente, qu'esse valle povoava,  
Por seus annos e meritos distincto,  
Era cabeça Iguape—e, d'ella amado,  
Sob o regimen seu contente a via;  
Regimen paternal, suave e brando,  
Prudente e justo, e o unico que pode  
A homens contentar e afortuná-los.

Sucupêma, seu filho, o só que houvera  
Do saudoso hymenêu, em brio e esfôreo,  
Em talentos e rasgos generosos  
Não desdizia d'elle, e era o seu idolo,  
E do povo tambem. Ainda isento  
De amorosa paixão vivia o moço,  
Julgando-se feliz; mäs suas fallas  
Em materias de amor ja presuppunham  
O que suas accões depois mostraram.

Das donzellas do valle a mais formosa  
Era Acutinga, cujo pae, a espôsa  
Ternissima perdendo, de maguado,  
A sua aldêa e granja abandonando,  
Onde crua saudade o devorava  
Das fruidas venturas, de mudança  
Recem-viera para ali com ella,  
Co'a ingenua Acutinga encantadora,  
Do chorado consorcio unico fructo.



Pobre e misero Acú! onde o remédio  
 Buscavas a teu mal, achaste a morte!  
 Era Acutinga um anjo—descrevê-la  
 Ao vivo nunca pôde a voz da fama;  
 Que bellezas do Ceu, como essa fôra,  
 São maravilhas, que não tem na terra  
 Pincel qu'as pinte, lingua qu'as traduza.

Era Acutinga um anjo—e por tal filha  
 Esmorecia Acú; qu'alem de 'n ella  
 Rever-se, como o avaro em seu thesouro,  
 E de suas virtudes gloriar-se,  
 Provas do seu amor colhia a miúdo  
 No domestico zêlo, e nó desvelo  
 Com que sabia adivinhar-lhe os gostos.

Não tardou, qu'informado Sucupêma  
 Dos dotes que de Acú a filha ornavam,  
 Visse a nympha gentil. N'ave embeber-se  
 Tão rápida não ia a que certoiro  
 Do arco disparava o moço hardido,  
 Quanto a setta, qu'Amor confiado havia,  
 Para feri-lo, de Acutinga aos olhos,  
 De chófre lhe traspassa o peito illéso,  
 E o faz dentro de si jurar, captivo,  
 Do valle á deusa vassallage'eterna.

Indifferente a'quelle, a quem rendêra,  
 Acutinga não foi; que na figura,  
 Nas prendas, nas maneiras elegantes  
 Era o donzél tambem a flôr d'aldêa,  
 Por quem d'ella as melhores suspiravam.

Quem namoradas impressões conhece,  
 E os effeitos que dão, quando são grandes,  
 De Sucupêma julgue, e de qual modo  
 Saudaria elle a bella, e ao lar voltando,  
 Já sem o coração que lhe deixára,  
 'N ella empregadas passaria as horas.

Já então entre Iguape e Acú reinava  
 Cultivada amizade, que bastára  
 Do segundo o infortunio a grangeá-la.

Sucupêma, qu'ao pae jamais quizera  
 A' casa acompanhá do íncola novo,  
 Louco pôr ver a divinal donzella,  
 Logo a fazê-lo se prepara—e a grata  
 Duplicada visita Acú recebe.

Consummado varão no aspecto nobre,  
 No character singelo e tracto affavel,  
 No valor e na honra, de Acutinga  
 Era o progénitôr; e, bem que lustros

Contasse mais de déz, co'a juventude  
 Media ainda forças e destreza.  
 Da sua cortezia penhorado  
 E lhanêza e conversa, mui contente  
 D'elle se despediu d'Iguape o filho,  
 Que de tê-lo por sogro ja folgava;  
 Pois, não obstante o virginal recato,  
 Pôde dá bella descôbrir nos gestos  
 Que o amava tambem; — gloria ineffavel,  
 Prazer que melhor vibra as cordas d'alma,  
 Quando assim se exp'rimenta a vêz primeira.  
 Amando e sendo amado é que se vive:  
 'Nesse momento de supremo gôzo  
 Conheceu Sucupêma esta verdade.

Breve se deu o venturoso ensêjo  
 De achar-se de Acutinga o terno amante,  
 Como tanto almejava, a sós com ella;  
 E então, antes que impia mallograsse  
 Tão feliz conjunctura a sorte vária,  
 Ávido aproveitando-a o moço ardente,  
 Prostrado ante o seu idolo: « Princeza  
 « D'aldêa, de meus paes! pedir-te em cambio  
 (Lhe diz) do coração que me tomaste,  
 « Venho o teu coração. Tu, Acutinga,  
 « Tu meu primeiro amor (esta só phrase  
 « Exprime tudo que por ti padeco)

« Tu não has de matar-me, recusando-o.  
 « Eu nunca amei, e hoje te idolatro !  
 « A caça, a lucta, a pastoril avêna,  
 « Os passeios, os jôgos, os lavôres,  
 « Meu jardim e pomar, o meu rebanho,  
 « Os meus melhorês passaros que cantam,  
 « Os amigos da infância, os meus parentes,  
 « Meu proprio pae emfim, tudo, Acutinga,  
 « Tudo para adorar-te eu hoje esqueço—  
 « E tudo... (meños o meu velho Iguape)  
 « Tudo quero perder, sendo tu minha !  
 « Uma palavra tua!—e nossas almas  
 « Um voto sancto ligará p'ra sempre.  
 « Uma palavra tua!—e hoje mesmo  
 « Procurarei Acú para fallar-lhe. »

De amante a confissão, d'espôso a offerta,  
 Que lhe fazia Sucupêma em chammas,  
 Escutando Acutinga, parecia  
 Que toda a côr das rosas, que, por ella  
 Colhidas, 'n esse instante desmaiavam,  
 Se lhe havia passado ás faces lindas.  
 De pêjo para o chão tinha inclinados  
 Os astros que no rôsto lhe fulgiam;  
 Era grave a postura e encantadora—  
 E nunca Sucupêma a viu tão bella.  
 Depois de algum silencio, levantando

Com recolhido olhar um pouco as vistas,  
 Para o amante as dirigiu ditoso,  
 E do candido peito abrindo as vozes,  
 Em seráphico estylo assim responde.  
 « Sucupêma, eu te amo... minha bocca  
 « Não ha de desmentir o que meus olhos  
 « Te hão ja dito talvez... más, só passados  
 « Tres annos mais, eu poderei ser tua.  
 —E porque, Acutinga, esta demora?! —  
 « Porque de minha mãe jurei no tumulto  
 « Estas vestes de dó depôr somente  
 « Quatro annos depois da sua morte.  
 « Um anno é ja passado; os tres me faltam.  
 « Bem sinto, Sucupêma, tal obstaculo;  
 « Mãe não devo quebrar meu juramento,  
 « Nem tu has de o querer, si bem me amas.  
 —Piedade, Acutinga!—« Oh! não insistas;  
 « Não queiras que sacrilego te julgue;  
 « Porqu'então...» D'este—então—ameaçado,  
 Encolheu-se o mancebo, e retirou-se  
 Como bem pode ajuizar quem sabe  
 O qu'è a dilação de um gôzo immenso.

Contrastado em seus planos de ventura,  
 O que não faz amor para logrã-los,  
 Arrasando embarços?! Costumava  
 Acutinga, ao cahir do sol, na fonte

Ir, mais visinha do logar, banhar-se—  
 E era ahi qu'o extremoso Sucupêma,  
 Dando largas a elóquios amorosos,  
 A queixumes e rogos, porfiava  
 Em fazê-la ceder do voto austero,  
 E consummar de prompto a dita de ambos.

Da contínua insistência temerosa  
 A circumspecta nympha tão frequente  
 Já não era no banho. Em summa, um dia  
 Que de novo na fonte os dous se acharam,  
 De sensual impulso arrebatado,  
 Ou não-amado crendo-se e illudido,  
 Ou emfim agastado, de suberbo,  
 Co'a repulsa invencivel da donzella,  
 Dobrá-la ao seu desejo intenta o moço,  
 Usando de violencia. Desgraçado!  
 Réspeita a virgem, senão vê qu'a perdes,  
 E novo juramento ha de matar-te!—  
 Emvão tremenda voz 'n esse momento  
 Bradou-lhe assim do alto; que, rebelde  
 Do dever aos dictames Sucupêma,  
 Só da cega paixão ouvia as vozes.  
 Trava da virgem—e ella, indignada,  
 Todo o seu brio e esforços envidando:  
 « Agora, infame, agora eu tambem juro  
 « Por minha mãe p'ra sempre aborrecer-te,

E antes mil fréchas d'esse arco sóllas  
 « No peito receber, do que ser tua. »  
 Diz—e dos torpes braços desprendendo-se,  
 Mais célere qu'a lebre corre, e chega  
 A choça, onde do pae ao lado pousa.

Agora vós que amaes, virgens sensiveis,  
 Avante o coração d'aquella,  
 Que todo o seu porvir, seu prazer todo  
 Assim viu 'n um momento aniquilar-se . .  
 E triste no seu lar vive encerrada,  
 Temendo as iras do qu'amou primeiro!

Tempo era emfim de completar-se a estrélla  
 Da donzella infeliz; e, pois, da casa  
 D'Iguaçê Acú voltando, a nova trouxe  
 De se haver Sncupêma transferido,  
 De accôrdo com o pae, para uma aldéa  
 Longinqua e amena a variar de ares,  
 A ver si o desusado pesadúme,  
 De qu'opprimido o coração sentia  
 E abalada a saude, alliviava.

Innocente da hórrida cilada  
 Que lhe ordia o cruel, e persuadida  
 Da sua ausencia e do seu mal, o aggravo  
 Acutinga calando, compassiva  
 D'elle se condoeu, culpou seu fado.

Então, segura se julgando e livre,  
 Nos banhos proseguiu a moça incauta,  
 Indo á fonte fatal á mesma hora—  
 E só, como era uso andarem todas  
 As donzellas e damas 'n esses tempos  
 De saudosa innocencia que passaram.

Uma tarde qu'ausente Acú lidava  
 No costumado trátego, devendo  
 Regressar alta noite, descuidada  
 Era no banho a brásila deidade—  
 Quando, surdindo de propinqua selva,  
 D'onde attento a espreitava, inopinado  
 Investe-a Sucupêna, e se apodéra  
 Da prêsa, qu'escapar-lhe então não pôde

Malfadada Acutinga ! quem tu'alma  
 Esboçará sequer 'n esta sorprêsa ?  
 Debalde supplicas e ameaças fôram;  
 Imprecações e lastimas debalde  
 Te rompêram dos labios desmaiados;  
 Quasi nua, celeste creatura !  
 De mãos atadas, conduziu-te o monstro  
 Ao mais êrmo do bosque, onde ligada  
 A uma arvore te deixa—para o plano  
 Horrível consummar de arrebatarte.



E ou sacrilega e vil tornar-te, e sua,  
Ou á força render-te, e dar-te a morte.

Das afflicções no extremo, e nos perigos  
Quem não recorre ao Ceu? O ímpio mesmo,  
Accêso em viva fé, lh'envia preces.

Mal se viu só a misera Acutinga,  
Co' o fervor costumado ao Ceu erguendo  
Os olhos divinaes, que seus só eram,  
Pois joelhos e mãos eram do tronco :—  
« Nume de minha mãe, por cujos manes  
« 'N este apêrto me vejo (exclama) ouvi-me  
« No desamparo meu!... Compadecei-vos  
« De mim e de meu pae!... Minha virtude  
« Premiae, pois sois justo, sancto Nume!  
« Não vos peço a existencia; que perdê-la  
« Para unir-me no Ceu á mãe qu'adoro,  
« Quizera, ha muito, si meu pae não fôra;  
« Só vos imploro pela honra nossa—  
« Salvae-a, meu SENHÓR! Emvêz de um corpo  
« Quasi exánime e frio, que deshonre  
« E manche para sempre, encontre o ímpio  
« 'N este caminho um rio qu'o assombre,  
« E que lhe faça crer—qu'acima d'elle  
« Ha um Poder qu'ao opprimido acode,  
« Que soccorre o infeliz, que prostra os grandes.

« Onde quer qu'ahi venha em seu regresso,  
 « 'N outro rio tambem meu pae se torne  
 « Para assim escapar do tigre ás garras.  
 « Possa eu, gran'*Tupá*, mudada em rio,  
 « Abraçá-lo e seguí-lo eternamente !  
 « Mudado em rio, elle me abrace e guie !  
 « E nossos nomes conservemos ambos,  
 « A benéficas aguas reduzidos,  
 « Para memoria da justiça vossa,  
 « E lição de malvados qu'a profanam ! »

Orou—e d'improviso (oh caso estranho !)  
 Sólla do tronco aspero da arvore,  
 Tombando sobre a terra que se afunda,  
 Do corpo todo o sangue e humôr lhe vasa,  
 E ampla copia de agua é ja que a cobre.  
 Súbito em pedra os ossos se lhe mudam,  
 As carnes em arca, em peixe as tranças;  
 E, crystallino rio ja tornada,  
 Por longa via, murmurando, corre—  
 E 'n outro rio mais caudal qu'encontra,  
 Alegre reconhece o pae que a busca,  
 E, como si abrigá-la inda procure,  
 Com ella segue a se entranhar nos mares. (\*)

(\*) Alludo á confluencia d'estes dous rios, que vão juntos desaguar no mar, acompanhados do *Sucupêma*, que tambem com elles conflue, como adiante se verá.

Conservam até hoje estes dous rios,  
 Dos qu'origem lhes deram portentosa,  
 Os nomes, como ao Ceu pedira a virgem.  
 Mais frias do Acutinga as aguas manam ;  
 Indicio do temor de que transida  
 Carpia-se a infeliz no transe infausto :  
 Mais quentes as do Acú; signal da ira,  
 Que todo o abrasou, quando do rapto  
 Da filha, ainda longe, avista teve,  
 E recebeu qu'a tempo não chegasse  
 De ou vingar esse ultraje, e retomá-la  
 E pô-la a salvo, ou fenecer com ella.

E qual o fim do depravado amante  
 Que de tanto foi causa? Após tres annos  
 (Prazo egual ao da espera, qu'insoffrido  
 A' pia moça em recusar teimára)  
 Após tres annos de penar contínuo,  
 De remorsos e pranto, amiserado  
 D'elle *Adonai*, os rogos deferindo  
 Qu'incessante lhe ouvia, transformou-o  
 N'outro rio tambem, proximo a'quelles

(\*) Com o rio Acutinga mõe d'ha muito o melhor dos engenhos, assim chamado, do Sr. Barão de S. Francisco; e com o Acú começou a moer em principio de 1850 o Engenho Novo (proximo d'aquelle, e pertencente ao mesmo Sr.) por meio de uma leyada importantissima; obra que muito assignala, e distingue o genio emprehendedor e laborioso do illustre e honrado proprietario.

—Sucupêma ainda hoje nomeado—  
Que, segundo os anhelos do mancebo,  
Para os acompanhar, aos dous se une;  
Sem prestimo porém, escasso e triste,  
Indicando—que Deus, bem qu'os perdõe.  
Dos justos na presença abate e humilha  
Os superbos, os ímpios, os tyrannos.

Pouco sobreviveu Iguape ao filho;  
E, legado o seu nome ao sitio charo,  
Que fecundo e ameno, alegre e bello,  
Como o genio foi, é d'elle imagem,  
Na corôa da serra a'o circunda,  
D'onde o mais lindo panorâma em tórno  
Avista o caminhante embevecido,  
Jazêda tendo para o somno eterno,  
Foi longo tempo pelos seus chorado.

# NOTAS.

---

*Pelo do pae, e espóso accrescentados—pag. 16.*

Seu pae, o Illm. Sr. José Joaquim de Gouvêa, um dos mais sinceros patriotas e melhores homens que encontrei no Rio de Janeiro, e a quem tributei cordial e reconhecida amizade, que ainda hoje ás suas cinzas consagro.

Seu espóso, e meu muito prezado amigo, o Illm. Sr. Desembargador João Joaquim da Silva, cuja illustração, probidade não-commum, e verdadeiro patriotismo não tem sabido apreciar, e menos galardoar esta nossa terra, de ordinariô madrastra desamoravel para com os seus mais benemeritos filhos. Que optimo Senador para substituir o Exm. Visconde da Pedra-branca, de saúdosa memoria! Consta-me que é o meu respeitavel amigo candidato a essa vaga no Senado. E será votado? Não sei. E si o fór, será escolhido? Ainda menos sei. O Senado, que é o árbitro verdadeiro de taes escolhas, é só quem o pode saber. O exemplo dos Srs. Ernesto França e Chichorro da Gama, escolhidos duas vezes pelo Monarcha, e duas vezes rejeitados pelo Senado—esse exemplo (que exemplo!!) ahí está bem vivo na lembrança de todos para confirmar a minha asserção. Tornando ao Sr. Desembargador João Joaquim, si eu influisse em eleições, trabalharia *totis viribus* para elle ser o primeiro votado, não só pelo seu merecimento, como principalmente por aquelle lance de sublime modestia e desinteresse que praticou, quando, sendo Chefe de Policia, e votado para Senador junctamente com o Sr. Conselheiro Manuel Antonio Galvão, escreveu para a Corte, reconhecendo os direitos que tinha a lhe ser preferido este seu companheiro de lista, que então aqui se achava, e não era ainda Ministro. Eu li essas cartas. *Officiosa* dirão uns que é esta nota; *importuna* chamar-lhe-ão outros. *Quid inde?*—Si eu a tenho por muito bem-cabida, e até biographica e historica.

*Presto acudiu á salvação da minha—pag. 20.*

Pede a gratidão que eu aqui mencione a fiel companhia que, juntamente com o meu prestancioso amigo, o Sr. Dr. Velho, correram a fazer-me os meus não menos prestimosos amigos, os Srs. Comendador Joaquim Torquato Carneiro de Campos, e Capitão Francisco Fausto da Silva Castro, por ocasião da terrível queda que dei, ás 11 horas da tempestuosa noite de 21 de Maio de 1846, na rua da Barroquinha onde morava, e cujo pessimo estado, pela sua obra por muito tempo não-concluída, deu causa a esse desastre, que descrevi nos seguintes versinhos—

Rua, em *banqué* ou *balú*  
Até hoje convertida  
Por nossó destino cru,  
Fez-me perder quasi a vida  
'N um formidavel *tutú*.

A promptidão com que á meu chamado, apesar da copiosíssima chuva, acudiram a ministrar-me soccorros e consolações o Sr. J. Torquato, e logo depois os Srs. Dr. Velho e Fausto, e a vigilante companhia que me fizeram até de manhã—é finéza, é dedicação de amizade que eternamente me ha de lembrar.

..... *da affnidade*  
*Qu'inestimavel honra me depara—pag. 26.*

Pelos seus excellentes predicados pessoaes—fique bem entendido. E 'n isto estou que concordará commigo o mais exaltado democrata que por ahi houver: o que supposto, seria muito para estimar—que, assim como os Reis são todos parentes uns dos outros, assim tambem o fossẽm os poetas de todas as bellas, que certo não recusariam o parentesco.

*á Tu que de chantre me emprestaste o nome—pag. 100.*

Em uma chistosa carta que dirigiu-me o Visconde poeta,

comunicando-me o nascimento de seu neto, e convidando-me a ir vê-lo, e pela metoposcopia declarar si viria elle a ser, ou não, válido das Musas, como o foi seu avô, gracejando S. Ex. commigo, appellidava-me *chantre da poesia bahiana*. O judicioso Visconde quiz por certo com a sua anthonomásia caracterisar a presente epocha ; em que—por parentesco, amizade, etc. etc.—ahi se dão com a maior facilidade graus e honras a muitos que não os merecem, alguns dos quaes, de ordinario, na elevação os conspurcam.

*O menino qu'eu cantei*—pag. 101.

No seu festim baptismal, uma das melhores funcções d'esse genero a que tenho assistido. Fôram não menos de oito dias consecutivos de um enthusiasmo e prazer sempre vivo e completo ! Que companhia guapissima não me fizcram então os meus amigos e irmãos em musa, os Srs. José Estanislau Vieira, de saudosa recordação, um dos maiores genios que a Bahia tem produzido, e Domingos da Rocha Mussurunga, distincto Professor de Musica do nosso Lyceu, cujos grandes talentos são geralmente conhecidos e apreciados ! Sempre com saudades me lembrarei d'esses dias, em que parece que todos presagiavam 'n aquellas effusões de cabal regosijo o que tem hoje no Dr. Agrario seus venturosos progenitores, e sua patria que tanto d'elle espera, e a quem tanto ja honra e illustra.

*Paga os extremos seus, pága os desvelos  
De teu honrado pae*—pag. 154.

Honrado sim, e muito honrado é o Sr. Manuel Pinto Leite, negociante portuguez 'n esta praça, e pae da digna Bahiana por mim saudada 'n esta canção natalicia. Ao predicado da honradéz une o mesmo Sr. um animo dos mais sinceros, serviças e benéficos que tem visto a Bahia. A sua boa fé e fervorosa dedicação para com os seus amigos, que não outro motivo ou intuito, tem-lhe grangeado a desaffeição e inimizade politica de alguns liberaes, que olham-no como adversario, não sendo elle mais que um martyr da constante amizade

consagrada a pessoas do partido contrario. Inimigos particulares não me consta que tenha o Sr. Pinto Leite; e si os tem, são por certo gratuitos, e não os merece. A quem parecer intempestiva esta nota peço que se lembre que nunca vem fóra de logar e propósito um tributo á verdade.

*Perdeste o filho de indole tão rara,  
De proceder tão casto, alma tão pura—pag. 202.*

Basta um facto para abonar a veracidade d'este elogio. O Sr. João Carneiro de Campos, afeiçoado por extremo á carreira das armas, e sendo-lhe por seu bom pae satisfeita essa vocação, seguiu-a, e passou logo a militar na campanha do Sul; onde bem serviu por quasi dois annos. Ali, sobre não aproveitar-se do supprimento pecuniario, que lhe mandára fazer o dito seu pae, senão no pouco tempo que, á sua chegada e volta, se demorára na cidade de Porto-alegre (economia certamente rara em um mancebo de seus verdes annos) soube admiravelmente preservar-se, ainda de alguns habitos, que com facilidade se contrahem 'n essa vida, tão gloriosa, quanto cntre nós, com distinctas excepções, infeliz; regressando á companhia paterna, e conservando-se 'n ella o mesmo que fóra sempre, com um comportamento digno de ser invejado por muitos paes, e de o imitarem muitissimos. dos nossos moços. Eu prezava-o tanto, que senti a sua prematura morte como a de um parente, ainda mais por não ter podido acompanhá-lo nos seus derradeiros instantes, em razão de achar-me ausente tractando da minha saúde, quando teve logar esse triste acontecimento.

*Preconceitos crueis da sociedade  
Do morto os consanguíneos não sustentam—pag. 220.*

Sim— a esse seu sobrinho e primo não deixaram jamais de amar, communicar, e favorecer os meus illustres parentes e amigos, os Srs. Buleões, pela qualidade (que aliás muitos desprezam e repudiam!) de filho natural que era de um seu irmão e tio do mesmo nome, tambem fallecido. Assistiram-no na sua doença em casa do Sr. Barão de S. Francisco, onde foi tractado



com o maior interesse e desvelo acompanharam-no á sepultura, e por elle tomaram o lucto prescripto para esse grau de parentesco. É que os Srs. Bulhões são verdadeiramente homens, que não essas *máquinas de carne*, cheias de maldade ou de vento, que andam ahi pelo mundo, esses novos Saturnos, que repellem de si os proprios filhos, quando são naturaes, dando hypocritamente como razão para assim procederem uma cousa a que chamam decencia e respeito á sociedade, ao passo que as maiores indecencias praticam em outros sentidos, e affrontam a mesma sociedade, sempre que d'ahi lhes resulta proveito. Ora é bem natural que essa *boa gente* com uns que lhe fazem côro para se inculcarem *moralisadores*, julgando com isso encobrir as suas mazéllas, maldiga e condemne os que, conforme á lei divina e humana, procedem de muito diversa maneira, e fazem sobresahir e tornar-se mais execravel a sua impiedade de bronze, e criminosa protervia. Miseraveis! Deus se condôa d'elles no dia do desgano final!

*O decreto me mandaste*

*Qu'outra vez me dava o pão*—pag. 257.

O da minha nova nomeação para o emprego de 1. Escrip-  
turario d'Alfandega, do qual fóra eu demittido, havia mais  
de tres annos; pretextando-se para isso as minhas faltas por  
doença, embora sempre justificadas, sem attender-se a que  
os meus sette annos de serviço militar, unidos a mais de seis  
de Alfandega, davam-me incontestavel direito na forma do  
respectivo Regulamento a uma aposentadoria com os vencimentos  
na razão d'esse tempo, como o havia indicado o meu  
digno e justiceiro Chefe, o Sr. Joaquim Torquato Carneiro de  
Campos, a meu respeito e do meu Companheiro e amigo, o 2.  
Escripturario Ivo Prisco de Mello e Mattos! 'N uma carta por  
mim escripta, e aqui publicada em 1842 no periodico—*Li-  
berador*,—a qual (louvado Deus!) passou em julgado, sem  
que uma só voz ou penna a impugnasse, n essa carta demons-  
trei eu á toda evidencia a enormidade d'essa injustiça, que  
mais enorme tornou-se com a elevação do dito meu compa-  
nheiro, que tinha mais duzentas e sessenta e uma faltas que

eu, ao lugar de 1. Escripturario, em que foi aposentado logo depois!!! Accrescia ainda para augmentar a injustiça e impiedade da demissão que arbitrariamente soffri, o terem sido as minhas molestias adquiridas, por occasião da primeira campanha do Sul, na memoravel ilha de Gorrito, para onde foram arremessados os corpos da brigada de artilharia d'esta provincia, de um dos quaes era eu 2. Tenente (posto de que pedi e tive baixa em 1829) pela vingança de um Ministro d'então, ajudada do rancór que nos votava certa gente que muito influa, e ainda por nossa desgraça influe nos negócios da côrte.

Ao meu nobre e generoso amigo, por mim pranteado 'n esta canção, devi o espontaneo beneficio de ver terminados os soffrimentos da destituição do emprégó, que em attenção aos meus serviços militares, etc., me havia—tambem espontaneamente—conferido, quando Ministro da Fazenda, o meu benefico e honrado parente e amigo, o Conselheiro Chichorro da Gama, que para a minha nova nomeação egualmente cooperára, segundo com certeza constou-me. Assim como me mandára elle o Decreto que primeiro me nomeou, mandou-me o dito meu finado amigo, com as despesas ja pagas, o que me restituiu ao lugar, cuja conservação não posso deixar de agradecer reconhecendo que devo á inteireza e justiça não-vulgar do dito meu Chefe, e do Exm. Sr. Visconde de Itaborahy, ex-Ministro dos Negocios da Fazenda. Todos sabem a franquezá com que costume enunciar, e de 1848 até 1852 mais abertamente enunciei nos meus versos minhas opiniões politicas; e isto, como tambem é sabido por todos, para *certos meus respeitaveis senhores* é peor e mais digno de um—*ponha-se na rua*,—que a inhabilidade, a malversação, e tudo emfim que possa ter de mau e punivel o funcionario, com tanto que seja elle mudo como uma estatua, servil e humilde como um camelo; essencial requisito no entender d'esses *bons amigos da constituição* para ser empregado, promovido, e agraciado, etc., qualquer pobre diabo que isso pretenda. Com tal gente é bem provavel que se tivesse realisado a minha segunda demissão, como aqui me agouravam *certas aves sinistras*, suppondo (que miseria!) intimidar-me com isso. Recebam, pois, os dignos ex-Ministro da Fazenda, e Inspector d'Alfandega da Bahia, que de outro modo pensam e proce-

dem, como rectos e illustrados que são , os protestos do meu eterno reconhecimento. Receba-os tambem o Exm. Sr. Visconde de Caravellas, que antepôz aos grandes empenhos a favor de alguns pretendentes a reparação, por mim não-pedida, da injustiça que havia eu soffrido, provendo-me novamente no meu mesmo lugar. Receba-os emfim o Conselheiro Chichorro da Gama, pelo bem que duas vezes espontaneamente me fêz. Quiz fechar estas notas com um desabafo, com um voto de gratidão a pessoas que bem a merecem de mim. Não ha nada mais justo, principalmente vindo, como veio, tão a proposito. Em notas tem outros dito muito mais do que eu, e com menos razão.

---



# INDICE.

Prefacio	PAG. vii
----------	-------------

## Natalicios.

A Mulher	3
Ao Sr. Firmiano Joaquim de Sousa Velho	10
A' Sra. D. Candida Isabel Gesteira	14
A' Sra. D. Candida de Gouvêa e Silva	16
A' Sra. D. Joaquina Aute de Menezes Castro	18
Ao Sr. Dr. Joaquim de Sousa Velho	19
A' Sra. D. Maria Amalia de Sousa	22
A' Exma. Sra. Baroneza de S. Francisco	24
A' mesma Sra.	33
A' mesma Sra.	37
A' mesma Sra.	42
A' Sra. D. Maria Joaquina Bulcão Moniz	43
Ao Sr. Dr. Pedro Moniz Barretto de Aragão	44
A' Sra. D. Clara da Silva Maia	46
Ao Sr. Joaquim Torquato Carneiro de Campos	50
Ao Dez. André Corsino Pinto Chichorro da Gama	51
A' Primogenita do Sr. João Vaz de Carvalho	52
Ao Exm. Sr. Visconde da Pedra Branca	55
A' Exma. Sra. Viscondessa de Barral	61
A' Sra. D. Anna Joaquina Vieira	65
Ao Sr. Major Antonio de Sousa Vieira	66
Ao Sr. Dr. Vicente Ferreira de Magalhães	67
Ao Sr. Tenente Coronel Antonio José de Lima	70
A' Primogenita do Sr. João Vaz de Carvalho	71
Ao Sr. Dr. Francisco Antonio de Araujo	72
Ao Sr. Joaquim Pereira Pestana	75
A' Primogenita do mesmo Sr.	78
Ao mesmo Sr.	84

	PAG.
A' Sra. D. Antonia Thereza de Sá Pitta . . . . .	91
Ao Primogenito dos Exms. Srs. Visconde e Viscondessa de Barral . . . . .	95
Ao Dr. Agrario de Sousa Menezes . . . . .	101

### Epithalamicos.

Ao Sr. Francisco de Paula Britto, e á sua esposa . . . . .	107
Ao Sr. Dr. Luis Antonio Barbosa de Almeida . . . . .	110
Ao Sr. Dr. Ignacio Firmo Xavier . . . . .	115
Ao Sr. Domingos Joaquim da Fonsêca, e á sua esposa . . . . .	119
A um casamento . . . . .	120
Ao Sr. Dez. José Ferreira Souto . . . . .	121
Ao Sr. Ignacio Joaquim da Fonsêca, e á sua esposa . . . . .	123

### Escriptos em albens.

No da Sra. D. Adélia Josephina de Castro Fonsêca . . . . .	133
No da Sra. D. Angelina Amalia de Macedo e Berenguer . . . . .	135
No da Sra. D. Maria Adelaide Sodré Moniz . . . . .	137
No da Sra. D. Brasilia Junqueira Nabuco . . . . .	140
No da Sra. D. Anna Candida de Albuquerque Vieira . . . . .	142
No da Sra. D. Gracia Amzalak . . . . .	144
No da Sra. D. Maria da Conceição Peçanha Martins . . . . .	146
No da Sra. D. Maria Joaquina Bulcão Moniz . . . . .	150
No da Sra. D. Amelia Pinto Leite . . . . .	152
No da Sra. D. Amalia Dantas . . . . .	156

### Elegiacos.

Ao passamento de S. M. F., a Sra. D. Maria II, Rainha de Portugal . . . . .	171
Ao mesmo assumpto . . . . .	179
Inscripções para o funeral da mesma Augusta Sra. . . . .	180
A' memoria de S. M. I., o Sr. D. Pedro I. . . . .	182
A' morte do patriota portuguez Agostinho José Freire de Carvalho . . . . .	183
A' do Conselheiro José Bonifacio de Andrada e Silva . . . . .	184
A' de José Francisco Cardoso de Moraes . . . . .	187
A' da Sra. D. Anna Ritta Zeferina de Almeida Torres e Couto . . . . .	195
A' do filho do Sr. Domingos Mondim Pestana . . . . .	198
A' do Dez. Joaquim Anselmo Alves Branco Moniz Barretto . . . . .	200
A' do Sr. João Carneiro de Campos . . . . .	202
A' do Sr. José Lopes Pereira de Carvalho Pae . . . . .	203

	AG
A' de minha Mãe. . . . .	204
A' de meu Paç. . . . .	207
A' de minha filha Constança . . . . .	210
A' do Sr. Joaquim José de Magalhães. . . . .	213
A' da Sra. D. Maria Joaquina Carneiro . . . . .	214
A' do primogenito do Sr. Dr. Vicente Ferreira de Magalhães	216
A' do Sr. Antonio de Araujo Aragão Bulcão . . . . .	220
A' do Sr. Antonio Joaquim Alvares do Amaral . . . . .	221
A' do Dr. José de Assis Alves Branco Moniz Barretto . . . . .	222
A' do Coronel Manuel Ignacio de Lima . . . . .	226
A' do Dr. Francisco Moreira Sampaio . . . . .	227
A' do Dr. Americo Brasilio de Sousa . . . . .	231
Ao mesmo assumpto. . . . .	232
A' do actor João da Graça. . . . .	233
A' do Sr. José Affonso de Carvalho. . . . .	234
A' de D. Leonor Augusta Pires . . . . .	235
A' da Sra. D. Rosentina Emilia de Albuquerque Pitta . . . . .	240
A' de D. Maria Joaquina Dorothea de Seixas— <i>Marilia de Dirceu</i> . . . . .	241
A' do Conselheiro Martim Francisco Ribeiro de Andrada . . . . .	246
A' do Senador Antonio Carlos Riheiro de Andrada Machado e Silva . . . . .	250
A' do Senador Paulo José de Mello Azevêdo e Britto . . . . .	255
A' do Senador Francisco de Paula Sousa e Mello . . . . .	260
A' do Visconde da Pedra-branca . . . . .	262
A' do unico filho do Conselheiro Antonio Pinto Chichôrro da Gama . . . . .	265

### Metamorphose

Do rio Acú, Acutinga e Sucupêma no Iguape	273
<hr/>	
Notas . . . . .	287

Por todos estes titulos e direitos consagrou-vos a gratidão, meus amigos, o 2. volume das minhas canções de versejador. É insufficiente o tributo—bem o conheço; más na vossa estima, pelo que fica reflectido ao principio, supprirá ao que faltou na mente o que abunda no coração.

Oxalá que para mais vos agradar a offerta, não vos desagrada de todo a obrinha ! Bastará isso para contentar em esta sua segunda jornada de auctor ao—

Vosso perpetuo e muito agradecido amigo—

Bahia 15 de Maio de 1855.

*Francisco Moniz Barrétto.*



**DIVERSOS.**



# A MINHA TERRA.

Offerecido ás Senhoras Brasileiras.

---

Eu não troco a minha terra  
Por nenhuma de além-mar ;  
Delicias que 'n ella gózo,  
'N outra não hei de gozar.  
Não m'importa o luzimento,  
Que só falla ao pensamento  
La 'n esse mundo ancião,  
Tendo aqui a Natureza,  
Toda doçura e belleza,  
A fallar-me ao coração.

Manto do melhor setim,  
Da mais pura côr de anil,  
Rindo, quasi todo o anno  
Traja o ceu do meu Brasil :  
Aqui tanto anima o sol,

Inspira tanto o arreból,  
Tanto embevece o luar,  
Qu' o poder summo de DEUS,  
Vendo taes prodigios seus,  
Não ha quem ouse negar.

A natural criação,  
Quando a contemplo, me diz—  
Que não ha paiz no mundo  
Bello como o meu paiz.  
'N elle as aves mais gorgéam,  
Os rios melhor serpéam,  
Tem os prados mais frescôr;  
'N elle a flôr é mais viçosa,  
A mulher é mais mimosa,  
É mais feiticeiro o amor.

Minhas' patricias não tem  
Formosura de assombrar;  
Más tem olhos, tem sorrisos,  
Tem carinhos de matar;  
Tem uns cabellos, uns dentes,  
Uns corpos tão excellentes,  
Qu' ha poucos no mundo eguaes;  
Tem taes graças e ademães;  
São tão meigas, sendo mães,  
Que não parecem mortaes.

Para esses que da Europa  
Vem, e se esquecem de la,  
As Brasileiras são fadas  
Qu'os enfeitiçam por ca.  
De muitas na côr morena,  
De todas na falla amena  
Bebem elles novo ser;  
E no doce encantamento  
Fazem voto e juramento  
De amá-las até morrer.

Primores d'arte os passeios,  
Os jardins não tem d'aqui;  
Màs 'n elles a Natureza  
Mais se aprimora e se ri.  
O viço, o mimo, a alegria,  
A frescura, a louçania  
Da minha plaga natal  
São imagens do chorado,  
Perdido pelo peccado,  
Paraiso terreal.

De oiro e de diamantes  
Deposito inexaurivel  
Fêz do chão da patria minha  
O Ente Incomprehensivel.  
Suas florestas madeiras

Tem, que do orbe as primeiras  
São no prestímo e valor ;  
Seus pomares copiosas  
Frutas as mais preciosas  
Em doçura, gôsto e odôr.

Quem escuta o canto lindo  
Do *Bicudo* e *Curió*,  
Do flautado *Sabiá*  
Qu'inspira saudade e dó;  
Quem do *Canario* brioso  
Ouve o trinar sonoro,  
Ou nasça, ou se ponha o sol,  
Não se lembra d'outras aves  
Do mundo, nem dos suaves  
Gorgeios do *Rouxinol*.

Que rica vegetação  
Pompêa no sólo meu !  
Qu'abundancia ! que matizes !  
Que brilho em tudo que é seu !  
Que magestade de montes !  
Que murmurio de fontes !  
Nas campinas que verdor !  
Que poesia, qu'estudo  
Aqui acha o sabio em tudo,  
Acha em tudo o trovador !

Eu não troco a minha terra  
Por nenhuma d'além-mar;  
Delicias que 'n ella gózo,  
'N outra não hei de gozar.  
Possuir os ossos meus  
Só ha de—mercê de DEUS—  
Minha Bahia gentil—  
A terra dos meus ardores,  
Dos meus primeiros amores,  
Princeza do meu Brasil.

---

## UM CANTO NO MAR.

Oferecido às Sras. Bahianas.

---

Nas mais longinquas, mais profundas grutas  
    La s'encerraram tristes ,  
Ao vêr os dotes das gentis bahianas,  
As Neréidas louçans d'envergonhadas;  
E a Jove mil queixumes dirigindo ,  
Porque Natura não as fêz tão bellas,  
Não querem, como é d'uso, á flôr das aguas,  
    Em devoção ao Nume,  
'N esta noite saudar de Phebe a vinda.

Das filhas do Oceano as mais formosas  
Tambem se escondem nos cerúleos paços,  
E la gemem d'inveja e de ciuimè;  
    Lamentando que sejam  
    Deidades—e assim fujam  
De ser vencidas nos paternos lares  
    Por mortaes qu'os visitam  
Ufanas de seus dons, de seus primôres.



Prêso no peito às magicas Seréas  
 O canto la ficou;—quê mais suaves  
 Vozes tinham de ouvir no mar, qu'as suas,  
 Ceu e terra esquecendo, e a ellas mesmas.

Emfim Neptuno, que da honra o aviso  
 Teve, que aos seus dominios  
 Ora concedem da Bahia as Graças,  
 Dos braços d'Amphitrite se desprende,  
 E açodado em demanda  
 Vem do logar do nautico festejo,  
 Sem se lembrar da espôsa,  
 Que, de zêlos carpindo-se, deixára.

Doudo de amor e de prazer, tres vezes  
 A quilha beija da feliz curvêta,  
 Sobre que pizam e garbosas dançam  
 As de Paraguassú filhas divinas,  
 Bellezas que na terra mais o encantam.

De novo, suspirando,  
 Recorda o caso da infeliz Moêma,  
 E a Diogo ainda mais de fero accusa.  
 Abrasado e rendido  
 Ei-lo ahi está, das conterrâneas minhas  
 Ouvindo os cantos, contemplando os mimos,  
 Que o fazem, absôrto,

Cuidando qu'as estreita em doce ampléxo,  
Abraçar de Mavorte o lenho amado.

Salve, lenho ditoso !  
Salve, princeza da brasílea armada !  
Guarnecida d'angelicas bellezas,  
Que força poderia  
Hoje vencer-te e debellar teus bravos?...

Sobrehumano heroismo  
No nobre coração do brasileiro  
Electrica infundira  
A dona, ou virgem, que tivesse ao lado—  
E si para a victoria não bastassem  
Seu esforço e seu ferro,  
Quem quer que fosse—novo Gama, ou Nelson—  
Que s'erguesse ante nós, presto cahira,  
Ferido pelos raios d'estes olhos,  
Prostrado pelas vozes d'estas boccas,  
Captivo do poder d'estes encantos.

Oh! as *bellas!*... as *bellas* valem tudo—  
E, sendo do Brasil, muito mais valem.

A liberdade, e as *bellas*  
São as primeiras divindades do Orbe,  
Principio e alma da existencia do homem.

Aquelles, que por ellas não s'inflamam,  
E incenso e cultos, que deviam dar-lhes,  
Depõem aos pés dos idolos grosseiros  
Do maldito interesse,  
São ímpios, são labéus da natureza,  
Baldões da patria, réus da humanidade.

Felices, meus undivagos guerreiros !  
Felices vós, que preferis afagos  
E risos de legitimas deidades  
A vis engôdos de burlêscos numes,  
Qu'ahi, rojando, o servilismo adora !  
Assim merecereis do justo as benções;  
Assim\*tereis um vate que vos cante,  
E vosso nome récommende aos évos. (\*)

---

(\*) Recitado em um baile, dado em 1849 á bordo da curvêta *D. Jaguaría*, ás Sras. Bahianas e a seus amigos pelos benemeritos officiaes da mesma curvêta.

**A ROSA MURCHA.**

---

Linda flôr ! es tu a mesma  
Qu'ha pouco tanto encantavas? !  
Que sobre o collo de Armania  
Mais que na haste brilhavas? !

Si assim. viçosa no seio  
Te vi, qu'adormece Amor,  
Como tão cêdo murchaste?  
Dize—como, ó linda flôr?

Ao vêr Armania, d'inveja  
Consumida pereceste?  
Ou de gosto entre seus mimos  
Embragada morreste?

Más ah! qu'inutil inquirio  
Do estrago teu a certeza ;  
È esta em tudo qu'existe  
A ordem da natureza.

O' flôr, que na curta vida  
Gozaste o mais doce abrigo,

Vem nas sombras da saudade  
Jazer agora commigo !

Minha fiel companheira  
Vem ser 'n esta solidão,  
Entrelaçar meus suspiros  
Co'a tua muda expressão!

Si de Armania a imagem foste  
Da existencia no verdor,  
Copia es da minha existencia  
No amortecido languor.

Ah ! quam melhor do qu'a minha  
Considero a tua sorte !  
Eu morro a cada momento;  
Tu soffreste uma só morte.

Quanto co' Armania adorada  
Diversa foi nossa estrellá !  
Tu no seu seio murchaste —  
Eu desmaio:... ai ! longe d'ella !

Morrer assim, terna socia,  
Qu'afortunado morrer !  
Viver do modo qu'eu vivo,  
Que desgraçado viver !

Doçuras que já libaste,  
Quando libar poderei?..  
Quando a dita ser-me-á dada...  
Ah! que tanto te invejei?

Si remate os meus extrêmos  
Houverem tão venturoso,  
A meu Bem te apresentando,  
Dir-lhe-ei grato e mávioso :—

« Esta é a rosa, qu'outr'ora  
« Recebi da tua mão;  
« Que de ti longe até hoje  
« Foi minha consolação.

« Do tempo contra as injurias  
« Façamos por conservar,  
« Quanto nos dure a existencia,  
« Flôr tão chara e singular.

« Em nossos doces colloquios  
« Parte sempre deve ter :  
« Concorde, amada, commigo »  
E depois d'isto dizer—

Um pequeno altar te erguendo,  
A' base lhe hei de pôr :—  
*As mais são rosas de Flora;*  
*Esta é a rosa de Amor.*

1835.

---

Ao meu prezadíssimo Collega e amigo velho, o Professor Guilherme  
Balduino Embrossi Camacan—

## ODE.

---

A Ode li, com que de PEDRO o fausto  
Natalicio cantaste ;  
E os delicados, nobres pensamentos,  
O térso estylo, e os naturaes donaires—  
Tão raros !—me alagaram  
De honra e prazer o coração ingenuo.

De gôsto, á cada estrophe que relia,  
A êrma, nua sala resoava  
Com bravos, com pitadas:  
Mais que no baile as damas —  
No baile d'essa noite—(\*)  
N'alma alheada me dançava o gôsto.

« Não é somente Lysia  
(Dizia embevecido) quem sublimes  
Vozes blasona d'estremadas lyras :

(\*) A do dia 3, quando li a sua bellissima Ode.



Na mesma véia onde bebêra os hymnos  
 O cantor de Camões, da infeliz Brancã, (\*)  
 Bebeu Cysne bahiano para dá-los  
 No seu natal a Pedro.

Ja não sinto os pomposos  
 Festejos e folgares não ter visto,  
 De que doença me tolhêra o gôzo;  
 Lendo a máscula Ode,  
 Lavôr de um meu patricio, nos momentos  
 Que consagraste ao Throno,  
 Gozei, Bahia, teu melhor encanto.

Viva o meu Balduino,  
 O feliz Bardo que seu berço teve  
 Na ilha do valor—(\*\*) elle que hoje  
 Honra assim com seu canto a patria nossa,  
 E eterna com seu canto  
 Fez a decima-quarta  
 Primavera gentil do nosso Pedro—  
 Penhor augusto e grande  
 Da brasileira paz, da liberdade,  
 Da gloria brasileira!

(\*) O eximio litterato e poeta, Visconde de Almeida Garrett, cuja perda devem profundamente sentir todos os amigos da litteratura e da poesia, principalmente os da sua terra, a qual tanto illustrou e engrandeceu com o seu *Frei Luis de Sousa, &c., &c.* Um genio, como esse, devia materialmente tambem ser immortal.

(\*\*) Itaparica.

Assim applausos no meu lar te dava—  
A ti, que no teu lar talvez do nome  
Nem te lembrasses do pequeno vate,  
    Que n'apollínea arêa  
Provou, contigo, as forças—'n'esses dias  
Que Nasaréth (\*) os viu, e que maus fados  
Nos não deram jamais; dias saudosos  
De simples convivencia, más tão pura—  
« *Como o ceu do Brasil, quando sereno*  
« *Anila os ares cêrulo nordeste,*  
« *E o sol entorna suas luzes de oiro.* (\*\*)

Dezembro de 1839.

---

(\*) A nossa cidade d'esse nome, onde passamos alguns mezes em 1822.

(\*\*) Bellissimo simile da sua ode á que me refiro.

A' saudosa despedida do Illm. e Exm. Sr. Veador Paulo José de Mella  
Azevedo e Britto. (\*)

## ODE.

---

Partes, querido, inestimavel Britto! —  
E grande, qual sentimos  
Prazer co'a vinda tua, em nossos peitos  
Com teu partir a saúde accorda.

Segunda vèz dos braços  
Te arranca d'esta patria, de qu'es todo,  
Dos homens qu'inda sabem  
Teu merito apreçar, tuas virtudes, —  
Não sêde de riquezas,  
Não cubiça de titulos vaidosos, —  
Màs da patria o serviço, o bem dos homens.

Vae, ínclyto Bahiano,  
Vae luzes diffundir nos regios paços,  
No alcáçar das leis raiar verdades.

(\*) Depois de haver presidido a esta sua provincia natal, que 'n es-  
sa occasião (tardio tributo) o elegêra seu Deputado à Assembléa  
Geral.

O céruleo monarcha  
 Preceda ao teu baixel, salvo o conduza,  
 Dos mares respeitado, ao lédo porto—  
 E após, brando e propicio, o siga Eólo.

Breve e feliz na demandada côrte  
     Surge—e plácido ostenta,  
     Grato aos teus, aos amigos,  
 Limpa, ali, de desar a frônte honrada.

Do cheio encargo aquelles que t'o deram,  
     Contentes te recebam  
 Do amor enriquecido e das saudades  
 Do bem-regido satisfeito povo.

Quam frustradas roquêjam  
 Contra ti a má fé, a ignorancia!—  
     Em teu louvor erguida,  
 A sôlta voz da candida verdade  
     Ha de cobrir-lhe os surdos (\*)  
 Grasnos co'o sono, altivo accento.

—O Ceu que te abençoá,  
 Te alongue e te vigore os puros dias—

(\*) De cansados e muito roucos.

Uteis aó Throno e á Patria,  
Prazer e norma dos que bem te prézam.

Este voto incessante,  
Que d'alma agradecida a DEUS eleva  
O saúdoso vate, em cujos hymnos  
Perenne viverás de gloria farto,  
E no coração, per onde fôres,  
Nas azas d'amizade irá contigo.

---

*Em linda marinha concha  
 Vae Neptuno mui taful,  
 De calças pretas estreitas,  
 E sobreasaca azul. (\*)*

GLOSA:

Um consoante só tem,  
 Qu'eu saiba, o mote a glosar;  
 Dous careço—e como achar  
 O que não acha ninguem?  
 Mês, si porventura alguem,  
 Afóra a palavra—*troncha*,—  
 Me apontar segunda em—*oncha*,—  
 Então a glosa farei,  
 E Neptuno embarcarei  
*Em linda marinha concha.*

(\*) A esta difficil e chistosa quadra, dada por S. M. I. ao distincto poeta e litterato, meu respeitavel amigo de saudosa memoria, o Senador Paulo José de Mello Azevêdo e Britto, fêz elle a seguinte bellissima glosa, com a qual quiz eu honrar este meu pobre livro, e tambem satisfazer á curiosidade dos leitores, que por certo desejariam vê-la, achando-a referida na primeira decima da que, tão somente por deferencia ao dito meu sempre lembrado amigo, que assim me determinou do Rio de Janeiro, fiz e lhe remetti, a qual ahi vae abaixo da sua; logar que lhe compete até pela inferioridade de merecimento. A outra minha glosa, feita á mesma quadra em estylo faceto, achar-se-á na ultima parte com as mais producções d'esse genero.

Casa Thetis uma filha—  
 E vae nos mares tal pompa,  
 Que Tritão embóca a trompa,  
 E chama quilha por quilha :  
 Na que mais que todas brilha,  
 Sentado em alta corúl,  
 Com regio manto auri-asul,  
 De varios deuses cercado,  
 Para os paços do noivado  
*Vae Neptuno mui taful.*

De finissimos coraes  
 Na dextra empunha um tridente,  
 Leva collar e pingente  
 De gemmas orientaes;  
 Nunca as viu ninguem eguaes,  
 Tamanhas e tão perfeitas;  
 Casquilho vae ás direitas;  
 E, pois qu'ó requer a moda,  
 Vae hoje assistir á bôda  
*De calças pretas estreitas.*

A bordo da guapa não •  
 Em luxo tudo nadava;  
 A tripolação trajava  
 Rico setim de Macáo;  
 Junto ao DEUS ia um degráo

De saphiras de Debúl,  
Qu'ê fama foi de Saúl;  
Emfim—qu'a etiqueta o quer—  
Leva chapins de mulher,  
*E sobrecasaca azul.*

P. J. DE MELLO AZEVEDO E BRITTO.

---



**A' mesma quadra.**


---

**GLOSA.**

De augusto ingenho subtil  
 Este mote derivado,  
 Por gran'poeta glosado  
 Foi a maravilhas mil :  
 Si, baldado todo o ardil,  
 Essa musa, afóra *troncha*,  
 Não deu com palavra em—*oncha*,—  
 Menos com ella acertei,  
 Do mar descrevendo o rei  
*Em linda marinha concha.*

Ao povo que mais lidára  
 Do seu throno na defenza, (\*)  
 Quer Pedro (alta recompensa !)  
 Visitar co'a Esposa chara.  
 Ei-lo, como projectára,  
 Sulcando as agnas do Sul;

(\*) O do Rio Grande do Sul.

Emvêz de c'róa auri-asul,  
 Com grinalda de café,  
 'N uma concha—ao lado—em pé  
*Vae Neptuno mui taful.*

De arabután (\*) verdadeiro  
 Lustroso empunha um tridente,  
 Fulge-lhe ao collo pendente  
 A medalha do Cruzeiro;  
 (Tal o viu Pedro primeiro  
 Nas viagens por lá feitas)  
 Teme da moda desfeitas;  
 E, pois, a ella cingido,  
 Vae—cabello repartido—  
*De calças pretas estreitas.*

Rico botão esmaltado  
 Leva, e cadêa flammante,  
 Anel de raro brilhante,  
 Bahiano lenço bordado :  
 D'usurario naufragado,  
 Prêsa d'estygio paúl,

(\*) Arvore que dá o pau-brasil, do qual tambem ha falso, á que chamam *brasilête*.

Herdou tudo 'n um bahúl :.  
Trajá em fim, loução e bello,  
Colléte verde-amarello,  
*E sobrecasaca azul.*

---

## A' ORPHANDADE—

## ODE,

Offerecida ao Illm. e Revm. Sr. Padre Mestre João Quirino Gomes, (uma das maiores glorias d'esta Proviocia na tribuna sagrada) e recitada no theatro.

---

Eu vos saúdo, ó nobre  
Porção d'infortunadas creaturas!  
Hymnos, não-usuaes nos homens de hoje,  
Meu peito—bem-devoto—vos consagra.

Desventurada, misera innocencia!  
Ao ver-te, mais que nunca,  
Geme de condóida a natureza.  
Oh! como do teu mal attinge o extremo,  
Como te compadece  
Quem d'uma terna mãe recorda afagos,  
Quem de amoroso pae conta desvélos!

Porção d'infortunadas creaturas!  
A mão, que te protege, abençoada  
Tres vezes seja!—O oiro que te nutre,

Que te grangêa o bem, multiplicado  
Aos cofres, d'onde sâe, tres vezes torne!

Oh! quanto na balança  
Do Eterno Omnipotente esse oiro pésa! —  
Quantos não accumula  
Premios 'n esse deposito infinito,  
Cujo ingresso ao avaro é tão custoso,  
A' cuja porta bate  
—Em vão—o usurario, que do mundo  
Corvejado se foi de mil remorsos.

La é que as pragas ouve  
D'aquelles qu'arruinou: la é que, homem,  
Sem remedio mal-diz que homem não fosse—  
Emtanto que o benéfico, que soube  
Compassivo acudir ao desvalido,  
De todos ao seu DEUS recommendado,  
Bemdicto ali repousa  
Dos justos na mansão, cheio de glorias.

Venturoso quem pode,  
Respeitaveis meninos, soccorrer-vos! —  
Quem vos dirige, e obra  
Arremêdos de pae a vosso lado!  
Vós fazeis-me invejar de Pluto as graças;  
Inveja que me apraz, inveja nobre—

Não, como essa de muitos, mal-nascida,  
Ao sórdido egoísmo associada.

Que ufania que sinto,  
Quando esta patria nossa tão amada  
Toda nutre por vós meus sentimentos!—  
Quando, por pias mãos bem-conduzidos,  
Trilhar vos vejo estrada, em cujo termo  
Aguarda-vos porvir de honra e de gloria;—  
Cabal despique do tyranno fado.

Beneficencia, ó Deusa d'infelices!  
Quando do Cetu desceste,  
Foi—sem duvida—a minha  
Terra a primeira terra em que pisaste.  
Que teus influxos recebeu primeira.  
Quem estes ares bebe,  
Quem este clima bemfazejo habita,  
Presto com elle o coração allia,  
E, si doce o ja tem, mais doce o torna.

Do irmão Joaquim—nome famoso  
Emquanto houver pobreza,  
Emquanto paes houver desnaturados  
Qu'enjeitem, ou que neguem o seu sangue;  
Do illustre João de Mattos,  
Astro de charidade, qu'inda anima

Co'os lumes qu'espargiu, as innocentes  
Victimas do peccado, ou da miseria;  
D'esses heróes, e d'outros  
Varões no teu serviço esclarecidos,  
Vem, do Ceu primogenita querida,  
Vem recordar os pios monumentos,  
Qu'auréolas gentis lhes conquistaram,  
E perpetuos ahi seus nomes guardam  
Contra a do Lethes tragadora vêia !  
Aqui dos meus concidadãos nas almas  
Vem a tua accender divina chamma  
Em prol da triste, supplice Orphandade,  
Qu'o precisado auxilio aqui demanda !  
Na bocca de teus genios  
Um feito mais dos Bahianos võe,  
Pregando o teu amor de pólo em pólo. (\*)

---

(\*) Vejam-se a nota e carta no fim.

A' memoria do bravo e honrado Coronel Guilherme José Lisboa,  
gloriosamente morto na batalha do Rio Pardo —

### SONETO.

---

De quantioso inimigo accomettido,  
Desnuda a espada o Coronel valente,  
E com poucos dos seus na pugna ardente  
Lida e forcêja por não ser vencido.

Arte, porém, esforço desmedido  
Tudo baldado vê—trinta somente,  
Para a lucta escassissimos, da gente  
Conta, com qu'encetára o prélio hardido.

« Rende-te! —bradam-lhe— « Isso não; a espada  
« Do defensor da lei, ao crime horrendo  
« Por elle entregue, não será manchada.»

Diz—e co'a turma hostile arremettendo,  
Trava pelêja ainda não-travada,  
Morre—e Catão sobrepujou morrendo,

---



A memória do bravo e honrado 2. Tenente da Armada Nacional Antonio Dias dos Santos Bello, gloriosamente morto na batalha do rio Cahy—

### SONETO.

---

Sobre humano valôr, feito assombroso  
As aguas do Cahy testemunharam;  
Por longo espaço attónitas pararam,  
Tristes gemêram do desastre honroso.

Em singular combate glorioso  
Prodigios d'heroismo ali brilharam :  
Nome, qual poucos de morrer ganharam,  
Ganhou, morrendo, Bêlico famoso.

Resôa o caso la no empyreo assento,  
E, namorado de valor tão forte,  
Nélson exclama—e tudo o ouve attento:—

« Si aqui não fosse, lh'invejára a sorte;  
« O novo heróe, o brásilo portentoso,  
« Senão na vida, me venceu na morte.

---

Ao Illm. e Revm. Sr. Conego Vigário José Joaquim da Fonsêca Lima—

## ODE. (\*)

Quem dissera, Fonsêca, qu'ó teu nome  
 Alvo fosse também da setta impia  
 Da vil maledicencia!—Que no seio  
 Da patria que te afaga e te distingue,  
     Illesa não passasse  
 Do dente da calunnia a vida tua!  
 Tu qu'a sombra da paz que recommenda  
 Teu sancto ministerio, repousavas,  
 Em virtudes e letras florecendo,—  
     Por defender os foros  
 Da Casa do teu Deus, que profanados  
 Viste com dôr profunda, acareaste  
 Malquerenças e odios, que te assaltam,  
 O socêgo accordando de teus dias!

Assim, Fonsêca, os homens  
 Melhores d'esta quadra 'n ella vivem

(\*) Offereci em 1845 ao meu illustre amigo estes versos com allu-  
 nha de ode, em desagravo dos injustos doéctos que pela imprensa lhe  
 dirigiram, por se haver elle com razão opposto ao abuso de assistirem  
 algumas senhóras á missa cobertas com chapelinhas na egrêja do Pi-  
 lar, quando zeloso vigário d'aquella parochia.

Joguêtes de orgulhosos, d'insolentes,  
 De parvos qu'abocanham e condemnam  
 Quanto a seu paladar não vae no mundo.  
 Bóas ou más, usanças de outros povós  
     Macaqueando nescios,  
 Como si a terra nossa conquistassem,  
 Querem-nos ca metter—matu gradu d'ella. —  
     E ai d'aquelle que ousa  
 Oppôr-se a tal querer ! Em continente  
 Ao juizo dos prelos conduzido,  
 Julgado é charlatão, si é sabio—hypocrita,  
 Si é virtuoso—si reprova nobre  
 Arbitrios de mandões, republicanos. (\*)  
 Vem logo o pae, a mãe, a côr, a casa  
     Onde morou primeiro,  
 A roupa que vestiu quando pequeno,  
 E o mais que vemos nos escriptos de hoje !  
 La conhece, porém, do feito injusto  
 O Tribunal do Publico Conceito;  
 Do accusado em prol se pronuncia;  
     Unanime confirma-lhe  
 O contestado merito, e fulmina  
 Ao falso accusador pena d'infamia—  
     Qu'o pune, emquanto existe.

(\*) Quantos d'esta classe politica não tem soffrido perseguições as mais cruas por tal julgamento !

A ti, Fonsêca illustre,  
Aos aggressores teus, igual justiça  
No recente litigio inesperado  
Fêz esse Tribunal sem-par na terra.  
Venceste—e mais brilhante,  
Qual Phebo si de nuvens se descobre,  
Prosegue e se dilata a gloria tua.

---

Ao Illm. e Exm. Sr. Desembargador Antonio Ignacio de Azevedo,  
 retirando-se elle para Pernambuco, depois de ter sido  
 Presidente d'esta sua provincia natal.

## ODE.

A minha *convicção* te dá meus versos,  
 Meus versos da lisonja não tocados.

BOCAGE.

Assim, charo Azevêdo, o irmão que soube  
 Prudente dirigir, igual e affavel,  
     Os irmãos qu'a seu cargo  
 Confiado entregára o pae previsto,  
     Quando d'elles se aparta,  
 Dentro em seus corações deixá indelevel  
 A saudosa lembrança agradecida.

Sob o governo teu, suave e justo,  
 Providente e benéfico—mantidos,  
     Seguros nossos foros—  
 Restaurado o socêgo aqui reinava :  
     Na tua consciencia

Tranquillo repousando, d'outra guarda (\*)  
Para acatado ser não carecias.

Do patrio ninho teu em prol—'n um anno  
Que tão breve passou—que mais fizeras ?  
Onde os milagres d'hoje ?  
Quem 'n estes tempos de ambições, d'enrêdos,  
Dê gratuitos rancores,  
D'interesses mesquinhos, de despeitos,  
Proveu mais do que tu no bem dos povos ?

Fallem sobre o que foste as vozes limpas,  
Não-suspeitas, da rígida verdade;  
Digam como viviam  
Os governados teus na confiança  
Do teu regimen casto;  
Como sereno e regular com elle  
O publico serviço ia medrando.

A patria, que contente a bonaiçosa  
Vinda tua applaudiu, reconhecida,  
Ha de a mão que com ella.  
Salvou-a, bemdizer, enquanto exista,  
E, do bem qu'a regeste

(\*) Alludo ás guardas e bayonêtas de que se cercam ás vezes (não sei porque e para que) alguns Srs. Presidentes de Provincia e outras auctoridades; apparatus de força que, realmente, só pode metter medo a criminosos e a creanças.

Com saudoso prazer sempre lembrada,  
Constante e grata venerar teu nome.

Esplendido sarão, caduco obsequio  
Da caduca opulencia; (\*) assignalar-te  
    Não ha de a despedida,  
Compatriota meu, Bahiano illustre;  
    Mas levarás contigo  
Rico thesouro de affeições sinceras,  
De verdadeiras perennaes saudades.

---

(\*) Allusão ao baile aqui dado ao antecessor de S. Ex. na sua despedida com o intuito de abonar a sua administração.

**VISTA E AUSENCIA.****SONETO.**

---

Quam doce, minha Isbella, é ver teu rosto  
Tincto de amor, e os olhos requebrados  
Respondendo a meus gestos namorados,  
Banhando est'alma de celeste gosto :

Quam doce—é, contemplando o teu composto,  
Colher, entre ternissimos agrados,  
Beijos, ou concedidos, ou furtados,  
Qu'a Jove, de os não ter, darão desgosto :

Tão amargo é, meu Bem, n'ausencia dura,  
Em que parte da vida ambos perdemos,  
Verter em pranto e ais nossa ternurá.

Corôa, meiga Isbella, os meus extremos...  
De amantes a dulcissima ventura,  
Sempre qu'a sorte o permittir, gozemos !

---



**DESPEDIDA—****SONETO.**

---

Idalina, gentil, meu triste fado  
De ver-nos ja distantes não-contente,  
Quer mais longe de ti mandar-me ausente  
Algum tempo viver amargurado.

Sim—é força partir, meu Bem amado,  
E d'este adeus provar a dôr pungente...  
De meu amor tão puro e permanente  
A lagrima recebe, o ai maguado.

Oh! si não fôres, Idalina, ingrata,  
Si o Ceu me ouvir, si do que tanto hei medo,  
Teus dias algum mal não desacata—

Si não quebrar-se, enfim, nosso segredo...  
Esta saudade, que por ti me mata,  
Convertida em prazer verei bem cedo.

---

*Dous entes regem o mundo,  
Doce Amor, e Morte impia :  
A Morte co'a fouce corta  
Quanto Amor semêa e cria.*

## GLOSA.

Quando, recolhido em mim,  
O vasto universo exploro,  
Descubro, contemplo, adoro  
Em tudo principio e fim.  
Prouve a DEUS fazê-lo assim  
Em bens e males fecundo :  
Ora triste, ora jucundo,  
Dos seres o fado vemos :  
Tudo nos diz que, supremos,  
*Dous entes regem o mundo.*

Luctando em continua guerra  
Estas potencias contrarias,  
Tão infalliveis, quam varias,  
Regem os fados da terra.  
Qual tudo o que existe, aferra;  
Qual tudo o que existe, cria;

Um menêa noite e dia  
Doirado, outra férreo sceptro;  
Este é nume, aquella espectro;  
*Doce Amor, e Morte impia.*

Fera, indomavel não cansa  
A Morte em suas victorias;  
Meigo, altivo em suas glorias  
Amor impávido avança.  
Ai!.. a mais bella esperança  
De Amor lá fenece, aborta!..  
A filha o pae lá vê morta!..  
Terno esposo a esposa chara!..  
Assim de Amor a seára  
*A Morte co'a fouce corta.*

Amor, da Morte zombando,  
Bemque seus golpes sentindo,  
Vae vidas reproduzindo,  
Vae prazeres renovando ;  
Ella, os furores dobrando,  
Disputa-lhe a primazia;  
Ou apressada, ou tardia,  
Sem haver força qu'a dome,  
Ceifa, colhe, abysma, e come  
*Quanto Amor semêa e cria.*

A uma trança de cabellos, com que foi presenteado o amigo que me  
pediu estes versos.

---

Teus dotes, Fortuna escassa,  
Ja feliz, não quero eu;  
Deu-me Amor para vingar-me  
Maior thesouro qu'ó teu.

Quem fios de diamantes  
Nunca viu da tua mão,  
De fios mais preciosos  
Tem prendado o coração.

Seus ondeantes cabellos  
A linda Isbella cortou,  
E d'elles, para offertar-m'a,  
Mimosa trança formou.

Qual de teus dons, cega deusa,  
Pode este dom egualar?  
Tendo os favores d'Isbella,  
Quem ha de os teus cubiçar?

Tuas riquezas, Fortuna,  
Colhes aqui e ali;

Maior que tu, minh'amada  
Tem riquezas mesmo em si.

A que me deu, a qu'adorò,  
A que beijo sem cessar,  
Excede a quantas no mundo  
Tens podido e podes dar.

Si te offender o que digo,  
Serei embora teu réu;  
Sim, Fortuna, eu só almêjo  
Isbella—e depois... o Ceu.

Dom de amor ! trança querida  
Dos cabellos de meu Bem !  
Es bella como nenhuma;  
Sou feliz como ninguem.

Praza ao Ceu, lindas madeixas  
Que tanto me namorastes,  
Trançadas por mãos d'aquella  
Sobre quem sôltas brincastes—

Praza ao Ceu qu'as irmãs vossas  
Possa, alisando, beijar  
Brevemente, quando Isbella  
Minha dita consummar !

Da tua prenda encantado,  
Doce Isbella, assim fallei :  
O que senti, contemplando-a, —  
Isso é mais... dizer não sei.

Quanto me ouviu a Fortuna,  
De Amor me accrescente a graça !  
Certo o qu'eu disse ás madeixas,  
Por Amor Isbella faça !

---

**A ESPERANÇA.**

---

Doce alento d'infelizes,  
Socia fiel dos mortaes—  
Esperança! não me fujas,  
Vem, acalenta meus ais.

Chamam-te alguns mentirosa,  
Mês eu não te chamo assim;  
Deixa os mais que te não amam,  
Volve, fica junto a mim.

Filha do Ceu, precursora  
Da grata consolação!  
Dize-me sempre—que sim—,  
Quando Amor dissér—que não.—

Esse nume ingrato e fero  
Se nutre co'a minha dôr...  
Sê meu escudo, Esperança,  
Contra caprichos de Amor.

Da phantasia onde assentas,  
Doce amiga, o throno teu,

Raios despede qu'animem  
O triste coração meu.

Só tu, Esperança, podes  
Clarear com teu sorrir  
A cerração de minh'alma,  
O quadro do meu porvir.

Terna mãe dos desgraçados,  
Vem, divindade querida!—  
A quem de amor váe morrendo,  
Vae dando, Esperança, vida.

Chame-te embora illusão  
A gente que te maldiz—  
Esperança! nos teus sonhos  
Quero ao menos ser feliz.

---



**SONETO**

Para ser dirigido a S. M. a Imperatriz por um pretendente cego,  
implorando a protecção da mesma augusta Senhora.

---

A ti, Senhora, de gemer cansado,  
Vou alfim implorar graça e soccorro :  
Do Augusto Esposo teu, a quem recorro,  
A mão dirige a melhorar meu fado.

O lume d'estes olhos apagado  
A causa explica, por que peno e morro :  
Por ti se veja da penuria fôrro  
O de teu Pedro defensor honrado.

E si para inclinar-te a proteger-me  
Não basta esta cegueira, esta indigencia,  
Que trago, Imperatriz, n'alma a doer-me,—

De minha esposa e filhos tem clemencia;  
Movam-te o coração a bem-fazer-me  
Os prantos do teu sexo, e da innocencia.

---

## AO GRANDE JOÃO CAETANO DOS SANTOS,

*Primeiro artista dramático do Brasil, e, segundo é fama, um dos primeiros do mundo.*

**ELOGIO,**

*Recitado por occasião do seu beneficio no theatro d'esta cidade.*

Irmãos somos na Patria, irmãos no Pindo,  
E um tempo ja nos viu irmãos em Marte. (\*)  
Ninguém ainda no bahiano palco  
Teve tanto direito aos meus louvores;  
Nem espero—jamais—ver nos meus dias,  
No teu genero, artista quod'eguale,  
E tão credor do meu tributo seja.

Para o vaçe que é nobre—os grandes genios  
São tambem réis na terra :  
As cordas, qu'as fronte lhes guarnecem,  
Que lhes fada o destino, quando nascem,  
Isentas vivem dos vaívens do mundo;

(\*) Na campanha do Sul, de 1826 até 1828.

Não as disputam ambições; nem elles  
Aos seus, morrendo, transmitti-las podem.

Tu es rei para mim, Actor divino,  
E rei qu' impera nos dominios d'alma;  
Rei do meu coração, dos meus transportes,  
Dos meus cultos emfim. Quando contemplo  
De minha terna Mãe no passamento...

E saudoso recorde

O thesouro maior dos meus amores  
Perdido para sempre... ah! quando choro  
Não havê-la podido, inda co'a perda  
D'esta vida, arrancar á lei da morte...  
O que vejo ante mim? A scena—e n ella  
O desditoso André (\*), o heróe dos filhos,  
O anjo que manchára as mãos no crime  
Para os dias salvar da mãe prezada;  
Que se fêz reu—e, pública a deshonra,  
Delira e pena, té qu'expiação a culpa,  
Recobrada a razão, ao Ceu devolve  
Sobre as candidas azas da virtude—  
Por ti reproduzido, apoderar-se  
Dos pensamentos meus, dos meus affectos,  
De mim todo—e eu gemer-lhe as dores cruas,  
As minhas misturar co'as suas lagrimas,

(\*) No drama—a Gargalhada.

Carpir-lhe os eloquentes desvarios,  
E transido expirar quasi com elle.

Tu es rei para mim, Actor divino,  
E rei que impera nos dominios d'alma;  
Rei do meu coração, dos meus transportes,  
Dos meus cultos emfim. Da Hespanha o Cesar (\*)  
Resgatas do sepulchro, e reanimas  
Na scena com teu genio—e melhor gloria,  
Mais affeições conquistadas, do qu'outr'ora  
O grande Cesar vencedor em Roma.

Copia viva do misero Idiota; (\*\*)  
Ou quando no segrêdo escuro ancêa,  
    Onde ambição funesta  
Dêsde a infancia o lançára, e lento o mata;  
Ou quando, pelo accaso á luz trazido,  
O mundo estranha, e quantô vê o assombra,  
E o encanta a mulher—segundo nome  
Qu'ardente pronuncia, apenas falla;  
Ou quando, emfim, co'a sua flôr querida,  
Qual vivêra no carcere penoso,  
Ternamente abraçado, arquêja... e morre;  
Comtigo o espectador chóra, confrange-se,  
E tudo sente quanto Edgár sentira.

(\*) No drama—D. Cesar de Bazan.

(\*\*) No drama deste nome.

A teu arbitrio Natureza e Arte,  
 A' porfia lidando, resuscitam,  
 Ardendo em zelos, o infeliz Othélo,  
 Para na scena o tragico successo  
 Repetir, que lhe dera eterna fama,  
 E longo tempo fez chorar Venéza.

Nos transe do Poeta Fluminense, (\*)  
 Em Lysia condemnado ao fogo iniquo  
     (Pena do sancto fogo  
 Do estro que da bocca lhe brotava!)  
 Pintas a *inquisição* peor qu'o inferno;  
 Peior que a descrevêra o gran' Filinto,  
     Que, martyr não-devoto  
     D'esse abôrto horroroso  
 Do consorcio fatal do Cléro e Throno,  
 Viveu vida d'angustias e penurias  
 Longe da patria—e lhe não deu seus ossos!

Teu renome Albión com pasmo ouvindo,  
 O novo Kean (\*\*) ao Brasileiro inveja,  
 Fiel transumpto do que foi seu timbre.

O que foram, luzeiros do universo,  
 Cayrú no saber, Camões na lyra,

(\*) No drama—o Poeta e a Inquisição—bellissima composição do  
 nosso exímio e philosophico Poeta o Sr. Magalhães.

(\*\*) No drama d'este nome.

Alexandre na guerra, e Bonaparte,  
Nelson nos mares, Raphael nos quadros,  
Na musica Rossini, es tu no drama.

Tu es rei para mim, Actor divino,  
E rei que impera nos dominios d'alma;  
Rei do meu coração, dos meus transportes,  
Dos meus cultos emfim. O mór orgulho,  
Da tua Nictheróy, hoje, é teu nome.  
Lá seus filhos estão, de ti saudosos,  
Invejando a ventura dos Bahianos,  
*Ante quem conduziu-te anhélo immenso.* (\*)  
Mais qu'immenso era o nosso de admirar-te;  
E teu meritó raro,  
Traspondo expectações, paga-o de sobra.

E que não tenha eu posses para erguer-te  
Uma estátua amanhã!... O' minha-musa!  
Minha musa, soccorre-me! Este canto  
Faze qu'a fama um dia  
Com sinéte immortal selle, e se torne  
Um padrão indelevel,  
Onde perenne—JOÃO CAETANO—viva!

---

(\*) Alludo ao principio do seu excellenté monólogo de saudação  
ao publico d'esta capital.

A' insigne cantôra e artista, a Sra. D. Adelaide Tassiní Mugnat, por occasião  
do seu beneficio no theatro d'esta cidade—

### SONETO.

---

Nas azas do teu genio refulgentes  
Do ceu traspondo os avivados lumes,  
O cânto bebês dos fagueiros Numes,  
E vens na scena derramá-lo ás gentes.

As Musas la no Pindo hoje contentes  
Aras te votam, queimam-te perfumes :  
Teu nome ás immortaes causa ciumes,  
E de Jove e de Apollo occupa as mentes.

Feliz tres vezes—quem da terra o ouro  
Troca por dons do Céu, que lhe tens dado,  
Da voz abrindo o magico thesouro!

Gloria a quem te protege! Afortunado  
Quem ensinar ao seculo vindouro  
Qual teu merito foi, qual foi teu fado!

---

**A' mesma Senhora,**

cantando ella no beneficio dos orphãos, nas vespers da sua partida  
para o Rio de Janeiro—

**SONETO.**

---

Teu canto a bem da misera orphandade,  
Que mais tornou-te a despedida honrosa,  
Foi canto, ao pôr do sol, d'ave mimosa,  
Que n'alma qu'o gozou, mette a saudade.

'N elle, da scena musical deidade,  
A' Bahia cerraste a voz ditosa;  
Voz qu'ella sempre lembrará saudosa;  
Qu'abona encantos da priméva cidade.

Rosa d'Euterpe, qu'entre nós viveste  
Tão fragrante, e tão bella, e tão querida,  
Qual na terra feliz onde nasceste—

La na plaga, ond'es tão appetecida,  
Merecendo o que d'esta mereceste,  
Nutre a mesma fragrancia, a mesma vida !

---



A' primorosa cantora, a Gra. D. Mariëtta Mariaugeli, para ser offerecido  
por uma sua amiga no acto do seu beneficio em 1848 —

### SONETO.

---

Quando a melliflua voz sóltas donosa,  
Mariëtta gentil, tudo se rende :  
Quem de teus labios venturoso pende,  
Do Ceu delicias no teu canto goza.

Da tua Italia, que sé ergueu briosa, (\*)  
E priscas glorias renovar pretende,  
Anjo pareces, que do mal defende  
Aqui seus filhos, de quem es mimosa.

Avante! Avante, divinal artista!  
Quem une á voz que tens, tanta beldade,  
Louvores sempre e animos conquista.

Entre as de Apollon, na vindoura idade  
Sé, quanto agora das nações na lista  
Tua patria vae ser co'a Liberdade. (\*\*)

---

(\*) Para recahir (miseranda!) no peor dos captiveiros do mundo!!!  
(\*\*) Vaticinio infeliz! — Mäs Deus hade verificá-lo um dia.

A' mesma apreciavel Senhóra, em outro seu beneficio, proximoamente á sua retirada para o Rio de Janeiro—

### SONETO.

Cantora! quem es tu?—Mortal, ou Diva—  
 Quem te deu essa voz tão doce e pura?  
 Quem doou-te essa graça, e formosura,  
 Que, sem qu'ó sintam, corações captiva?

D'onde esse aspecto angelico deriva?  
 D'onde essa melancolica ternura?  
 Teus gestos, teu cantar, tua figura  
 Um ser denotam, que co'os Numes priva.

Cantora! não te ausentes da Bahia;  
 Não derrames saudades e tristeza  
 'N estas scenas d'encantó e d'alegria!..

Não ouves um pregão da Natureza?..  
 « Deram-te Apóllo e Páris, 'n um só dia,  
 « Do canto o sceptro, o sceptro da belleza. » (\*)

(\*) Verso de um soneto do Sr. M. Pessoa da Silva á mesma Sra.

Ao meu prezado Collega e Amigo, o Sr. Laurindo José da Silva Rebello, a quem offerço a seguinte canção.—VINGANÇA DE UM POETA—

### SONETO.

---

Talento mais, que o teu, vasto e profundo  
Quem já viu no Brasil, vate excellenté?  
Fosse outra a tua sorte, a nossa gente,  
Que já teu nome occuparia o mundo.

Com fraterno interesse e dó profundo  
Tua estrélla infeliz minh'alma sente...  
Quantas vezes co'os meus, depois de ausente,  
Teus tristes fados a chorar confundo!

Genio de Nictheróy! dever sagrado  
Induz-me a dedicar-te o canto pobre,  
Que la soltei do peito lacerado:

Si o que te devo pelo teu (\*) mal cobre—  
Diz com teu coração do despeitado  
Poeta as queixas, a vingança nobre.

---

(\*) A poesia com que me honrou no livro de suas primorosas *Trovas*.

**VINGANÇA DE UM POETA.**

---

Eu mesmo ouvi: . . . segunda vez a ingrata  
Por fallas m'intimou minha partida,  
Qu'eu retardar queria só por ella  
Algumas horas mais! . . . Assim pagou-me  
Havê-la sobre as azas do improviso  
'N esse mesmo momento ao ceu levado!  
Sim, eu o ouvi—e d'esse raio ao estrondo,  
Dissipada a illusão que m'embalava,  
Do desengano despertei no abysmo,  
Qu'o doirado porvir sorveu-me inteiro.

Eu ja me contentava em ser amado—  
Amado só—e a crer cheguei que o era;  
Que nos olhos da ingrata me luziam  
De tão alta ventura indícios claros.  
Ella, porém, ou simulava amar-me,  
Ou seu amor arrefeceu bem cêdo!

Como a tanta beldade a Natureza  
Pôde alliar um coração tão frio?!  
Porqu' ha de á luz d'uns olhos radiantes  
A chamma não se unir de affectos grandes?

Mataste-me, mulher! . . . Aquêr da campa  
 Cerraste as portas para mim do mundo,  
 Onde eu era applaudido, onde bafêjos  
 Ainda d'esperança me animavam!

Matasté-me, mulher! . . . Foi esse o premio  
 Do muito que te amei, que te amo ainda!  
 Tu eras minha musa; era o teu riso  
 Fonte p'ra mim d'inspirações divinas,  
 E tua habitação meu ceu na terra.  
 Na cidade, no campo, em toda parte  
 Trazia-te em meus olhos namorados,  
 Vendo em tudo que é lindo o teu semblante.  
 Quando chegava o promettido prazo  
 De regressar a ti, sítios mimosos,  
 Onde afago é belleza a todos prendem,  
 Rogos, finezas, e caricias de outras,  
 Tudo, para deter-me, era debalde.

E que fructo colhi de taes extremos?  
 —Tu o sabes, cruel; nega-o, si podes—  
 Enganos ao principio . . . após . . . friezas,  
 Esquivanças, deleixos de amizade . . .  
 E por fim de aversão provas bastantes  
 Nas phrases que te ouvi! . . . Quando escutei-as,  
 Mão de gêlo, mulher, pousou-me n'alma,  
 E todo o sangue me coalhou nas veias . . .

Parti . . . e ainda hoje não sei como  
Meio-morto o adeus disse a teus lares;—  
Adeus amargo que julguei perpetuo.

Mataste-me, mulher! . . . Eu bem podéra  
De ti vingar-me sobre-erguendo outra  
Aonde te subi, nas canções minhas;  
Teu proceder patenteando a todos,  
Nódoa d'íngrata te imprimir na fronte.  
Mês não—maior vingança, e nobre eu quero  
(Ouve-a, mulher, conhece-me, e confunde-te)  
Importuna, qual foi, minha presença .  
Não te será jamais; quanto em mim caiba,  
Fugirei de te ver; mês venerar-te  
Hei de sempre, e dizer qu'a mais formosa  
Es tu de Nictheroy entre as deidades.  
A tua ingrãtidão assim punindo,  
Legando-te na lyra entre os vindouros  
Renome eterno—morrerei vingado.

Rio de Janeiro—1832.

---

## A FITA AMARELLA.

Trovador! o que viste de mais lindo  
Da tua terra no formoso dia?  
O que mais te encantou? Que mais a mente  
E o coração encheu-te de poesia? . . .

Ah! . . . Uma fita eu vi . . . era amarella.  
E a dama, em cujo seio alvo brilhava,  
A dama, que de amores me matava,  
De todas, como sempre, era a mais bella.

E meu estro s'inflammou;  
E senti gloria infinita  
Calar-me o passado aggravo.  
E tal minh'alma ficou,  
Que dera por essa fita  
Minha medalha de bravo. (\*)

Em 2 de Julho de 1833.

(\*) A da restauração da Bahia.

**UNS OLHOS.**

Ao meu prezado collega e amigo, o Sr. Antonio Joaquim Rodrigues da Costa,  
offereço esta e a seguinte trova em diminuta retribuição da generosa  
offerta que me fêz dos seus bellos **ARPÊJOS POETICOS.**

---

Os olhos vi hoje  
Da minha querida,  
Tão cheios de vida,  
De graça e fulgor;  
Que nunca outros olhos  
Assim me fallaram,  
Assim misturaram  
Ternura e pudor.

No meio das luzes  
Que tinha o recinto;  
Festivo, distincto,  
Onde elles estavam,  
Eu vi qu'invejados  
De todas as bellas,  
Quaes sóes entre estrellas  
Meus olhos brilhavam.



Meus olhos . . . ah! não;  
Que tão peregrinos  
Taes olhos divinos  
P'ra mim não fez DEUS;  
Os olhos qu'eu amo,  
Que todo me rendem,  
Qu'o estro me accendem,  
Não podem ser meus.

Más elles me dizem  
Que soffra, qu'espere,  
Que não desespere  
Na minha paixão;  
Que tenha constancia,  
E fé na poesia—  
Qu'ainda algum dia  
Ser meus poderão.

Eu creio nas phrases  
Dos olhos gentis,  
Que ás vezes subtis  
Me fallam de amor;  
Dos olhos mais bellos,  
De mais eloquencia,  
Da minha existencia  
Mais doce penhor.

Por isso os adoro,  
E hei de adorá-los,  
E hei de cantá-los,  
Em quanto viver—  
Embora m'enganem  
Na meiga expressão;  
Em tal illusão  
Ventura é morrer.

---

**A FITA ENCARNADA.**

---

Era uma fita mimosa,  
Tão lustrosa,  
De tão viva rubra côr;  
Que certo não foi mais bella,  
Do que ella,  
A melhor faixa de Amor.

Nem consta qu'alguma traga,  
Fada ou maga,  
Fita para enfeitiçar,  
Qual essa que vi 'n um laço  
O regaço  
De meu Bem formosear.

No matutino arreból,  
Ou do sol  
No leito de carmesim,  
Fita no ceu fabricada,  
Desdobrada,  
Não se vê brilhar assim.

D'anjo insignia seria,  
Que viria  
'N' aquelle peito fulgir?  
Ou do ceu será signal  
D'algum mal,  
Que me estará para vir? . .

Assim commigo eu fallava,  
E scismava,  
Quando a fita se agitou;  
Julguei ser zéphyro brando,  
Que passandô,  
Da fita as pontas beijou.

Más não—um suspiro meu,  
Que rompeu  
Do coração a bater,  
Foi que no seio cabindo,  
Casto e lindo,  
Fêz a fita se mover.

Cuido qu'a dama o sentiu,  
Pois sorriu  
Com ar de perturbação .  
Ah! que de tudo era Amor  
O auctor  
Para atear-me a paixão!

Enfeite assem tão formoso,  
Tão donoso,  
'N outro collo inda não vi:  
Por dar-lhe famintos beijos  
De desejos  
Não sei como não morri.

Si a liga d'uma princeza  
Da nobreza  
D'um reino ja foi bandeira,  
Que não merece o encarnado  
Laço amado  
Da deidade brasileira ?

Oh ! si me dera essa fita,  
Tão bonita,  
Meu Bem de affecto em penhor—  
Minha divisa querida  
Toda vida  
Seria de trovador.

---

## OS TRES CRAVOS BRANCOS.

Offerecido ao meu prezado amigo, o Dr. Joaquim Antonio de  
Oliveira Botelho.

---

Colhi um dia tres cravos  
No mais formoso jardim,  
De côr branca e pura, como  
As roupas de um seraphim;  
Tres cravos qu'eu vi abrindo,  
Como a rirem para mim.

Empencados e viçosos,  
Do mais rescendente odôr,  
Pareciam ter nascido  
P'ra ramalhete de Amor;  
Eram lindos, qual ser pode  
Na primavera uma flôr.

A' minha bella offertá-los  
Foi logo minha tenção;  
Pois dar-lhe quanto me agrada,  
É toda a minha ambição :  
Si o não faço, é porqu'a sorte  
Discorda do coração.

Quando os tinha, uma rosa,  
Que mais que todas brilhava,  
Como quem tinha ciumes,  
Reparei que desmaiava!..  
Acaso do hórto a rainha  
Seu desar adivinhava?!..

Da flôr ao lado pousei-os,  
Para melhor combinar  
Como teriam mais lustre—  
Si com ella a contrastar;  
Si no cabêllo, ou no peito  
De meu Bem a branquejar.

E do jardim apressado  
Com elles me retirei;  
E antes que succumbissem  
De tudo o qu' existe á lei,  
Depois de terno beijá-los,  
A' minha amada os mandei.

Veio a noite—e 'n uma sala,  
Onde bellezas luziam,  
Da mais gentil nas madeixas  
Os meus cravos renasciam,  
Para mim rindo-se alegres,  
Qual no jardim quando abriam.

Eram de viço mais cheios  
'N aquella trança mimosa;  
Relêvo maior lhes dava  
Sua côr negra e lustrosa,  
Do que na minha exp'riencia  
A purpurea côr da rosa.

Vi então, qual o motivo  
D'aquella flôr desmaiar;  
Vi então qu'a Natureza  
A primazia mostrar  
Assim quiz da formosura,  
Qu'os cravos tinham de ornar.

D'elles meus olhos, minh'alma  
Em doce arroubo pendiam,  
Quando vozes maviosas  
Escutei que me diziam :—  
« Olhe— aqui trago sens cravos. »—  
E meus cravos mais floriam.

Um fogo então pelas veias  
Me correu abrasador;  
Um fogo que prôduzia  
Ora frio, ora calor;  
E, como a rosa d'inveja,  
Pensei desmaiar de amor.



« Cravos novos ! (disse commigo)

« A' vossa vista o que val

« Das mais formosas donzellas

« A grinalda nupcial,

« Das mais formosas princezas

« O diadêma real ?

« Oh que vida qu'ora tendes !..

« Oh que morte qu'ides ter !..

« Assim ditoso eu quizera

« Esta so noite viver...

« E amanhã, quando purchasseis,

« Assim ditoso morrer. »

E d'este modo a fallar,

E d'este modo a sentir,

Alegre do meu presente,

Medroso do meu porvir,

Levei té findar-se o baile;

Té minh'amada se ir.

No outro dia ao jardim

Em romaria tornei,

Para beijar o craveiro

D'onde os tres cravos tirei,

E nem vestigios da rosa,

Que desmaiára, encontrei !

Dêsde então dias e noites  
Passo inquieto a scismar—  
Qual será o meu destino  
Na minha vida de amar,  
Si fenecer como os cravos,  
Si como a rosa acabar.

Si venturoso—tres beijos  
Sobre esta minha canção  
Peço a meu Bem, que m'inflamem  
Dos mortos na região :  
Si desgraçado—um suspiro  
De lembrança e compaixão.

---

*Os Anjos também amaram;  
Tambem se ama nos Ceus:  
Si os amantes são culpados,  
Os Anjos também são réus. (\*)*

## GLOSA—

Offerecida ao meu prezado Primo e Amigo, o Illm. Sr. Rodrigo de Araujo  
Aragão Bulcão, por pedido de quem a fiz.

A' sancta paixão de amor  
É sacrilegio o obstar-se,  
É contra a lei conspirar-se  
Primeira do Creador;  
Que foi DEUS o seu auctor  
Mil testemunhos declaram;  
Em seu fogo se abrasaram  
Dêsde Adão todos os entes;  
Na terra, quando viventes,  
« *Os anjos também amaram.*

É principio irrefragavel,  
Estribado na razão—

(\*) Esta quadra, que me repetiu aqui o meu collega e amigo o Sr. Laurindo, disse elle ter sido feita pôr uma illustre Sra. Fluminense. Quem dera que todas as minhas patricias fizessem tão bellas quadras!

Qu'amor, da Religião  
É a base indispensavel :  
Debalde esconde-o incansavel  
A hypocrisia em seus véus;  
Contra oppostos escarcéus  
Tem philosophos provado—  
Que, sendo DEUS sempre amado,  
*« Tambem se ama nos Ceus.*

De amar—o immenso proveito  
Brilha da verdade á luz;  
Na eloquencia da Cruz  
Bebe o mundo este preceito;  
Amar—é sancto direito  
Dos seres todos creados:  
N estas premissas fundados,  
Concluido os sabios tem—  
Que do Ceu a culpa vem,  
*Si os amantes são culpados.*

Amar, e amado ser,  
É pois, Marilia querida,  
Principio, esteio da vida,  
Precisão, crença, dever;  
É virtude qu'exercer  
Vão nossas almas nos Ceus :

Não te preñdas aos harpéus  
Do fatal erro maldicto:  
Si amar, meu Bem, é delicto,  
*Os anjos tambem são réus.*

---

**OS TEUS OLHOS.**

Para ser offerecido por minha filha Isabel Maria da Gloria Moniz à sua  
amiga, a Exma. Sra. D. Amelia Bemvinda d'Almeida Costa.

Quem d'olhos divinos falla  
Ainda não viu os teus; -  
Em olhos a obra prima  
Não viu ainda de DEUS:  
Dos mais namoram-se os homens:  
D'elles namoram-se os meus.

D'olhos, qu'a homens captivam,  
Diga-se o que se quizer:  
Hão de vencê-los, Amelia,  
Onde mais criterio houver,  
Olhos de mulher que prendem  
Os olhos d'outra mulher.

Devem a palma teus olhos  
Aos de mil outras levar,  
Proclamando que são bellos  
Quem os podéra invejar; —

Dita que só de Angelina  
Os olhos (\*) vemos contar.

Negros, bem negros uns olhos  
Tem muitas, que lindos são;  
D'um volver mysterioso,  
D'uma mystica expressão;  
Os teus, sobre tudo issò,  
Tem, Amelia, outro condão.

Como faiscas celestes,  
Entram pel'alma qu'os vê;  
D'um modo que nos milagres  
Dos mais olhos não se lê ;  
E, como dous evangelhos,  
Tudo que dizem se crê.

Das mais empregam os olhos  
Arte para seduzir;  
Os teus só querem victoria  
Peló que façam sentir,  
Sem temer-se de que possam  
As vontades lhes fugir.

(\*) Cantados por sua concunhada e amiga, e nossa insigne poetiza, a  
Exma. Sra. D. Adélia Josephina de Castro Fonséca.

São como o sol outros olhos—  
Queimam para alumiar;  
Os teus fazem como a lua—  
Alumiam sem queimar:  
Luas—si eu fosse poeta—  
Havia de os nomear.

Quem olhos divinos canta,  
Repare, Amelia, nos teus;  
Em olhos a obra prima  
'N elles conheça de Deus—  
E aos mais prefira esses olhos,  
De que namoram-se os meus.

---



## MOTE.

*Hei de martyr de amor, morrer te amando.*

## SONETO.

Offerecido ao meu estimavel Côlega, o Sr. João Pedro da Cunha Valle Junior em retribuição ao bello soneto com o qual, ha pouco, me obsequiou.

De amantes a ternissima vontade  
 Em vão forcêja contrastar a sorte :  
 Dous firmes corações, até da morte  
 Zombando, vão se unir na Eternidade.

Na tua, pois, na minha lealdade  
 Está, Marilia, nosso escudo forte;  
 Por nós seguido da constancia o norte,  
 Será nosso porvir—felicidade.

Si, porém, tão cruel fôr a ventura,  
 Qu'ô nosso padecer perpetuando,  
 Não corôe jamais nossa ternura—

Morre, meu Bem, teus votos sustentando;  
 Qu'eu ante as aras de uma fé segura  
*Hei de martyr de amor, morrer te amando.*

## A' DÁHLIA. (\*)

Offerecido à Exma. Sra. Baroneza de S. Francisco.

Porque 'n outro clima origem  
 Tiveste, *dáhlia* gentil?  
 Porque natural não foste  
 Dos vergéis do meu Brasil?  
 Na magestade do talhe,  
 No brilhantismo das côres  
 Es a primeira das flôres  
 Vindas de terras d'além :  
 Nenhuma na formosura,  
 Suberba *dáhlia*, te imita,  
 Si a côr tens da minha fita, (\*\*).  
 Tendo o garbo de meu Bem.

Apesar d'estranha seres  
 (O que sempre sentirei)  
 Como Allonzo amou a Córa,  
 Linda flôr, eu te amarei.  
 Esbelta, louçan donzella,

(\*) Flôr do Mexico, de varias cores, com esse nome.

(\*\*) A fita escarlate por mim cantada na trova a pagina 43.

Em seu dia nupcial,  
 Es no aspecto festival,  
 Es no viço, es no pudôr;  
 Si em tórno de ti, ja murcha,  
 Triste Zéphyro, suspira,  
 Enterneces—como lyra  
 Quebrada de trovador.

Si a Natureza o perfume  
 Te negou—de temerosa  
 De matar de gôsto a brisa,  
 De matar d'inveja a rosa—  
 Es no brilho, na elegancia,  
 Es no matiz da folhagem,  
 D'altos mysterios imagem  
 Qu'infunde magua e prazer.  
 Attenuada ficára  
 Do preceito a transgressão,  
 Si tu existindo, a Adão  
 DEUS vedasse te colher.

Flôr d'America fecunda,  
 Seu brazão, *dáhlia* gentil!  
 Bem haja a mão, que primeiro  
 Transplantou-te ao meu Brasil!  
 Aqui mais viçosa e bella  
 Renasces, flôr peregrina;

Es mais mimosa e divina,  
Que 'n essas terras d'além:  
Das flôres de lá nenhuma,  
Suberba *dália*, te imita,  
Si a.côr tens da minha fita,  
Tendo o garbo de meu Bem.

---

**A' MARGARITA (flôr.)**

Offerecido à Exma. Sra. D. Anna Rita de Aragão Bulcão.

---

Estrêlla dos prados,  
Gentil *margarita*,  
Nas formas, nas côres  
Como es tu bonita!

O nome tomando  
De pérola fina,  
A côr tens de pérola  
No centro—divina.

Ô seio, esmaltado  
De côr tão mimosa,  
A côr te circula  
Purpúrea da rosa.

Com uma retratas  
De morta donzella  
A face ja pállida,  
Porém inda bella;

Com outra a da virgem—  
No viço e frescôr  
Dos annos—tingida  
De casto rubôr.

Oh como realça  
Teu brando carmim  
A bella, qu'amando,  
Responde—que *sim!*

Qu'avisos saudavel,  
Florinha, lhe dás,  
Lembrando-lhe o tempo,  
A morte o que faz!

Si ao tacto macia  
Não es, *margarita*,  
Quaes são outras flôres,  
Qu'o vulgo indigita;

Si falta a fragrancia  
No teu natural;  
Fragrancia aos humanos  
A's vezes fatal;

Possues outros dotes,  
Que são d'invejar :

Es mais duradoura ,  
Es menos vulgar.

No mimo, na graça,  
No esmalte das côres  
A palma não cedez  
Por certo ás mais flôres.

Na *rosa*, na *dáhlia*  
Si ha mais gentileza,  
Tens mais gravidade,  
Tens mais singeleza.

Tambem te acarinha  
Subtil beija-flôr;  
Tambem por ti geme  
Favonio—de amor.

Tambem te amam seios  
De damas formosas;  
Tambem es enfeite  
De tranças mimosas.

Tambem dos amantes  
Es prenda estimada;  
Tambem dos poetas  
Es hoje cantada.

Tu, pois, não invejes  
Das outras a dita,  
Estrélla dos prados,  
Gentil *margarita!*

Feliz a modestia  
Que tens no jardim!  
No mundo a virtude  
Tambem vive assim.

---



## A' FLOR MALMEQUER.

Offerecido ao meu Illustrado amigo, o Sr. Joaquim Fernandes Coêlho,  
hablíssimo cultor das letras e das flores.

---

O oraculo das florès  
O vulgo chama-te aqui:  
Eu d'outro modo te julgo,  
*Malmequer*—não creio em ti.

Diga, sôlta, a derradeira  
Folha tua o que disser;  
Van esperança, ou mentira  
'N ella vejo, *malmèquer*.

Si bem me queria (um dia  
Perguntei-te) a minha amante;  
Tu respondeste—que mal—  
Flôr aleívosa, intrigante!

Falsa foi tua resposta,  
*Malmequer*; não era assim:  
Quanto eu morria por Marcia,  
Ella morria por mim.

Dêsde então que te detesto,  
Pelo mal qu'isso me fez...  
E crer não devo mais nunca  
Em quem mentiu-me uma vez.

Tu, *malmequer*, só nasceste  
Para em côrtes habitar;  
É teu officio entre as flôres  
Ser lisongeiro, intrigar.

Quantas vezes não tens feito  
Com teus enrêdos, ó flor,  
Azedar-se de repente  
O melhor favo de amor!

Por um acaso, esfolhada,  
Acertas no teu dizer—  
E quem *malmequer* se chama,  
Como indica *bem-querer*?!—

Louco é, pois, quem te consulta  
Em temores, e esperanças;  
Tu não passas d'um brinquêdo  
De ociosos, de creanças.

Cabecinhas, que te sigam  
—Tão leves, como tu es—

Procura em salões de bailes,  
Onde só valem os pes.

Busca as que para ciúmes  
Em tudo um pretêxto tem;  
Ou os que, fôfos, presumem  
Que todas lhes querem bem.

Para mim, para poetas,  
Para quem tem discrição,  
Tu da lei dos namorados  
Es irrisorio alcorão.

Bem previu Natura, quando  
Negou-te belleza e odôr,  
E odios, zêlos, invejas  
Symbolisou-te na côr.

Chame-te oraculo embora  
Quem doudêja por abi;  
Eu repouso na exp'riencia—  
*Malmequer*, não creio em ti.

Mente, intriga, enreda, engana  
A quem ouvidos te der:  
Os homens fazem o mesmo—  
Vae com elles, *malmequer*.

*Duas são as grandés obras  
Da Natureza esmerada;  
No ceu o sol—e na terra  
Os olhos da minha amada.*

## GLOSA:

Offerecida ao meu amigo, o Illm. Sr. Dr. Leonel Netto, por quem foi-me  
dada a quadra para glosar.

---

Agora que todo immerso  
Em doce contemplação,  
O que ha de mais perfeição  
Examino no universo;  
Agora, destino adverso,  
Qu' o peito me não sossobras;  
Agora, emfim, que desdobras,  
Noite mystica, o teu veu;  
Sei que da terra e do ceu  
*Duas são as grandes obras.*

A primeira na grandeza,  
Nos fulgores sem-igual,

O mór principio vital  
É de toda a natureza;  
A segunda, na belleza;  
Na eloquencia calada,  
É fonte nunca esgotada  
De gôsto qu'a vida anima;  
Uma e outra é obra prima  
*Da Natureza esmerada.*

E quem ousará negar  
De taes obras a excellencia,  
Si da maior evidencia  
É seu merito sem-par?  
Hão de todos abraçar  
Meu parecer que não erra :  
De quantas o orbe encerra,  
Feituras de mór valia,  
Tem por certo a primazia  
*No ceu o sol—e na terra...*

Na terra... oh ! na terra—uns lumes  
Accêsos 'n um lindo rosto,  
Que ás estréllas dão desgosto,  
Que á lua causam ciumes...  
Uns olhos que tem dos numes  
A poesia inspirada...

Uns olhos que d'alvorada  
Tem o mimo no languôr...  
Uns olhos raios de amor,  
*Os olhos da minha amada.*

---

Ao meu prezado amigo, o Illm. Sr. José Lopes Pereira de Carvalho,  
salvo do desastre por que passara, lido a bordo do vapor  
"Great Western", a despedir-se de um seu amigo—

### SONETO.

---

De amigo cordial que se partia,  
Dado o saudoso abraço, te apartando,  
Viste quasi o teu lenho se abysmando  
Sób o d'elle qu'as rodas ja movia.

A' morte, qu'ali tétrica sorria,  
Em vão fugiste, para o mar saltando;  
Qu'o mar, para extinguir-te se alliando  
Co'a morte, ja nas vagas te engulia.

Olha o Ceu o martyrio d'amizade,  
E despede um batel, que de repente  
Te salva, e a teus filhos da orphandade.

Dos lares teus a viuvéz pendente  
Vôa—e mais um milagre da Bondade  
De DEUS proclama glorioso o crente.

---

Ao meu prezado Primo e Amigo, o Illm. Sr. Joaquim Ignacio de Aragão  
Balcão Filho, por occasião de receber o grau de Doutor em Medicina  
pela respectiva Faculdade d'esta Provincia—

### SONETO.

---

Na cultura da medica Sciencia,  
 Cujo grau suspirado hoje assumiste,  
 Nunca as acções, a honra desmentiste  
 Da tua antiga, ínclya ascendencia.

N'applicação, no siso, na prudencia  
 Sempre, charo Bulcão, te distinguiste;  
 E, assim, mais uma flôr brioso uniste  
 A' memoria do heroe da Independencia.

Vendo completo o que teus Paes queriam,  
 Vendo cheia por DEUS tua vontade,  
 Mil benções teus Avós do Ceu t'enviam.

Avante ! É ja teu timbre a Liberdade :  
 Agora qu'os deveres teus se ampliam,  
 Seja tua divisa—Humanidade. —

---



Ao dito Sr. Dr. Bulcão, para ser-lhe na mesma occasião offercido com  
 uma preciosa cadêa de relógio pelo nosso estimavel amigo, o Sr.  
 Thomaz Pedreira Geremuabo—

### SONETO.

---

Hoje que vaes tomar na sociedade  
 O scientifico, almejado assento,  
 Qu'eu partilhe no teu contentamento  
 Ordena a gratidão, manda a vontade.

A' tua, á de teu Pae rara bondade  
 Dever mais um favor agora intento :  
 Ao anel, que symbolisa o juramento,  
 Quero ~~v~~ juncto o symb'lo d'amizade.

Ahi o tens, Mancebo, na cadeia  
 Que te offerto : recebe-a, e, d'ella usando,  
 Completa a honra, que meu peito anceia.

Queres ter sempre o Ceu propicio e brando ?  
 Queres vida fruir de gloria cheia ?  
 Teus Paes imita, nossa Patria honrando.

---

**NOSSO AMOR. (\*)**

Dedicado ao meu prezado Collega e Amigo, o Sr. Antonio Augusto  
de Mendonça Junior. (\*\*)

Viste, Jônia, como lindo  
Foi da manhã o arrebol?  
Como nasceu bello o sol,  
E sua luz derramou?  
Viste como desde a aurora  
Mostrou-se risonho o ceu,  
E o dia inteiro sem veu  
De nuvens se deslizou?

Viste, meu Bem, como o mar  
Esteve manso e dormente,  
E na praia brandamente  
Só murmurou, ou gemeu?  
E como a praia, que limpa  
E mais alva se tornou,

(\*) A pedido de um amigo que desejava ver uma trova minha 'n esse sentido.

(\*\*) A grande dívida, em que me constituiu o meu illustre amigo com a sua bellissima poesia em honra aos meus annos, publicada no *Protesto*—essa será por mim satisfeita opportunamente.

De conchinhas matizou  
O lançol de arêia seu ?

Viste como no arvorêdo,  
Como na planta e na flôr  
Mais perfume e mais verdor,  
Do que d'antes se sentiu ?  
Como as aves gorgearam?  
E como os rios, as fontes,  
O prado, os bosques, os montes,  
E tudo alegrou-se e riu?..

É qu'a noite, a lua e estrêllas,  
Que mudas presencearam  
Nossos ais que se exhalaram,  
Nossos mimos e ternura,  
Contaram á Natureza  
Os irvejados instantes  
Da nossa estrêa de amantes,  
*Nosso amor—nossa ventura.*

Amemos, pois, minha bella,  
Amemos sem variar,  
Encantando o céu, o mar,  
A terra, as aves, a flôr;

E contem as noites sempre,  
Os astros à Natureza  
Nossa ternura e firmeza,  
Nossa dita—*nosso amor.*

---

**A uma *Gloriosa* (flôr.)**

Offerecido ao meu estimavel Amigo, o Him. Sr. Dr. João  
Ladislau Japi-Assu.

---

*Gloriosa!* que destino  
Ditoso te pôz ahí?..  
Em tranças d'anjos da terra  
Flôr mais bella inda não vi!  
*Gloriosa!*.. oh! quem trocar-se  
Não desejara por ti!..

Do jardim trouxeste o nome,  
Que te deram, flôr mimosa;  
Nome, que pelo qu'exprime,  
Talvêz invejasse a rosa;  
Màs era só nome; o fado  
Não tinhas de—*gloriosa*.

Tiveste-o, depois qu'em lindós  
Negros cabellos pousaste,  
'N elles fruindo venturas,  
Não fruidas na tu' haste...

*Gloriosa!*.. ah! não desejes  
Nada mais—isso te baste.

Não t'importem formosuras;  
Nem aromas de outra flôr;  
Não, *Gloriosa*; nenhuma  
É mais querida de Amor;  
Nenhuma cantos merece  
Mais d'alma do trovador.

Vives ainda, ou morreste?  
Qual foi, dize, a tua sorte,  
Dos prazeres nos desmaios,  
Das delicias no transporte?..  
Vives?.. Oh que doce vida!..  
Morreste?.. Oh que doce morte!..

*Gloriosa!* que destino  
Ditoso te pôz ahí?..  
Em tranças d'anjos da terra  
Flôr mais bella inda não vi!  
*Gloriosa!*.. oh! quem trocar-se  
Não desejára por ti!..

---

## SONETOS

Para serem recitados pela actriz D. Marianna Barros no theatro — “ Re-  
 criação Nasarena ., da cidade de Nasaréth, por occasião do seu  
 beneficio, e da sua despedida da mesma cidade —

---

Da patria no altar, ha pouco, os hymnos  
 Festivos desferi da Liberdade— (\*)  
 Ante o Povo immortal d’esta cidade,  
 Onde instantes então passei divinos !

Louvores, Nasareños, peregrinos  
 Deu-me em vosso festim vossa bondade :  
 Esqueci de meus filhos a saudade...  
 Da sorte os golpes desdenhei ferinos !

Hoje da gratidão ante os altares  
 Venho render-vos homenagem pura  
 No mesmo palco, em que não temo azares.

Feliz, quem vosso abrigo aqui procura !  
 Feliz, quem, hospedado em vossos lares,  
 Tem vosso applauso e protecção segura !

---

(\*) Em applauso ao immortal DOUS DE JULHO.

Venceste, Nasaréth ! Por vós prostrada  
Ei-la a meus pes fortuna desabrida !  
Precisei de viver—já tenho vida :  
Precisava de amparo—eis-me amparada.

Ja não sou essa artista mal-fadada,  
E até dos seus, ás vêzes, perseguida !...  
Para me proteger, dos Ceus descida,  
Fez a Beneficencia aqui morada.

Venceste, Nasaréth ! Minha a victoria  
Não foi, que consegui da ingrata sorte;  
A vós, do meu porvir, pertence a gloria:

Eu tive sempre a gratidão por norte :  
D'aqui—do coração—vossa memoria  
Só ha de, Nasaréth, riscá-la... a morte.

---



---

Na scena onde o albôr eu vi da gloria,  
A noite da saudade ei-la còmeça...  
Longe o vário destino me arremessa  
Do GRANDE POVO, que me deu victoria.

Que só no coração sua memoria  
Me apagaria a morte—eu fiz promessa :  
D'alma que a sancta gratidão professa,  
Nunca a jura será, nunca—illusoria.

NASARENOS, adeus !.. Não ha poesia  
Qu'exprima o que óra sou 'n'este tablado,  
Onde vř da ventura a face um dia !

Aqui vos deixo o coração maguado—  
E até que vá meu corpo á campa fria,  
*A minha gratidão será meu fado. (\*)*

---

(\*) Verso de Bocage.

Ao ilustre actor Fluminense Dionysio Francisco Soares, por occasião de  
seu último beneficio no theatro d'esta cidade.

**SONETO.**

---

No palco, que d'ha muito não pisava,  
Um genio do Brasil resurge ovante—  
Mau grádu á sorte, qu'hoje traz errante  
A conterrânea grei qu'ali medrava!

Da gente, que saudosa o desejava,  
Ei-la o saúda multidão prestante:  
Do enthusiasmo a onda susurrante  
Tristes lembranças 'n um momento lava.

Discipuló feliz do Rei da Scena!  
Para ti e teu Mestre colhe ufano  
Palmas que tece a theatral Camena!

Na voz erguido do louvor bahiano,  
Pela da gloria região serena  
Va DIONYSIO seguindo a JOÃO CAETANO.

---

**A MOLETA.**

Offerecido à Exma. Sra. D. Maria Francisca da França Pinto.

D'envernizada madeira  
    Brasileira  
Vi um bastão singular,  
Que sôb o mimoso braço  
Trazia a soste-lhe o passo  
Virgem doente a penar.

Do tôpo a peça cavada,  
    Almofada,  
Pela parte sup'rior  
Forrava ao bastão qu'eu via,  
De veludo que dizia—  
Esperança—em sua côr.

Esperança!.. ah! e só ella  
    A donzella  
Consolar pode em seu mal!  
Esperança!.. Maior bem  
Para infelices não tem  
Os thesouros do ideal.

Orlava requife bello,  
Amarello,  
A almofada do bastão—  
Oh que realce lhe davam,  
E como a virgem honravam,  
Côres da sua Nação !

Bem que com pe vacillante,  
Elegante  
Inda a virgem passeava !  
Ah ! a sua adversidade  
Eu sentia—e a charidade  
Do feliz lenho invejava.

Muitas vezes o guerreiro,  
Qu'altaneiro  
Se coroou co'a victoria,  
Na molêta venerada,  
Qual na lâmina da espada,  
Traz impressa a sua gloria.

Assim da dama, qu'airosa  
E donosa  
Era no seu caminhar,

A molêta qu'a segura,  
 Quando enfêrma, lembra e apura  
 A graça do seu andar.

De roseira hástea que dobra,  
 E recobra,  
 Escorada, o seu primor,  
 É a virgem resignada,  
 Que na molêta apoiada,  
 Reassume o seu vigor.

E todo ha de rehavê-lo,  
 E perdê-lo  
 Tão cêdo não ha de mais—  
 E léda nas companhias  
 Hão de vê-la, qual nos dias  
 Que passaram festivaes. (\*)

A molêta, qu'a fraqueza  
 Da belleza  
 Entorpecida sustenta,  
 É sceptro, que devoções  
 Nos sensiveis corações  
 Lhe grangêa, lhe accrescenta.

(\*) Veja se a nota no fim.

Foi de Marília a molêta,  
Qu'ao poeta  
Inspirou esta canção :  
Em braço de terno esposo  
Permitta o Ceu piedoso  
Se converta o seu bastão !

---

*Infeliz de quem confia  
 No falso sorrir da sorte  
 Branca nuvem cospe um raio;  
 Manso o mar também dá morte. (\*)*

## GLOSA.

Offerecida ao meu estimavel Collega e Amigo, o Sr. João Antonio de Freitas, em retribuição da sua bella poesia—O CALVARIO E A CRUZ—que feve a bondade de offerecer-me, publicada no “Recreio do Bello Sexo.”

---

Grande da terra orgulhoso,  
 Que, de pompas rodeado,  
 Julgas ter submisso o fado  
 Ao teu querer poderoso !  
 Vê qu'esse fado acintoso  
 Pode humilhar-te 'n um dia;  
 Escuta a voz que t'envia  
 Teu SENHOR : « Homem sem siso,  
 « Da sorte no trédo riso  
 « *Infeliz de quem confia !* »

(\*) Bellissima quadra inserta no interessante jornal portuguez — O *Panorama*.

Sim—esse riso mudavel,  
Logo em desdém convertido,  
Logo em odio desabrido,  
Do grande faz miseravel.  
D'esta lei inalteravel  
Só nos forramos co'a morte.  
Mal d'aquelle, que do norte  
Da san razão desvairado,  
Desce á campã embellezado  
*« No falso sorrir da sorte !*

Na vida em nada firmeza  
Acha a triste humanidade;  
Só dos homens na egualdade,  
Só na virtude ha certeza.  
Quando pela natureza  
Attento as vistas espraio,  
Em tudo engano, ou desmaio  
De curtos prazeres leio :  
Brotã serpes niveo seio :  
*« Branca nuvem cospe um raio.*

Relva, que mais prende os olhos,  
Vibora esconde fatal;  
O mais formoso arrayal  
Tem perto syrtes, escolhos;



Junto a delicias abrolhos  
Planta p'ra os homens a sorte;  
Fel—no mais doce transporte—  
Rôta a jura, bebe o amante;  
Rôto o lenho, ao nãvegante  
*Manso o mar tambem dá morte. (\*)*

---

(\*) Quantos ahi não dâriam por improvisada esta glosa, feita em menos de um quarto de hora na casa do Sr. Barão de S. Francisco?

Ao meu antigo companheiro d'armas e amigo Luiz Pereira Sodré, pelas honras que recebêra do Governo dos Estados-Unidos d'America no seu regresso da missão diplomatica que alli satisfactoriamente exercêra, e da qual, não obstante, fôra exonerado pelo Governo Imperial—

### SONETO.

---

Assim em tudo se assinala o honrado  
Patrio berço de Washington sublime ;  
Assim, quanto é brioso e heroico, exprime  
Do universo o paiz mais bem-fadado.

A honra, que te ha elle consagrado,  
Nos seus annaes, Sodré, teu nome imprime;  
Honra tal tanto mais tu'alma estime,  
Quanto o primeiro es tu, qu'a tem gozado.

Diplomata feliz! ao Brasileiro  
Governo vai mostrar como procedem  
Os Estados, d'America luzeiro;

Como nossas acções ali se medem;  
E, discreto o Monarcha e justiceiro,  
Cêda ás razões, que tua volta pedem.

---

Ao baptismo de um dos filhos do Illm. Sr. Major Antonio  
Barbosa da Franca—

### SONETO.

DEDICADO E OFFERECIDO AO MESMO SR.

---

Do rio de João na sancta veia  
 Mais um'alma surgiu regenerada;  
 A Egrêja, por seus filhos desvelada,  
 De puras galas festival se arrêa.

Ao seu novo sectario o Ceu franquêa  
 A porta immensa da eternal morada :  
 Em festa, de um christão brilha a pousada,  
 Onde por todos o prazer vaguêa.

D'harpa qu'os crimes dos mortaes gemia,  
 Alegre ja desfere o vate um hymno  
 A' conquista da Cruz, qu'honra este dia—

E, tomado d'um extasis divino,  
 Sobre as azas da fé seu canto envia  
 Aos paes ditosos, ao feliz menino.

---

*As potencias do Occidente  
Com as Aguias e os Leões,  
Ou tomam Sebastopól,  
Ou deixam de ser nações.*

DA MARMOTA DO RIO.

GLÓSA.

Offerecida ao meu estimavel amigo, o Sr. Camillo de Lellis Masson.

---

Ao russo imperio orgulhoso  
Resiste o povo ottomano,  
E—repellir o tyranno,  
Ou morrer—jura brioso.  
Esse passo corajoso  
Abençoa o Omnipotente;  
E logo para o Oriente,  
Ao povo oppresso alliadás,  
Faz que vdem denodadas  
*As potencias do Occidente.*

Do autócrata a gente escrava,  
Ante Bretões e Francezes,

Treme, prevendo os revezes  
D'Alma, Inkermann, Balaklava.  
Ja completa a glória estava (\*)  
Dos alliados pendões,  
Si nobres aspirações  
Unissem 'n essa porfia  
A Italia, a Polonia, a Hungria  
*Com as Aguias e os Leões.*

Não importa—Os dous Estados  
Fortes, peritos na guerra,  
Não deixarão mal a terra  
De que são hoje alliados;  
Seus intrépidos soldados  
Da Europa famoso escól,  
Ja'gora no campo em prol  
Da causa á que se consagram,  
Ou todo mundo conflagram,  
*Ou tomam Sebastopól.*

Van esperança alimentam  
Os qu'outro desfêcho visam;  
Povos qu'aos mais escravizam,  
Ja hoje não se sustentam;

(\*) *Por—estaria—*(que é mais correcto) em razão da rima.

Por toda parte rebentam  
Da Liberdade explosões;  
As Águias e os Leões  
Qu'a favor d'ella cooperam,  
Ou as nações regeneram,  
*Ou deixam de ser nações.*

---

**A MINHA SITUAÇÃO.****SONETO.**

Offerecido ao meu prezado collega e amigo, o Sr. João Gualberto de Passos.

---

Gemer sobre gemer longo e profundo  
 Extinguiu-me de todo o soffrimento;  
 Vae para tudo me faltando o alento;  
 Vou pouco a pouco abandonando o mundo.

Em vão, philosophia, em ti me fundo  
 Para trocar em paz tanto tormento;  
 Medonho me afigura o pensamento  
 Quanto era outr'ora para mim jucundo.

Bebi, enfim, do desengano avisos :  
 Quasi sempre através do bello—horrores  
 Topa o que nutre sentimentos lisos.

Cicuta envolvem nas mais lindas flôres  
 Labios áffeitos a dar vida em risos,  
 Olhos professos em matar de amores. (\*)

---

(\*) Foi este soneto um dos meus soliloquios na minha ultima enfermidade.

## A' LUNA.

Dedicado e offerecido ao Illm. Sr. Desembargador Adriano Ernesto da  
Castilho, distincto litterato portuguez.

---

Hoje afinada minh'harpa  
Da noite na solidão  
Vae dar-te o seu hymno, ó Lua,  
Astro do meu coração.

Co'a bondade que reflectes,  
Acceita-o, Lua querida;  
Tu que tambem tens mudanças,  
Escuta as da minha vida.

Amores da minha infancia  
Tu foste, ó Lua gentil;  
Tu—diadêma da noite,  
Sem rival, no meu Brasil.\*

Lá na minha pobre villa, (\*)  
Mal que teu rosto apontava,

(\*) A formosissima, e hoje desprezada Villa de Jaguaripe, onde nasci e passei os meus primeiros annos.



Na cantiga de minh'ama  
A ti a benção tomava.

Como que para mim rias,  
Sempre que pão e farinha  
Te pedia, e te chamava,  
Cantando, minha madrinha.

Era feliz esse tempo;  
Màs esse tempo passou...  
E das creanças innocentes  
D'elle é rara a que durou !

Cresci; e, trocado em penas  
Da meninice o prazer,  
Tu mesma ás vezes, ó Lua,  
Tens-me feito padecer !

Tu a saudade me avivas  
Das boas velhas, que iam  
Apresentar-te nos braços  
As creanças que nasciam.

Da *cabra-cega*, da *saia*  
Tu me lembras os brinquédos,  
Os meus *cavallos de frecha*,  
E varios outros folguédos.

Tu me recordas com magua  
Tudo mais qu'então gozei,  
Minhas aves, minhas flôres,  
Meu campo... qu'eu tanto âmei.

Pae e mãe... ai! tinha 'n'elle;  
Sette irmãos contava ali...  
Dos irmãos restam-me cinco...  
Pae e mãe... tudo perdi!

Porêm tu, lâmpada errante  
La do templo do SENHOR,  
Tambêm refrigerio ás vezes  
Es d'alma do trovador.

A's vezes uma esperança  
Leio em teu disco de prata—  
Esperança que suavisa  
A dôr cruel que me mata.

De ti ás vezes recebo  
D'inspiração uma luz,  
De paciencia um confôrto,  
Uma nova fé na Cruz.

Amo-te, pois, muito ainda,  
Astro do meu coração;

Amo-te mais, qu'em menino,  
Como poeta e christão.

A doçura com que brilhas  
'N esse anilado setim,  
So á minha mãe comparo,  
Quando ria para mim.

Oxalá que, quando eu tenha  
De a ver na sancta mansão,  
No meu olhar derradeiro  
Bêba, ó Lua, o teu clarão !

Lua ! ou tu es o reflexo  
Da paz dos anjos de DEUS,  
Ou es do mundo a saudade  
Que tornou-se astro nos ceus. (\*)

---

(\*) Vejam-se as mais notas no fim.



**RECENTES.**



Do meu querido Parente e Amigo, o Exm. Sr. Visconde de Paesé no dia 20  
de Maio do corrente anno, anniversario do seu feliz natalicio.

### SONETO.

---

Para renome conservar preclaro  
Não careces d'extrínseca nobreza;  
Fidalguia melhor a Natureza  
Deu-te no genio bondadoso e raro. (\*)

Pequeno é sempre o orgulhoso, o avaro,  
Embora o alce o titulo, a riqueza :  
Em ti sempre luziu real grandeza,  
Com todos repartindo afago e amparo.

Caducos bens da vida transitoria  
Os motivos não são, por que te agouro  
Hoje ventura perennal e gloria.

Vale mais teu character, que teu ouro :  
Para eterna deixar boa memoria  
Tens na tu'alma o teu maior thesouro.

---

(\*) Entre os da sua jerarchia reconhecidamente assim é.

A' Exma. Sra. D. Virginia Hermelina de Sousa Vieira, por occasião  
do seu feliz desposorio com seu digno Primo, o Illm. Sr.  
Dr. Constantino Teixeira Machado.

---

Virgem, que hoje a corôa  
Cinges do sancto Hymenêu,  
E vaes ser toda de um joven  
Que jura ser todo teu,  
'N este livro que te offerto  
Ao teu nome um templo aberto  
Consagro para o louvor :  
A mim cabe dar o exemplo,  
Trazendo para este templo  
A minha devota flôr.

Ei-la—Si como as qu'a frente  
Te adornam, não tem belleza,  
Não é menos do que ellas  
Na candura e na pureza;  
E' flôr que nasceu-me n'alma,  
Como as outras com qu'a palma  
Teci dos teus, de teu pae ;  
E' flôr qu'hade ser perenne,  
Como a lembrança solemne  
Da virgindade que cae.



Virgem! de DEUS á palavra  
Uniu-se a d'um seraphim,  
Quando de teus castos labios  
Rompeu na egrêja o—*sim*;  
Monosyllabo qu'encerra  
D'uma donzella na terra  
Todo bem, ou todo mal;  
Más que, por ti proferido,  
Só pode ser traduzido  
Em ventura perennal.

Eleva os olhos qu'o pêjo,  
Ha pouco, abaixou em ti;  
Vê qu'alegria nos astros!  
Olha como o ceu te ri!  
La, em toda a natureza,  
Co'a mente em jubilo accêsa,  
Cumpridos os votos meus,  
Do teu futuro aprazível  
Leio o Decreto infallível,  
Firmado por Mão de DEUS.

Nem pode ser outra a sorte  
D'um par nos genios irmão,  
De corações que parecem  
No toque um só coração.

Das tuas virtudes di'no,  
 Fiel o teu Constantino  
 Há de sempre te adorar:  
 Tu, leal, meiga, extremosa,  
 Has de—espôsa virtuosa—  
 Tua mãe sempre imitar.

Virgem ! das flôres da vida  
 E' a virtude o matiz—  
 E' só no mundo a virtude  
 Realidade feliz.  
 Graças, prendas, formosura,  
 Tudo desce á sepultura  
 Da morte envôlto no veu;  
 O tempo tudo consume—  
 Só da virtude o perfume  
 Dura na terra e no Ceu.

Tua corôa de noiva  
 Conserva pura e louçan,  
 Como a sua conservado  
 Tem ate 'qui tua irman. (\*)  
 Só com esse diadêma  
 Sem mancha—dita suprema

(\*) A Exma. Sra. D. Anna Cândida de Sousa Vieira, casada com o meu amigo o Sr. Capitão d'Artilharia Affonso de Almeida e Albuquerque.

A mulher pode gozar:  
Só d'espôsa e mãe no affecto  
Para o seu culto completo  
Tem ella perfeito altar.

'N esse altar qu'ora se ergue,  
Bella virgem, para ti,  
Descubro ditas e glorias,  
Qu'em bem poucos descobri.  
Com regozijo infinito  
Aqui, pois, eu deposito  
A palma do meu louvor :  
Deus a perfilhe e proteja—  
E nunca murchada eu veja  
A minha devota flôr!

---

Ao meu prestante amigo, o Illm. Sr. Coronel e Commandador Sancho de Biffencourt Berenguer Cesar, por occasião da prematura morte de seu amado filho, o Dr. Bento de Biffencourt Berenguer Cesar—

### SONETO.

---

Um solemne tributo de amizade,  
Que de mim, charo Sancho; merecias,  
Venho render-te nos teus tristes dias,  
Ante um cypreste, em horas de saudade.

Sem vida tão na flôr da mocidade  
Teu filho pranteei, quando o carpias—  
Tu, que no seu character te revias,  
Copia do teu nos brios, na bondade.

D'um Pae exímio, d'um Avô famoso (\*)  
Chora commigo a patria` descontente  
Aniquilado um ramo esperançoso!

Olhos ao Ceu, amigo!—Ei-lo patente!..  
O quadro eterno, que la vês ditoso,  
Adoce a magua que tu'alma sente.

---

(\*) O Exm. Barão de Maragogipe, de gloriosa memoria pelos seus relevantes serviços á Independencia do Brasil.

**SAUDADE PATERNA.**

Offerecida ao Illm. Sr. Antonio de Biffencourt Berenguer Cesar,  
no anniversario da prematura e sensida morte de seu amado  
filho Octavio.

---

## I.

A planta qu'extremoso mais queria,  
Em que mais seus desvelos empregava,  
Que fructos mais gentis lhe promettia—

Infeliz!.. quando menos o esperava,  
Perdeu cultor illustre, cuja sorte  
'N essa planta de amor tão prêsa estava!

Nunca ninguem sentiu pena mais forte!  
Nunca foi mais carpido um passamento!  
Nunca foi mais cruel a crua morte!

Da vida quasi o derradeiro alento  
Perde o triste cultor desventurado,  
Perdendo o seu maior contentamento.

De Deus pela palavra confortado,  
A' magua resistiu—e vive ainda;  
Más chora sem cessar seu duro fado.

Da planta, outr'ora tão viçosa e linda,  
Jazem por terra as hasteas resequidas!..  
D'uma esperança, tão depressa finda,  
As flores para sempre ei-las cahidas!..

## II.

Flores da minha esperança,  
Planta do meu coração,  
Filho meu, cuja lembrança  
Me mata 'n esta soidão!  
Porque co'a minha ventura  
Tão cêdo na sepultura  
Havia eu ver-vos cahir?!..  
Meu Deus! quando assim partida  
Nos fica no mundo a vida,  
De que nos serve existir?

Octavio, meu filho amado!  
Eu que só vivia em ti,  
Vendo-te morto a meu lado,  
Porque tambem não morri?!

Minha vaidade e nobreza,  
Minha delicia e riqueza  
Eras tu, meu filho, só—  
Ah ! si a vida eu te salvasse,  
Tudo dera, embora andasse  
Ahi pobre como Job.

Perdidos os meus amores,  
O que me havia restar ?  
Coração só para dores,  
Olhos só para chorar —  
Labios que para lamentos  
Ha muito só tendo accentos,  
Ja não sabem o qu' é rir...  
Meu DEUS ! quando assim partida  
Nos fica no mundo a vida,  
De que nos serve existir ?

## III.

Assim a sua saudade  
La prantêa em soledade  
Triste um pae—  
Faz um anno que padece...  
Meu DEUS ! a dôr qu'hoje cresce,  
Consolae !

'N esse acto lastimoso, (\*)  
 A que la vae piedoso  
     Assistir,  
 Não deixeis a dôr cruenta  
 Ao peito que desalenta  
     Mais ferir !

Pobre pae! quantos destróços.  
 Terá n'alma, quando os ossos  
     Contemplar  
 Do filho, a quem escolhia  
 Para os seus da campa um dia  
     Resgatar !

Miserando! Olhae—ja perto  
 Do charo tumulto aberto,  
     Estacou.  
 « Meu filho !.. » diz soluçando—  
 Más para o altar olhando,  
     Se calou.

## IV.

Este silencio o que seria? O tempo  
     Dará d'elle a razão—

(\*) O da exhumação dos ossos do filho querido para os depositar  
 n'uma urna, com missa, &c.



Si effeito foi de novo golpe fundo;  
Si foi consolação.

Eu creio qu' o infeliz pae que gemia,  
Bebeu 'n aquelle olhar  
O allivio, qu' exp' rimenta o que olhos fita  
Devotos 'n um altar.

Santelmo eterno nas procellas d' alma,  
De salvadora luz,  
É o cirio que brilha, pela crença  
Accêso aos pes da Cruz.

---



**DITHYRAMBO.**



**DITHYRAMBO.**

Oferecido ao meu estimavel amigo, o Illm. Sr. Tiburcio Tavares de Oliveira, em 11 de Agôsto de 1843, anniversario do seu natalicio, e recitado à mēsa.

E venham ca dizer-me qu'aziago  
 Foi sempre o mēz de Agôsto os nossôs ginjas;  
 Que 'n'elle a face ao bem nunca enxergâmos;  
 Qu'é todo de doenças, de tristezas,  
 De desastres emfim;—que, por funesto,  
 Era para os antigos mēz de nôjo;—  
 Que m'ô digam, qu'os hei de pôr á curta,  
 Fazer qu'os apedrêje a rapazia,  
     E co'a proxima vinda  
     D'um novô e nunca visto  
 Rabi-longo comêta (\*) assoberbâ-los.

Infausto o mēz de Agôsto! Que mentira!  
 Que desacato! Infausto o mēz qu'ô dia  
 Natalicio pariu do meu Tavares!  
 Não—não sôffro esta injuria; hei de puni-la :

(\*) Havia apparecido um 'n esse anno.

Nem ja me satisfaz meia vingança,  
Quero por minhas mãos vingança inteira.

Vigoradas ja sinto  
As forças com o leite das parreiras—  
Emprestem-me uma lança,  
Uma espada, um escudo, um capacête !  
É forçoso brigar—ninguem m'o impeça;—  
Quero *roldanejar* por esses bairros,  
Ferir quantos encontre  
Do meu querido mêz praguejadores :  
A amizade o prescreve—hei de cumpri-lo :  
Do meu triumpho ao carro  
Aqui virão atados a renderem  
A homenagem devida ao mêz qu'insultam.

Ao combate, o vivas—à victoria !  
Quem fôr de Onze de Agosto me acompanhe—  
Guerra aos seus inimigos !  
A marcial Euterpe (\*) ante nós siga,  
Os brios nos levante;  
O hymno d'hoje (\*\*) festival se cante.

(\*) A excellente banda de musica militar, que, além de grande orchestra, reunia o meu magnanimo amigo nos seus festins nataes, que sem duvida excediam em brilhantismo e enthusiasmo a quantos n esta capital se davam então.

(\*\*) Feito por mim, e pôsto em musica por um dos maiores genios musicaes da Bahia, o professor João Capistrano Leite, de saudosa memoria.

## HYMNO (CANTADO).

Nobre filho Onze de Agôsto  
A' patria felice deu :  
Hoje Amizade em seu templo  
Distincto logar encheu.

Amigos, por elle  
A campo saiamos!  
Eterno este dia,  
Amigos, façamos!

---

Viva de Agôsto o mêz! Viva o Tavares!  
Marchêmos!.. MAs qu'escuto?! Alto! Attendamos!

Nós não gostamos  
De guerra e sangue;  
Com isso langue,  
Desmaia e morre  
Nosso prazer.  
De paz serena,  
D'alma alegria,  
Que não de pena,  
Tão bello dia

Deve de ser;  
 'N elle de Baccho  
 Somente o sangue  
 Deve correr.

Amigos, paz aos ginjás !  
 O meu Rei e Princezas determinam ;  
 As armas deponhamos—Viva Apollo !  
 Vivam as nove Irmãs, do Pindo filhas !—  
 Soberanas que podem  
 Mais do que cem ministros decididos  
 A metter em concordia uma provincia,  
 Qu'elles mesmos (tyrannos!) rebellaram! (\*)

La se foi capacéte, espada, e lança;  
 Ja Roldão não sou mais, tornei-me Horacio !  
 A minha arma de hoje,  
 Rapazes, onde está?... A' mão a tenho—

Bom ! Como é leve,  
 Como é bonita  
 Est'arma invicta, (\*\*)  
 Com que bizarro  
 Vou campear !

(\*) A do Rio Grande do Sul, que então ardia ainda no incendio da guerra civil.

(\*\*) Um bello e transparente copo de crystal, carregado e escorvado do precioso moscatel de Setubal, Champagne, &c.



Não só Liêu,  
 Não só Apollo,  
 Não só Cupido,  
 Tambem Morphêu  
 D'ella se servè  
 Para reinar.

Sim—como é leve,  
 Como é bonita  
 Est'arma invicta,  
 Com que bizarro  
 Vou campear!

Evohé! grande Baccho! Evohé!  
 Ditoso Nasaréth! (\*)

Agora é que sou grande;  
 Agora é que, das vinhas cavalleiro,  
 ninguem cêdo a palma: (\*\*)  
 Combatendo, esmagando algôzes d'alma,  
 Vou encher com meu nome o mundo inteiro,  
 Per terras e per mares  
 Sonoroso cantando o meu Tavares. (\*\*\*)

(\*) Um dos mais amenos e apraziveis sitios d'esta cidade, onde morava o meu amigo.

(\*\*) Esta basofia de bebêdor, que não sou, é quasi semelhante as de valentia do Capitão Tiberio no *Phantasma Branco*.

(\*\*\*) Outra basofia de cantor, que, proferida por mim, só pode ser desculpavel nos devaneios de um dithyrambo.

## HYMNO (CANTADO)

Alma san, brioso peito,  
 Mão aberta ao desvalído,  
 São dotes que lhe dão fama,  
 Que tragar não pode o olvído.

Amigos, á larga  
 Cantemos, bebamos!  
 Eterno este dia  
 Amigos, façamos!

—  
 Evohé! grande Baccho! Evohé!  
 Ditoso Nasaréth!

Ja todas se franqueãna  
 As portas de minh'alma ao Regozijo,  
 Que de parras c'roadó;  
 Conquistador suberbo,  
 Triumphãnte retoma d'ella posse.

Vou offertar-lhe o doce  
 Tributo, qu'em taes dias mais lhe é grato—  
 Rubri-férvido-aromatico  
 Banho, qu'as forças vigora;

Que semblantes, desmaiados  
 De dôr, ou de mêdo, cora;  
 Que conforta a quem padece,  
 A quem lida, a quem pelêja,  
 E acoraçõa e despêja  
 A quem mudamente adora.

Amigos, cadaqual o seu tributo  
 Ao Regozijo em honra d'este dia!  
 Vá—e bem amplo seja!

Bravo! Bons tributarios!  
 Assim com prazer se pagam  
 Os tributos voluntarios. (\*)

E agradecido  
 Como ficou!  
 Como commigo  
 Riu e folgou  
 O pae do gôsto,  
 Que 'n este peito,  
 Tão satisfeito  
 Se aquartelou!

(\*) E não os que 'n esse anno se impozeram ao pobre povo do Brasil—que tão rico podia ja ser—e que se tem continuado a decretar para satisfazer a voragem das *despesas secretas*, e o luxo e os desperdícios da Córte.

Evohé! grande Baccho! Evohé!  
Ditoso Nasaréth!

Viva o Tavares!  
Viva o dia de Agôsto, amigos!—Viva! (\*)



(\*) Veja-se a nota no fim.

**FACÉTOS E SATYRICOS.**



## AO DIA DOS MEUS ANNOS. (\*)

Casa de ferreiro, espêto de pau.  
*Adagio.*

D'aqui vem, meus amigos, que, pulsando  
Ha dous lustros a lyra,  
Com que na infancia me prendou benigno  
O Deus qu'o Pindo rege,  
Um leve toque lhe não dei té hoje  
Ao dia dos meus annos.

Volve e revolve no silencio envolto  
O Senhor *Déz de Março*,  
E um cortêjo só de mim não chucha.  
Si, qual dama vaidosa,  
Pavonadãs queria, em melhor hora  
Ao mundo me trouxesse;  
Qu'ingratos afagar, nem sei, nem quero.

(\*) Veja-se a nota no fim.

Si ditoso vivêra,  
 A sua vinda e ida festejára  
 Com salvas de bons versos;  
 De bellas nymphas, de leaes amigos  
 Ao lado em lauta mêsa,  
 Em seu brinde déz copos empinando,  
 Déz vivas lhe daria:  
 Mas nem versos, nem bródios me permitem  
 A tristeza e a bôlsa;  
 E é por tanto bem asno, si se amúa,  
 Porque o não celebro,  
 Este dia de Março arrenegado.

Ja nos meus vinte e nove  
 (Graças a DEUS!) ainda quatro dias  
 Não vi a oito a cara  
 Da tal *Senhõra d'Antio*, sempre esquiva  
 A' familia de Apollo,  
 E a'quelles, que, rebeldes, os joêlhos  
 Humildes jamais dobram  
 A's suas torpes aras, opde o vicio  
 Queima-lhe amigo incenso,  
 Com estudados momos qu'exasperam  
 O coração do justo.  
 E entre nós—quanto ella não demanda!  
 Hoje—*oh tempora! oh mores!*—



É preciso mamar, para alcançá-la,  
 Nas tétas de política armadilha,  
 Engôdo da cubiça, ou da fraqueza! (\*)

Que diriam as Musas, si me vissem  
       'N esta idade, e com filhos,  
 Mamar de novo, da Castalia doce  
       O licôr desprezando  
 Por agua de barrêla, que é somente  
       O que escorrem taes tétas?  
 De certo, indignadas, fugiriam  
       De mim *per omnia seecula*;  
 E eu, mamado—é tôlo (porque tôlo  
       Fica quem muito mama)  
 D'entre as dâmas corrido, e d'entre amigos,  
       No patrio Jaguaripe  
 Iria, arrependido, amassar barro.

Não, difficil Fortuna,  
 Extravagante densa, por tal preço  
       Não quero os teus favores;  
 No meu retiro, pobre, mais ditoso  
       Qu'os teus me considero;  
 Virtude, Amor, Belleza, e Amizade—  
       Eis os numes qu'adoro.

(\*) Veja-se a nota no fim.

Por elles, meus amigos, 'n estas taças  
O bom leite mamemos  
Do nune folgazão vite-comado.  
Gostosa mamação—  
Origem de prazer!—Eia, com ella!  
Vivam nossas espôsas,  
Nossas queridas, filhos, e parentes!  
Nossos amigos vivam,  
E os homens livres qu'o universo adornam!

Sobre o tal *déz de Março*—  
*Chiton!*—ninguem o brinde; e ao contrario  
Uma vaia lhe demos,  
A ver si tem vergonha, e melhor torna  
Em quadra mais florida.

---

Descrição da capital da Bahia em 1837.

**SONETO.**

A' Religião, ás Leis nenhum respeito;  
 Ufano o vicio, o mérito escondido;  
 Favoneado o crime, e não-punido;  
 Muitas sociedades sem proveito;

Para *cabatas* cadavêz mais geito;  
 Em juiz qualquer zóte convertido;  
 Austero e violento o corrompido  
 Nos mais notando o minimo defeito;

Por aqui, por ali casas roubadas;  
 Carne muito barata em theoria;  
 Todas as cousas uteis mal-paradas;

Ruim prosa nos jornaes, ruim poesia; (\*)  
 Francezas contradanças ja cansadas;  
*Eis aqui a cidade da Bahia.* (\*\*)

(\*) E si não, haja vista o presente soneto, que então sahi impresso no *Aristarcho*.

(\*\*) Verso de Gregorio de Mattos.

## ARREPENDIMENTO SINCERO.

« *Francezas contradanças ja cansadas* »  
 Quem escrevê-lo ousou?! Que mão sacrilega  
 A tanto se atreveu, que, d'úm espasmo  
 Ferida, não cahiu?! Quem foi esse asno,  
 Ou esse desgraçado, que tamanho  
 Crime arrojou-se a commetter?! Tu mesmo,  
 Miserrimo Zimón! (\*)—tu mesmo foste.  
 Fraco—á mania de escrever parvoices  
 Abriste porta—e, rabiscando a tóa,  
 Vês-te hoje (infeliz!) em calças pardas.

Em calças pardas! (tremo de dizê-lo.)  
 Em calças pardas—eu!... E com que gente—  
 Santo Breve da Marca!—co'as Senhoras!...  
 Estou perdido! E não terá remedio  
 Esse erro, esse delicto, ou como queiram,  
 Que obrei talvez por tentação do demo?  
 Oh!—só arrepender-me; pois se affirma.  
 Que boa contrição qualquer peccado  
 Apaga, inda melhor que penitencias.

(\*) Assim me assignava eu então anagrammaticamente.

E, si por sua gravidade o caso  
 Penitencia requer, prompto a fazê-la  
 Estou, com tanto que esta vêz me salve.

Francezas Contradanças, perdoai-me!  
 Sim perdoai-me, encantadoras Damas!  
 Como homem que sou, para comvosco  
 Pequei, pequei—confesso. Foi cegueira,  
 Fraqueza, ou diabolica armadilha;  
 Não foi meu coração. Elle vos ama,  
 Terpsícore (\*) franceza! Elle com gôsto  
 Humilde rende-se ás sectarias vossas;  
 Mäs aos sectarios não, que são marmanjos.  
 Por seguir vosso culto, d'ora avante  
 O barbaças de Apollo, esse importuno,  
 Pobre velho enjoôso, a mesma Eutérpe,  
 Outr'ora enlévo da minh'alma, encanto  
 Dos meus sentidos, ver-me-ão deixá-los.  
 Sois (hoje o creio eu) sois a primeira  
 Maravilha moderna, contradanças—  
 Queridas, *não cansadas!* Si eu pudesse  
 Este corpo encurtar, torná-lo airoso,  
 Leve e flexivel, que prazer não fôra  
 Pinotear no vosso labyrintho,  
 Encadear, *desencadear*, e o doce—

(\*) A Deusa pela dança.

*Marche-marche*—romper, braços travados !

Más, já que pirraçosa a Natureza,

Emvêz de proporções de bailarino,

Deu-me uma cousa, que se chama estro,

Que não sei o que é, mas sei que é nada,

Si não é meus peccados,—no interesse,

Mais do que sois, de vêr-vos repetidas;

Em recrutar, quando convenha, os pares

—Os pares machos—que poltrões se neguem;

Na mais viva attenção, no applauso emphático,

Emquanto exista, e tenha entrada em bailes,

Farei duélo de ser todo vosso.

Francezas contradanças, perdoai-me !

Sim perdoai-me, encantadoras Damas !

---

A' summa difficuldade que havia em obter carne verde, quando foi ella aqui taxada por arrôba a sete patacas—

### SONETO.

Si padrinho não tem do Rei ao lado,  
 Morre sem ella o qu'a privança intente;  
 Do Ministro—o mais digno pretendente,  
 Si padrinho não tem—leva escusado.

Si padrinho não tem, ao Magistrado  
 Sempre esquivo a justiça acha o cliente;  
 O soldado mais déstro e obediente,  
 Si padrinho não tem, morre em soldado.

Si padrinho não tem, merecimento  
 É droga que não vale uma pataca;  
 E indo tudo o que é mau em crescimento, —

Nestes tempos crueis de *moeda fraca* (\*)  
 Do açougue o comprador (oh mór portento!)  
 Si padrinho não tem, volta sem vacca.

\* Tal celeberrima moeda imaginaria d'então.

A certos pregadores, e doutrinheiros da época—

### CONTO.

---

Curar alheias doenças  
Certo Medico queria,  
E dê mui graves molestias  
(Miseravel!) padecia.

Ja d'homem não tinha forma;  
Olhá-lo fazia horror—  
E mezinhar, assim mesmo,  
Todos propõe-se o doutor.

A ver por fim um enfermo,  
Como d'uso, se apresenta,  
E á cabeceira do dito  
*Medicamente* se assenta.

O doente o vê—enojado  
Diz, voltando-lhe o traseiro :  
« A morte nunca deu vida—  
« Doutor, cure-se primeiro. »

---



A certo Figurão, Gazeteiro, etc.—

### EPISTOLA.

*Ricardo*, ja é mania  
Queres sempre mandar;  
Ja em ti ninguem se fia;  
E' no deserto bradar  
O teu bradar todo dia.

O teu jornal-tagarella,  
Onde tudo é profanado,  
Mordendo, como cadella,  
E' basoheiro soldado  
De arruinada cidadella. (\*)

Fallar assim nunca vi  
De todos tão sem-resguardo!  
Que bem esperas d'ahi?  
Isso é loucura, *Ricardo*;  
Eu tenho pena de ti!

(\*) Allusão á queda da politica que defendia; queda que logo felizmente se realisou.

Porque nos outros tasquinhas,  
E no que é teu não reparas,  
Homem de vistas mesquinhas,  
*Só famoso em meias-caras,*  
*Só immortal em coisinhas?*

Mettendo em tudo unha e bico,  
Não és hoje um figurão?  
Não estás podre de rico?  
Que mais quer tua ambição?!  
Que mais quer teu genio inico?!

Ja nos sermões, que nos dás,  
A gente, que te arrenega,  
Lembrada de Frei Thomaz,  
« Façam (diz) o que elle prega;  
« Não façam o que elle faz. »

No cabo dos dias teus  
Que mais pretendes da terra,  
Patriarcha dos Protheus?

Olha qu'a Parca te aferra—  
Lembra-te d'alma e de DEUS!

Do mal, que á patria has causado,  
Cale a contrição no fundo  
D'esse teu peito agitado;  
Não queiras sahir do mundo  
De maldições carregado.

D'esses, que tens pèrseguido,  
Emquanto é tempo, converso  
Aplaca o genio offendido;  
Ganha o perdão de perverso  
Com obras de arrependido..

Nas *façanhas* do passado  
Não ponhas tanta ousadia—  
Vê o nauta exp'rimentado  
Dando, quando mais confia,  
Vida e lenho ao mar irado.

Sentido não se enfureça  
A hydra; e se desenrole!...  
Este rifão não te esqueça:—  
*Quem com muitas pèdras bole,*  
*Da-lhe alguma na cabeça.*

Ouve, *Ricardo*, as verdades  
De quem sincero te ama—  
Põe termo a tantas maldades;  
—*A mão, que ventos derrama,*  
*Colhe p'ra si tempestades.*—

Dà Brasileira Nação  
Esperar torcer o fito—  
E' esperar, sempre em vão,  
Pelas cebólas do Egypto,  
Por El-Rei Sebastião.

---

## SONETO

De um estimavel Vate bahiano, convidando sua esposa a morrer.

---

Fica, ó mundo! não falta quem te *habite*;  
Nem eu perco, nem tu perderás *nada*;  
Esta vida, que achei pouco *engraçada*,  
Da ordem natural toque o *limite*.

Bem quizera fazer certo *convite*...  
Porém *chiton!* a bôcca bem *calada!*  
Apenas 'n isto penso, ei-la *aggravada!*...  
É bem qu'em sóes sem conta os olhos *fite*.

Vamos alfim botar barro á *parêde*...  
Minha bella! este mundo não tem *graça*;  
Vivemos todos como peixe em *rêde*...

Ui que a vista da moça me *ameaça!*...  
Está bem—de viver sacie a *sêde*;  
Fique velha, e verá que vida *passa*.

---

Em nome da Sra., e pelos mesmos consoantes respondi com o seguinte—

### SONETO.

---

Senhor Bastos, querer qu'eu não *habite*  
 O mundo, e que tão cêdo desça ao *nada*—  
 É vontade, a meu ver, pouco *engraçada*,  
 Com que da sem-razão toca o *limite*.

Não me faça por tanto um tal *convite*,  
 Que a elle achar-me-á sempre *calada*:  
 Olhe que ja me traz bem *aggravada*  
 Qu'assim na minha morte a idéa *fite*.

Será, por não poder barro á *parêde*  
 Ja com outras lançar, qu'em ar de *graça*,  
 Da Parca chama-me a cahir *na rêde*?

Isto—de desamor—é *ameaça*:  
 De morrer, Senhor Bastos, tanta *sêde*  
 É de quem co'a mulher sem gôsto *passa*.

---

Do meu amigo e companheiro de Repartição, José Bernardino Ribeiro Diniz, de saudosa lembrança, demorando-se elle em vir fallar-me sobre um negocio que estava a seu alcance, e do qual não podia eu tratar por achar-me doente—

## ODE.

Por tres vezes faltar-me como um negro,  
Quem se ufana de vir de gente branca,  
Me apura o soffrimento !

*Filinto Elysis.*

Tanto ao qu'empraza, sequioso amante,  
Não logra arisca pirraceira môça,  
Quanto me tem logrado  
Um marmanjô qu'espero,  
Ha quatro dias, sem que nunca chegue.

O meu guapo Diniz, por vezes duas  
Prompto ao chamado meu, hoje remancha;  
Diz que sim, diz que logo  
Vem, e não me apparece—  
Como certos boiões encommendados! (\*)

(\*) Uns boiões de barro vidrado para doce, que havia pedido ao meu amigo uma freira da Lapa, e de que elle me fizera encommenda, a qual não tinha eu até então satisfeito pela costumeira impontualidade de alguns dos meus conterrancos *fazedores de caborés, &c.*

Ora quem sabe, si não quer vingar-se  
 O collega e *charissimo*, pensando  
     Qu'incúria minha, ou pouco  
     Caso lhe pôz de avêssô  
 Acasta Philis que pediu taes vasos?

Qu'injustiça! Eu que tanto *in illo tempore*  
 Escrevi e ralhei porque viessem,  
     E descompuz por cabo  
     O *ingenha-panellas*,  
*Lavra-alguidares*, que deixou-me em branco!

Qu'injustiça! E haverá casco, onde caiba  
 Qu'eu deixasse com freiras travacontas  
     Ter o meu rico amigo  
     Por coisinhas de barro—  
 Com freiras que merecem grandes cousas?!

Não—não julgo o Diniz capaz de tanto;  
 É ingenuo, não obra por vingança—  
     E, quando assim obrasse,  
     Quando culpado eu fosse,  
 Não se havia vingar com tanta usura.

É de credito o caso, é d'outra pôlpa—  
 Não com freiras promessa retardada,



Que sempre tem remedio,  
 E muita vèz, proficua,  
 É para as visitar *pé de cantiga*.

Virá pois, rebolindo, o bom collega  
 A cumprir a palavra hoje sem falta;  
 Virá—o espero:—e a nado,  
 A pe, ou como seja,  
 Irei pelos boiões a Jaguaripe. (\*)

---

(\*) Seja dito em honra á memoria do meu amigo e minha, que ambos nós cumprimos a nossa palavra. Elle, instigado por este esfusióte métrico, apresentou-se-me no mesmo dia em que o recebêra, e serviu-me. Eu—não a nado, não a pé como disse—valha a verdade—mã's 'n um barco de boa tolda, e mediante boa opportunidade, dei commigo na minha terra; e de lá trouxe os encantados boiões da encommenda claustral.

Offerecido ao meu Illustrado e muito nobre amigo de saudosa memoria,  
o Chefe de Divisão Francisco Bibiano de Castro, quando Intendente  
da Marinha 'n esta proyueta, e recitado à sua mesa à  
primeira e unica vez que com elle jantei.—em 1843.

Ha muito que ja devêra  
O meu baixel homenagem  
Render, como promettêra,  
De Mar e Guerra ao nobre Capitão—  
Tardamente promovido  
A Chefe de Divisão.

Más sempre vento contrario  
Pela prôa lhe soprou;  
Por 'hi bordejando andou  
Errante, qual Belisario,  
Depois que cego ficou.

Com melhor catadura  
Novo anno surgiu—e, de repente,  
Monção que chamam *tendente*,  
Do meu rumo em direitura  
Pôz-me a prôa impaciente.

O' lá, mestres e gageiros,  
Grumetes e marinheiros!

Cutelos e varredores  
Tudo fóra !  
Agora, agora,  
Pela pôpa rebentando  
Rijo vento, irei deitando  
Sessenta milhas por hora !

Oh! nem vapor, nem passaro me ganha  
Na corrida a visitar  
Amigo que d'esperar  
Deve, qual Sua Intendencia,  
Ter perdido a paciencia !

Ja lhe mandei avisar  
Qu'hoje enfim ancoraria  
No seu pôsto general;  
Qu'uma salva lhe daria  
De amizade e gratidão,  
Rompida do coração;  
Qu'a seu bordo passaria,  
Beberia,  
Riria,  
Ouviria  
Seu discorrer liberal,  
Sens dictos conceituosos,

Engraçados,  
Temperados  
De picante attico sal.

Sobe á gavea, meu gageiro !  
Vae essa nau espreitar,  
Qu'illustre Chefe commanda  
Aquem vou hoje saudar—  
Tropa ! tropa !—me annuncia  
D'ella vista; 'n este dia  
Duplos gages te hei de dar.

Do bom gageiro  
Ambiciosa  
Ja sôa a voz—  
« Nau alterosa  
« Perto de nós! »

E' ella! E' ella!  
Velas caçar!  
O vento cheio  
No maior seio  
D'ellas se possa  
Mais enfunar!  
A ella, a ella  
'N este momento  
Quero chegar!

Colher os pannos!  
Vae sendo tempo  
Ja de ancorar.  
Batel suberbo  
Da nau qu'almêjo,  
Oh! ja la vejo  
D'ella largar!  
Pelos escouves  
Saiam ahústes  
Para atracar;  
Qu'elle me pode  
Com mais presteza  
La transportar!

Eis-me na camara nobre  
Do Chefe de Divisão—  
Do meu charo Bibiano,  
Que com animo não-dobre  
Affavel me aperta a mão;  
Que sempre indulgente e lhano  
Abre á gente rica e pobre  
O fidalgo coração.

A salva promettida  
Dei-lhe—e foi, como sóhe, correspondida.

Agora mais farei—  
 Cantarei,  
 Brindarei,

A'elle, á sua Espôsa, á Prole sua  
 Em phrase de lisonjas limpa e nua.

D'Eólo, nem de Neptuno  
 Não preciso: 'n esta emprêsa;  
 Nem de agulha e de carta mareante,  
 Qu'ora não sou navegante;  
 Est'arma, de que me muno, (\*)  
 É que serve ao deus da mêsa.  
 Com ella Baccho,  
 Sempre a folgar,  
 Manda na terra,  
 Manda no mar.

Viva o meu Bibiano ! Os d'elle vivam !  
 Nunca ventos borrascosos,  
 Nunca pôdre calmaria  
 Da existencia no oceano  
 Veja o trovista bahiano  
 Molestâ-los um só dia !

(\*) Quem não comprehenderá de prompto que alludo a um bello copo de crystal arrasado de vinho velho e generoso, ão que DEUS manda que se beba para fortalecer o corpo e alegrar o espirito 'n este vale de dores e de lagrimas?

Illustrados, virtuosos,  
 De apazivel condição,  
 Sempre maré e monção  
 Para fados venturosos  
 Lhes dê a Celeste Mão!

Agora, meu charissimo Intendente,  
 De vinho 'n esta enchente  
 Um brinde se dirija ao nosso Britto, (\*)  
 De quem sempre lembrado,  
 Saudoso o nome repito;  
 Bem que, quanto a mim—mau fado  
 Que de ordinario me toca—  
 Para elle... (ah! não t'inquietes)  
 As aguas da Carioca  
 Tenham sido aguas do Lethes! (\*\*)

Más não importa—viva  
 O Britto qu'ô merece;  
 Que de ostentá-los quanto mais se esquivá,  
 Em virtude e saber mais resplandece!

(\*) O meu prezadissimo e sempre chorado amigo, o distincto litterato e poeta, Senador Paulo José de Mello Azevedo e Britto.

(\*\*) Queixume bem natural de amizade por me não haver até então descripto o meu illustre amigo, que logo, porém, no seguinte anno o fez, enviando-me com as despesas já pagas o Decreto da minha nova nomeação para o logar de primeiro Escripturario d'Alfandega, de que já fallei na ultima nota do primeiro volume.

Aos nossos bons Andradas,  
 Luzeiros d'este globo americano,  
 Co'as taças reformadas  
 Também justo é brindar, meu Bibiano.

Sim—vivam os Auctores  
 Primazes da Brasília Independencia!

As victimas constantes  
 Da perseguida patria liberdade!..

Oh Liberdade! qu'ê de ti?! Qu'ê feito...

Arribe, senhõra Musa;

Não se metta 'n esse mar

De politica—que pode

Tristemente naufragar.

Por seu respeito não queira,

Emvêz de folgar, de rir,

Qu'o seu amigo Intendente

Mandem também demittir.

Tudo tem lugar e tempo;

Refrêe os transportes seus,

Não contrarie maligna

'N este dia os góstos meus.

De amizade hymnos festivos

Só me apraz hoje tecer :



Si tem prazer de afogar-se,  
Faça em vinho o seu prazer.

Brinde de novo um dos astros  
Das nossas glorias navaes;  
A sua metade—os filhos  
Qu'hão de honrar sempre a seus paes.

Ao General d'estes mares  
Dê co'a sua bateria  
De saudação nova salva,  
Nova salva de alegria.

E, recolhida ao seu porto,  
No silencio da oração  
Rogue a DEUS pelas venturas  
Do Chefe de Divisão. (\*)

---

(\*) Veja-se a nota no fim.

A certa musa de Guiné.

**SONETO.**

---

Pois fôro quer de vate o tal moleque?!  
 A's Musas não se faz maior ataque!  
 Porque não manda Apollo, esse basbaque,  
 Lá do Parnaso quem lh'esmurre o beque?

Qu'um negro em toda parte a gente seque,  
 De palavras fazendo um badulaque;  
 Um negro que devêra ao seu tabaque  
 Dar-se apenas, tomando o seu *piléque*. (\*)

É desafôro que merece estoque,  
 Ou qu'uma tranca o corpo lhe machuque  
 Por mão de mestre, que bem rijo o toque.

Más não; dê-se-lhe officio em que trabuque:  
 No açougue e na quitanda o buzio emboque  
 O safado trovista de batuque. (\*\*)

---

(\*) Copo de aguardente, segundo a bem sabida phraseologia dos gaitos da plebe entre nós.

(\*\*) Veja-se a nota no fim.

A certo anonymo, que appareceu aqui na Imprensa em 1843 com  
presumpções de combater o esclarecido e forte periodico  
liberal—O GUAYCURU'—

### SONETO,

OFFERECIDO AO ILLUSTRE REDACTOR DO MESMO PERIODICO, E MEU  
ESTIMAVEL AMIGO, O SR. DOMINGOS GUEDES CABRAL.

La contra um galeão surge um chaveco  
Com vela feita de partido sacco;  
É seu g'rupés um rabo de macaco;  
Seu nome verdadeiro é—badaméco.

Dos canhões de cortiça ei-lo o tareco  
Tiros á êsmo dirparando fraco—  
Seu porto qual será? Algum buraco,  
Onde breve (infeliz!) dará em sécco.

É sua prôa d'uma arára o bico—  
Por metralha o que tem? Cascas de côco.  
Por bandeira o que traz? Pelles de nico.

Ordéja, arriba, que parece um louco :  
É seu nautico nume um maçarico :  
Para alagá-lo bastaria um sóco.

Ao meu prezado amigo, o film. Sr. Desembargador João Joaquim da Silva,  
em resposta à philosophica e chistosa epistola que me dirigiu —

### CARTA.

Tempo é, meu Silva, qu'aos teus  
Versos de douta exp'riencia  
Responda co'os versos meus;  
Perdôa-me a negligencia,  
Que mais nos perdôa Deus.

Rua, em banguê ou bahú  
Até hoje convertida  
Por nosso destino crú,  
Fêz-me perder quasi a vida  
'N um formidavel *tatú*. (\*)

Maldisse, em queda tamanha,  
Que a engenheira razão,  
Que tudo co'a vista apanha,  
Não dêsse ás ruas colchão,  
Qual deu coberta á montanha. (\*\*)

(\*) Queda — Termo chulo muito usual entre nós, principalmente nos logares de fóra.

(\*\*) O celebre panno encerado, ou capote, como lhe chamavam ge-

Visinho, que assim me ouvia  
 Clamar na força da dôr  
 Contra a sabia engenharia,  
 « Não a crimine, senhor,  
 —Disse-me—culpe a Bahia. »

Achei, meu Silva, acertado  
 Do bom visinho o dizer;  
 Mês, com elle conformado  
 Quando lhe quiz responder,  
 Vi o Medico a meu lado. (\*)

Do corpo humano engenheiro,  
 Parte do meu concertar  
 Vinha esse amigo ligeiro;  
 Tratando de me curar,  
 Deixei o mais no tinteiro.

Sécio Galêno, que usa  
 De oculos, vendo mui bem;  
 Que uma hora parafusa  
 Em ver si o enfêrmo tem  
 Febre que o relógio accusa;

mente, com que se cobriu (para resguardá-la das chuvas!) a montanha sobranceira ao Pila, depois da calamidade ali occorrida com o desmoronamento de parte da terra da mesma montanha em 1843.

(\*) O meu prestante amigo, o Sr. Dr. Velho, como ja referi em uma das notas do meu 1. livrinho.

Que mil perguntas nos faz,  
 Primeiro que nos receite  
 Emplasto a qualquer anthraz,  
 Ou um laxante de azeite  
 A quem prêso o ventre traz;

Que de Apollo (\*) na carreira  
 Tudo suppõe desbancar,  
 Trazendo apôs si cadeira,  
 Rico estôjo de mostrar  
 Dentro da larga algibeira; (\*\*)

Medico d'esse jaêz  
 Não era o da nossa Eschola,  
 Que sábia cura me fêz,  
 E da saúde a viola (\*\*\*)  
 Temperou-me d'essa vêz.

Apezar do curativo,  
 De querêna mêz e meio  
 Levei mais morto que vivo:  
 Meu silencio, amigo, vejo  
 Mais d'este justo motivo.

(\*) Como deus que tambem foi da Medicina.

(\*\*) E bem largas que se usavam então.

(\*\*\*) *Viola do espirito*—disse o muito erudito e classico Fr. Luis de Sousa na *Vida do Arcebispo*.

Vamos agora á materia  
Da tua epistola, escripta  
Em phrase facéta e séria—  
Sobre esta quadra maldita,  
Em que anda a gente aéria.

A presente geração  
Meu Silva, eu não comprehendo;  
Nem pode haver suspeição  
Quanto a mim, pois não propendo  
Para o *antigo rojão*.

Sou do progresso sectario;  
Más do progresso real,  
Que não d'este estado vario,  
Em qu'as cousas vão tão mal,  
Em que tudo é tão precario,

Bem pouca é a gente san,  
De hoje, discreta e bella;  
O mais... é gentinha van—  
Com coração de gamella,  
E cabeça de avelan.

Si voua baile, ou partida,  
Ah meu Deus! quanta fofice!  
Quanta gente presumida!

Qu'insulsa tagarellice !  
Que cousa desenxabida !

Más havendo ali *quadrilha*,  
Jôgo, refrêscos e chá,  
É tudo uma maravilha—  
E grande é quem isso dá,  
Seja embora um bigorrilha.

La matrona, que se exalta  
Até os cornos da lua,  
A mão a qualquer peralta  
Dá, com quem súa e tressúa  
Na walsa que roda e salta.

La vae arejar—de braço  
Co'a bella com quem dançou—  
Requebrando-se, um *velhaço*,  
Que afóra os *tres* que mamou,  
Tem *sessenta* no cachaço.

Com pôpas de galeão  
Do desejo atéam frágoas  
Senhoritas, que la vão  
Forradas de sette anágoas,  
Duras como papelão.



Oh que fatal impostura!  
 Mal d'aquelle que se fia  
 Na postica formosura,  
 E dá na *belleza* um dia  
 Com formas de *saracura*! (\*)

E uma môça de bem,  
 Sobre tudo brasileira,  
 Como eu ja tenho, não tem  
 Péjo de bôcca grosseira  
 Mercá-la por *aberêm*?!..

Vejo um *Antonio*, que *Antonia*  
 Parece d'effeminado,  
 Dançar dança da Polonia,  
 Trazer lencinho bordado,  
 Pingando agua da Colonia.

*Gil*, que o idioma nosso  
 Tem por superfluo estudar,  
 Que não sabe o que é—colósso,—  
 Nem que o verbo—remoçar—  
 Faz no presente—remoço,—

(\*) Ave nossa muito vulgar, que habita os mangues, esgrouviada, perni-fina, etc. Não se si ha mulher, principalmente no Brasil, que tenha essas formas: é o que ouço dizer.

Diz que litterato é,  
 Que ja pesca o italiano, (\*)  
 E qu'estando de maré,  
 Vence Alexandre Herculano,  
 O Castilho, e mais Garrétt.

Anda como uma barata  
*Lélio*, si falso é seu *Bem*—  
 Será de Amor copia exacta;  
 Mâs os miólos que tem,  
 São dóses de homœopatha.

Com seu pouco de francêz  
 E dança—e mais si é bonito—  
 Se arranja qualquer freguêz;  
 Sem *cabra vende cabrito*,  
 Gasta como um *Lord inglez*.

Em todo esse redomoinho  
 O que mais me faz pasmar—  
 É—sem meios—um mocinho  
 Forte e rasgado jogar,  
 Como um Pedroso, ou Marinho. (\*\*)

(\*) Grande vantagem que alardeavam muitos depois da chegada aqui da primeira companhia italiana. E entretanto ainda hoje sabem a lingua de Tasso, como eu sei a grêga.

(\*\*) Como si possuísse a riqueza d'esses honrados proprietarios e capitalistas, ou a do Exm. Visconde de Passé, da Casa da Torre, &c.

D'estas e d'outras que taes  
*Lindezas nobres e justas*  
Dos estylos sociaes  
Pagam em tresdôbro as custas  
Amos, maridos, e paes.

Tantas fortunas crescidas,  
De momento improvisadas,  
Figuram-me novos Midas,  
Por quem as cousas tocadas  
São em oiro convertidas !

E que direi do que vae  
Pelos templos do SENHOR?!..  
Ah! meu Silva, aqui me cae  
Da mão a penna—de dôr  
Que o coração me contráe!

Descreva esse quadro, quem  
Melhor do desenho intende;  
E dê Deus—por nosso bem—  
Perdão a quem tanto O offende,  
Juizo a quem não o tem.

---

*Em linda marinha concha  
Vae Neptuno mui taful,  
De calças pretas estreitas,  
E sobrecasaca azul.*

DE S. M.<sup>o</sup> IMPERADOR.

### GLOSA.

OFFERECIDA AO MEU PARTICULAR AMIGO JOÃO PEREIRA DA  
COSTA, UM DOS GENIOS MAIS PRAZENTEIROS COM QUE  
FELIZMENTE TENHO TRATADO.

---

Do mar sabendo o Senhor,  
Que dos *quatorze a gran'chapa*  
Bateria a gente guapa,  
Qu'impéra em São Salvador,  
Dos seus reunindo a flôr,  
Com quem convive, e se *emponcha*, (\*)  
Por dar da chapa não-troncha  
Parabens à quem devia,  
Parte à pressa, e de folia  
*Em linda marinha concha.*

(\*) De *ponche*—*emponchar-se*; assim como de *carne*—*encarnar-se*;  
de *roupa*—*enroupar-se*, etc. etc.

D'essa nau por fora o casco  
 Ondêa, que faz pasmar !  
 Quantos vão 'n ella, a folgar,  
 Tem nas mãos de vinho um frasco :  
 Com seu chambre de damasco,  
 E rico barrête azul,  
 Qual o qu'em Flandres Raúl  
 Trazia no paço amado, (\*)  
 D'outras conchas rodeado  
*Vae Neptuno mui taful.* (\*\*)

Da frota o segundo cabo  
 Lia o *Libello do Povo*;  
 Lia o pilôto mais nôvo  
 A *Escapúla do Diabo* : (\*\*\*)  
 Macaco, de longo rabo  
 E momices bem-acceitas,  
 Ia, com roupás perfeitas,  
 Da côrte para entreméz,  
 Trajado no gôsto inglez,  
*De calças pretas estreitas.*

De repente um Palinuro,  
 Que passa por inspirado,

(\*) Da sua amante, a condessa Joanna.

(\*\*) Que inventos não teriam então os nossos apaixonados de viagens pagodeadas, fogueteadas, e aproveitadas, etc. d'esta cortezã patusca-maritima! Cadaum com seu gôsto.

(\*\*\*) Veja-se a nota no fim.

Grita—que tudo é baldado;  
 Qu'a chapa levára um furo ! — (\*)  
 Isto ouvindo, o mais maduro  
 Dos Tritões, que é julgajúl, (\*\*)  
 E traz *crachá* de tangúl, (\*\*\*)  
 Diz ao Deus—que mande um só  
 Levar á côrte o *guigó*, (\*\*\*\*)  
*De sobrecaçaca azul.*

---

(\*) Que lógro que pregou ao seu rei e' amo o tal senhor Palinuro, sem duvida por forrar-se ao incommodo da jocosa viagem ! Na verdade estes amigalhões e validos dos réis são, com rarissimas excepções, por toda parte umas pestes.

(\*\*) Ant.—Juiz.—

(\*\*\*) Cobre de Berberia.

(\*\*\*\*) Nome tambem dado aqui ao macaco.

## OS TEMPOS—

em relação à nossa sociedade especialmente.

### CARTA

DIRIGIDA AO ILLM. E EXM. SR. VISCONDE DA PEDRA-BRANCA.

---

Não sou, meu sabio Visconde,  
Dos que dizem qu'excelente  
Era tudo antigamente;  
E qu'a de hoje funesta  
É quadra em que nada presta.

Nem tambem dos que condemnam  
A êsmo os tempos d'outr'ora  
Com seus Juizes de Fóra,  
Cabelleiras e calções,  
E os encarnados fardões.

Bom e máu todas tiveram  
As diferentes edades;  
Nem a passada ruindades

Teve só; nem a presente  
Encerra males somente.

Das casas e vitualhas,  
*Et caetera* a carestia  
Se lamenta na Bahia,  
Onde tudo era barato  
No feliz tempo transacto.

Diffíceis, porém, e caras  
Então outras cousas eram;  
Os que 'n isto bem ponderam,  
Obvia e prompta razão  
No meu assérto acharão.

D'antes, para figurar  
Nos altos cargos do Estado,  
Era mister bem-versado  
Ser em alguma sciencia,  
Ter letras e experiencia.

Hoje—basta dar partidas,  
Ter amigos e compadres,  
Afilhados e comadres,  
E vencer 'n uma eleição—  
Para ser um figurão.



E' carapuça a quem toca;  
Pois bem sei que temos gente,  
Cujo merito patente  
Abona sua ascensão  
Aos pyrenéos da Nação.

Q'importa qu'hoje não custem  
Certas roupas como outr'ora,  
Si rara a pessoa agora  
E' que não gasta ás mãos-cheias  
Em postigos e tetéyas?

Com perdão das senhoritas,  
E das matronas tambem—  
Qual d'ellas hoje não tem  
Gasto 'n isso mais que d'antes  
Se gastava em diamantes?

Os cabedaes d'outro tempo  
Dizem qu'alguns não suavam  
D'aquelles qu'os ajuntavam :  
Hoje ha tambem quem não súa  
As riquezas que possúe.

Allegam certos doutores  
Dos nossos, que 'n outra éra  
Só preciso se fizera

Para o homem fóros ter  
D'illustrado aqui—saber

Quatro dêdos de latim,  
De portuguez outros tantos,  
E quatro vidas de Santos,  
E quatro historias de Rêis,  
E de guerra cinco ou seis.

E hoje, para ter fumos  
De sabio qualquer mocinho;  
Não lhe basta um pergaminho  
De sciencia, em qu'estudou  
Dez lições, e se formou?

Hoje se fiam mais fino  
Certas cousas (é verdade)  
Más tambem na velha edade  
Outras materias se davam,  
Que mais fino se fiavam.

A's tres unidades prêso  
Era o dramatico auctor;  
E para um drama compor  
De necessidade havia  
Puxar pela phantasia.

Hoje a certos dramaturgos,  
Para uma peça fazer,  
Basta em linguagem verter  
Os *Mysterios* de Paris,  
E o Monte-Christo feliz.

Hoje vê-se maior copia  
De poetas e escriptores;  
Mês dos velhos prosadores  
E vates do teu jaêz  
São bem raros os que vês.

Mais prendadas e instruidas  
São hoje as nossas donzellas;  
Mês também mais tagarellas,  
E do util menos amigas,  
Do que foram as antigas.

Tem toda regra excepção;  
E ímpio eu seria, ou doudo,  
Si o divino sexo todo  
Da nossa terra incluísse  
Na vaidade e *t'ramellice*.

Algumas modas de hoje  
São melhores, qu'as passadas;  
Mês outras não—e adoptadas

Muitas temos visto nós,  
Qu'usaram nossos avós.

Em pontos religiosos,  
Si no povo a devoção  
Subia á superstição,  
Hoje a impiedade é maior,  
Qu'eu julgo muito peor.

Hoje a civilisação  
E' maior—eu não duvido;—  
Más também—que recrescido  
Tem os vícios e a má fé—  
Verdade innegavel é.

E bastam as eleições  
Para tudo corromper,  
Desnaturar é perder :  
E' pena, que d'um bem tal  
Usem os homens tão mal !

D'antes havia mais padres,  
De tropa a sôlido mais gente—  
E não ha presentemente  
Mais bachareis, mais doutores,  
Delegados, e inspectores ?

Não sei pois, meu bom Visconde,  
A qual tempo deva dar  
A preferencia—a pesar  
Bem as cousas e as razões,  
E as diversas gerações.

Si na politica entrasse,  
Então de certo daria  
A esta éra a primazia;  
Pois qualquer situação  
Eu prefiro á escravidão.

Salvo o teu melhor juizo,  
Meu Visconde, eu penso assim:  
Nem o passado ruim  
Foi, como diz certa gente,  
Nem é tão mau o presente.

Nas duas épochas vejo  
Cousas boas, cousas más;  
Ambas contam seus bachás;  
Ambas males e vaivens;  
Ambas delicias e bens.

O que teve para mim  
A passada de peor;  
Foi o—*Rei nosso senhor*—:

Tirassem-lhe este senão,  
Qu'era um tempo d'enche-mão.

Do qu' é velho apaixonado,  
Por velho também já ser,  
Chamé-me lá quem quizer :  
Não adulo *modernices*,  
Nem lisongêo *antiquices*.

Sempre o que penso, o que sinto,  
Charo Visconde, eu direi :  
E aqui ponto farei,  
Aguardando occasião  
De ouvir tua opinião.

---

## AO JOVEN POETA DA PACOTILHA 26—

Em resposta à epistola, que me dirigiu, reprovando ironicamente que na minha antecedente " OS TEMPOS ", dissesse em mal dos de hoje.

---

Meu joven poeta e amigo,  
Cujo nome—em mal—não sei,  
Na *Pacotilha* encontrei  
A saudavel advertencia  
Que me fêz *vossa excellencia*.

Não estranhe o tratamento;  
Pois bem sabe qu'hoje em dia  
*Excellencia*, ou *senhoria*  
Dá-se, como se dão beijos,  
A' medida dos desejos.

*Excellencia* os Deputados,  
Que não a tem, mutuamente  
Se dão *parlamentarmente* :  
Entre os seus, pois, tambem dá-la  
Pode a nossa *honrada sala*.

Fallo da sala d'Apollo,  
De que somos, meu collega;

Nobre sala, à que não chega  
Quem *tem oiro e bayonêtas*,  
*Despacha, e usa de trêtas.*

Mas emfim, si d'outro modo  
Quer qu'ò trate, por guardar  
Os visos de popular,  
Assim seja—não briguemos,  
E à *plebéia* nos tratemos.

O seu reparo ao qu'eu disse  
Contra a época d'agora,  
Me veio em tão boa hora,  
Que do erro em que cahi,  
De prompto me arrependi.

E para me confessar  
Fui logo a certo Vigario,  
Que *lê bem seu breviario*,  
E com leves penitencias  
Descarrega as consciencias.

Accusei-me do peccado,  
Que pedia expiação;  
E da minha contrição  
Tão satisfeito ficou,  
Que tres pitadas tomou.



Em honra do nosso clero  
 Sabe esse illustre Pastor  
 Conjugar o verbo—*pôr*—  
 Melhor do que *certa gente*  
 P'ra o mundo mais eminente.

« *Ponha-se aqui de joelhos*  
 (Diz-me) e de véras contrito  
 Se confesse de haver dito  
 Mal d'este tempo sem-par,  
 Em que *tudo é militar*:

Tempo, em que tanto se *zelam*  
 Os dinheiros da Nação,  
 Que para dar-se um *tostão*  
 De Christo a qualquer fiel,  
 Gasta-se o *dôbro* em papel :

Menos a'quelles que mamam  
 Nas *gordas têtas secretas*;  
 Criaturas predilectas,  
 Que um *Anjo* quiz que mamassem,  
 Para qu'a *patria* salvassem.

Tempo, em que na *nobre camara*,  
 Ondé é de lei a excellencia,  
 A tal ponto a *sapiencia*

Requinta, que *faz chorar*,  
D'um seu membro no pensar.

Tempo de tanta invenção  
A favor da humanidade,  
Qu'ha ja *machina*—*que ha de*  
*Ao Ceu tambem por vapor*  
*Enviar o peccador.* (\*)

Tempo, emfim, prodigioso,  
Em qu'á terra a *Estrêlla d'alva* (\*\*)  
Descendo, veio a *papalva*  
Gente nossa *esclarecer*  
*Para mais feliz viver.*

E não quer, meu charo irmão,  
Qu'o *justo e sancto* partido  
Lhe chame, e aos seus, *perdido*,  
Dizendo taes *heresias*,  
Qu'offendem as almas *pias*?

Antes tivesse trahido  
O lado á que pertencesse,  
E sua mãe esquecessè,

(\*) A decantada e *constitucionalissima* lei—*Corta-cabeças*.

(\*\*) Nome de um periodico absolutista, que havia então apparecido na corte.

Sem jamais a soccorrer  
*Na terra qu'o viu nascer; (\*)*

Ou, vendendo a sua penna  
 Para os seus vituperar,  
 E ao estrangeiro incensar,  
 Chamasse *crime á razão,*  
*E virtude á corrupção.*

Isso fôra menos mau,  
 Do qu'a tempo *tão gentil,*  
 De *oiro* para o Brasil,  
 Preferir, meu bom amigo,  
 O de ferro tempo antigo.

Charidade em seu collega  
 Certo foi lh'o censurar;  
 As graças lhe deve dar  
 De assim havê-lo salvado  
 D'esse *tão feio* peccado.

Para o Ceu, que vê e ouve  
 O seu arrependimento,  
 Está *d'essa culpa* isento :

(\*) Reparem bem que é o Padre Vigario quem falla—e não eu. Refiro o que elle me disse, o que se dizia por aqui 'n esse tempo, não sei a respeito de quem. Livre-me Deus de offender ainda de leve a pessoa ou pessoas a que isso alludia!

Agora para os mortaes  
É preciso fazer mais:

Va p'ra casa—e quanto antes  
Do Pindo ás mimosas filhas  
Invoque novas quintilhas;  
E 'n essa composição  
Trate d'emendar a mão.

Diga qu'a era de hoje  
Abunda em *homens de bem*;  
Qu'o Brasil um *novo Edên*  
*D'innocencia*, de prazer  
E *glorias* podia ser—

Si não fossem os *poetas*  
E *philosophos malditos*  
Com seus discursos e escriptos,  
E mais outros brasileiros  
Que não são *limpos ordeiros*;—

Diga-o; qu'além do perdão,  
Uma lei dar-lhe-á talvez  
Licença por annos tres

Sem desconto do ordenado, (\*)  
De que ja o vi privado. »

Apenas tocou-me o Padre  
Na tecla do—*venha a nós*,—  
Collega, por meus avós  
Lhe juro, que me tornei  
Mais contrito do qu'entrei.

E logo do bom Vigario  
Despedindo-me contente,  
Vim todo *um tempo presente*,  
E escrevi com *pia mão*  
Meu *acto de contrição*.

Aqui vae : seu portador  
É um *homem de olhos cem*, (\*\*)  
Que Deus queira ahi chegue bem—  
Em paz co'a *gente do dia*,  
E *ingleza philantropia*.

(\*) Isso seria bem bom, meu Padre! Mês ja ahi viu V. S. Rvma. o que me succedeu com a licença—só de seis mezes—que pedi para tratar da minha saude, e, melborada esta, publicar minhas trovas. Apesar das optimas informações, nem um real se me deu d'estipendio! Ora tomemos mais esta para o nosso tabaco—e viva o Brasil, e o *systema que felizmente nos rege!*

(\*\*) *Argos Bahiano*, periodico em que sahiu esta trova.

De avisado, como dizem,  
É—mudar de parecer;—  
De christão—se arrepender;—  
Màs, si sou inconsequente,  
Aprendi com muita gente. (\*)

---

(\*) É ainda mais aprendi depois com *um certo archi-apóstata*, que merecia ser enfardado com agulha maior e mais grossa, que quantas mandava o illustre e nobre *Carijó da Pacotilha* preparar pelo seu *Antonio* para os principaes enfardamentos do seu liberal escriptorio.

*São desgraças do Brasil  
Um patriotismo fôfo,  
Leis em paróla, priquiça,  
Ferrugem, formiga e mōfo.*

V. DA PEDRA-BRANCA.

GLOSA,

DEDICADA E OFFERECIDA AO MESMO EXCELLENTISSIMO SENHOR.

---

Leis, ou tortas, ou quebradas  
Do arbitrio pelo bastão,  
Mau systema d'eleição,  
De juizes enxurradas,  
Assembléas sempre inçadas  
De gente ñescia, ou servil,  
*Barriguda*, ou pueril,  
Febres cōr de gēmma d'ovo,  
São peccados d'este povo,  
*São desgraças do Brasil.*

A maior d'estas desgraças  
Vae de ninguem praticar,

Quando sobe a governar,  
 O que proclama nas praças.  
 Não se vê senão fumaças  
 D'um amor-proprio balôfo;  
 Cadaúm para o seu côfo  
 Só pescando com cuidado;  
 Um *catonismo* affectado,  
 Um *patriotismo* fôfo.

Sobre o vão patriotismo  
 Ha outra calamidade—  
 Nos parvos muita vaidade,  
 Nos sabios muito egoismo.  
 Levam o Brasil ao abysmo  
 A corrupção que se atica,  
 Dos estranhos a cubica,  
 Qu'industria e commercio aferra,  
 A ousadia—e dos da terra  
*Leis em paróla, priguica.*

Da priguica ao grande mal  
 Inda outros males se annexam,  
 Que nos atrasam e vexam  
 'N este século fatal;  
 São elles—a immoral  
 Ambição, o luxo fôfo,



O gasto d'alheio estôfo,  
Tendo algodão nós de sobra,  
E, p'ra coroar a obra,  
*Ferrugem, formiga, e môfo.*

---

## O BRASIL EM 1853.

Carta dirigida ao mesmo Sr. Visconde da Pedra-branca.

---

Vae o mundo, meu Visconde,  
Tal como sempre ha de ser;  
E 'n elle tanto hei de ver,  
Si a febre me não matar,  
Qu'a bola me ha de virar.

Fallo da *febre amarella*,  
Qu'a todos põe 'n um sarilho,  
E em muitos prega codilho,  
Sem deixar, quando é ferina,  
Fazer vasa a medicina.

Nem culpo os nossos doutores—  
E que recurso hão de ter,  
Quando o remedio é morrer?  
Não concerta um ser já rôto  
Nem a loquela do Souto. (\*)

(\*) O meu illustre amigo, o Sr. Dr. Salustiano Ferreira Souto, cujos talentos medicos e admiravel verbosidade são bem notorios.

A Morte é *napoleôa*;  
Quer ver seu throno elevado  
Com esses *golpes d'estado*:  
Para combatê-la é em vão  
A medica opposição.

Uns com outros se desculpam;  
O Conselho (\*) co'a Policia,  
Que não trata da immundicia;  
A Policia com o Conselho—  
Isso ja é uso velho.

A causa d'esse flagello  
Ao certo ninguem nos diz;  
Eu 'n isto não sou juiz;  
Màs julgo ca por meus dados—  
Que vem dos nossos peccados.

O geral não pensa assim ;  
E quanto mais se adocece,  
Tantô mais a usura cresce,  
Ferve a luxuria, a cubiça,  
E menos se vae á missa !

(\*) Tratando-se de uma epidemia, ja se vê que este Conselho é o de Salubridade Publica.

Queixam-se todos dos dobres,  
Dos sinos, qu'o mal augmentam;  
Más poucos no damno attentam  
De musicas sensuaes  
Tocadas em funéraes !

Oh que vil profanação !  
Somente quem fôr de pau,  
Pode em casa de sarau  
Ver convertida, sem dôr,  
A morada do SENHÔR!

Pagando o mal que disseram  
D'irmãos opposicionistas,  
Ja brigam os governistas;  
E quanto é peor a briga  
Por principios de harriga !

Segundo o nosso rifão,  
Hão de 'n esse contender  
Verdades apparecer,  
E na lucta das patacas  
Virar-se muitas casacas.

Nova Tornada de votos  
Annuncia-se aos freguezes...  
Oh ! como andam cortezes!

Como beijam os sapatos  
Da *canalha* os candidatos !

A' roda de um eleitor  
Giram elles co'a destreza,  
Com que á roda d'uma mesa  
*Em electricos brinquêdos*  
*Nos fazem girar os dêdos.*

Isso é que é *magnetismo*;  
É que é *electricidade*!  
Não só na accção, na vontade,  
Más também na consciencia  
Tem a *Urna* ampla ascendencia !

Chovem pedidos, empenhos,  
Intrigas—e ha sujeitos,  
Que para ser reeleitos,  
D'eleitores influentes  
Até se dizem parentes.

Ha tal, que avêso a ter filhos,  
Deseja logo um filhinho,  
Para dar-lhe por padrinho  
De collegio um campeão,  
Que o proteja na eleição.

Rapaz, que ainda no ovo  
Está da vida acadêmica,  
Por tentação epidêmica  
Busca logo ir se emplumar  
No ninho parlamentar.

E depois?... Isto é o menos—  
De qualquer modo os fieis  
Pagam os *cinco mil réis*—  
Basta dar o deputado  
*Um aparte, um apoiado.*

Uma c'róa ao Montezuma  
Lá tecem de frescas *rosas*  
Do Prata as filhas garbosas—  
E um hymno de agonia  
Se cantá á diplomacia.

Outro de dó, consagrado  
A's finanças do Brasil,  
'N elle altêam bôccas mil;  
E a guerra, em voz qu'horrorisa,  
O *memento* entôa a Urquiza.

Vê e ouve tudo. isso  
A côrte sem se importar,  
A divertir-se, a bailar :

Acho-lhe muita razão :  
Que tem ella cõ'a nação?

Pagar o suór do povo  
Essas e outras alhadas  
Ja não são favas contadas ?  
Com *impostos*, e *quadrilhas*  
Vae tudo ás mil maravilhas.

Visconde, aqui para nós :  
A côrte não é tão má,  
Como se grita por cá :  
É côrte—o nome lhe basta—  
Só no Ceu ha côrte casta.

O povo tem ja *de mais*;  
Tem bons projectos d'estradas;  
Ja tem algumas calçadas  
Feitas a expensas suas,  
Vapores, e novas ruas.

Da carestia dos viveres  
Resulta *vantage'* immensa;  
Havendo tanta doença,  
A restricção na comida  
É garantia de vida.

Assim dê-lo a medicina;  
 Dê-lo a hydrotherapia;  
 Dê-lo a Homœopathia—  
 E quem mais nos dias meus  
*Cura por graça de DEUS..*

E de mais: não o consola,  
 Por peor que o povo passe,  
 Ver sahir da sua classe  
 Todo dia por favor  
 Um *nobre*, um *commendador*?

Que vem a ser que elle pague  
 Mil milhões de pêsos duros,  
 E os competentes juros,  
 Comparado isso ao prazer  
 De mais titulares ter?—

E ver nas suas funcções  
 Mais quatro fardas bordadas,  
 Mais casacas enfeitadas,  
 E mais *rês* com seus vassallos,  
 Mais carros, e mais cavallos?..

E o zêlo pelo trabalho,  
 Com que—do povo em proveito—  
 Desacatou-se o direito



Té do proprio Santo Antonio? !  
Só desconhece-o um demonio.

Aqui fiquemos, meu charo;  
Pois ja me quer parecer —  
Que tão longo discorrer,  
Cheio de tantos dislates;  
Me aproxima dos orates.

---

A um sujeito de um nariz phenomenal, que em 1851 affirmava som-  
bras de approvação que seria eu demittido do meu emprego por  
opinões politicas-

### EPIGRAMMA.

---

Certo nariz estupendo  
(Não sei si em cara, ou carão) (\*).  
D'um poeta a demissão  
Como infallivel prediz.  
Isto não deve pasmar;  
Ao contrario bem se liga—  
Que, quando pensa a barriga,  
Seja propheta um nariz.

---

(\*) O amigo, que me referiu este caso, occultando-me sempre a  
pessoa, que ignoro até hoje quem seja, só me fallou do nariz, que di-  
zia elle ser singular. A quem, pois, servir a carapuça, que a tome, e  
não se queixe de mim.

A' uma Exma., e muito illustrada e espirituosa Senhora, a qual  
perguntou-me o que me dizia o meu nariz, quando me pedia  
uma pitada de rapé—

### RESPOSTA.

Quereis, Senhora, saber  
O qu' o meu pobre nariz,  
Quando de rapé deseja  
Uma pitada, me diz?

'N um tempo em que *pelo estomago*  
*Muita gente entre nós creê,*  
Não admira que um anjo  
Palavra aos narizes dê.

De fallar a faculdade  
Vós destes, Senhora, ao meu :  
Venturoso o tabaquista  
Com mais este addendo seu!

Depois qu' o tive, á primeira  
Pitada que cubiçou,  
O meu nariz, circumspecto,  
D' este modo me fallou :—

« Dá-me, dá-me fumo em pó;  
« Que muitas vezes ao caco  
« Por mim te sobem as Musas  
« Nos aromas do tabaco.

« Do meu monco esquece o nójo  
« A bella mais delicada,  
« Quando te saem pela bôcca  
« Os effeitos da piçada.

« Nariz, que sorve tabaco,  
« Não será grato aos amores;  
« Más é mais nariz de homem,  
« Qu'aquelle que cheira flôres.

« Lê o Visconde philosopho, (\*)  
« Que para tabaquear,  
« Sua caixa ao Ceu queria,  
« Quando morresse, levar.

« Rapé! Rapé! Não te importem  
« Da murmuração as vistas :  
« As damas, ficando velhas,  
« Também dão em tabaquistas. »

(\*) O Exm. Sr. Visconde da Pedra-branca nas suas primorosas quintilhas ao tabaco.

Rapé, Senhora, pedindo,  
Assim falla o nariz meu :  
Não offenda o seu discurso  
A quem linguagem lhe deu.

---

**CONVITE.**

---

Si de mascar um Perú  
Tem hoje gana o seu dente,  
Venha trinchá-lo em familia  
Co' o seu amigo e parente.

Más saiba que sobre a mēsa  
Verá Perú, nada mais;  
Nem mesmo si a golosina  
Soltar suspiros e ais.

23 de Dezembro de 1851.—

V. DA PEDRA-BRANCA.

---

---

**RESPOSTA MINHA.**

Não quiz, meu Visconde, a sorte,  
Que para mim nunca presta,  
Qu'eu comesse Perú gordo  
Sem ser em dia de festa.

O seu convite a trinchá-lo  
Recebi quasi ao sol pôsto,  
Quando para casa entrava  
Cheio de afão e desgosto.

Sendo já passada a hora  
D'ir á pítançã excellente,  
Na caseira carne magra  
Metti sem vontade o dente.

Não pude engulir bocado  
Da costumeira panella,  
Tendo o Perú não-comido  
Atravessado na guéla.

---

A' menina Brasília, linda e interessante filha da meu amigo o Sr. Major Antonio de Sousa Vieira, completando os seus cinco annos.

## DESCULPA.

---

Brasília, estando eu doente,  
 P'ra que boliste commigo?  
 Para que me convidaste  
 A passar hoje commigo?

Queres qu'envêz de cantar-te,  
 Aqui tussa, ancêe, e gema,  
 Apertado do difluxo,  
 Qu'é para mim *saquarêma?*

Chamar de *Constituinte* (\*)  
 A' doença tão ruim  
 É, meu anjinho, um peccado;  
 Não lhe chames tu assim.

(\*) Assim denominavam alguns adversarios da Constituinte o terrivel difluxo, que lavrou 'n esta Capital em principios de 1852. Está visto que havia eu tirar a desforra, chrismando-o, como acima o chrismei. Não ha nada mais justo. Si alguém não gostar da chrisma, queixe-se do mal-applicado nome de baptismo.



Este conselho de amigo  
Toma, qu' é de coração—  
E fique o hymno a teus annos  
Para outra occasião.

Sim; que 'n esta, emvêz de cysne  
Banhado em celeste fôgo,  
Vês em mim, por meus peccados,  
Um velho capão de gôgo.

---

Ao Exm. Sr. Visconde da Pedra-branca, estranhando elle a minha ausencia, e convidando-me para jantar.

---

Respondo agora á pergunta  
Que me fez Vossa Excellencia,  
Amigo e Senhor Visconde,  
Acêrca da minha ausencia.

Provêm esta de doenças,  
De desgostos bem crueis,  
E de farinha da terra,  
Comprada a quarta a mil réis :

Afóra o mais, com que anda  
(Comendo tudo o comer)  
De cobres vasia a bôlsa,  
E o coração de prazer.

Isto não se diz a todos;  
Qu'o saber-se tal peccado  
Torna o pobre, qu'o confessa,  
De alguns menos estimado.

E até alguém ha que pensa  
Que precisões descobrir

É um estudado modo  
Indirecto de pedir.

Más de ordinario assim julga  
Quem d'esse ardil sóe usar,  
Ou se chora para a amigos  
Eximir-se de prestar:

Não Vossa Excellencia e outros,  
Qu'em queixumes de pobreza,  
Como cumpre, o desabafo  
Distinguem do qu'é vileza.

Isto posto, hoje qu'a sorte  
Uma folga me permite;  
Aqui stou, Senhor Visconde,  
A gozar o seu convite.

E sincero lh'o agradeço;  
Não por melhorar de mesa;  
Más pela sua lembrança  
E muita delicadeza.

Em 23 de Dezembro de 1853.

---

A' Lei que reduziu a tres os feriados de grande gala, ou festa nacional—

### APOLOGIA POÉTICA.

---

Musa, deixa que maldiga,  
Quem quizer, d'essa lei fresca;  
Não dês ouvido á cantiga  
Dos que lhe chamam burlésca,  
Nem com elles façás liga.

Eu bem sei qu'has de estranhar  
Essas faltas de suéto  
Que tinhas p'ra descansar;  
Más repara qu'o Decreto  
É para a patria salvar.

Murmuras que ja nos deram  
Mais uma hora d'enfados,  
E de serviço fizeram  
Os dias, que dispensados  
Sempre nossos paes tiveram.

Essa queixa é sem razão;  
Pois—cercear o qu'abunda

Em dias de devoção—  
É política profunda,  
Qu'ha de elevar a Nação.

Nossos paes eram creanças;  
Segrêdos de governar  
Não sabiam, nem finanças:  
Devem todas caducar  
Suas malditas usanças.

Hoje que n'alta cabala  
Prima toda a nossa gente,  
Hoje qu'a frouxo se falla,  
Devem ser livres somente  
Tres dias de grande gala.

Nem haja por ora espanto  
Dos dias desferiados;  
Pois chegará isso a tanto,  
Que não terão Empregados  
Domingo, nem dia santo.

O contentar os freguezes  
Da Nação assim requer;  
São de muita fería os mezes;  
O Commercio isso não quer,  
Não querem isso os Inglezes.

Homem de *catana núa*,  
Benemerito Empregado, (\*)  
Agoira qu'á classe sua  
Ha de até ser decretado  
Trabalho em noites de lua.

E 'n isso os doutos convêm;  
Pois só com esses serões  
Ha de a renda crescer bem,  
E dar, quem manda, lições  
Do grande zêlo que tem.

Musa, o instrumento amóla,  
Louva a quem essa lei fêz,  
E os méus collegas consola;  
Que de onze ficar com tres  
Ja não é pequena esmola.

Põe na lyra cordas mil,  
E com toda reverencia  
Eternisa a mais gentil,  
A mais sabia providencia  
Em prol do nosso Brasil.

---

(\*) Veja-se a nota no fim.

Ao meu estimavel amigo, o Sur. José Pedro de Madureira—em 20  
 de Janeiro de 1854, dia dos seus annos.

---

Em dia de *Santo martyr*  
Nunca vi homem nascido,  
Do que tu mais divertido,  
Pilhérico e folgazão!  
Bem fizeram, Madureira,  
Teus paes, muito bem fizeram,  
Qu'o nome não te pozeram  
Do Santo—Sebastião!

Benza-te DEUS, meu amigo!  
Na verdade ainda estás  
Um guapissimo rapaz,  
Tu qu'es velho como eu sou!  
O *Remigio*, (\*) que quer ter  
Só uns sessenta *profanos*,  
Inda mettido nos pannos,  
Figura de teu avô.

(\*) O estimavel Sr. Francisco Remigio Vieira, cuja fervorossissima  
dedicação a certa sociedade é bem conhecida.

*O Doctôr da Gamelleira, (\*)*

Teu parente esp'ritual,

Cuja *tida medical*

Dos annos crestou-lhe o viço—

Elle que diz ser mais moço

Do que somos, representa

Ter muito mais de cincoenta

Ja ferrados no toutiço.

*O Joaquim lá da Barra, (\*\*)*

Esse sim, é mais feliz;

Tem lá um certo verniz

Da cabeça até os pés,

Que lampas te leva em tudo,

Onde quer que se apresente,

Sendo, incontestavelmente,

Mais velho do que tu es.

Benza-te Deus, meu amigo!

Além d'essa qualidade

De não mostrares idade,

Nem no corpo, nem no esp'rito,

(\*) Fazenda em *Passé*, da qual é dono, e onde habita o seu amigo e compadre, o Sr. Marcolino Adôlfo da Maia, cuja vocação para Medicina, que *estuda incansavelmente*, &c., é pena que não tivessem conhecido e aproveitado seus paes.

(\*\*) O nosso amigo, o Sr. Joaquim Fernandes Coelho, morador 'n esse sitio da sua constante predilecção.



Tens um'alma bemfazêja,  
Um coração liberal,  
E, fallando, muito sal  
Para adubar qualquer dito.

Em ti só noto um defeito,  
Que me causa algum desgosto;  
É—qu'em materias de gosto  
Prefiras o *crepe* ás galas;  
E, ainda frêsko e bonito,  
De algibeiras não-mesquinhas,  
Só andes pelas cozinhas,  
Em vêz de andar pelas salas.

Ao menos hoje, arrepende-te,  
Amigo d'esse peccado;  
Teu natalicio manchado  
Não seja de *negra côr*:  
É por ella qu'o teu nome,  
Madureira, aqui não medra,  
Nem bem pode em branca pedra  
Escrevê-lo o trovador.

Neto d'Ulysses! estende  
A têa dos annos teus  
O mais qu'o permite DEUS  
A' sua feitura humana!

E'n essa vida bem longa  
A tua sorte, mais *alva*,  
Resplandeça como a calva  
Do nosso amigo Pestana! (\*)

---

(\*) Veja-se a nota no fim.

*Os guisados da velhice*  
*Não tem pimenta, nem sal. (\*)*

## COLCHÉIAS.

São de summa exquisitice  
 Os mil quitutes dos moços;  
 Desenxabidos, ensossos  
 « Os guisados da velhice.  
 Nos velhos tudo é pequice;  
 Apuros ficam-lhes mal;  
 Ou fóra, ou no seu casal  
 Si põem ao fogo a panella,  
 Os poucos mexidos d'ella  
 « Não tem pimenta, nem sal.

A juvenil golodice  
 Já perde por muito esmêro,  
 Tem mais regular tempêro  
 « Os guisados da velhice.  
 Isto não é fanfarrice  
 De velho—é cousa real;

(\*) Mote que me mandou para glosar o Exm. Visconde da Pedra-branca.

Da mocidade actual  
Muitas vezes os guisados,  
Por de mais aferventados,  
« Não tem pimenta, nem sal.

É nas velhas patetice  
Quererem *quitutear*;  
Não fazem bom paladar  
« Os guisados da velhice.  
Em velhas a gamenhice  
É mania sem-igual :  
Diz a sucia doctoral—  
Que d'uma velha a fineza  
É, como comida ingleza,  
« Não tem pimenta, nem sal.

---

**SONETO.**

---

Ja dous d'estes papeis se me tem dado  
E os meus pobres vintens lá vão ficando;  
E assim, sem o querer, não sei té quando  
Na *veia atgibeiral* serei sangrado!

Emvêz de ser do tempo indemnizado  
Que *leques com bandurra* andei tocando,  
Financeiras bicadas vou levando  
No mensal incertissimo ordenado!

Não bastava só ter dos *tres e meio*  
A lida de os lançar, em que me emprêgo;  
Mais esta *charidade* agora veio!

E dão-me tal papel!! Nem 'n elle pego—  
Vae lá p'ra quem te fêz, trapinho feio!  
Registo do demonio, eu te arrenego! (\*)

---

(\*) Vejam-se as notas no fim.

**Ao Exm. Sr. Senador Manoel Alves Branco, Visconde de Caravellas, quando Ministro da Fazenda, acontecendo demorar-se muito a sua authorisação para ser paga aos Empregados d'Alfandega a percentagem, cuja consignação se havia esgotado por causa da grande subida da renda—**

### RECURSO POÉTICO.

---

Era amovível; tornou-a  
 Vitalicia vossa mão:  
 Sabeis, Senhor, de quem fallo?  
*De Dona Prorrogação.*

Era vitalicia e certa  
*Jovén Dona Porcentagem;*  
 Vós amovível fizestel-a,  
 Dependendo de viagem.

Se augmentam do amo os lucros,  
 Tem luvas o bom caixeiro:  
 Si cresce a renda, o Empregado  
 Toma luvas sem dinheiro!

Nos honorarios vencidos  
 Soffremos agora embargo,

Quando mais arrecadâmos,  
Quando mais nos pésa o cargo.

Isto, Senhor, não tem modo,  
É por certo original;  
Do vosso bom Ministerio  
Quereis que se diga mal?

A vossa authorisação,  
Pedida por tantas vezes,  
Não é parte de mulheres,  
Que precise nove mezes.

Entretanto quasi cinco  
De—*vem, não vem*—já la vão!  
Acabae, Senhor, com isso,  
Com tal authorisação!

Por vós, pelo nosso Apollo,  
De quem honraes os provindos,  
Cahir não deixeis meus cobres  
Nos *taes exercicios findos!* (\*)

---

(\*) Vejam-se as notas no fim.

Aos Illms. Sars. Secretario e Officiaes da Secretaria do Governo d'esta  
 Provincia, por me não levarem feito da portaria, pela qual soube  
 deu-me o mesmo Governo, em 1847, licença  
 para tratar da minha saude.—

EPISTOLA.

---

Senhores—não merecia  
 Que tanta bondade achasse  
 Na vossa Secretaria,  
 Que a licença me mandasse  
 Com—*gratis*—na portaria.

Do Menezes, (\*) que é parente,  
 Eu o devia esperar;  
 Mas dos outros tal presente  
 Em tempos de pouco dar  
 Me admirou certamente!

Vós o fizestes, porém,  
 Só pela satisfação  
 De obrardes commigo bem:  
 Não faz assim a Nação,  
 Que não perdôa a ninguém.

(\*) O meu prezado primo e amigo o Snr. Manuel Ignacio de Souza Menezes, digno Official da mesma Secretaria.



Graças, Senhores, vos dar  
Venho, pois, por tal favor  
Que sempre me ha de lembrar :  
Si algum dia util vos fôr,  
Commigo podeis contar.

Praza ao Ceu que de Palácio  
Jamais guardeis descontentes  
Queixa em vosso cartapacio;  
Que todos os Presidentes  
Sejam como *Antonio Ignacio!* (\*)

E não *sujeito* de *veia*,  
Que ahi vos traga em perigos,  
E vos largue às cinco e meia;  
Hora que para os antigos  
Era quasi hora de ceia.

Certidões e provimentos  
Se passem a todo instante;  
Multiplicados augmentos  
Tenham d'agora em diante  
Os vossos emolumentos.

(\*) O Exm. Sr. Desembargador Antonio Ignacio de Azevêdo, natural d'esta provincia, e seu digno Presidente 'n aquella epocha.

Para que mais regalados  
Vivaes (e cedo o logreis!)  
Os dias de aposentados,  
De quem compete alcanceis  
Melhora nos ordenados. (\*)

Vossa prole, honrando os seus,  
Em saber e bons costumes  
Floresça, Senhores meus!  
De modas e de ciumes  
Por casa vos livre DEUS! (\*\*)

Estes os votos que fiz,  
Quando um de vós me entregou  
O papel que—*gratis*—diz:  
Aqui os assigno—e sou  
Vosso obrigado—Amiz.

---

(\*) Cumpriu o Ceu este meu voto ou desejo; e aproveito a occasiã de dar a Ss. Ss. os prollaças por esse conseguido melhoramento, que os ha de amparar de precisões na velhice &c. Outro tanto podesse eu ja dizer a meu respeito e dos meus pobres companheiros d'Alfandega! Deus se lembre egualmente de nós!

(\*\*) *Amen! Amen!*

A maravilhosa invenção chimica " del Professore Girólamo Pagliano, ..  
intitulada—" Siroppo di lunga vita, depurativo, rinfrescativo, etc. , ,

## PANEGYRICO.

OFFERECIDO A MEUS AMIGOS DRS. EM MEDICINA E PHARMACEUTICOS.

Parabens, irmãos ditosos!...  
*Girólamo Pagliano,*  
Professor maior que a sorte,  
Vem da doença, da morte  
Salvar o genero humano!!!

*Seu antácido britânico*  
*Siroppo di lunga vita,*  
*Depurativo,*  
*Rinfrescativo,*  
Tem a virtude infinita  
De conservar sempre vivo,  
E sadio,  
Por graça de quem o fez,  
A quem o tomar a fio  
Dous dias em cada mez!!!

É em Genova o depósito  
D'essa droga divinal,  
Qu'ha de pôr tudo immortal;  
Dom, que não confiou DEUS  
Nem dos Apostolos seus!  
Oh! isto maravilhado  
Deixa um christão, e banhado  
De prazer  
Da cabeça até os pés!  
Tal nunca se pensou ver;  
Que nem teve esse poder  
A vara do bom Moysés!

E do xarope, que livra  
Até de morte macaca,  
Foi minutado n'alfandega  
Cada vidro por pataca!

Que barata medicina!  
Que panacéa divina!  
Boticarios, aprendei-a,  
Preparai-a, e vendei-a;  
Que do *milagroso mixto*,  
Ainda por um vintem,  
Cada vidro muito além  
Vos levará da riqueza,

Dos thesouros, da grandeza  
De Créso, e de Monte-Christo!

Chega, minha gente, chega;  
Qu' o remedio é singular,  
E, como cousa que é rara,  
Pode logo se acabar !

Comprem todos, os vidrinhos  
Qu' encerram tamanhos bens;  
Nem gastem mais em bentinhos  
As velhas os seus vintens.

Annéis, medidas de Santos  
Da popular devoção,  
Tudo, tudo é bagatella,  
Para curas tudo é vão.

Da cruel *febre amarella*,  
E d' outras epidemias,  
Gemidas todos os dias,  
Só pode curar a gente  
O elixir soberano,  
O xarope omnipotente  
Do *professor Pagliano*.

## EXERCÍCIOS POÉTICOS.

Nervosos, (\*)  
 Gotosos,  
 Leprosos,  
 Gosmentos,  
 Pannentos,  
*Biquentos*, (\*\*)  
 Ictericos,  
 Hystericos,  
 Rheumaticos,  
 Astmaticos,  
 E constipados,  
 Envenenados,  
 E gangrenados,  
 E paralyticos,  
 E syphiliticos,  
 E tambem hecticos,  
 E epilepticos  
 E diabeticos,  
 E apoplecticos,  
 E mais doentes,  
 D'erysipellas,  
 D'hydropesias,  
 E padecentes

(\*) É justo que comece por mim.

(\*\*) *Biqueiro* ou *biquento* chama-se familiarmente entre nós a quem faz bico á comida, por muito fastio etc.

De diarrhéas  
D'hemorrhagias,  
E contusões, e feridas,  
E quebraduras calidas,  
Todos rendam graças mil  
Ao inventor do xarope,  
Por dar a seus males fim;  
E os de cá do Brasil  
De mimo mandem-lhe um tope  
Mui bonito d'alccrim;  
Bem qu' o vulgo maldizente  
Diga que o doctôr somente  
Um merece de capim.

Ao thaumaturgo d'Italia  
Curvem-se a Germania, a Gallia,  
A Britania, e mais nações,  
Que de tantos doctorões  
Qu'hão produzido, não tem  
Um só, que possa chegar  
Nem ainda ao calcanhar  
Illustre do sobrehumano  
*Professore Pagliano!*

Por todo o mundo a galope  
A Fama cõrra, o xarope  
Portentoso apregoando:

E os allopathas,  
Hydrosudopathas  
E homœopathas  
Se vão encovando  
Sem mais receitar :  
E si algum d'elles dinheiro  
Quizer ainda ganhar,  
Trate de se associar  
Ao meu *heróe xaropeiro*.

Quando o brado propagou-se  
Do xarope italiano,  
A Parca, vendo o seu damno,  
Ao meio partiu a fouce !  
« Oh que xarope maldito ! »  
Clamou raivoso o Cocyto,  
Que 'n elle—a seu gran' pezar—  
O inimigo enxergava,  
Que certoiro lhe tirava  
Almas, em que se cevar.

És o rei dos professores,  
Meu *Girólamo profundo*;  
O maior dos inventores  
Do velho e do novo mundo!



*Tonsura depurativa*  
 Dizem que careces tu;  
 E, pôsto esse crâneo nú,  
 Caixa de tantos dislates,  
*Ires de rinfrescativa*  
 Para a casa dos orates.

Estupidez, ou inveja  
 É isso de quem o diz;  
 Pois vasto juizo albergas  
 'N essa cabeça feliz.

Embora impostor te chamem,  
 Feiticeiro e charlatão,  
 E preguem que merecias,  
 Si indá houvesse inquisição,  
 Ser 'n uma fogueira assado  
 Sem a menor compaixão—  
 Não dês cavaco, meu charo,  
 E continúa a vender  
 Teu xarópe, qu'assegura  
 Um sempiterno viver.

Na tua Italia ha só hoje  
*Reis e pádres* que temer;  
 De veneno e de doenças  
 Ninguém mais ha de morrer :

E teu nome, *Pagliano*,  
Nos vidrinhos estampado  
Do xarope venerado  
Como bebida *angelorum*,  
*Per secula seculorum*  
Glorificado ha de ser.

FIM DO SEGUNDO VOLUME.



## AGRADECIMENTO, E REPARO.

---

A' *Revista da Instrucção Publica*, ao *Protesto*, e ao Sr. J. A. Teixeira, correspondente do *Correio Mercantil da Bahia*, agradeço os generosos escriptos com que espontaneamente me obsequiaram, tractando do 1.º volume dos meus *Exercícios Poeticos*. A *Revista* disse em meu louvor muito mais do que eu merecia. O *Protesto*, sobre haver-me ja feito o mesmo favor, acompanhou ao Sr. Teixeira na minha defêsa contra o apaixonado e mesquinho juizo do *pretendido aristarcho* do *Correio Mercantil* do Rio de Janeiro acêrca do dito meu 1.º volume. Recebam, pois, os muito illustres escriptores dos dous periodicos bahianos, e o illustrado correspondente do terceiro, por tão grande obsequio e honra, este público testemunho do meu indelevel agradecimento, que tambem dirijo ao digno auctor da correspondencia d'esta provincia com o *Diario de Pernambuco*, pela benignissima recommendação que pará ali fêz dos meus versos.

Ao Illm. Sr. Dr. Antonio de Jesus e Sousa peço desculpa da involuntaria falta em que a seu respeito incorri, deixando de contemplar na menção, que fiz no meu prologo, das obras impressas dos modernos conterrâneos poetas o bello livrinho de S. S., intitulado—*Endêchas de um Trovador*,—o qual é sem duvida uma das perolas da nossa litteratura nascente. Reparando aqui essa falta que muito senti, espero que m'a releve o distincto Collega, e aceite os sinceros protestos da minha perfeita estima e consideração.

---



# NOTAS.

---

*Do Irmão Joaquim*

*Do illustre João de Mattos*—pag. 36.

Os dous varões mais notaveis em piedade, que teve a Bahia, em cuja historia hão de ser sempre immortaes os seus nomes.

O primeiro, Joaquim Francisco do Livramento, natural da provincia de Santa Catharina, conhecido geralmente 'n esta cidade por *Irmão Joaquim*, dedicou-se dêsde 1799 a recoher em sua casa meninos orphãos desamparados, os quaes mantinha e educava com o producto das esmolas, que com elles andava tirando por esta capital e seus mais visinhos contornos. É digna de mencionar-se a ingenuissima quadri-nha, que 'n esse acto cantava o piedoso catharinense pelas ruas com os seus queridos filhos adoptivos.—Ei-la.

Quem tem carneiro tem lan;  
Quem tem pórco, tem presunto;  
Quem tem manauès, me venda  
Por alma de seu defunto.

A fama de suas virtudes induziu o Governador Francisco da Cunha e Menezes a nomeá-lo administrador da Capella de S. José de *Riba-mar*, ou dos *Bem-casados*, fundada por Domingos do Rosario Lopes, por volta do anno de 1725. 'N esta administração houve-se o *Irmão Joaquim* de um modo superior a todo elogio, hem diversamente do seu predecessor, um tal Manuel Joaquim dos Santos Ribeiro, que, depois de consumir em proveito do individuo os diminutos rendimentos da Capella, renunciou sua administração, deixando-a arruinada. A crer-se na metempsychose, quantos corpos não tem passado a animar e vivificar até hoje a alma do administrador Santos Ribeiro, e quam raros a do *Irmão Joaquim*!

Não abandonou este nunca a sua gloriosa missão, antes com o mais sancto fervor a desempenhava cadavéz mais.

Em commemoração dos relevantes serviços prestados á humanidade por tão illustre Brasileiro (o qual consta que sanctamente fallecêra no Rio de Janeiro) foi pelo Conde de Palma denominada—*Seminario de S. Joaquim*—a respectiva casa do Noviciado, para onde, por falta de commodos da referida Capella, se passaram os Orphãos da mesma, em virtude da Carta Regia de 28 de Julho de 1817, que assim o mandou a pedido do mesmo Conde, a quem bastante conviria ao paiz que imitassem a certos respeitos alguns *constitucionaes* Presidentes de hoje.

Foi o segundo e mais antigo dos piedosos Varões, a que me reporto, o celebre João de Mattos de Aguiar, natural de Braga, e mais vulgarmente conhecido 'n esta cidade por *João de Mattinhos*, o qual, fallecendo em 1700, deixou a importante fortuna que possuia (toda ganha aqui, e devida ao seu trabalho e apertado modo de viver) para com ella instituir-se o Recolhimento annexo á Sancta Casa da Misericordia, de que era irmão; obra começada depois, em virtude da licença concedida pela Carta Regia de 21 de Março de 1702, reinando D. Pedro 2.<sup>o</sup> de Portugal, e governando esta provincia D. João de Lencastro, e concluida em 1716 a esforços do 3.<sup>o</sup> Vice-Rei Pedro Antonio de Noronha, Marquêz de Angeja, que para aqui veio em 1714. Além do grande cabedal destinado para a fundação d'esse pio estabelecimento, deixou o humanissimo Portuguez mais uma somma para ser applicada a esmolas distribuidas com os pobres, curados no hospital da mesma Sancta Casa, quando d'elle sahisses, a fim de mais facilmente, restabelecida a saúde, se restabelecerem tambem no seu modo de vida com aquelle philantropico auxilio. Não é commento tradicional, mäs sim uma pura verdade historica, que para beneficiar a humanidade desvalida, e sobretudo executar o benéfico intento da referida instituição, sacrificava João de Mattos os seus proprios commodos, comendo até e vestindo com parcimonia elevada ao ultimo grau, que 'n elle,

por excepção de regra, era virtude, e não avarézal! Que contraste da maior parte dos ricos de hoje!

No numero dos bemfeitores da humanidade, aos quaes me refiro a pag. 37, vão tacitamente incluídos dous, que merecem expressa commemoração; a saber: o nosso distincto Conego Lino, o qual, excedendo a João de Mattos nas excessivas economias, deixou, por sua morte, quanto possuía, á Misericordia: e o nosso muito illustre patricio, o Commendador Pedro Rodrigues Bandeira, que legou avultadas sommas á mesma Misericordia, e ao Collegio dos Orphãos. Deus tenha a todos na sua Sancta Gloria, enriquecidos com os premios eternos, que tão poucos cuidam, como cuidaram elles, em grangear!

Por condescendencia para com alguns amigos aqui transcrevo a carta, que dirigi ao muito illustrado e distincto, Rev. Sr. Padre Mestre e Pregador João Quirino Gomes, por occasião de lhe offerecer a minha pobre Ode, que acabei de anotar.

Como um modelo d'estylo epistolar, como um documento da capacidade litteraria de S. S. Rvm., posto que já bem provada no parlamento e no pulpito, quiz transcrever tambem a sua brilhante resposta; mas a isso decididamente se oppóz a rara modestia do Sacerdote exemplar, que para completar em si o transumpto do grande Padre Antonio Vieira, de quem já era imitador na tribuna sagrada, rejeitou, ha pouco, o Bispado do Ceará, como rejeitára aquelle astro da Igreja o que lhe fóra offerecido por D. João 4.º (que o queria ter a seu lado) com o intuito de o distrahir das arriscadas missões evangelicas d'esta provincia, para onde pretendia voltar.

E' ja do Ceu um'alma assim afeita  
A desdenhar os bens do vulgo rude:  
Quem a mitra off'recida assim rejeita  
Ganha eterna a tiára da virtude:

É, relativamente ao Sr. Quirino Gomes, quanto posso dizer de uma acção, em que transluz a mais consum-

mada philosophia, o mais cabal despêgo das grandezas e glórias do mundo; acção que até pela sua singularidade entre nós excede a toda eloquencia da palavra. E, pois não é dado, pelo menos a mim, o commemorá-la dignamente, venerarei toda a minha vida em silencio o excelso procedimento do eximio Clerigo bahiano, que tanto honra á sua classe e á sua terra—talvêz escassas em apreciá-lo como merece!

Tornando á resposta de S. S. Rvm.ª, a quem cumpria-me obedecer, aqui vae desacompanhada d'essa honra, e triste, a minha humilde carta de offerecimento.

*Illm. e Revm.ª Sr. Padre Mestre João Quirino Gomes—*

Ahi a menina, sobre a qual fallei a V. S. Revma. para a apadrinhar. Si intender que lhe não assenta bem o nome, que primeiro me occorreu pôr-lhe á hora de vir á luz, troque-o pelo que mais lhe aprouvêr; que sempre tiveram essa prerogativa os padrinhos, principalmente aquelles, que, como V. S. Revma., merecem dos paes das creanças maior deferencia e respeito. Ora não sou eu, como alguns, que dos filhos—

Por mais feios que sejam, se namoram,  
E brigam co'os amigos, co'os visinhos,  
Si não dizem que são mui bonitiphos—

O que supposto, póde V. S. Revma., sem o mais leve recêio de offender-me, dar-me com toda franqueza seu abalísado parecer acêrca da sua pobre afillhada, a qual, tendo, além do mais, contra si—

As feições, os ademães,  
O traçar á portugueza,  
'N um tempo, em que poucos gostam  
Do que não é á franceza—

só escudada com a graça e benção de V. S. Revma., segura apparecerá aos olhos do publico, impondo silencio aos ridôres.



o maldizentes, e recebendo o afago e a estima dos mais. E, pois ao nosso theatro tenciono levá-la na noite do beneficio dos orphãos, por amor de quem lhe dei ser, diga-me outrossim V. S. Revma.—

Si lhe vê talhe,  
Gésto, e bom ar,  
Que 'n um theatro  
Possa agradar,  
E a quem gerou-a  
Não deshonrar:

sim, diga-me— e corram por sua conta os destinos da minha recém-nascida, sobre os quaes nada obrarei sem approvação de V. S. Revma., a quem para padrinho seu tão justamente escolhi, ja pelo valioso abono que d'ahi lhe provinha, ja pela grande estima e consideração com que me prézo de ser—

De V. S. Revma.

Amigo muito venerador obrigado e criado—

*Francisco Moniz Barrétto.*

S. C. 28 de maio de 1843.

*A' uma trança de cabellos etc.—pag. 50.*

Avaliem o sacrificio que faz um fiel de Deus em dizer (e com intimação de dizê-lo bem) o que não sente, ou o contrario do que sente, para servir ao seu próximo, como eu servi no aviamento d'esta e de outras encommendas do mesmo genero. Não lhe basta ao desaventurado, pela sua má sina de verzejador, dar-se algumas vczes a pérros, si não está bem inspirado, para agradar a quem o ouve ou lê, quando por sua conta versêja; há de tambem, por conta dos outros,

vêr-se 'n esses assados, e sobretudo no risco de descontertar aos *encommendants*, e ao depois aos leitores, si não desempenha bem a tarefa, como talvez me aconteça com esta e outras obrinhas encommendadas, sem attenderem os mesmos leitores á difficuldade que 'n isso vae, reconhecida e confessada pelo proprio *Filinto Elysio*, quando disse:—

Tenho teiró com *obras d'encommenda*.  
Eu nunca as fiz, qu'enchessem-me as medidas.

*Cayrú no saber etc.*—pag. 59.

No seu consummado saber foi sem duvida o Senador José da Silva Lisboa, Visconde de Cayrú, a maior gloria da Bahia, sua terra natal. As importantes obras que escreveu, os seus luminosos discursos no Senado, bemque não fosse propriamente orador, grangearam-lhé a admiração e o respeito da mesma Europa, onde é, não só conhecido, mas citado como jurisconsulto e publicista o illustre sabio brasileiro.

. . . . . *O mór orgulho*  
*Da tua Nictheroy, hoje, é teu nome.*—pag. 60.

E, apezar d'isto, nunca se lembrou o nosso Governo de dar ao primeiro genio do Brasil, ao artista admirado, e reconhecido pelos estrangeiros illustres como um dos maiores do mundo, uma d'essas condecorações, aliás baratadas todos os dias para com muitos! Entretanto, por um simples acto de beneficencia a favor dos subditos portuguezes no Rio de Janciro, foi o Sr. João Caetano dos Santos condecorado com a commenda da Ordem de Christo pelo Governo de Portugal! Maior honra para os Ministros da Virtuosa Sra. D. MARIA II, que assim deram um reverendo quinau aos de seu angustissimo Irmão! Maior gloria para o insigne Actor brasileiro, que assim viu-

se vingado do desrespeito orgulhoso ou estúpido do Governo do seu malfadado paiz! Receba elle os meus cordiaes parabens, reservados muito de proposito para este logar.

*E todo ha de rehavê-lo,  
E perdê-lo*

*Tão cedo não ha de mais etc.—pag. 115.*

Em menos de dous mezes verificou-se este meu vaticinio. A illustre Senhora, a quem me refiro, despertando de um sonho, em que pareceu-lhe andar sem apóio, possuida d'essa idéa energica, levantou-se da cama, e assim o executou, e continúa a executar até o presente!

A molêta, que foi objecto d'esta minha trova humilissima, cujo merecimento está só talvez na feliz realisação do prognostico, é hoje uma das oblações que cobrem os altares da igreja do SENHOR DO BOMFIM, onde foi depositá-la, em romaria devota, a restabelecida donzella.

*Da Europa famoso escól,—pag. 123.*

Houve quem reprovasse o uso que fiz do termo —*escól*— por obsolêto, sem attender a que na poesia, principalmente rimada, foi sempre permittido o emprêgo de palavras antigas, todavêz que 'n elle nos havemos com moderação, e o exigem a idéa, o consoante e o metro, como exigiam ahí no meu caso. Veio logo, porém, em meu favor o exemplo de pessoa bem competente, o qual me serviu de defêsa contra o supposto archaismo. O meu prezado collega e amigo, o Sr. João Gualberto de Passos, cuja illustração é notoria, na sua bella glosa a essa mesma quadra glosada por mim, usou não só uma, más duas vezes, do vocabulo—*prol*—tambem antiquado; dizendo na 1.<sup>a</sup> decima—« Levanta em *prol* da Turquia » e na 3.<sup>a</sup> — « Porfia de tanto *prol*. » Julgo sufficiente

este exemplo para responder a quem quer que me censurou por não saber distinguir o que é uso permitido do que é propriamente archaismo condemnado.

*Os qu' outro desfêcho visam*—pag. 123.

Duvidaram alguns do portuguezismo, ou da pureza do verbo *visar*, (ahi empregado por mim) querendo que viesse do francêz—*viser*,—quando, ao contrario, parece ter sido derivado do substantivo portuguez—*visão*—*acto de ver; imaginação de que se vê alguma cousa etc.*—para bem exprimir a idéa de *ver por illusão, por engano, por preocupação etc.*, dando como realisavel ou certo o objecto visto. N esta accepção, em que certamente não pode ser supprido, como intendem alguns, pelo verbo *collimar*, que significa—*pôr a mira em alguma cousa, apontar, acertar, ferir o alvo*,—foi por mim usado, a exemplo de outros, o verbo *visar*, que parece se dever adoptar, embora o não tragam Moraes e Constancio, como não trazem outras palavras, que todavia se usam.

O verbo—*antolhar-se*,—que talvez me lembrem os grammaticos (a quem peço desculpa, si porventura estiver em erro) esse, que no sentido de *affigurar-se, representar-se á imaginação etc.*, seria o mais proprio, não satisfaz contudo á idéa de—*ver as cousas com aquella disposição antecipada de animo, que no-las representa succedidas ou succediveis segundo a nossa vontade, que foi o que eu quiz exprimir com o verbo visar.*

O Sr. D. Fr. Francisco de S. Luis não o aponta como gallicismo no seu *Glossario*, onde aliás o que diz acerca do verbo *ambicionar* (o qual, apezár de lhe parecer tomado immediatamente do francêz—*ambitioner*, julga-o elle de boa origem, conforme com a analogia, e necessario para evitar circumloquio) pode bem applicar-se ao verbo *visar*, que está nas mesmas circumstancias d'aquelle, para ser legitimada a sua adopção.

*Na cantiga de minh'ama  
A ti a benção tomava.—pag. 127.*

É bem sabida de todos esta cantiga dos meninos na minha terra, e cuido que em outras do Brasil:—

*A benção, minha madrinha—  
ou  
A benção, dindinha!  
Dá-me pão e farinha etc.—*

que eu muitas vezes cantarolei, e ouvi cantarolar com um prazer e fervor de crença indizíveis.

*Apresentar-te nos braços  
As creanças que nasciam—pag. 127.*

Ninguém ignora também esse uso, ou devoção popular, seguida por muito tempo aqui, e talvez ainda hoje em alguns logares de fóra, — de levarem as parteiras, ou as comadres velhas das casas os recém-nascidos para apresentá-los á lua, e recommendá-los á protecção d'esse astro benéfico:

*Da cabra-cega, da saia  
Tu me lembras os brinquédos,  
Os meus cavallos de frecha—pag. 127.*

São igualmente bem conhecidos todos esses divertimentos pueris, assim na Bahia, como nas mais provincias brasileiras. E—na verdade—quem ha ahi, que, por mais grave, circumspecto e elevado que seja, não se lembre d'elles por experiencia propria? Qual é entre nós o Ministro, e Conselheiro d'Estado, o Senador, o Deputado, o Desembargador, o Bispo, o General, o Capitalista, o Titular etc., que, em menino, não

brincasse a *cabra-cega* e a *saia*, principalmente em noites de luar, e não tivesse o seu *cavallinho de frecha* para correr pelo campo, e ainda pelas ruas, e por dentro das casas?

*Neste livro que te offerto—pag. 134.*

Um *album*, de que fiz presente á Exma. Noiva, e no qual foi escripta a canção epithalamica, que ahí publiquei para completar o meu tributo de amizade, consideração e reconhecimento á dita Sra., a seu pae, o illustrado e distincto Sr. Antonio de Sousa Vieira, um dos ornamentos da nossa terra natal, e a toda sua apreciabilissima familia, a quem muito devo. O acolhimento que teve essa minha canção das pessoas, a quem diz ella respeito, o que ha de ter no Rio de Janeiro, quando fór lida pelo meu prezado patricio e amigo, o circumspecto e honrado Sr. Commendador Manuel José de Albuquerque, digno tio da desposada, é mais que sufficiente para consolar-me de qualquer nova satyra, que por la me atire a *Redacção do Correio Mercantil*, e aqui reproduza a da *Epocha*. Para esses *escrupulosos* censores serão sem duvida os meus—*Recentes*—mais um sacrificio ás minhas affeições, mais um sacrificio á verdade. *Gato ruivo do que usa cuida*. Por alma lhes preste.

*Viva o dia de Agosto, amigos!—Viva!—pag. 154.*

Produziu este dithyrambo, ou cousa que valha, maior effeito do que eu esperava. Nos tres seguintes annos, sempre que se renovava o festim natalicio que o inspirára, exigiam os amigos de mim a sua repetição. O que seria, si elle fosse melhor! A lembrança d'este resultado faz-me recordar d'aquella bellissima nota de *Filinto*—« Dizem que os dithyrambos são lyricas de bebados: oxalá que os nossos bebados nos dessem lyricas d'esta laia! » A eschola moderna sub-

stituiu, porém, esse bello genero de poesia, que 'n uma mēsa tanto enthusiasma e alegre o espirito, por canções as mais das vezes *descabelladas* e *plusquam romanticas*, como lhes chamou o Visconde de Almeida Garrétt, e a que os circumstantes chamam *massadas* ou pelos estirados e fastidiosos discursos, que de ordinario precedem aos brindes, e obrigam um pobre filho de Adão a estar de pé e a sécco meia hora e mais, só para o fim de mostrar quem os faz o seu *talento oratorio, digno de ser aproveitado em alguma Assembléa!* Esses discursos quasi sempre suscitam discussões, em as quaes cadaúm quer dar provas da sua *facundia*, e com ellas encerra-se a sessão do *dessér* (como diz a maior parte dos taes oradores *portuguezes!*) sem proveito algum da cabeça e do coração, antes em prejuizo do estomago, que é com razão para muitos o maior prejuizo. A varios padecentes d'esse orgão prejudicado tenho eu ouvido arrenegarem d'essa modernice insípida, com a qual no seu intender só lucra o dono da casa, que fica com os assados e doces intactos para o seguinte dia, e ainda para o terceiro. O Romantismo *descabellado* que lhes responda: eu sou suspeito, e só peço venia para o meu dithyrambo.

*Ao dia dos meus annos—pag. 157.*

O meu prezadissimo e especial amigo, o Sr. João José Ribeiro dos Santos, convidando-me, quando estivemos no Rio de Janeiro, para jantar em sua casa no dia 10 de Março de 1833, anniversario do meu nascimento, impôz-me a obrigação de recitar á mēsa uma trova aos meus annos. Obedeci; e quasi d'improviso fiz essa, talvez insípida, versalhada que ahí se vê. Agradou tanto ella a todas as pessôas da familia do meu generoso amigo e da sua e nossa amizade (que por maior obsequio reuniu elle no grande jantar com que me brindou) que, lembrado ainda com satisfação d'esse feliz successo, que na verdade excedeu muito á minha esperança,

não se me dá que hoje desagrada a sua leitura a todos os *Almeidas*, a toda *imprensa periodica e romantica* d'estes degenerados tempos.

A razão d'esta indifferença la está no meu prologo: leiam-no, e não convertam tambem em objecto de critica litteraria o que é puramente materia de opinião.

*É preciso mamar, para alcançá-la,  
Nas tétas de politica armadilha,  
Engôdô da cubiça, ou da fraquêza!—pag. 159.*

Deve estar na lembrança de muitos a denominação de *mamados*, que por algum tempo se applicou no Rio de Janeiro a certa gente dos partidos politicos, que, sem industria ou de boa fé, corria de prompto a alistar-se nas bandeiras de quem falsamente lhe acenava com a *terra da promissão*; terra que até hoje não foi conquistada, mas que o ha de ser infallivelmente, quando o quizer AQUELLE, que a prometteu e deu aos Israelitas—o que não está muito longe.

*Francezas contradanças já cansadas—pag. 162.*

Um dos peccados, contra o meu proximo, de que mais me tenho arrependido até hoje, foi esse de maldizer das *contradanças eternas* no soneto anterior ao meu *arrependimento* que felizmente salvou-me. Fui pelas minhas amabilissimas patricias perdoado do meu delicto, e até esta data, como bom penitente, não offendi jamais nem de leve o *sagrado objecto da sua primeira devoção social*. E si não fosse a minha completa inaptidão para danças (a idade não, porque outros, muito mais velhos do que eu, ahi dançam todos os dias) ter-me-ia tornado a maior notabilidade dançatriz d'este mundo. Mas, sempre que vou á partida, ou a baile, cumpro fielmente o que prometti no remate do meu—*Arrependimento sincero*,—



que ahí vae receber para mim a ultima benção de absolvição de todas aquellas, por cujos piedosos olhos fôr lido.

*Amigo, que d'esperar  
Deve, qual sua Intendencia,  
Ter perdido a paciencia—pag. 177.*

E tê-la-ia perdido de certo com a demora do cumprimento da promessa, que por vezes lhe fiz, de ir com elle jantar, si fosse da laia d'esses que se formalisam e enfadam com quem não satisfaz pontual a semelhantes promessas, embora allegue em sua desculpa as mais justas razões.

É que ha gente, que, sobre ser enfatuada e agastadiça, entende que prodigalisa um grande favor, uma grande honra, principalmente á pessoa que não é abastada, em convidá-la para comer em sua casa, quando ao contrario o obsequio é de quem la vae, incommodando-se muitas vezes com isso como bem pensava o meu illustre amigo, e pensam outros muitas da sua discrição e delicadeza.

*Rogue a Deus pelas venturas  
Do Chefe de Divisão—pag. 183.*

Pouco duraram essas venturas na terra! Alguns mezes depois d'esse dia, um dos melhores que tenho passado com amigos, falleceu quasi de repente de uma forte congestão cerebral o Chefe de Divisão Francisco Bibiano de Castro!.. Por cumulo de dôr estava eu docente, quando este inesperado e triste acontecimento se deu, e não pude prestar-lhe os ultimos officios de cordial e reconhecida amizade! A Bahia, que quasi inteira justamente deplorou sua morte, ainda hoje tributa saudosa homenagem ao distincto Fluminense, que com os seus excellentes predicados de homem e cidadão honrava em toda parte á sua terra natal. As venturas que lhe eu ainda

agoirava na terra, foi-as elle completar e fruir para sempre no Ceu. Sirva esta religiosa certeza de consolação á sua apreciavel familia, e aos seus numerosos amigos.

*O safado trovista de batuque—pag. 184.*

Pela sua estupidéz atrevida, que não pela sua eôr, foi, a pedido de alguns amigos, zurzido por mim 'n esta trova o poetastrô a quem se ella refere. Fizesse elle bons versos, que por certo havia eu applaudi-lo de toda minh'alma, como applaudo os meus patricios crioulos, notaveis pelos seus talentos com espeçialidade na cultura das artes. Por exemplo—o nosso habil artista João Bispo da Egréja, vale muito mais para mim, tocando o seu excellentè *piston*, que o mais niveo e rubieúndo dos nossos cavalheiros de bailes, dançando a walsa pulada etc. etc.

*Mercá-la por aberêm—pag. 191.*

Bôlo redondo de massa feita de milho ou arrôz meio-azêdo e assucar, de consistencia mais dura que a do *acaçá*, envolvido em muitas camadas de folhas sêças de bananeira (com as quaes se cozinha) cuja fabricação e vendagem é muito antiga e usual entre nós, o qual, sendo ás vezes exteriormente do tamanho de uma laranja pequena da China, tiradas as taes camadas que o forram, reduz-se ao de uma mangaba. *La vae aberêm; ahi vem aberêm;*—tenho eu ouvido com estes ouvidos dizerem os murmuradores, quando passam, ou se aproximam senhóras com os seus *enchimentos de panno*; e é isso o que muito me dóe a mim, que sou sincero amigo e entusiasta de todas ellas, como ja ahi mostrei nas minhas canções.

*Figuram-me novos Midas*—pag. 193.

Veja-se o *Diccionario da Fabula*, que (no meu humilde entender) usado discretamente, ha de sempre servir para certos assumptos. Quanta moralidade não tem o que succedeu ao *Rei Midas* pela sua hydropcsia de oiro! Igual hydropesia de mando, de riqueza etc. ataca por ahi todos os dias as alminhas de muitos, sobretudo as de alguns dos nossos optimates e poderosos, em prejuizo do pobre povo e da sociedade, que, sem duvida, soffrem mais com essa enfermidade moral, para a qual não ha medicina, que com quanta *febre amarella*, com quanto *cholera-morbus* arremessa (em vão!!!) a ira de Deus para escarmento da loucura e impiedade dos homens.

*Da frota o segundo cabo*

*Lia o Libello do Povo*—

*Lia o piloto mais novo*

*A Escapula do Diabo*—pag. 195.

Que desacato! Entreterem-se esses dous badamécos do reino de crystal, n uma viagem cm sentido governista, e ás barbas de seus superiores, com a leitura de similhantes *heresias d'endiabrada* opposição! E não temiam os mal-aventurados que os apanhasse em tál sacrilegio algum ministro, ou delegado de S. M. Cerúlea, e lhes assentasse com o *poder discrecionario*, que por la tambem ha de haver, demittindo a um da commandancia, e a outro d'ilotagem?! Fortes *vermelhos!!!*

*Uma c'róa ao Montezuma*

*La tecem de frêscas rosas*

*Do Prata as filhas garbosas*—pag. 220.

Por se haver verificado o prognostico de S. Ex. em um dos seus luminosos discursos no Senado acérca da alliança do

Governo do Brasil com Urquiza contra o Dictador Rosas. Para uma nota basta de explicação: quem a quizer mais circumstanciada, procure os jornaes d'essa epocha, e veja a seu gosto. O que só em conclusão direi, é—que o Sr. Montezuma, hoje Visconde de Gequitinhonha, ganhou a partida; más de balde, porque ja tinha sido levantado o bólo, que perdeu a Nação.

*Homem de catana nua,*  
*Benemerito Empregado—pag. 236.*

O meu companheiro de Repartição, o Sr. Major A. da C. C., então Commandante de um dos Batalhões da Guarda Nacional, a quem ouvi o agouro que vae referido, e que bem poderá ainda verificar-se, como logo se verificou o meu vaticinio da 7.ª estróphe a respeito dos dias sanctos de guarda e dos domingos, abrindo-se 'n estes a Alfandega para dar descarga aos *Soberanos Vapores Inglezes*, e sendo a maior parte d'aquelles des-santificados em bem do Commercio, que tem dinheiro para conseguir o que quer. Consta-me que alguns dos nossos proprietarios não tem querido aproveitar-se *d'esse favor*, e diminuir a seus pobres escravos os dias que tinham para em uns descansár, e 'n outros trabalhar para si. Si assim é, Deus os abençõe e prospere por essa bem-entendida humanidade, para a qual não olhou o *Poder des-santificador* relativamente ao Brasil!

*Resplandega como a calva*  
*Do nosso amigo Pestana—pag. 240.*

Digo muito seriamente que ha calvas que assentam muito melhor nos descabellados, do que em algumas cabecinhas machas certos cabellos e penteados mulhercngos da moda. Da ordem d'essas calvas são as dos meus amigos, os Srs. Joa-

quim Pereira Pestana, Antonio de Sousa Vieira, e outros, que, ao menos para mim, ainda mais insinuantes e respeitáveis se tornam com ellas, que, ainda 'n aquelles a quem realmente desfêam, só podem ser ridicularisadas por nescios, que riem-se do que é natural, devendo antes escarnecer do que é artificial ou postiço.

*Ja dous d'estes papeis se me tem dado—pag. 243.*

Os taes bilhêtes ou recibos da *contribuição extraordinaria sobre os vencimentos, lançada pelo artigo 23 da Lei de 21 de Outubro de 1843*; contribuição que ainda paguei algumas vezes depois que fui restituído ao meu emprêgo d'Alfandega, onde no verso dos *sobreditos cujos bilhêtes* escrevi por desabafo esse esturdio sonêto.

*Que leques com bandurra andei tocando—pag. 243.*

*Tocar leques com bandurra* — dictado muito vulgar na Bahia para exprimir a situação de quem vive sem ter em que se empregue, e ganhe o necessario para passar, como eu vivi por mais de tres annos que estive demittido do meu logar de funcionario—graças á má... constituição physica que a natureza me deu; peiorada pelos serviços e soffrimentos das campanhas da Independencia e primeira do Sul! Louvado seja Deus, que permite que até da doença se faça um delicto para purificação das almas 'n este mundo de baixo!

*Não bastava só ter dos tres e meio—pag. 243.*

A armazenagem addicional; impôsto, que com os mais eram por mim lançados no livro de receita d'Alfandega, e do qual não tinham então porcentagem os Empregados da mesma.

*Recurso poetico*—pag. 244.

Por chegar a authorisação para pagamento da porcentagem referida, ao tempo que havia eu rabiçado esta trova, deixou ella de ser enviada ao nosso extmo. litterato e poeta, hoje digno Visconde de Caravellas; o que não obstante, pediram-me alguns amigos—não sei porque—a sua publicação. Com elles, pois, se avenham os leitores, que não gostarem de mais essa sem-saboria poetica.

---

Estava ja escripta esta nota, quando veio contristar-nos a todos a funesta noticia do fallecimento do grande homem, a quem 'n ella refiro-me. O Sr. Visconde de Caravellas... não—o Sr. Manuel Alves Branco, que é o seu nome de gloria, deixou de existir! É mais um Visconde litterato e poeta cá do Brasil, que em menos de oito mezes vae fazer companhia na Eternidade ao Collega de Portugal! A Poesia e a Litteratura nacional perdéram no illustre Bahiano o seu mestre; a Liberdade e o Dous de Julho o seu mais distincto Cantor. O Brasil perdeu mais; perdeu a sua maior cabeça, um dos seus mais insignes e benemeritos filhos. Quem lhe succederá no Senado?... A cadeira ha de ser preenchida: a capacidade do individuo—não. Ha perdas que se reparam no mesmo dia; outras que nem no mesmo seculo são reparaveis. A, que pranteamos, é por certo d'essa ultima ordem. A mim só cabe profundamente senti-la: descreve-la—não sei a quem caberá. Só pennas, como era a do Sr. Alves Branco, podem bem expressar o que foi para o paiz sua vida, o que é para nós sua morte.

---

*De Dona Prorogação*—pag. 244.

Alludo a mais uma hora de trabalho diario, com que S. Ex. presenteou os Empregados de Fazenda, que até esse tempo só a tinham por *prorogação*, quando o exigia o expediente. Confesso que muito me agastei ao principio com o nobre filho de Apollo, por assim tirar diariamente a seus pobres irmãos das Estações de Fazenda uma hora, que melhor empregariam elles no serviço das Musas, tão prejudicado ja pelas *cifras*, inimigas-capitães da imaginação e da poesia.

*Dependente de viagem*—pag. 244.

Sabem todos, e ainda mais os Empregados da nossa Alfandega por dolorosa experiencia propria, o que tem algumas vezes succedido com a *porcentagem*, quando infelizmente se exhaure, pelo augmento não previsto da renda, a quantia para ella consignada. De idas e vindas de vapores, com representações de cá, authorisações de lá etc., segundo os *escrupulosos e calculados principios do systema centralizador*, ahi tem ficado dependente por mezes, e suspenso o pagamento d'essa maior parte dos vencimentos dos funcionarios estipiendiados por esse novo teor, que, além do que perdem com elle em suas aposentadorias, e dos *dous pontos eternos*, soffrem essas *longas reticências pecuniarias*, que maiores tractos lhes dão aos espiritos. E viva a *centralisação*!

---





# INDICE.

Dedicatoria .	PAG- V
---------------	-----------

## Diversos.

A Minha terra . . . . .	9
Um Canto no mar. . . . .	14
A Rosa murcha. . . . .	18
Ao Sr. Guilherme Balduino. . . . .	22
Ao Exm. Sr. Paulo José de Mello. . . . .	25
Em linda marinha concha etc. (Glosa do mesmo Sr.) . . . . .	28
Idem, (Glosa do auctor). . . . .	31
A Orphanade . . . . .	34
A memoria do Coronel Lisboa. . . . .	38
A' do 2. Tenente Bellico. . . . .	39
Ao Sr. Conego Fonsêca Lima . . . . .	40
Ao Sr. Dez. Antonio Ignacio de Azevêdo . . . . .	43
Vista e Ausencia . . . . .	46
Despedida. . . . .	47
Dous entes regem o mundo etc. (Glosa) . . . . .	48
A' uma trança de cabélllos . . . . .	50
A' Esperança . . . . .	53
A' S. M. a Imperatriz . . . . .	55
Ao Sr. João Caetano dos Santos . . . . .	56
A' Sra. D. Adeláide Tassini Mugnai. . . . .	61
A' Sra. D. Mariétta Marinangeli . . . . .	62
A' mesma Sra. . . . .	63
A' mesma Sra. . . . .	64
Ao Sr. Laurindo José da Silva Rebêllo . . . . .	65
Vingança de um Poeta. . . . .	66
A Fita amarella. . . . .	69
Uns olhos. . . . .	70
A Fita encarnada . . . . .	73
O's tres Cravos brancos. . . . .	76

	PAG.
Os anjos também amaram &c. (Glosa).	81
Os teus olhos . . .	84
Hei de martyr de amor, morrer te amando (Soneto).	87
A' Dália . . . . .	88
A' Margarita (flôr) . . . . .	91
A' flôr Malmequer. . . . .	95
Duas são as grandes obras &c. (Glosa) . . . . .	98
Ao Sr. José Lopes Pereira de Carvalho . . . . .	101
Ao Sr. Dr. Joaquim Ignacio Bulcão. . . . .	102
Ao mesmo . . . . .	103
Nosso amor. . . . .	104
A' uma Gloriosa (flôr). . . . .	107
Gratidão ao Povo da Cidade de Nazaréth	109
Idem, idem. . . . .	110
Despedida do mesmo Povo. . . . .	111
Ao actor Dionysio Francisco Soares. . . . .	112
A Molêta. . . . .	113
Infeliz de quem confia &c. (Glosa) . . . . .	117
Ao Sr. Luis Pereira Sodré . . . . .	120
Ao Sr. Major A. Barbosa da Franca . . . . .	121
As Potencias do Occidente &c. (Glosa) . . . . .	122
A minha situação. . . . .	125
A' Lua. . . . .	126

### Recentes.

Ao Exm. Sr. Visconde de Passé . . . . .	133
Ao desposorio da Exma Sra. D. Virginia Vieira.	134
Ao Sr. Coronel Sancho de Bittencourt. . . . .	138
Saudade paterna . . . . .	139

### Dithyrambo.

Aos annos do Sr. Tiburcio Tavares de Oliveira	147
---	-----

### Facctos e Satyricos.

Ao dia dos meus annos . . . . .	157
Descripção da capital da Bahia. . . . .	161
Arrependimento sincero. . . . .	162
A' difficuldade da carne verde . . . . .	165
A' certos pregadores e doutrineiros da epocha. . . . .	166
A' certo Figurão Gazteiro &c. . . . .	167
Um Vate bahiano á sua Sra. (Soneto). . . . .	171
Resposta do auctor (Idem). . . . .	172
Ao Sr. José Bernardino Ribeiro Diniz . . . . .	173
Ao Sr. Chefe de Divisão Francisco Bibiano de Castro . . . . .	176
A certa musa de Guiné . . . . .	184

	PAG.
A' certo anonymo da Imprensa	185
Ao Sr. Dêz. João Joaquim da Silva.	186
Em linda marinha concha (Glosa)	194
Os Tempos	197
Ao joven poeta da Pacotilha	205
São desgraças do Brasil &c. (Glosa).	213
O Brasil em 1853.	216
A' um sujeito de nariz phenomenal.	224
Resposta a uma Senhora sobre o rapé.	225
Convite para comer um perú.	228
Resposta do auctor	229
Desculpa á menina Brasilia no dia dos seus annos	230
Idem ao Exm. Visconde da Pedra-branca sobre a ausencia do auctor &c.	232
Apologia poetica sobre a Lei que diminuiu os feriados de grande gala.	234
Aos annos do Sr. José Pedro de Madureira	237
Os guizados da Velhice (Colchêias).	241
Os Recibos de Contribuição (Soneto).	243
Recurso poetico ao Exm. Sr. Manuel Alves Branco	244
Aos Srs. da Secretaria do Governo.	246
Panegyrico a um Xaropé	249
-----	
Agradecimento, e reparo.	257
Notas.	259





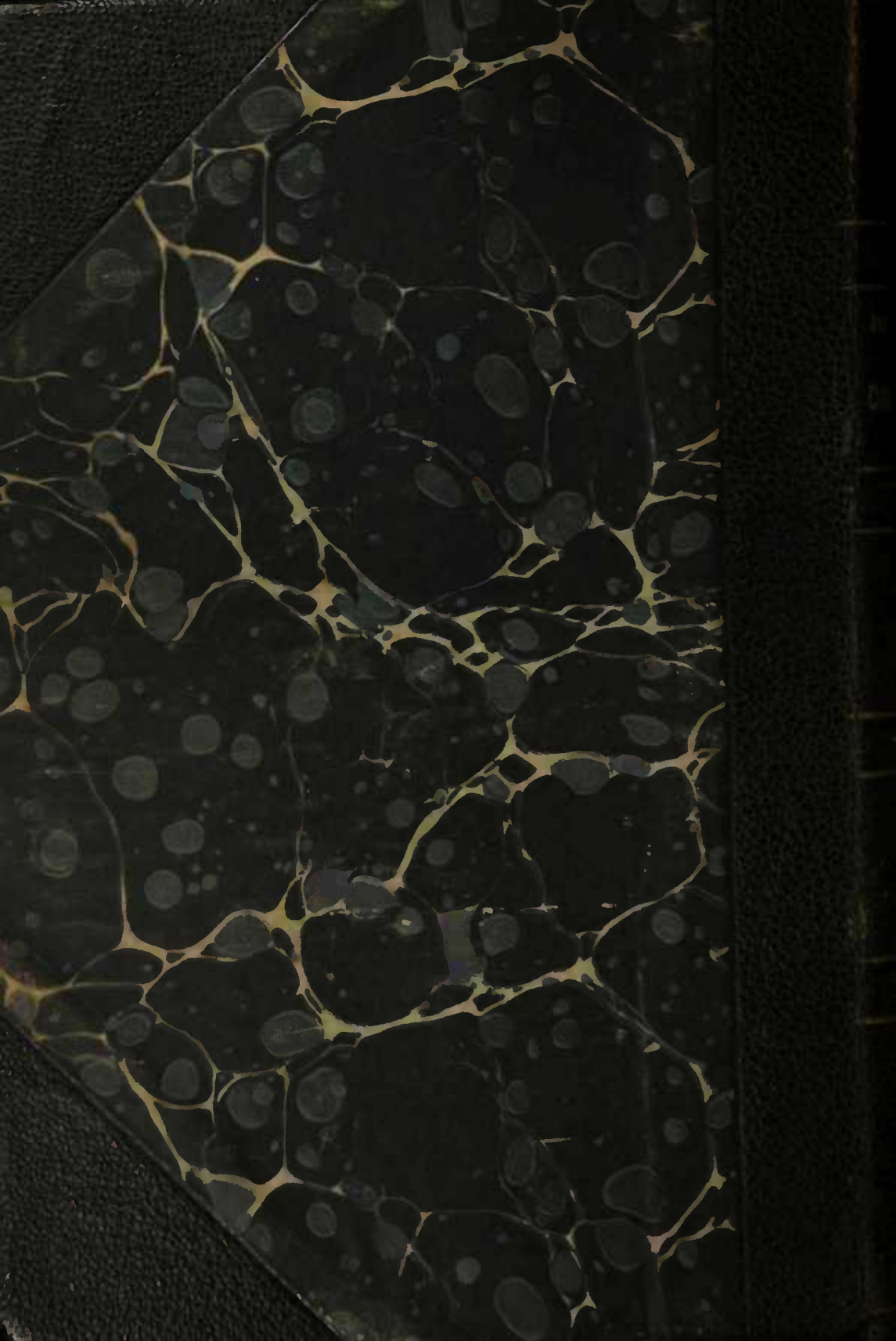












## BRASILIANA DIGITAL

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.** Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([brasiliiana@usp.br](mailto:brasiliiana@usp.br)).